This BOOK may be kept out TWO WEEKS ONLY, and is subject to a fine of FIVE CENTS a day thereafter. It was taken out on the day indicated below:

20Jan'48 E L		

HUMBERTO DE CAMPOS

ANTHOLOGIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Trinta annos de discursos academicos

1897 - 1927

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
RIO DE JANEIRO — 1928


TAB

ANTHOLOGIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DE HUMBERTO DE CAMPOS

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Poeira... (versos) 1ª serie. — 1904-1910 — 1 vol., 240 pags. — Porto, 1911.
Poeira... — 2ª serie — 1911-1915 — 1 vol., 267 pags. — Porto, 1917.
Da Seára de Booz — Commentarios politicos e literarios — 1915-1916 — 1 vol., 280 pags. (nova edição). — Livraria Leite Ribeiro — Rio de Janeiro, 1923.
Valle de Josaphat — Chronicas humoristicas — 1918 — 1. vol., 300 pags. — 13º milheiro — R. de Janeiro, 1923.
Tonel de Diogenes — Chronicas humoristicas — 1919 — 1 vol., 320 pags. — 16º milheiro — R. de Janeiro, 1925.
Mealheiro de Aggripa — Commentarios politicos e literarios. — 1919 — 1 vol., 300 pags. (nova edição.) — Rio de Janeiro, 1922.
A Serpente de Bronze — Chronicas humoristicas de 1920 — 1 vol., 400 pags. — 14º milheiro — Rio de Janeiro, 1925.
Gansos do Capitolio — Chronicas humoristicas de 1921 — 1 vol., 406 pags. — 13º milheiro — Rio de Janeiro, 1926.
Bacia de Pilatos — Chronicas humoristicas de 1922. — 1 vol., 420 pags. — 12º milheiro — Rio de Janeiro, 1925.
Carvalhos e Roseiras — Estudos sobre figuras contemporaneas. — 1 vol., 300 pags. — Rio de Janeiro, 1923.
A Funda de David — Chronicas humoristicas de 1923. — 1 vol., 400 pags. — 6º milheiro — Rio de Janeiro, 1924.
Grãos de Mostarda — (Pequenos contos galantes) — 1 vol., 340 pags. — 6º milheiro — Rio de Janeiro, 1925.
Pombos de Mahomet — Chronicas humoristicas de 1924. — 1 vol., 400 pags. — 6º milheiro — Rio de Janeiro, 1925.
Anthologia dos Humoristas Galantes — Cem contos galantes de sessenta escriptores europeus — 1 vol., 400 pags. — 6º milheiro. — Rio de Janeiro, 1925.
O Arco de Esôpo — Chronicas humoristicas de 1925. — 1 vol., 400 pags. — 6º milheiro — Rio de Janeiro, 1926.
Alcova e Salão — Anecdotas galantes, de todos os tempos e de todos os povos — 1 vol., 300 pags. — 6º milheiro. — Rio de Janeiro, 1927.
O Brasil Anecdotico — Frases historicas, documentadas, que resumem a chronica do Brasil-Colonia, do Brasil-Imperio e do Brasil-Republica. — 1 vol., de 200 paginas. — 5º milheiro — Rio de Janeiro, 1927.
Anthologia da Academia Brasileira de Letras — Trinta annos de discursos academicos (1897-1927) — Rio de Janeiro, 1929.

NO PRÉLO

Contos barbaros.
Os donos dos nossos versos (pesquisas literarias)
O conceito e a imagem na poesia brasileira (pesquisas literarias).

HUMBERTO DE CAMPOS

ANTHOLOGIA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Trinta annos de discursos academicos

1897 - 1927

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
RIO DE JANEIRO — 1928

PREFACIO

A Academia Brasileira de Letras tem, com a Academia Franceza, que lhe serviu de modêlo, affinidades de origem e destino. Como a singella instituição de Valentin Conrart, teve ella precursoras dotadas inicialmente de melhores recursos, e que, no entanto, não vingaram. Como aquella, nasceu em casa particular, e funcciona, hoje, em palacio que lhe deram. Como aquella realizou, em summa, o milagre de triumphar sobre a hostilidade do ambiente, repetindo a parabola christã do grão de mostarda, fazendo sahir, consoante a botanica do evangelista Matheus, a maior das plantas precisamente da semente mais humilde.

E esta semente, onde foi lançada, e brotou? A Historia da Academia póde ser objecto de discussão desde que se pretenda pôr a descoberto as bases subterraneas do edificio, procurando enquadrar a idéa da sua fundação nas tentativas anteriores, todas ellas frustradas. Sem falar nas Academias coloniaes — a dos "Esquecidos", a dos "Felizes" a "Franciscana Fluminense", a dos "Selectos", a dos "Renascidos" a "Arcadia Ultramarina", — poder-se-ia fazer referencia, aqui, á Academia de Literatura, de que se cogitou em 1847, e que faria parte do Instituto Historico; e á Academia de Letras, cuja fundação Medeiros e Albuquerque suggeriu,

em 1889, a Aristides Lobo, ministro do Interior, no Governo Provisorio. Isso não seria, porém, fazer Historia, mas pre-Historia. As raizes reaes, e visiveis, da instituição que medrou, acham-se verdadeiramente em 1896, quando Lucio de Mendonça, repetindo o gesto de Medeiros e Albuquerque, iniciou perante Alberto Torres, então ministro da pasta que Aristides occupara sete annos antes, um trabalho pertinaz para organização de um instituto literario, sob a protecção official.

A actuação de Lucio de Mendonça, em novembro de 1896, está, hoje, esclarecida e documentada. A corporação por elle ideada denominar-se-ia, tambem, Academia de Letras, e, de accordo com o primeiro plano elaborado, compor-se-ia de quarenta membros, como a Academia Franceza, sendo, porém, trinta effectivos, indicados pelo governo, e dez correspondentes, eleitos por aquelles. Esses correspondentes seriam brasileiros, residentes nos Estados ou no extrangeiro.

Essa fórmula encontrou, todavia, objecções. Entre os homens de letras mais em evidencia no tempo, alguns havia, monarchistas, como Joaquim Nabuco, Affonso Celso e Carlos de Laet, que se não conformariam em receber um titulo de nomeação partido de autoridade republicana. Outros, republicanos, mas adversarios do governo, não pretendiam capitular, entrando em relações com elle. O governo, por sua vez, teria escrupulos em reconhecer officialmente o merito literario de inimigos infatigaveis, que o atacavam, então, com armas terriveis, na tribuna e na imprensa. A Republica, não obstante o esforço militar de Floriano, estava ainda insegura; a restauração accendia esperanças nos antigos partidarios do throno; as paixões dominavam os homens de espirito e responsabilidade, tornando-os irreconciliaveis: tudo, emfim, contribuia para impedir um congraçamento, mesmo no terreno neutro da literatura.

Lucio de Mendonça não era, no entanto, vontade

que se detivesse deante de difficuldades, embora d'essa ordem. Para vencel-as, apresentou outro alvitre, que consistia em uma nova divisão das cadeiras academicas: ellas continuariam a ser quarenta, mas o governo preencheria apenas dez, para as quaes seriam nomeados, por decreto, Machado de Assis, Araripe Junior, Lucio de Mendonça, Sylvio Romero, Coelho Netto, Arthur Azevedo, Valentim Magalhães, Inglez de Souza, Rodrigo Octavio e José Verissimo. Estes, por seu turno, elegeriam vinte companheiros, que seriam, no caso, pelos planos de Lucio fornecidos a Alberto Torres, os seguintes: Olavo Bilac, Joaquim Nabuco, Alberto de Oliveira, Carlos de Laet, João Ribeiro, Alcindo Guanabara, Urbano Duarte, José do Patrocinio, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Medeiros e Albuquerque, Visconde de Taunay, Xavier da Silveira, Teixeira de Mello, Virgilio Varzea, Pedro Rabello, Guimarães Passos, Alberto Silva, Constancio Alves e Capistrano de Abreu. Composto, assim, o cenaculo effectivo, este elegeria os dez correspondentes, dos quaes já estavam escolhidos nove, que eram: Assis Brasil, Raymundo Corrêa, Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Fontoura Xavier, Salvador de Mendonça, Leoncio Corrêa, Aluisio Azevedo e Luis Guimarães Junior. A directoria ficaria constituida de Machado de Assis, presidente; Rodrigo Octavio, secretario perpetuo; e José Verissimo, bibliothecario.

Era pensamento de Lucio de Mendonça solennizar com a fundação da Academia, a 15 de novembro de 1896, o setimo anniversario da Republica. Para isso redigiu, elle proprio, o decreto respectivo, que enviou a Alberto Torres, instando com este, em cartas quasi diarias, até as vesperas d'aquelle dia, para a assignatura do acto. No decreto havia sido feita, á ultima hora, ainda uma alteração, estabelecendo que os socios correspondentes seriam trinta, e não dez, permanecendo, entretanto, de trinta, o numero dos effectivos. Chegou, porém, o 15

de novembro, e o decreto, que devia ser assignado por Manoel Victorino, vice-Presidente da Republica, não appareceu. Alberto Torres, que parecia ter concordado no primeiro momento, mostrava escrupulos em officializar uma instituição que, na sua opinião, contrariava a "essencia democratica do Regimen".

O desastre não arrefeceu, no entanto, o enthusiasmo do chefe ostensivo d'esse generoso movimento. Perdida a esperança de officialização do instituto com a sahida, mezes depois, de Alberto Torres do Ministerio, tratou Lucio de organizar a Academia como instituição particular. Elle queria mostrar, e mostrou, que o pensamento, para triumphar, prescinde da chancella dos governos. José Verissimo, já interessado na idéa, offereceu, para as reuniões preparatorias, a sala de redacção da "Revista Brasileira", de que era director. Lucio de Mendonça convocou os companheiros para aquelle local. Responderam ao seu appello, alli comparecendo desde o primeiro dia, os seguintes: Machado de Assis, que foi acclamado presidente; Arthur Azevedo, Araripe Junior, Coelho Netto, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglez de Souza, Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, José Verissimo, Luis Murat, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabello, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Teixeira de Mello, Valentim Magalhães e Visconde de Taunay. Estes, com elle, Lucio, elaboraram o Regimento Interno, e convidaram, para continuação dos trabalhos, Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Ruy Barbosa, Sylvio Romero e Urbano Duarte. Esses trinta elegeram os dez que faltavam para perfazer o numero legal de quarenta fundadores, e que fôram Aluisio Azevedo, Barão de Loreto, Clovis Bevilacqua, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Luis Guimarães Junior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raymundo Corrêa e Salvador de Mendonça.

Estava, assim, fundada e completa a Academia Brasileira de Letras, que, a 20 de julho de 1897, se installava, com todo o cerimonial, no edificio do "Pedagogium", empossando, então, a sua primeira directoria, composta de Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretario-geral; Rodrigo Octavio e Silva Ramos, secretarios; e Inglez de Souza, thesoureiro.

A arvore estava plantada. Ia, daquella hora em deante, florir, e fructificar.

*

* *

Seria, certamente, levar muito longe a bôa vontade, proclamar, hoje, no prefacio d'esta Anthologia, deante dos documentos que a constituem, a efficiencia contínua da obra de Lucio de Mendonça. A paixão literaria, em todos os tempos, e entre todos os povos, manifesta-se com intermittencias. O graphico da vida mental, onde se o faça, é, por toda a parte, uma serie de oscillações, de quedas, ou de ascensões, como os da vida sanitaria dos grandes nucleos humanos. Uma vez no seculo, ás vezes duas, raramente tres, o espirito creador assume feição epidemica. É o periodo aureo das literaturas.

A fundação da Academia correspondeu, no Brasil, a uma época de florescimento literario como se não assignalava outra desde 1860. Ella foi, mesmo, a flor viva d'esse rapido surto do pensamento, e representa a melhor contribuição material da geração surgida em 1886. Em 1897 essa geração chegava ao seu estado de maturação, e, por um milagre de previdencia e do acaso, alliava-se á anterior, e construia este monumento de solidariedade profissional tantas vezes tentado inutilmente.

O successo da tentativa, d'esta vez, foi, em verdade, o resultado de tres factores: a existencia de uma geração rica em talentos; o espirito generoso dos rema-

nescentes de outra, anterior, que se não desdouraram de, renunciando a gloria consolidada, nivelar-se com ella, vindo hombrear, em baixo, com as glorias nascentes; e o apparecimento de Lucio de Mendonça, que, pertencendo a uma, pelo temperamento, e a outra, pelas relações de amisade, conseguiu realizar essa obra de diplomacia literaria, que foi a juncção dos dois grupos, quebrando entre elles a fronteira das prevenções. "O rio São Francisco, acima da sua quéda, — diria Joaquim Nabuco, semanas mais tarde, em uma passagem que eu costumo citar, — possue fórmas particulares de peixes inteiramente diversas das que vivem abaixo; o invencivel precipicio separou as duas faunas." Lucio havia supprimido as cachoeiras, e misturado os peixes.

Feita, porém, a Academia, começou, no paiz, a decadencia do espirito literario. Para preenchimento dos primeiros claros que a morte abriu no seu quadro, fôram encontradas, ainda, figuras notaveis, esquecidas na organização inicial. Mas, dentro em pouco, esses elementos fôram rareando. Exgottada, enfim, a reserva de nomes illustres, tiveram os fundadores, e os seus primeiros successores, de recorrer aos melhores representantes das gerações que surgiam; e como as gerações têm sido cada vez menos literarias, menos brilhantes, menos ricas de profissionaes das letras, essa pobreza se veiu manifestando, de maneira cada vez mais alarmante, nas eleições academicas.

Procurando manter a campanha em proveito do pensamento literario, póde-se dizer que a creação de Lucio de Mendonça tem empregado, para isso, a melhor tactica militar. Utilisados, para preenchimento das vagas que se iam verificando, todos os escriptores em actividade, e, com elles, os veteranos, passou a Academia a recorrer aos voluntarios, aos literatos eventuaes, que eram, no caso, os expoentes da medicina, da advocacia, da politica e das classes armadas. Aproveitados estes,

fez-se como na guerra: convocaram-se as classes novas, mobilizaram-se as ultimas reservas, chamando a serviço na "immortalidade" os moços animados pela paixão das letras, mas ainda não providos de uma individualidade definida, ou portadores de uma obra realizada. D'ahi a quéda, que hoje se verifica, do prestigio da instituição.

Essa depressão não deve ser imputada, no entanto, exclusivamente á Academia. Ella reflecte, no seu conjunto, a condição geral da sociedade brasileira. As letras nacionaes vêm atravessando um estado de apathia, de desinteresse, de abandono, como os têm tido todas as literaturas. A Academia Franceza, padrão, como se disse, da nossa, soffreu, e ainda soffrerá, d'essas syncopes. As crises graves, nos tres seculos decorridos sobre as reuniões "chez Conrart", não têm sido raras. As preferencias, verificadas no seu seio, ora pelo clero, ora pelos militares, ora pela mocidade, têm, aqui e alli, aberto parentheses de inactividade literaria na continuidade da sua historia, que é a historia, mesmo, da intelligencia, na França. Os periodos de abatimento na vida das Academias valem, porém, por um eclypse, e não por uma noite. Em 1713, ao eleger monsenhor Regnier, possuia a filha adoptiva de Richelieu, nas suas poltronas, dezenove ecclesiasticos. O marechal de Saxe, o famoso heroe de Fontenoy, sentou-se, mais tarde, em uma d'estas, sem a menor noção de literatura. Em carta ao marechal de Noailles, elle proprio confessava, com a sua franqueza de soldado: "On m'a proposé, mon maitre, d'être de l'Academie française, j'ai répondu que je ne savais pas seulement l'orthographe..." Quanto á influencia da mocidade, basta lembrar que o marquez de Coislin foi academico aos desesete annos, o duque de Richelieu e Paul Tallemant aos vinte e quatro e o duque de Nivernais aos vinte e sete. E nenhum d'estes levava, compensando o verdor da edade, a maturidade do pensamento. Sobrevivendo a tantos erros e crises, que a

diminuiam no conceito dos contemporaneos, a Academia Franceza demonstrou, no entanto, e não nas suas épocas de esplendor, a sua capacidade de resistencia.

A Academia Brasileira de Letras atravessa um momento delicado, e que se póde ainda aggravar. Essa crise é, todavia, como já se disse, simples consequencia do estado geral das letras nacionaes, senão das letras no mundo inteiro, após a Guerra que Deus chamará "Maldita", e que os homens chamam "Grande". Resista a Academia a essas difficuldades, como a Franceza resistiu ás que lhe surgiram, e terá cumprido o seu dever. Não lhe sendo permittido permanecer com os quadros incompletos á espera de glorias irrecusaveis, ella tem de escolher entre os elementos que o paiz possue no momento e, o que é peior, entre os que lhe batem á porta. Injustiças têm sido commettidas, é verdade. Mas, eram inevitaveis. Não pertenceram á Academia Franceza nem Moliére, nem Descartes, nem Pascal, nem Rousseau, nem Malebranche, nem Bayle, nem Diderot, nem Rivarol, nem Stendhal, nem Balzac, nem Dumas, pae, nem Michelet; isso não impediu, entretanto, que ella continuasse a ser, officialmente, perante o mundo, a mais lidima expressão do genio francez.

Esta "Anthologia" constitue o indice, mesmo, da depressão progressiva do espirito literario na Academia Brasileira de Letras. Á medida que se fôr afastando, ao manuseal-a, do ponto de partida, irá o leitor observando, nella, com as providenciaes excepções, a quéda no estylo, a incerteza no gôsto, a superficialidade na cultura, o abandono, em summa, do modelo academico. Examinado, porém, o conjunto, ver-se-á que elle representa, em verdade, a nossa condição literaria nestes ultimos trinta annos: numerosos espiritos de segunda e terceira ordem, em relação á intelligencia universal, mas, tambem, ao lado d'esses, algumas figuras que honrariam

qualquer aggrupamento selecto, nos paizes mais civilizados da terra.

No magnifico discurso com que installou, a 20 de julho de 1897, a Academia, declarou Joaquim Nabuco, justificando a obra emprehendida: "Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser os Quarenta." Os factos, em tres decennios, não alteraram a verdade d'este aviso. E nem podia ser de outro modo. Entretanto, com uma população equivalente a dois terços da que tem a França, e com oitenta por cento de analphabetos, offerecemos, já, uma honrosa demonstração da capacidade do genio brasileiro apresentando tres ou quatro varões que podiam ser athenienses em Athenas, ou, mais precisamente, academicos em Paris. As figuras de segunda e terceira ordem é que constituem, pois, o legitimo expoente da nossa cultura, o padrão do nosso gôsto, as condições, emfim, do ambiente em que procura desenvolver-se, e florescer, e fructificar, o nosso heroico espirito literario.

Os trechos de discursos de posse que formam esta "Anthologia" são, assim, a expressão mental da Academia Brasileira de Letras. São bons? São maus? No seu "Mosaico Brasileiro", refere o dr. Moreira de Azevedo que o antigo capitão-mór José da Motta Pereira, galanteador á moda do tempo, foi informado por um amigo, em 1750, da existencia, no Rio de Janeiro, de uma formosa mulher de costumes faceis. Sem familia na America, pediu Motta Pereira a uma senhora de coração generoso que conseguisse um encontro, na sua casa, com a Venus colonial. Esta marcou a entrevista, e compareceu, simulando timidez, o rôsto coberto de véos. Ao retirar, porém, esses atavios na presença do capitão-mór enamorado, este recuou, os olhos escancarados de espanto: a dama era feia, e velha; tão velha, mesmo, que havia sido contemporanea, na cidade, do governador Luis Vahia Monteiro, fallecido, louco, em 1733.

— É esta, então, a mulher bonita? — exclamou José da Motta Pereira, escandalisado, afastando-se até á parede.

A virago empertigou-se, offendida, poz as mãos nos quadris magros, e, num remoque, berrou-lhe, na barba:

— Pois, olhe:

> No tempo do Luis Vahia
> Era a melhor que cá havia!

Os excerptos literarios que constituem este livro, não são, sem duvida, na sua maior parte, modelares. Mas, ha uma desculpa. E é que se póde exclamar, parodiando a cortezã de 1750:

> "No tempo da Academia
> Era o melhor que cá havia"....

HUMBERTO DE CAMPOS.

ANTHOLOGIA

DA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

1897-1927

JOAQUIM NABUCO (*)

(20 de Julho de 1897)

SESSÃO INAUGURAL

A missão da Academia. — A lingua portugueza no Brasil.

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Letras brasileira é se vamos tender á unidade literaria com Portugal. Julguei sempre esteril a tentativa de crearmos uma literatura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma ; sempre pensei que a literatura brasileira tinha que sahir principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de de-

---

(*) 1849-1910. Primeiro secretario geral da Academia. Politico no Imperio. Diplomata, poeta, publicista, grande orador parlamentar.

senvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjuntamente com elle em tudo que não depende do genio da lingua. O facto é que, falando a mesma lingua, Portugal e Brasil têm de futuro destinos literarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionaes. Querer a unidade em taes condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tomaria nada essencial ao Brasil, e a verdade é que elle tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de idéas, de estylo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim. A raça portugueza, entretanto, como raça pura, tem maior resistencia e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de lingua escripta devemos tender. Devemos oppor um embaraço á deformação que é mais rapida entre nós; devemos reconhecer que elles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renoval-as indo a elles. A lingua é um instrumento de idéas que póde e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal á pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuinas, caracteristicas, lapidarias, da sua grande época. Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus successores deixem de ter toda a vassallagem brasileira. A lingua ha de ficar perpetuamente "pro-indiviso" entre nós; a literatura, essa, tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois paizes, dos dois hemispherios. A formação da Academia de Letras é a affirmação de que literaria, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caracter distincto, e só póde ser

dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos proprios, só querendo, só aspirando a gloria que possa vir do seu genio.

A Politica.

Eu bem sei que a politica, tomando-a em sua fórma a mais pura, o espirito publico, é inseparavel de todas as grandes obras: a politica dos Pharaós reflecte-se nas pyramides tanto quanto a politica atheniense no Pantheon; o genio catholico da Edade Média está na "Divina Comedia", como o genio protestante do Protectorado está no "Paraiso Perdido", como o genio da França monarchica está na literatura e no estylo dos seculos XVII e XVIII.

Nós não pretendemos matar no literato, no artista, o patriota, porque sem a patria, sem a nação, não ha escriptor, e com ella ha forçosamente o politico. Até hoje, apesar do christianismo, que trouxe o sentimento de uma communhão mais vasta, o genio nada fez fóra da patria ou, pelo menos, contra a patria. A patria e a religião são em certo sentido captiveiros irresgataveis para a imaginação, condições do "fiat" intellectual. Comprehendeis o artista grego que em réplica a Eschylo esculpisse o Persa ? Ou o poeta francez que depois de Sedan cantasse o Allemão ? A politica, isto é, o sentimento do perigo e da gloria, da grandeza ou da quéda do paiz, é uma fonte de inspiração de que se resente em cada povo a literatura toda de uma época; mas para a politica pertencer á literatura e entrar na Academia, é preciso que ella não seja o seu proprio objecto; que desappareça na creação que produziu, como o mercurio

nos amalgamas de ouro e prata. Só assim não seriamos um parlamento.

Os Fundadores da Academia.
Conselhos aos Moços.

Como as differentes edades da vida se comprehendem mal uma á outra! — é a observação que vou fazendo á medida que caminho. Asseguro-vos que não suspeitava do que é a vista da mocidade tomada da outra margem da vida... Os que envelhecem não comprehendem mais o valor das illusões que perderam; os jovens não dão valor á experiencia que ainda não têm. Ha dois climas na vida: o passado e o futuro. A Academia, como o nobre romano, tem a sua "villa" dividida em casa de verão e em casa de inverno. Podeis habitar uma ou outra, conforme o vento soprar. Eu direi somente a todos os novos espiritos ambiciosos de abrir caminho para a gloria: não receiem a concorrencia dos mais velhos; sejam jovens e hão de romper tão naturalmente, como os rebentos da primavera rompem a casca da arvore rugosa. Basta a mocidade, si fôr verdadeiramente a vossa propria mocidade que expressardes, para vos dar o nome.

O escriptor que chegou á madureza é, só por isso, o representante de um estado de espirito que preencheu o seu fim. Não ha mocidade perpetua, o vosso privilegio está garantido... Quando se fala da mocidade perpetua de um escriptor, como Moliére, por exemplo, não se quer dizer que não envelheceu, mas que o fundo de verdade humana que elle recolheu e exprimiu continúa a ser sempre verdadeiro. Não é que o escriptor ou a obra guar-

dasse a sua deliciosa frescura; é que a humanidade sempre joven, se reconheceu a si mesma sob os traços de outra época e acha em vel-o o mesmo prazer, si não maior! — do que em sua imagem actual. Eu leio em Elisée Reclus: "Acima da sua grande quéda o São Francisco possue fórmas particulares de peixes inteiramente diversas das que vivem abaixo; o invencivel precipicio separou as duas faunas". Não tenhaes medo da concorrencia. Estaes acima da grande quéda... Uma advertencia, porém. A's vezes não são as gerações sómente que envelhecem uma após outra; sente-se tambem envelhecer a raça. A manhã torna-se então incrivelmente curta, como nos tropicos, e o perfume da mocidade cada vez mais inaprehensivel ao calor do sol que se levanta. "Não ha que se apressar nas cousas eternas", é uma d'essas admiraveis phrases do grande mystico inglez. Não vos apresseis em compôr a obra que ha de conservar para vós mesmos a essencia de vossa mocidade.

MACHADO DE ASSIS (*)

(7 de Dezembro de 1897)

ENCERRANDO O 1.º ANNO ACADEMICO

Humildade da Academia. — O exemplo de Napoleão.

Nascida entre graves cuidados de ordem publica, a Academia Brasileira de Letras tem de ser o que são as associações analogas: uma torre de

(*) 1839-1908. Primeiro presidente da Academia. Jornalista, poeta, grande romancista.

marfim, onde se acolham espiritos literarios, com a unica preoccupação literaria, e de onde estendendo os olhos para todos os lados, vejam claro e quieto. Homens d'aqui podem escrever paginas de historia, mas a historia faz-se lá fóra. Ha justamente cem annos o maior homem de acção dos nossos tempos, agradecendo a eleição de membro do Instituto de França, respondia que, antes de ser egual aos seus collegas, seria por muito tempo seu discipulo. Não era ainda uma faceirice de grande capitão, posto que esse rapaz de vinte e oito annos meditasse já sahir á conquista do mundo. A Academia Brasileira de Letras não pede tanto aos homens publicos d'este paiz; não inculca ser egual nem mestra d'elles. Contenta-se em fazer na medida de suas forças individuaes e collectivas, aquillo que esse mesmo academico de 1797 disse então ser a occupação mais honrosa e util dos homens: trabalhar pela extensão das idéas humanas.

A Conservação do Idioma.

A Academia, trabalhando pelo conhecimento d'esses phenomenos buscará ser, com o tempo, a guarda da nossa lingua. Caber-lhe-á então defendel-a d'aquillo que não venha das fontes legitimas, — o povo e os escriptores — não confundindo a moda, que perece, com o moderno, que vivifica. Guardar não é impôr; nenhum de vós tem para si que a Academia decrete formulas. E depois para guardar uma lingua, é preciso que ella se guarde tambem a si mesma, e o melhor dos processos é ainda a composição e a conservação de obras classicas. A autoridade dos mortos não afflige, e é definitiva. Garrett poz na bocca de Camões aquella celebre exhortação em que transfere ao "Generoso

Amazonas" o legado do casal paterno. Sejamos um braço do Amazonas; guardemos em aguas tranquillas e sadias o que elle acarretar na marcha do tempo.

JOÃO RIBEIRO (*)

(3 de Novembro de 1898)

SUCCESSOR DE LUIZ GUIMARÃES JUNIOR (**)

Os poetas e a sua concepção do mundo e da vida. — A utilidade do verso.

A grandeza e a sublimidade da poesia está em que ella repelle o concurso árido e esterilisante das cousas; ella é, toda ella, sonho e emoção; — emoção e sonho que para os outros desmaiam, esvaem-se ao primeiro sôpro da vida, mas que para o poeta, na agonia do poeta, por um mysterio vehemente e subito, se petrificam tomados pela surpreza tempestuosa do rythmo, que age como um extranho cataclysma. Então, taes cousas vãs e fluidas coagulam-se em fórmas éneas e marmoreas. Das paixões que para nós outros são aéreas, intangiveis e fugazes, elles, os poetas, fazem cathedraes gothicas, cheias de musica, complicadas e immorredouras.

Elles têm o dom de subjugar o gemido ao numero, de subordinar á medida as dôres incommensuraveis, de infiltrar a mocidade ou a velhice humana na primavera ou no inverno do mundo e fazer assim coincidir a dor propria com a dor universal. O

(*) N. 1860. Professor, poeta, philologo, historiador, notavel erudito.

(**) 1847-1898. Diplomata, poeta, romancista.

poeta é, pois, o grande Interprete, o grande Explicador do mundo, da Illusão inevitavel. Ou nos fale da perfidia do "riso innumeravel" dos mares como Eschylo ou como Schiller nas "Palavras da Illusão" nos diga que a terra jámais pertencerá ao homem de bem — vê-se que para o grande Interprete toda a face do planeta é a expansão superficial de uma perfidia intima e irreductivel que é o elemento primario do universo. O que os distingue, desde Homero, é esse desprezo inexoravel pelo solo que pisam onde rastejam reptilisantes as miserias do mundo. E são nisso como os homens do mar habituados ás grandes viagens e aos grandes itinerarios. Os homens do mar não olham as ondas que sulcam, senão o céo. E' do céo e não das vagas, é das nuvens e das estrellas que lhes vêm a tempestade ou o porto, a orientação ou a perda.

Eu acredito que sem o dom da poesia ninguem possue o senso esthetico, a faculdade propria de conhecel-a. Sinto e penso como um critico illustre que se póde ter um justo desdém pela sciencia, e que a primeira condição para comprehender-se, por exemplo, uma planta seria a de ser-se egualmente uma planta como ella é. O botanico provavelmente não conhece da planta senão os aspectos vitaes que podem não ser os aspectos superiores e essenciaes do ser. Para o botanico a planta vale pouco, porque quasi não tem intelligencia; mas para a planta é possivel que a intelligencia seja uma aptidão á desgraça, qualidade inferior e tal que aos olhos d'ella desmoralise o homem. Creio egualmente que a poesia é uma dimensão nova que está talvez occulta á minha perspectiva do mundo. Ser-me-ia preciso sahir fóra de mim mesmo, sahir fóra da vida como eu a entendo para achar a grande significação do enigma, do mesmo modo

que é preciso sahir fóra da terra para achar o ponto archimediano d'onde levantal-a.

Para sentir o segredo de todas essas emoções interiores em todo o relevo e plenitude, para sentir todas essas reacções de forças secretas e intimas, de todo esse turbilhão vital, de todos esses elementos imperceptiveis carregados de mysterioso fluido que convulsionam a alma, inflammam, corroem, clarificam, turbam, explodem fragorosos ou fervem em silencio, seria preciso ter a constituição original e propria d'esses seres, a mesma densidade ou a mesma fluidez que lhes é propria. Isso, eu vos asseguro, está vedado ao vulgo profano.

Frederico Nietzsche via na tragedia grega a fórma mais vehemente e mascula da poesia classica e a tragedia era o consorcio do elemento épico e do lyrico, da acção e do côro; era a identificação do elemento "apollineo", plastico, sereno e escultural com o elemento "dyonisiaco", feito de dor, de subjectivismo e de musica. Em summa era a conjugação da palavra á musica, a subordinação da narrativa ao rythmo. Suppunha assim o philosopho achar a mysteriosa correlação organica que ha entre as emoções e as ondas sanguineas do coração; e pois que a continuidade da paixão produziria a diástole ininterrupta d'aquelle musculo, a necessidade de respirar, salvando a vida, creou o instincto do rythmo. O verso é a emoção pontuada, o regimen vital da emoção, sem o qual uma asphyxia passional seria inevitavel. "Numerus regit orbem".

O Porvir.
Significação da Literatura.

Acreditar no futuro é uma grande cousa, a melhor da vida e talvez mesmo o verdadeiro signal

d'ella. O grande poeta olympico d'este seculo, o poeta absoluto, Volfango Goethe, diante do espectaculo da sociedade revolucionaria, no fim do poema idyllico de Hermano e Dorothéa, diz pela bocca de um exul estas palavras sublimes de serenidade: "Sê feliz, tu; eu, vou-me embora. Hoje a terra toda estremece e principia a desaggregar-se. As velhas leis do povo cahem em ruina; as antigas herdades passam a novos senhores; o amigo se parte do amigo e o amor de outro amor... Já se disse uma vez e agora dir-se-á com razão maior que o homem é um extrangeiro no seu solo natal; a nosa terra nos evita; as riquezas deslocam-se e derivam errantes; das casas e das egrejas os ouros e as pratas que guardavam as fórmas antigas e santas fundem-se na inercia egualitaria das barras; a estructura já consummada do universo parece voltar ao cahos para d'esse sonho nocturno e agitado sahir e despir-se numa grande e nova resurreição...

"Sê immovel, diz ainda o poeta, sê immovel, sereno dentro da eversão universal. O menor movimento de cada um augmentaria e propagaria a catastrophe. Aquelle, porém, que se conservar tranquillo poderá na solidão e de si proprio tirar um mundo".

Por isso, eu digo: — a vida, talvez o progresso, é o preço e o triumpho de todos os exterminios e é a primeira metempsychose de cada ruina. Aproveitemos o tempo para celebrar os nossos demiurgos e compor-lhes as ultimas feições na immortalidade. Não sei; não me julgo bastante convencido de que a civilização seja "a obra das aristocracias intellectuaes", e seja a flor da laboriosa evolução do patriciado humano. Não o será, ao menos por toda a parte, nem em todos os tempos. Penso, to-

davia, que a literatura tem uma grande significação humana e civil, e que o prestigio da idealidade pura basta para anniquilar todos os desdens dos profissionaes, todas as ironias infecundas dos homens praticos. A nós cabe defendel-a d'esses ultrajes vulgares e preparar-lhe um asylo no meio de todas as convulsões da vida. Senão um asylo, ao menos um tumulo digno.

JOSÉ VERISSIMO (*)

RESPOSTA A JOÃO RIBEIRO

A Poesia: sua significação e seu fim.

A poesia — como toda a fórma da arte — não é o que d'ella quer fazer um pensamento subtil, tentador, mas — e sinto estar em desaccordo comvosco — falso. A arte não é uma invenção pessoal. E' o producto de uma emoção individual sim, mas social e humana. E' tão espontanea e natural como a linguagem; uma fórma de expressão tão legitima e tão clara como esta. O fim social da linguagem é a expressão, a transmissão, a communicação de sentimentos. Não é outro o fim da Arte. Ora, ella não realizaria este fim se não fosse entendida senão por uma escolha de espiritos. E, vêde, a falacia e o perigo de semelhante criterio, considerando nisso a sua superioridade, a Arte, o artista, procuraria propositalmente que menor fosse o numero dos que o comprehendessem, rebuscando

---

(*) 1854-1916. Professor, critico e novellista.

nesse afan doentio com a obscuridade da idéa a obscuridade da sua expressão. E já alguns vão, por mal d'elles e nosso, nessa direcção enganosa e errada.

Façamos, pois, — e não podendo fazel-a, admiremol-a — sómente a Arte humana, a Arte de homens para homens, não a Arte de artistas para artistas, de esthetas para esthetas, arte egoista e má, mas a Arte do mesmo profano vulgo comprehendida. A arte não é, não pode ser, um brinco e um divertimento, um simples passatempo de desoccupados. Ella mereceria o desprezo dos que taes artistas chamam o burguez, se não fosse senão isso. Producto das faculdades emotivas da humanidade, é um orgão dos seus sentimentos, uma expressão da sua vida. O mais individual dos artistas ainda é um resultado das reacções sociaes. Toda a historia da Arte, toda a historia do espirito humano, o sabeis melhor do que eu, vós que sois mestre de historia, contesta e desmente essa theoria tão contraria ao vosso claro espirito. Os grandes artistas de todos os tempos, os grandes poetas da humanidade, só são obscuros para os commentadores. Nós o vulgo os comprehendemos á primeira leitura, apesar das differenças dos tempos e dos meios. E' que elles souberam, a muitos seculos de nós, sentir as emoções que ainda hoje experimentamos e, — o que nós não sabemos fazer — souberam exprimil-a excellentemente, dando-nos a nós a funda consciencia dos nossos proprios sentimentos, e emprestando-nos a sua lingua divina para exprimil-os. Elles são, sem nenhuma amphibologia de oraculos, os interpretes de nós mesmos, os idealizadores do passado, os mestres do sentimento, os vaticinadores do futuro. E não me arreceio de dizer, uma Arte que só os iniciados pene-

trassem, seria como uma Industria secreta só por uma minoria de iniciados exercivel. O seu desapparecimento não prejudicaria o mundo. Imaginaes vós um mundo sem Arte, um mundo sem poesia? Se não, ella é mais alguma cousa que a preoccupação de versejadores inuteis. Mas vós sabeis e entendeis como eu que ella faz parte da nossa athmosphera espiritual e que sem ella suffocariamos.

DOMICIO DA GAMA (*)

(1 de Julho de 1900)

PANEGYRICO DE RAUL POMPÉA (**)

Iniciação literaria: O Jardim de Academus.

Eu já fiz parte, fui mesmo presidente perpetuo — aos dezoito annos — do Gremio Literario Jardim de Academus, que tinha vinte socios, todos de edade muito proxima á edade do presidente. O Jardim de Academus era nos fundos de um segundo andar que dava para as officinas da "Gazeta de Noticias", e, vindo dos quatro cantos da cidade, portadores do oleo puro para a lampada da idéa, alli nos reuniamos uma vez por semana.

Ainda não abaixavamos os olhos para essa miseria da dominação pelo jornalismo, ainda não cuidavamos dos meios de conquistar o mundo e já pensavamos em reformal-o. Estudavamos para

---

(*) 1862-1925. Diplomata. Ministro de Estado. Novellista.
(*) 1863-1895. Romancista e jornalista.

esse fim a politica e a historia, a religião e a arte, physiologia e grammatica, os modos de ser e os problemas dos destinos, a poesia.

Eramos theoristas doutrinarios, eramos materialistas, socialistas, nihilistas e, por uma generosa inconsequencia, eramos nacionalistas. Numa noite escura e quente, em que nos achámos quasi tão numerosos como hoje e o piano da vizinha enchia o corredor com a musica excitante de uma polka á moda, nós, commovidos e sinceros, affirmámos a existencia de uma literatura nacional.

Esse voto em que o enthusiasmo juvenil pesava mais que o estudo attento dos nossos elementos literarios, esse voto dos meus dezoito annos pensativos e ardentes, tem sido, sem parecel-o, uma das raras responsabilidades moraes de minha vida de abstenção e de reserva. Foi elle, certamente, o que me distrahiu da mathematica, que me levaria á industria, para a literatura, que ainda não sei aonde me leva. E' caso aqui de dizer-se que, se a literatura nacional existia, eu devia trabalhar para ella, provar a sua existencia aos incredulos.

"O Atheneu".

Collecção de retratos em caricatura ou em proporções naturaes; album de figuras miudamente desenhadas ou de perfis rapidos; galeria de quadros maravilhosos em que a maneira chega a impressionar independente do assumpto, com proveito manifesto para o artista; livro da satira, mas da satira que se contenta com o riso e perde com elle a força para ir até ao insulto; em que a comedia das ambições mesquinhas, dos appetites disfarçados ou cynicos, do egoismo feroz e dos temores vis, se desenvolve ao lado do drama da escravidão

das almas, das individualidades tolhidas na sua expansão, desviadas viciosamente, feridas, humilhadas, espezinhadas pelo desprezo generalisado do educador mercenario; livro de doutrina moral e de esthetica, em que se ensinam as grandes syntheses do espirito humano e as pequenas licções das cousas; livro de ironia, livro de piedade e de ternura, "chronica de saudades" realmente, saudades não do que foi, mas do que poderia ser essa passagem inolvidavel atravez da primeira camada da sociedade, em que todos os elementos da cidade se acham reunidos e ainda não existe o cidadão, livro de poesia, livro denso e suggestivo de fundas meditações, como poucos se encontram nas literaturas todas, é o "Atheneu".

Pompéa se descarregou nelle de um mundo de idéas que não achariam logar em outro. A saturação de conceitos alli parece natural e vem a tempo em um livro que trata da vida de collegio, da formação do espirito. O proprio estylo imaginoso, sempre attento ás approximações grotescas ou lyricas, pela força da disciplina metaphorica, tufante de intenções, attinge as alturas da consideração devida ás cousas artificiaes bem sustentadas.

LUCIO DE MENDONÇA (*)

RESPOSTA A DOMICIO DA GAMA.

A morte de Raul Pompéa.

Corriam os ultimos dias do anno de 1895, e para mim as horas idyllicas da lua de mel, que quasi

(*) 1854-1909. Ministro do Supremo Tribunal Federal. Poeta, romancista. Jurisconsulto.

todos vós por experiencia propria sabeis de que ineffavel doçura são repassadas e embebidas; não o sabe do mesmo modo o nosso recebido de hoje, celibatario contumaz; fio, porém, de sua delicada sensibilidade que avaliará essa ventura tão bem como os mais experimentados de nós. Era numa casinha poetica, afogada entre o arvoredo; pleno meio-dia de verão, tépido e luminoso entre o aroma dos jasmineiros e o estridulo cantar das cigarras; dia de Natal, dia tão rico de tradições amaveis em nossa religião e em nossa familia... Pois foi no claro céo d'esse dia que estalou para mim o raio ! entrou-me pelo jardim, pela sala, inesperado, horrivel, um mensageiro funebre, um bello rapaz, todo de negro, com lagrimas na face e a voz estrangulada de soluços; era o irmão de Raul Pompéa; vinha dizer-me, a mandado da familia, que o meu querido amigo acabava de suicidar-se, com uma bala de revolver mettida no coração ! Parti sem demora para o logar da catastrophe; encontrei ainda intacto o scenario do tragico momento e Raul Pompéa estendido, morto, com uma flor de sangue ao lado esquerdo do peito. A sua bella physionomia guardava ainda toda a nobreza das feições; afigurava-se-me que a todo o instante ia lhe ver scintillar ainda o olhar intelligente e agitar-lhe os labios o sorriso ironico, tão d'elles ! misera illusão, que a realidade brutal contradizia e dissipava: pela primeira vez, aquelle peito bom e generoso ficava inerte e impassivel ao calor do meu abraço!

OLAVO BILAC (*)

(2 de Junho de 1901)

ELOGIO DE GONÇALVES DIAS (**)

O culto do idioma.

...Uma lingua não póde ficar mumificada e inanime, dentro de faixas seculares e immutaveis. Os organismos vivos arfam e vibram, numa perpetua renovação. O fluxo e o refluxo da vida não param. Mas as regras vitaes permanecem as mesmas, na sua eterna e mysteriosa essencia. Uma lingua, como a nossa, é uma arvore forte, chegada ao completo desenvolvimento — de fundas raizes, e de bastas ramagens opimas.

As folhas, as flores, os fructos de hoje não são de certo as folhas, as flores, os fructos de hontem. Nesse esplendido corpo, deslumbrante de força e saude, tudo se renova constantemente: até os ninhos, que lhe povoam a copa gloriosa, mudam constantemente de aspecto e de habitantes; emplumam-se os passaros, cantam, amam, deliram, e morrem; outros vêm depois d'elles, fadados ao canto, ao amor, ao delirio e á morte; os ninhos, esses pequeninos lares suspensos entre aromas, envelhecem, apodrecem e morrem tambem; e outros casaes, egualmente tomados do anceio amoroso, vêm renovar nos galhos verdes da arvore maternal os frescos gyneceus de folhas seccas e plumas. Mas, nessa perenne transformação, a arvore é a

---

(*) 1865-1918. Brilhante poeta e jornalista.
(**) 1823-1864. Grande poeta lyrico. Historiador, dramaturgo e ethnologo.

mesma: a sua vida, a sua constituição intima, o funccionamento de seus orgãos não se alteraram. Enriquecer a lingua natal, abastecel-a cada vez mais de recursos e de thesouros, é desvelo e carinho de filho grato; mas golpeal-a, torar-lhe as raizes, enfraquecel-a, roubando-lhe pelas feridas do cortex a seiva que a alimenta, é crueldade de perverso ou de louco. Não se dirá que seja enriquecer uma lingua o deturpal-a, o desconjuntal-a, o transformal-a na algaravia grosseira que corre as ruas.

A Musa de Gonçalves Dias.

Entre as recordações da minha primeira mocidade, d'aquellas que se referem ás minhas primeiras impressões affectivas, uma avulta, mais claramente desenhada do que todas as outras. Uma mulher, um dia entrevista, de subito, no meio da multidão, — uma desconhecida, fadada a nunca mais passar ao alcance de meus olhos, ficou para sempre lembrada e viva na minha vaga saudade. Era moça e airosa, com um leve andar de ave do céo na terra, em plena florescencia dos annos e das graças. Mas o que me captivou foi a sua maravilhosa e perturbadora cabeça, de uma esplendente mocidade, coroada de cabellos completamente brancos. Uma molestia qualquer, um mysterioso capricho da Natureza, envelhecera a coma farta d'aquella Juno humana. Dir-se-ia aquillo uma garridice nova da deusa, um artificio petulante do seu donaire. Os cabellos, porém, tinham essa alvura vagamente prateada das cans, que nenhum artificio pode imitar: e assim toucada de neve, com aquelle pallido clarão de velhice sobre a juventude offuscante dos olhos negros, a minha desconhecida sorriu e passou, num instante fugaz de minha exis-

tencia, posta por um acaso em meu caminho, e por outro acaso abysmada na morte, que tanto vale dizer no torvelinho da vida...

Permitti, senhores, a extravagancia da comparação. Muita cousa deve ser permittida e desculpada a poetas, tão teimosamente dados ao vêzo de corporificar idéas. A musa do nosso grande lyrico é como aquella doce visão da minha inquieta puberdade.

Vêde-a, moça, buliçosa, ardente, cheia de uma seiva forte, inspirada em aspectos novos da Natureza, transpirando encantos e aromas de floresta virgem, — de uma vivacidade tão extranha, que espantava e deliciava, na Europa, o severo Alexandre Herculano... Mas, reparae: uma ancianidade veneravel, — a da lingua em que essa musa se exprime, tempéra o ardor da sua adolescencia, corrige os desvairamentos da sua imaginação, retém os surtos do seu Sonho. E ella passa, como passava a minha Juno de cabellos brancos, com o seu leve andar de garça e a harmonia indizivel da sua juvenilidade, mas encimada da alva auréola do dizer antigo, do lindo e sagrado resplendor da fórma classica.

A Vida.

Cada existencia humana é como um trecho accidentado do planeta. Nem tudo é clara planicie achanada que o sol por egual alumia e beija, nem alto monte orgulhoso, apunhalando o céo e gozando as primeiras caricias da luz. Ha em cada vida de homem sombrios desvãos, humidas e reconditas grotas cheias de perfume e mysterio. Ahi moram os pensamentos que, por melindrosos demais, não se querem ver ao sol, as impressões que

se não descrevem, e os nomes que, no dizer de Sainte-Beuve, "il faut bénir et taire"... O mais expansivo e tagarella dos homens, o que mais facilmente se desfaz em confidencias e confissões, esse mesmo, quando morre, leva comsigo, para dentro da sepultura, todo um vasto mundo de segredos. Foi d'esses ensombrados recessos da vida de Gonçalves Dias que manou a fonte encantada dos seus melhores versos de Amor.

FRANCISCO DE CASTRO (*)

(Eleito a 12 de Maio de 1900)

SUCCESSOR DO VISCONDE DE TAUNAY (**)

A Politica

Cuido que a politica não tem por si mesma a virtude de apaixonar a uma geração bem preparada para as porfias cerebraes. Nem os assumptos puramente politicos, em que apenas se movem conveniencias immediatas e momentaneas, nunca foram a preoccupação permanente dos povos cultos e viris. Para devorar as forças intellectuaes de uma nação e, mais do que as proprias lides religiosas, levar comsigo as massas, só os problemas sociaes.

Estes são o lado humano por excellencia das civilizações, encerram as aspirações universaes do

---

(*) 1854-1901. Professor e director da Faculdade de Medicina. Poeta e prosador. Falleceu antes da posse, deixando o seu discurso incompleto.

(**) 1843-1899. Senador do Imperio. Romancista e historiador.

pensamento livre, congregam as energias do espirito novo na sua obra de renovação e de progresso, de redempção e de paz; servem a necessidades superiores, infundem na consciencia dos fortes para as batalhas do seculo, nas defesas da vida e nas conquistas do bem, o enthusiasmo dos principios philanthropicos, o sopro das reacções liberaes, a luz da Providencia, a voz do coração.

Melhor politica é a que melhor governa, a que garante ao Estado a autoridade com que elle intima e se faz obedecer, a que suaviza as fórmas materiaes da existencia, a que espalha sobre os interesses geraes da nação os beneficios de uma administração vigilante. Mas as questões que importam ao regimen interno do Estado e não têm outro alcance que o politico, são sempre secundarias.

Qualquer que seja a solução d'ellas, adopte-se uma precisa direcção ou a sua contraria, e em breve já o resultado não se faz sentir na ordem dos negocios publicos. Cabe ao estadista crear leis, organizar instituições, produzir reformas opportunas; mas, para que medrem as reformas, as instituições floreçam e imperem as leis onde impera a razão, não bastam os mechanismos da acção official: a funcção do politico tem que fundir-se no officio do philosopho, tem que manipular as idéas geraes do momento historico, desenvolver tendencias, remodelar costumes, consolidar as estructuras moraes do paiz, actuar na vontade dos homens com o peso dos principios naturaes, a força irresistivel das cousas. Aluir e converter, desaggregar e recompôr, talar e reconstruir, eis a fabrica de grandeza pharaonica, tarefa de gigantes com que não podem mãos pigméas.

De observadores profundos e pensadores tenazes é previlegio o tino politico.

Não chamarei tal a essa tactica a que os partidos se soccorrem em busca das posições perdidas; habilidosa tactica, util até, se quizerem, para as almas desoccupadas e frivolas, que encaram no instincto da conservação, no amanho das vantagens pessoaes, na satisfacção dos sentimentos democraticos, o freio das vehemencias demagogicas, o supremo quilate do bom senso, a mais fina expressão da vida intellectual.

Não se confunda o exercicio d'esses estratagemas mais ou menos vulgares, sem correcção nos seus meios nem elevação nos seus intuitos e fins, symptoma das épocas fatigadas e das sociedades em colliquação; não se confundam esses processos de partidismo estreito com a sabedoria politica, inexoravel martello das facções, escola das devoções patrioticas, dos deveres incorruptiveis, dos serviços desinteressados, mestra da disciplina no regimen legal da liberdade, supremo oraculo dos povos, que sabe desentranhar das situações difficeis, das actualidades adversas, dos elementos de ordem, meios de governo.

Cuido que entre nós nem sempre se entendeu nem praticou a politica na sua accepção mais nobre, no seu sentido mais eminente. Não ha, entretanto, porque nos envergonharmos d'isso. Cedemos ao imperio de influencias seculares, que se impregnaram no nosso sangue, penetraram como um virus corrosivo a nossa personalidade civica, e nos deixaram no descostume de pensar e no desamor do estudo, a eiva diathesica das gerações resignadas em cujo seio se desenvolve e desmede o anthropocentrismo do poder. Esta é a absoluta omnipotencia, não tem contrastes, não tem freios,

não tem diques; arde-lhe aos pés o incenso de todos os cultos, e nunca lhe hão de faltar cervizes que se dobrem para festejal-a nos seus decretos, nem braços que se levantem para servil-a nas suas benemerencias ou nos seus erros.

A Supremacia Politica.
Os Sabios.

Sciencia perfeita não é, nem tão cedo será a politica, em nenhum ponto da terra. Mas partindo de factos experimentaes e transcendentes, regendo-se por leis positivas, seguindo na sua carreira tormentoria a razão como luzeiro e o coração como bussola, ha de tocar as raias da perfeição, avançar até ás regiões serenas da fraternidade e da justiça, ungir a consciencia dos povos no fanatismo do direito. Esperamos seja esta a politica do seculo que entrou, aquella que deve guiar as nações á bemaventurança dos seus destinos, exercer o apostolado das iniciativas bemfazejas, abrir caminho a novas redempções, transformar-se, para as bençãos do futuro, em instrumento do céo que não precisa de favores para conquistar o mundo.

Quando assim fôr, terão amanhecido para a sciencia os seus dias de gala. Admiravel resolução essa que, para refundir a ordem dos factos, substituir as rivalidades e as paixões estreitas pelos impulsos da abnegação, a superficialidade e a hypocrisia pelos estudos sérios, pelas convicções envisceradas, pelos enthusiasmos ardentes e puros, leva o ferro e o fogo da propaganda, enverga a armadura dos principios, bate a estacada no campo das consciencias. Laboriosa póde ser uma nação, emprehendedora no commercio, engenhosa nas industrias, fecunda nas artes, valedora das

profissões liberaes, conservadora e reformadora, zelosa de tradições e ávida de glorias, intransigente nas fórmas pacificas da lei, estoica nas provas da guerra, sabendo ao mesmo tempo cingir a toga e as armas; seja tudo isso uma nação, tenha a gerir um tamanho cabedal de virtudes um segundo Marco Aurelio, alma intemerata, coração sublime, divino monstro de poderio e de bondade; mas se é uma organização social de cultura mesquinha, se não se embebeu na chamma sagrada do puro entendimento, se lhe falta o sentimento philosophico e com elle a possibilidade de adaptação ao espirito geral das sciencias, se é um meio que não produz sabios, deixe-se ficar nessa feliz mediocridade, tão aurea como a de que falou a musa pagã, contenha-se no seu papel secundario, afaste-se das linhas onde a civilização poz a defesa e a honra das suas obras vivas, renuncie á supremacia politica, porque esta é o apanagio das raças illustradas, é uma conquista da supremacia espiritual.

A Egreja e o Estado.
A Religião.

Se a magistratura da egreja inteiramente se resume em incansavel milicia de propaganda espiritual, então, por amor do principio de liberdade implantado por Deus na rocha das consciencias, deve abdicar toda e qualquer ligação temporal.

Para estender a sua soberania até os confins da vontade, ultimo termo da evolução mental, para subjugar os corações ha de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da egualdade e da tolerancia, ha de respeitar a linguagem da razão, ainda nas suas hesitações, nas suas contradições,

nos seus desvarios. O espirito religioso logo deixa de o ser desde que se desenvolve na escola da opinião official, no circulo das praxes administrativas, em nome e sob a custodia da lei civil, sem essa espontaneidade e naturalidade de onde lhe vem o poderio irrevogavel e o quilate divino. Os Estados sossobram, cahem os imperios, desthronam-se as dynastias, desabam as republicas, liquidam-se os povos, extinguem-se as raças, a gloria se faz desolação, o progresso fica sendo anachronismo, só a religião refoge ao peso de caducidade universal, sobrenada ao destroço dos seculos, á subversão das idéas e systemas, revive e remoça nas paragens do bem, como uma paschoa de flores nas eternas alleluias da primavera humana. Por que, pois, havemos de associal-a ás grandezas terrenas, ás grandezas do nada, a essas das quaes não ha nenhuma que embora tendo tocado as estrellas, deixe de vir ficar egual com o chão, nenhuma que se não resolva mais cedo ou mais tarde num boccado de pó?

A Mediocridade Literaria.

O cenaculo das letras é com effeito o theatro das maiores prerogativas e excellencias do espirito humano. Em todas as épocas e sob todas as latitudes ahi se encontra a região das aguias. A mediocridade ainda alguma vez alcançará imperar no mundo sob as fórmas santas da democracia; não lhe custará vencer, porque é o numero, é a massa, é a força, é o peso esmagador e bruto; vencerá em nome dos principios naturaes: instituições, costumes, leis, fundações, solidas ou caducas, tudo poderá impôr ou derrocar, mas nunca terá nas mãos o governo das letras. No ambito

d'ellas as almas sobranceiam a condição terrena, embebem-se nas alturas incorruptiveis; refugiam-se nas paragens que a imaginação povôa e o mysterio illumina; banham-se nas auras fagueiras de outros céos e de outros horizontes.

Com o elemento mediocre começa a acção corrosiva, a batalha dos vermes no corpo inanimado, o despenhamento profundo sob o martello das raças decadentes. E' o momento das aberrações literarias; os levitas abandonam o sanctuario polluido; fecham-se para a arte as perspectivas frementes de luz e de vida; a esthetica refuga dos seus typos organicos a flor da belleza moral; a perversão do gosto cria escola e prospera em discipulos; a envergadura dos condores, habituada a escalar os pinaculos andinos, passa a ter por medida os surtos rasos de uma literatura de gallinheiro.

A vulgaridade não vae com o espirito literario; são entidades contrapostas; elle é um poder aristocratico por excellencia; ella é por excellencia um poder nivelador; e a nação em cujas letras fructificar o germen da mediania, é um organismo liquidado. A inferioridade espiritual tem o seu relevante papel na materialidade ou no industrialismo da vida pratica. Mas penetre no territorio da vida sublime, e logo degenera nessa florescencia esteril e maligna, que a cada instante cobra mais arrojo e toma maior licença até supplantar a cultura das idéas geraes, extinguir a chamma das inspirações superiores, calar nas vozes propheticas do coração as promessas do futuro. Nada resiste ao contacto de tamanho flagello; dir-se-ia a sombra envenenada de uma flora maldita, transformando as verduras da terra, as fertilidades e medranças dos torrões abençoados, as novidades da

natureza virgem, numa larga vegetação de folhas mortas...

OLIVEIRA LIMA (*)

(17 de Junho de 1903)

ELOGIO DE VARNHAGEN (**)

A Diplomacia.

Não é maldizer da diplomacia lembrar, que, mercê da maravilhosa facilidade de communicações, do devassamento da vida politica pelos jornaes, da virtual cessação de todo o sigillo de Estado, da collocação dos cargos publicos ao alcance de todos os cidadãos, não mais permanecendo privilegio de uma casta, de outras circumstancias ainda, ella deixou de ser uma arte para tornar-se uma profissão. Os diplomatas dependem agora tão de perto e descansam tanto sobre o chefe da sua corporação, gozam assim de tão pouca iniciativa e autonomia, que já foram irreverentemente tratados de meros tocadores de certo instrumento anti-musical que Rossini tinha em horror, e que a gravidade academica me dissuade de mencionar. Pelo contrario, o historiador moderno carece de ser, além de um erudito, um artista; de descobrir, elle proprio, as fontes, analysar-lhes o valor, saber aproveitar o manancial que d'ellas brota, quando

---

(*) 1867-1928. Diplomata. Publicista. Historiador.
(**) 1816-1878. Historiador e diplomata.

ainda livre de impurezas, e arrecadal-o em vasos do mais puro crystal por elle mesmo facetado.

Retrato de Varnhagen.

A fundação do Instituto Historico do Rio de Janeiro, no proprio anno da sua estréa na litteratura historica, veiu a proposito para estimular-lhe o zelo e provocal-o a redobrar seus esforços de excavador, já recompensados pela Academia de Lisboa com a admissão para socio. Tambem o seu espirito era perfeitamente o de um academico do seculo XVIII, com a comprehensão mais larga das cousas da intelligencia dada pela cultura moderna. Não lhe faltavam aquellas birras literarias, aquelles melindres profissionaes tão caracteristicos, e que nelle deram nascimento a varias conhecidas e instructivas polemicas, azedas umas, urbanas a maior parte, com Abreu Lima, com o Visconde de Santarem, com D'Avezac, com Richard Major, com João Francisco Lisbôa, com Netscher, com Antonio Henriques Leal. Não havia competidor que lhe inspirasse receio, nem summidade que o fizesse recuar. O seu talento de polemista era, comtudo, fraco sob o ponto de vista literario; nada do sarcasmo crú de um Camillo ou da ironia alada de um Octaviano. Varnhagen tinha a falta de espirito de qualquer "privat docent" de Bonn ou de Heidelberg, que não possuisse sobra da sciencia de escarnecer de Heine ou do penetrante talento de motejar de Schopenhauer. A zombaria era-lhe extranha. Quando tentava ter graça, mettendo alguem a ridiculo, nada mais conseguia do que fazer-nos sorrir da sua insipidez. Exgottando a argumentação sem nunca fulminar o adversario com um raio de indignação ou submergil-o numa

tempestade de galhofa, descendo ás ultimas minudencias pelo habito de insistir nos detalhes, os seus ataques e defesas tornam-se enfadonhos pela ausencia de todo cunho artistico, mais parecendo desenxabidos arrazoados de praxista que vibrantes desabafos de escriptor.

O Amor do Passado.

O amor do passado é commum ás nações que farejam sua decadencia, para as quaes constitue um regresso a tempos melhores, aos tempos da grandeza e da epopéa, e bem assim ás nações em via de progresso, para as quaes representa a necessidade de unidade, da continuidade historica, dos antecedentes proprios, da tradição.

O "réveil napoleoniste" correspondeu em França á primeira orientação; a segunda encontra nos Estados Unidos o seu exemplo mais frisante.

O estudo da historia patria, é, pois, muito mais do que uma tarefa sympathica e agradavel: é a satisfacção de uma tendencia da alma nacional. O passado não só envolve a tradição, como gera o incentivo da acção pela lembrança dos feitos gloriosos de outras gerações, que com a distancia do tempo perdem as asperidades e imperfeições, e mais gloriosos parecem ainda na sua idealização vaporosa não se lhes conhecendo as sombras nem os defeitos. Assim, na pintura, por effeito da perspectiva, esfumam-se os contornos, esbatem-se as côres, corrigem-se as desegualdades e uniformiza-se a visão. Além d'isso, o passado pesa com todo o seu peso sobre o presente, engrinaldando-o com a messe das suas virtudes e manchando-o com a recordação dos seus crimes.

Varnhagen Cozinheiro.

Num discurso necrologico, pronunciado no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dizia o Sr. Joaquim Nabuco do nosso fallecido consocio, Sr. Pereira da Silva, que fôra um apperitivo para o estudo da historia: ao que accrescentava com malicia muito academica o Sr. José Verissimo que apperitivo sim, mas com a condição de não ir até o fundo do copo. Proseguindo estas comparações suggeridas pela gastronomia, poderiamos dizer que Varnhagen foi e continúa a ser a peça de resistencia da nossa refeição historica, o assado solido, gordo, appetitoso na sua simplicidade, pois é cozinhado á velha moda portugueza, sem adubos nem temperos francezes, mas com um molho leal e nenhum acompanhamento. D'essa peça, um artista menos escrupuloso ou mais dextro corta uma lasca, condimenta-a, guarnece-a de tubaras e de cogumelos e apresenta um novo prato, menos substancial, porém grato ao paladar e falsamente leve para o estomago. O abuso de taes pratos, dizem todavia os medicos, que predispõe á gotta, a qual para os dilettantes do espirito se chama a impotencia creadora. Aquelle que se alimenta de comidas nutrientes, mas singellas e sãs, tem mais probabilidade de resistir aos annos com saude, como resistiu Varnhagen ás innovações literarias, aos caprichos do estylo, ás variações da fórma, porque nelle primava a preoccupação do fundo, e porque resolvera manter-se firme á sua concepção historica, que era a indagação do ponto verdadeiro, e obediente á sua norma literaria, que procedia pela verificação da opinião aventada.

Relevae-me, senhores, semelhantes comparações culinarias. Varnhagen m'as perdoaria, estou con-

vencido, elle que era um excellente cozinheiro, justamente porque era um consummado amador da boa mesa. Referiu-me um dos secretarios que com elle serviu na Legação de Vienna que, quando fatigado de redigir, nada lhe assentava melhor para espairecer do trabalho, do que bater um pudim ou compôr um pastelão. Note-se que os seus pastelões não eram d'aquelles cuja concepção e execução Mark Twain diz ser um escuro e sangrento mysterio, mas producções que Carême perfilharia. Até neste gosto apparece-nos elle como a encarnação de um academico de passados tempos, porque nós, os de hoje, vivemos tão depressa, andamos tão entontecidos pela successão dos acontecimentos e tão ferretoados pela ambição de conservarmo-nos em dia com a evolução das idéas e modo de sua expressão, que não temos mais tempo para taes desenfados.

Alexandre Dumas pae, que não foi academico, porém, tinha em si, panno para meia duzia d'elles, ainda podia affirmar que o "Diccionario de Cozinha" que escreveu era o digno remate do seu milhar de volumes, e, chegada a occasião, deleitava-se em pousar a penna para atar o avental branco e tentar a experiencia das suas receitas. Como imaginarmos um Paul Bourget ou um Pierre Loti, com todas as suas preoccupações psychologicas e perplexidades sentimentaes, entregando-se a uma tão desanuviada tarefa? Para se achar prazer nesta como em outras distracções manuaes, não a exemplo dos gentis-homens francezes do seculo findo que por luxo aprendiam um officio, mas meramente por desfastio como fazia Varnhagen, o qual, segundo parece, se dava a varios mistéres, sendo um habilidoso, requerem-se uma alta dóse de satisfacção profissional, perfeito desprehendi-

mento de snobismo e ausencia de inquietação intellectual. Todos estes predicados possuia o autor da "Historia Geral"; era um orgulhoso, um simples e um forte. Não o esqueçamos, nós, os da geração contemporanea, cuja vaidade nem sempre é contrapesada pelas duas outras qualidades.

A Missão da Academia.

A Academia Brasileira vive ainda sem mobilia, em casas generosamente emprestadas. Não nos procreou a munificencia de um cardeal-ministro, nem nos perfilhou o carinho de algum ministro secular, mas animaram-nos as promessas da representação nacional.

A Academia espera algum dia morar em casa propria, em um proprio do Estado, que a tanto monta. As bellas letras não podiam decentemente definhar á mingua de protecção official, sob a Republica, na terra que prodigalizou o seu ouro e os seus diamantes a D. João V, o inventor da Academia Portugueza; que agasalhou D. João VI, o fundador da Academia de Bellas Artes, e que foi governado durante meio seculo por D. Pedro II, o creador do Instituto Historico e imperante que mais se ufanava de ser sabio do que de ser monarcha. E' verdade que passamos da soberania constitucional de um só para a soberania collectiva e absoluta do Povo. O numero dos protectores não deve, porém, ter feito mais do que crescer na razão directa do numero dos reinantes.

Ficando nós a dever gratidão a tão crescido rol de padrinhos, dispersando-se, portanto, esse sentimento naturalmente fluido, corre menos o risco de perder-se a bella independencia em que vivia-

mos, e na qual, como Cyrano de Bergerac, podiamos exclamar:

> ...moi, lorsque j'ai fait un vers, et que je l'aime
> Je me le paye, en me le chantant á moi-même !

Tambem seria um mal o excesso opposto. Chega-se a certo grau em que o abuso da independencia se converte em improductividade, em que o espirito tanto blasona de livre que se torna anarchico. A convivencia nas Academias é, aliás, o remedio mais efficaz para tal perigo, porque reduz os exaggeros individuaes de opinião fomentando a solidariedade pelo concurso de mutuas concessões. Quando nisto se cifrasse a acção academica, já não teria sido inutil nossa organização. Ella, comtudo, visa a fins mais positivos.

Conta Léon Gozlan ou um dos outros satellites que, despindo Balzac das suas chinelas, da sua bengala, do melhor do seu guarda-fato, são os verdadeiros responsaveis da nudez disforme mal disfarçada pelo famoso roupão que Rodin amassou, que na casa das Jardies o grande romancista marcara a giz nas paredes os logares para os quadros de mestres e as tapeçarias de preço, nas quaes, uma vez paga a divida torturante, se transformariam os milhões produzidos pela publicidade dada ás creações da sua imaginação prodigiosa. Esta é, pouco mais ou menos, nossa situação. Temos planos de grandes trabalhos collectivos, um programma soberbo para ser levado a cabo por nós, e por nossos successores. Ahi reside toda a differença. Balzac succumbiu debaixo da faina gigantesca da "Comedia Humana". As academias não podem succumbir, mesmo quando trabalhem muito, porque os obreiros nunca faltam. Seguem-

se uns aos outros, concatenados pela tradição e pelo ideal commum. Não descuremos, porém, o nosso quinhão de trabalho, sob pena de sermos em excesso maltratados pelos academicos do futuro.

SALVADOR DE MENDONÇA (*)

RESPOSTA A OLIVEIRA LIMA

A Republica das Letras Portuguezas.

Estamos em casa de Camões. O velho alquebrado, que o Telmo de Garrett viu pela ultima vez "no alpendre de S. Domingos em Lisbôa, tão mal trajado, tão encolhido, e que ao cabo da navegação lá se foi num lençol para Sant'Anna", tem hoje templos como este, e campeia na praça publica sobre columnas e pedestaes, revestidos da armadura que abrigou o coração mais acceso no amor da Patria e na luz da Fé, na mão o livro cujas paginas libertaram da lei da morte uma nação, na fronte a corôa de louros com que uma raça inteira o sagrou symbolo de seus destinos e de sua gloria.

Passaram todos. Passou o Infante Pensador que dos penedos de Sagres devassou os mysterios do Mar Tenebroso, alumiando-o com a cruz de Christo até surgir do horizonte a terra de Vera Cruz e dos céos do sul a constellação do Cruzeiro. Passou o Rei Venturoso, que da janella do Castello da Pena, de onde, diz a lenda, vigiava a volta das náus da India, viu duas rotas, a da Africa e Asia e a do Brasil, e abriu á edade moderna tres continentes. Passaram ou movem-se ainda na meia cla-

(*) 1841-1913. Diplomata. Jornalista e romancista.

ridade que póde ser a ante-manhã da gloria ou o cahir da noite do olvido, os braços fortes d'essas empresas magnas, Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, Affonso e Mathias de Albuquerque, D. João de Castro e Vidal de Negreiros, Cochim, Ormuz e Gôa, os Guararapes e a Campina do Taborda.

Só elle perdura e vae galgando os seculos como a luz que se não apaga d'esses fanaes que no meio das trevas mais densas guiam os navegadores nas vias insondaveis do futuro. De que valeu á fama de D. Manoel o ser mais util que os tres contemporaneos que enchem com os seus vultos o inicio dos tempos modernos, Leão X, Francisco I e Carlos V ? De que valeu haver antecipado Luthero, e pedido com a embaixada de Tristão da Cunha á Roma do renascimento quanto bastava para evitar o scisma e a Reforma ?

De que lhe serviu ter nos Paços da Ribeira, Garcia de Rezende, Bernardim Ribeiro e Gil Vicente, e no Restello o padrão primoroso de Belém? Passou, e a historia chama-o por favor o Venturoso. Se até já se ousa dizer que, sahidos de tal tronco, cuja fronde cobria a Asia, a Africa e a propria Europa, somos uma nacionalidade desvirilisada por vicio de origem ! Não, nós vimos do periodo heroico da grande Nação Portugueza, e no dia em que a Patria ia morrer em Alcacer-Kibir, em que pese ao maior engenho portuguez de nossos dias, cuja obra perenne desmente o proprio asserto, não expirou com a Patria o cantor dos Lusiadas, mas salvando-a em suas estrophes immortaes trouxe-a fulgurante da luz de seu estro pelas edades afóra e deu-lhe alma para a um tempo quebrar na Europa o jugo de Hespanha e expulsar do Brasil os Hollandezes.

E' que ao periodo heroico de nossa raça succedera o periodo do ideal, e do ideal mais que da heroicidade vivem e se engrandecem os povos. Fôra blasphemo quem o contestasse na casa de Camões, que ora nos hospeda. E se já não somos o Reino Unido de Portugal e Brasil, porque entre o outomno e a primavera estão sempre o inverno e o estio, podemos com a intima fraternidade dos animos libertos das leis naturaes, considerar-nos ainda a Republica Unida das Letras Portuguezas.

AFFONSO ARINOS (*)

(18 de Setembro de 1903)

SUCCESSOR DE EDUARDO PRADO (**)

Americanismo.

O que eu chamo "americanismo" é simplesmente a reciproca do que os europeus e anglo-americanos chamam expansionismo e imperialismo. O momento, para as grandes nações pejadas de população e de riquezas, é de se desdobrarem; para nós, donos de vastos territorios despovoados, é de formarmo-nos, de constituirmo-nos, de crescermos e de sermos uma nação, emfim. Aquellas, já formadas, tendo já attingido a maturidade, estão na phase biologica do desdobramento, da prolificação, de que Spencer chama "excesso de crescimento". Nós temos que receber d'ellas, temos que crescer á custa do velho mundo, temos que nos tonificar

(*) 1868-1916. Publicista e novellista.
(**) 1860-1901. Antigo diplomata. Jornalista e publicista.

com as sobras da sua população, com o producto do seu trabalho. Ora, o que eu chamo "americanismo" é o estado peculiar ás duas Americas — de serem nações a formar-se, de caracter ainda indeciso, de feições mal pronunciadas, não tendo ainda nem passado, nem historia, nem arte, nem literaturas constituidas e definidas; o que eu chamo "americanismo" é o reconhecimento d'esse estado de elaboração, se o quizerdes de fermentação, ou melhor, de fusão de elementos, de concorrencia, emfim, de factores, para que se desenhe o nosso typo nacional; o que eu chamo "americanismo" é ainda, senhores, a defesa dos elementos nacionaes já pronunciados, já vivos, denunciando já as linhas do typo futuro, revelando já, no vago dos traços do Brasil-infante, as linhas masculas do Brasil-homem.

Rio Branco, senhores, foi dos mais completos interpretes d'esse americanismo. Eduardo Prado tambem o foi. Mas, Rio Branco, vivendo na vigencia do antigo espirito conservador, propulsava a machina, em largos arrancos, para o futuro; ao passo que Eduardo, agindo num periodo opposto, de monomania de reformas, de desprezo de tradições, de destruição do passado, dava contra-vapor, volvia-se com todas as véras da alma para esse passado; ambos, porém, defendiam na sua mais vehemente, mais nobre, mais leal expressão, o que de mais nobre, de mais leal, de mais brasileiro se possa encontrar no Brasil.

Mas, ao passo que Rio Branco, crescido dentro dos velhos moldes, encerrado nelles, vivendo nelles, tinha, para caminhar, de arrastar comsigo a sua época, de entrar, portanto, como figura magna na vida publica, de dominar os espiritos dos seus contemporaneos, infundindo-lhes ou impondo-lhes

suas proprias idéas e exprimindo-as por elles, realizando-as até; tinha de ser, pois, fatalmente, chefe politico em acção, estadista á testa dos negocios publicos de sua terra; — Eduardo, crescido no tempo em que o espirito democratico sahia do seu alveo natural para tornar-se revolucionario e anarchico; Eduardo, vivendo no tempo da enchente da democracia, quando a corrente, ou, usando de uma phrase muito repetida, outr'ora, no nosso parlamento, "a pedra do alto da montanha" já rolava impetuosa; Eduardo, sentindo nesse excesso de liberalismo o perigo de destruição para os poucos elementos mal definidos ainda da nossa nacionalidade, sentindo o risco do naufragio da tradição portugueza, vendo de perto o perigo de absorpção pela vaga anglo-saxonia; Eduardo, moço do seculo XX, agarrou-se ás tradições do passado, sem temor de ser esmagado no caminho; segurou-se ao rochedo da nossa historia, viveu nella, viveu por ella, morreu fiel a ella, defendendo-lhe as duas principaes forças, as suas melhores expressões nos povos da peninsula iberica de que descendemos — a Monarchia e a Egreja.

A Fazenda de Eduardo Prado: "O Brejão".

Ahi, no oeste de S. Paulo, entre o Mogyassú e o Rio Pardo, aguas do Rio Grande e Paraná, a 651 metros acima do nivel do mar, e a cerca de 350 kilometros da costa, em um terreno ondulado, coberto outr'ora pelas mais frondosas mattas virgens e hoje vestido de cafezaes a perder de vista, — ahi passou elle os seus ultimos e mais proficuos dias de existencia.

É o pleno dominio da "terra" roxa, fofa, macia, com as suas nuvens de pó, quando, pelo tempo da

colheita, vão e vêm as carroças carregadas de café. No verde-escuro do cafezal que corôa os outeiros cruzam-se os "carreadores" ou ruas com a regularidade das linhas de um planispherio. Bandos de raparigas descalças, com as cabeças envoltas em vistosos lenços, encaram o cavalleiro em marcha, deixando fluctuar na claridade dos olhos castanho-escuros e azues um mixto de curiosidade e respeito. Quasi todas sobraçam balaios, cestos de fórmas varias, utensilios agricolas diversos.

Se a tarde vem baixando, é a volta do trabalho. Sobre as cabeças, quantas d'ellas formosas, pesam feixes de lenha para a cozinha caseira ou mólhos de capim para o cavallo de sella do chefe da familia.

Lá vêm os homens, com o andar pesado e o ar inexpressivo de quem repete todos os dias, de sol a sol, a mesma fadigosa labuta, sem um incidente a quebrar-lhe o tedio.

Esperaes debalde ouvir esses cantos do crespusculo, de que vos falaram de certo vossos livros bucolicos; debalde esperaes bulicio, papaguear, animação, rumores de grupos que, ao fim da tarefa, vêm para casa descansar.

Essa gente mostra certo ar de recolhimento; ella marcha como quem está cumprindo um dever; opprime-a uma preoccupação; um pensamento assombrea-lhe os rostos — a Patria distante; são os colonos que se recolhem.

Eis alli a fila de casas rusticas, com seus chiqueiros ao lado; no vasto terreno em commum, que é o logradouro da colonia, pasta o seu gado; junto das casas onde se vêm cercas estresachadas de madresilvas, retoiçam creanças, balbuciando uma lingua extrangeira.

Não é a nossa volta da roça, em que o mulato

pernostico ou o caboclo imaginativo conta casos ao vivo, imitando as passagens com enthusiasmo, accrescentando um ou mais pontos a cada conto. Para este o horario é o "mais hoje, mais amanhã", a previsão é o "lá se avenha", a segurança é o "deixar correr trinta dias por um mez". A gente que ahi passa é bem diversa; exilou-se da patria em busca do trabalho tendo este fito — libertar-se do trabalho pelo trabalho; não se mostra alegre, não se expande aqui nos mesmos enthusiasmos que tanto a caracterizam no seu paiz, porque não ha alegria perfeita fóra da Patria. Entretanto, ao mesmo tempo, que ella fecunda com o seu suor a terra brasileira, enriquece-a com seus filhos, e estes são nossos, bem nossos, pois mesmo neste trecho de Italia Austral que é o Oeste de S. Paulo, o menino colono já vae mettendo no correão da cinta a faca do caipira, já vae traçando no pescoço o lenço vermelho, já vae dobrando na testa a aba do chapéo de palha, já vae dependurando nos calcanhares as chilenas, já vae quebrando o queixo dos machos ariscos, á força de barbicacho, já vae, finalmente, falando este portuguez bamboleado, vagaroso, sem o "re" no fim da palavra, caracteristico da prosodia brasileira.

Continuemos, porém. Eis aqui no cocoruto do morro ainda um trecho de matta virgem, exiguo embora para a morada dos jaguares. Saudam-nos as frondes victoriosas dos jequitibás, emergindo d'entre a multidão cerrada que os cerca. Sente-se ahi o excessivo vigor da terra; a vegetação brota com furia por toda a parte, e briga e se agarra, arbusto contra arbusto, arvore contra arvore, e roja e se contorce ou salta num impeto para o alto, levando presos nos galhos verdoengos tufos colo-

ridos de orchideas. O musgo oscilla na ramaria como farrapos de bandeiras. Os cipós, pacientes. perseverantes, traiçoeiros, vão colleando troncos e galhos, soltando laçadas que tremulam nos ares e formando pontes bambas por onde se escorregam os caxinguelês.

Aqui sentis, á sombra escura das arvores anciãs, um odôr suave: um manacá florido se vos apresenta como um ramalhete; acolá um cheiro intenso vos dilata as narinas e vos denuncia ao mesmo tempo a seiva exuberante do terreno: é o pau-d'alho, padrão, ou, segundo o termo caipira, "vestimenta" de terra boa. As taquaras se esfregam haste contra haste, gemendo ao sopro do vento, as borboletas lá vão carregadas brandamente; alam-se, revôam, volitam e perdem-se pouco a pouco na espessura...

Depara-se-vos um claro na mattaria; os raios de sol não descem apenas, escorrem quasi tangivelmente, estendendo rico tapete ponteado de estrellas, aos pés do rei da floresta: é o seu throno. Se viesseis com cuidado, deverieis ter notado mais longe, um portico de troncos rectos e altos que annuncia a proximidade do Rei: este é um jequitibá mais que secular, de cerca de vinte metros de circumferencia e de não muito longe de uma centena até ás pontas dos galhos mais altos. Debalde a sua fronde soberana se agita ainda nos ares, sobre todas as outras: fugiu d'elle a alegria e nem mais o passaredo o procura para dos seus galhos desferir a alvorada. Um parasita roaz lhe devasta as entranhas; a sua pelle encarquilhou-se, o galho mais forte ruiu apodrecido; mas elle resiste ainda; a sua agonia durará talvez um seculo e elle morrerá de pé, sem um gemido, e reinará ainda depois

de morto, dominando com o seu cadaver as novas e velhas verduras circumvizinhas.

Fóra da matta. O caminho vae descendo agora. Lá em baixo, no fundo de um ninho de collinas de macios contornos, sentireis "o langor dos vergeis em que os fructos e as verduras se impregnam de sol", segundo o verso attribuido a Psappha ou Sapho, a poetisa de Mytilene, a fabulosa suicida da Leucade.

Por uma avenida de eucaliptus, entre os quaes uma cangerana, em alto sóco de pedras, ergue a cópa cerrada e espalha sombra mais propicia, vereis estas palavras — ora apagadas — que alegrariam immediatamente o visitante do Brejão, gente cosmopolita na sua maioria — "welcome to Brejão" — em letras garrafaes. A avenida estende para nós, carinhosamente, os dois renques de arvores, como dois braços que nos convidam a espancar vãos receios e a acolher-nos, de coração aberto, á hospitalidade do morador.

A Palestra de Eduardo Prado.

Só pouco e pouco percebieis que estaveis diante de um homem de solida erudição e de clara sabedoria, porque Eduardo, escrevendo ou conversando, era de uma singelleza encantadora. Tinha verdadeiro horror ao artificio e á affectação; abominava o pedantismo. Um artigo de Pedro Lessa, nosso commum amigo, encerra o seguinte depoimento, ouvido do proprio Eduardo, a esse respeito : "tenho receio, costumava elle dizer, de suppor-me um dia uma capacidade. Esse facto marca sempre o inicio da decadencia mental, a ankilose da intelligencia. Não se tolera mais a contradição; torna-se impossivel a investigação paciente,

a observação perspicaz, o raciocinio seguro; não se enxergam os lados varios de uma questão complexa; o pensamento deixa de ser um instrumento docil para a descoberta da verdade porque acredita, sem exame, estar sempre na posse d'ella."

Sim ! a sua illustração vinha-lhe dos olhos com a naturalidade de um lampejo; desabrochava-se-lhe dos labios a erudição com a frescura de um sorriso; o seu saber penetrava-nos mansamente, com a suavidade de um perfume. Nada d'essas licções cahidas do alto com o formalismo hieratico de uma fimbria de purpura que se dá a beijar, como honra e consolo, ao misero neóphito. Não ! a sua sciencia era facil, era meiga, era simples e era forte, como devia ter sido aquella de que nos fala o autor de "Les Jeunes Gens de Platon": transmittia-se a céo aberto, no repouso dos exercicios da arena, quando os braços, ainda tremulos da impulsão aos discos, se arqueavam graciosamente para segurar as pensativas cabeças, que se dobravam embevecidas, sonhadoras, ás falas dos philosophos. Ah ! elle comprehendia que tudo quanto sabemos, todas as nossas ancias, todas as nossas torturas perdem-se na paz augusta da natureza; elle comprehendia que o homem no mundo é uma synthese do mundo que vale tanto quanto a mais modesta florinha rustica, que esmagamos no caminho; elle comprehendeu que "a arte humana, para ser duradoura, não póde deixar de ser creada á imagem e á semelhança da natureza"; elle comprehendeu que o que d'elle se salva na memoria dos homens é a que teve raizes na vida universal.

Por isso, elle que foi simples, creu; elle que foi bom, amou; elle que foi modesto, lamentava a dispersão da sua vida.

OLAVO BILAC

RESPOSTA A AFFONSO ARINOS

O Archivo de Villa-Rica.

Foi em Ouro Preto, na anciã Villa-Rica. Tivemos alli mezes de uma vida singular, intensamente vivida, cheia de completos prazeres intellectuaes, — que só podem ser bem contados aqui, a uma assistencia escolhida e culta como esta, capaz de comprehender como dois homens em pleno viço da mocidade puderam passar semanas e semanas entre os vivos, não os vendo nem ouvindo, e só tendo ouvidos e olhos para um extranho mundo de sombras e de phantasmas. Bem vos deveis lembrar... Emquanto pelas ruas de Ouro Preto, naquelle anno tragico de 1893, os vivos commentavam com calor os episodios da revolta naval, e os bombardeios, e as prisões, e as loucuras, — nós dois, mergulhados no passado, conversavamos com espectros. Toda a gente do seculo XVIII, — capitães-generaes, ouvidores, milicianos de El-Rei, aventureiros, traficantes de pretos, frades e freiras, tyranos e peralvilhos, fidalgos brilhantes e pobres bateadores de ouro e cateadores de cascalho, garimpeiros, senhores e escravos, damas de casta orgulhosa e immundas pretas descalças, ricos proprietarios e contrabandistas farroupilhas, toda essa gente acudia ao chamado da nossa curiosidade, e, saltando das casas arruinadas do Padre Faria e de Antonio Dias, evadindo-se do mysterio dos archivos, repovoando as ruas cheias de escombros, vinha reviver comnosco a sua antiga vida pittoresca. Logo cedo, pela ingreme rua

Direita, iamos ter á larga praça do Palacio. De um lado ficava a immensa Casa da Camara, alto cubo salpicado de janellas, typo acabado de architectura colonial, com os varões de ferro da cedeia em baixo, e, em cima, a torre severa abrigando o sino ancião, a antiga campana de rebate, que servia outr'ora para transmittir ao povo humilde, com a sua voz temida, a colera ou a benção, ambas paternaes e pesadas, dos representantes de El-Rei. Do outro lado, o Palacio, — um fortim, cuja presença causava espanto naquella praça tão calma, e a cujas setteiras, ameias e barbacãs o apuro da pintura nova não conseguia tirar o aspecto ferrenho e hostil. Era no rez do chão d'essa fortaleza, remanescente da éra colonial, que estava installado o archivo publico de Minas: era alli o cemiterio das edades mortas, o campo-santo das nossas origens. Esse archivo tem hoje, graças justamente a esforços vossos, outra installação, destinada a salval-o de uma ruina que teria de pesar na consciencia dos modernos como o remorso de um grande crime; mas, naquelle tempo, a tristeza e a ancianidade da installação diziam bem com a ancianidade e a tristeza do deposito. Entravamos, com respeito, abafando o pisar; e, assim que começavamos a folhear os grossos livros encapados em couro, uma poeira subtil começava a encher o immenso e triste salão. Foi alli que respirei largamente isso a que o mais desmoralisado dos chavões dá o nome de pó-dos-seculos... Era um pó que parecia sahir do fundo de ossuarios remexidos, um pó impalpavel e invisivel que era como o bafo humido e tenue do respirar dos in-folio comidos das traças. Á medida que iamos virando as paginas, cobertas de uma escriptura quasi hieroglíphica, miudinha e certa, retalhada de barras

caprichosas, com phantasias de recorte nas maiusculas e voltas faceiras nas virgulas acaramujadas, as nossas impressões exteriorizavam-se; e, no pó finissimo que pairava em torno de nós, percebiamos vagos cheiros indefinidos, que se casavam ou contrastavam, harmonizando-se, como as notas de uma concertina de aromas: havia o cheiro fresco dos valles, das montanhas, dos ribeirões de aguas cantantes, de todo aquelle seio de natureza virgem pesquisado pelas caravanas da conquista; o cheiro humido da terra cavada, e das gupiaras cheias de gorgulho; o cheiro apagado e caricioso do incenso das sés e das sacristias; o cheiro da mandioca macerada com que as damas faziam brancos os cabellos... E, não raro, subia e dominava todos os outros um cheiro acre de sangue, uma exhalação de mortualhas podres, de cadaveres de mineiros soterrados nas minas, de garimpeiros rebeldes esquartejados pela justiça, de pretos famintos e de reinoes insubordinados, corridos a pontaços de lança pelos dragões de El-Rei... Assim, no estudo dos tempos mortos, consumiamos as horas; e ou fulgurasse lá fóra, em dias lindos, a luz do sol, ou, em dias de chuva, se emmaranhassem no céo as cordas da agua, a vida que nos preoccupava não era a do povo que trabalhava ou vadiava nas ruas, mas a das gerações que se tinham ido da terra. Quando sahiamos, os espectros sahiam comnosco, collavam os seus passos aos nossos, sentavam-se comnosco á mesa do hotel, acompanhavam-nos nas peregrinações pelos arredores cobertos de ruinarias. Nunca me esquecerei de um cahir de noite, que nos surprehendeu certa vez, fóra de portas, na derrocada da rua da Agua Limpa... Com o vir da sombra, um mysterio indizivel encheu a paizagem, e um calefrio

de mudo terror e um sopro de além-tumulo sacudiram a natureza. As figueiras bravas cresciam desmedidamente e tomavam fórmas extranhas; as gameleiras bracejavam como avantesmas; havia gemidos no rolar dos calhaus que os nossos pés topavam. Uma lua immensa, immensa e redonda, pairou no céo escuro, como um broquel de prata pregado num muro negro, e espalhou a sua luz melancolica sobre a solidão. E, ao vosso lado, pisando aquella estrada que tantas gerações haviam pisado seculos atraz, ouvindo a vossa voz que me falava com tremula ternura e vibrante paixão d'essas vidas apagadas, comprehendendo e amando o amor com que vos aferraveis á veneração dos povoadores da vossa terra, — eu tinha a illusão de levar commigo, não um bacharel de 1893, mas um d'aquelles cavalheiros de 1720, que terçavam armas e galanteios na roda do Capitão-General Dom Pedro de Almeyda e Portugal. Quem ia commigo não ereis vós, mas um dos vossos antepassados da veneranda Paracatú, d'aquelles que tambem, como D. João de Castro, viviam e morriam "pola ley, polo rey e pola patria"; e, ao clarão do luar, uma pluma ondeava sobre a pala do vosso chapéo; o vento brincava com os fólhos da vossa camisa de rendas e sacudia as abas do vosso gibão de seda; e pelas pedras tinia arrastada e nervosa, suspensa do talabarte de velludo, a bainha do vosso espadim...

SOUZA BANDEIRA (*)

(10 de Agosto de 1905)

SUCCESSOR DE MARTINS JUNIOR (**)

A Poesia Scientifica.

Para mim, sejam quaes forem as fórmas transitorias que revistam as escolas, só ha uma poesia, e esta será eternamente nova, como nova é a arte, e nova qualquer manifestação do sentimento esthetico.

A sciencia quer a analyse, basêa-se nos dados obtidos pela observação, tem por horizonte o campo limitado da experimentação e da critica. Não transcende dos estreitos limites do mundo conhecido, e tudo o que fornece ao homem sequioso de saber toma fatalmente a fórma vazada nas cathegorias do conhecimento. Tudo nella é relativo e contingente, e quando armada de microscopios e retortas, vem lembrar á triste humanidade as azas de chumbo que a impedem de se alar ás ethereas regiões do desconhecido.

Só a divina arte libertadora é que póde fornecer á humanidade o meio de fugir d'este sombrio pessimismo, seguindo o caminho exactamente contrario ao do methodo scientifico, permittindo ao espirito "inventar" as soluções que a sciencia não póde "demonstrar". Superior ao testemunho dos sentidos, livre das peias da observação, fôrra ao

---

(*) 1865-1917. Jurisconsulto e publicista.

(**) 1860-1904. Antigo deputado. Professor de Direito. Poeta e jornalista. Eleito para succeder a Francisco de Castro, não chegara, como este, a tomar posse da cadeira.

constrangimento da analyse, póde a arte operar a completa "manumissão do espirito", na luminosa phrase de Schopenhauer, cuja theoria é uma das mais bellas producções da cultura humana.

Os laboratorios demonstram por A + B que a humanidade se deve contentar com o que lhe fornecem as experiencias scientificas, e uma legião de sabios, municiada com instrumentos de precisão, vae expellindo da terra as suaves consolações de que a fé havia povoado a vida. O homem moderno, acabrunhado pelas demonstrações scientificas, que friamente lhe despedaçaram as mais consoladoras illusões, queda-se um instante a scismar sobre o paraiso perdido de suas crenças. Então, como aquelle monge de que fala Manoel Bernardes, ouve o canto do passaro exul da poesia, "de uma modulação tão vária, tão seguida, tão suave, tão saudosa", que o faz esquecer de tudo, até o momento em que "explicando os breves ramos de suas ligeiras pennas, vae cortando esse golfo dos ares e desapparece" deixando se dobarem os seculos sobre a eterna illusão que, superior ao tempo e ao espaço, funde em um unico sonho o passado e o futuro, e realiza a completa despersonalização do homem no seio fecundo da arte.

Homem do seculo positivo, filho da época em que tudo se pretende reduzir a funcção algebrica, desde a trajectoria dos corpos celestes no espaço, até as vibrações das cellulas nervosas nos sinuosos meandros de circumvoluções cerebraes, nós, mais que quaesquer outros, precisamos da suave consolação da poesia. Necessitamos das doces mentiras com que nos suppomos, um momento, subtrahidos á hediondez da nossa miseria. Estas mentiras, admiravelmente traçadas pelos grandes genios de que se orgulha a humanidade, consti-

tuem a corrente de sympathica solidariedade que desde os tempos mais remotos tem unido os povos, nessa vasta evolução que arrastou o passado, envolve o presente e arrastará o futuro.

A sciencia não promette consolar ninguem, nem pretende satisfazer ao impulso que lança o homem no attrahente vórtice do desconhecido. O seu papel é muito differente. Ella abre os olhos á humanidade, dá-lhe o meio de conhecer o pouco que as sensações lhe trazem do mundo externo, permitte que as sociedades futuras se estabeleçam em melhores condições de conforto e de progresso. Mas não pára ahi a missão do espirito humano, cada vez mais insaciavel na sua eterna aspiração para o ideal.

Então vem a arte effectuar a renuncia completa de tudo, absorver o individuo no seio do grande Inconsciente que o cerca, interpretando sublimemente o lado tragico da natureza que escapa aos accurados elementos da observação scientifica. Tudo na natureza, neste grande Todo divinisado de que nós proprios somos manifestações, provoca o nobre sentimento do bello, quando revelado ao homem por intermedio da arte.

E a natureza é a paizagem, é o amor, é a belleza humana, é o brilho da mocidade, é a vasta gamma dos sentimentos que ruge no mar tumultuoso do coração humano. Neste largo circulo de impressões envolve-se o espirito do poeta, indo buscar em tudo o que se lhe depara, a commoção esthetica, sempre nova nos mais velhos sujeitos, sempre livre nos mais ferrenhos moldes onde a queiram constrangir as ephemeras escolas literarias. Admiremos o divino scismar dos poetas, mas não no perturbemos com formulas preconcebidas, nem queiramos submetter a dosagem scientifica o

pedaço de azul de que precisa a alma humana para fugir á esmagadora melancolia da vida.

Duas licções: de bilhar e de fé.

No periodo da vida, em que ao despertar da adolescencia as leituras dos pensadores modernos me começavam a abalar as crenças infantis, encontrei-me uma vez com Martins Junior, em um bilhar, onde o poeta me iniciava nos mysterios, sempre para mim insondaveis, da profunda arte das carambolas. Communiquei-lhe as minhas angustias, desvendei-lhe os meus desfallecimentos, emquanto em marcha ascendente cresciam no marcador os pontos por elle feitos, em vergonhosa desproporção com os meus, apesar de todas as vantagens de um humilhante partido. Ao passo que assim me inflingia uma formidavel derrota, o poeta se animava. Cheio de fé no futuro, pintava o povo regenerado pela sciencia, mostrava a Republica dominando o mundo dentro em poucos annos e a humanidade, chegada a éra definitiva da paz e do trabalho, em pleno reinado do Estado positivo de Augusto Comte.

A sua palavra sonora acompanhada dos passos nervosos que dava pela sala, o seu corpo esguio deitado sobre a mesa do bilhar para melhor obter os "effeitos", o seu olhar de myope applicado em estudar de perto a posição das bolas, tudo contrastava pittorescamente o tom de grave convicção em que elle me procurava transmittir a confiança na victoria dos seus ideaes. Ignoro o que então me ficou no espirito das licções do meu mallogrado amigo. Sei, entretanto, que continuei a ser, até hoje, um pessimo jogador de bilhar. Não me lembra, porém, a figura de Martins Junior, sem re-

vel-o em espirito, decidindo, entre duas carambolas, os mais altos problemas philosophicos e sociaes, cheio da mais absoluta crença no futuro.

A Missão dos novos.

Compete ás novas camadas a difficil missão de regenerar a humanidade soffredora. As nossas mesquinhas dissenções hão de desapparecer, as doutrinas que hoje damos como verdades assentadas hão de figurar como simples recordações historicas. A posteridade, porém, aproveitando dos nossos erros, corrigindo os excessos das nossas impaciencias, dissipando os nossos temores, alcançará a época em que crenças mais consoladoras surgirão sobre os destroços das nossas dolorosas negações.

E porque muitos annos passarão ainda sobre a horrivel anarchia em que nos debatemos, não nos será dado a nós contemplar de perto o advento da nova éra. Preparemos, porém, a geração que ora surge para a decisiva funcção social que lhe está destinada. Perpetuemos nos filhos o sentimento da solidariedade humana, ensinando-lhes a zelar, como precioso patrimonio, as tradições dos antepassados. Inoculemos-lhes o austero sentimento da justiça, a nitida idéa da patria, os nobres estimulos do caracter.

Cumprido este dever supremo, podemos desde já nos consolar, antevendo, nas frontes juvenis dos nossos descendentes, o longinquo despontar da aurora que surgirá no futuro.

GRAÇA ARANHA (*)

RESPOSTA A SOUZA BANDEIRA

A Escola do Recife. Tobias Barreto: A philosophia atravez da poesia.

Em 1882 Tobias Barreto, que os seus condiscipulos não comprehenderam e de cuja immensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um cyclone a somnolenta Academia do Recife. Elle invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a esse temperamento, em cuja formidavel composição entram doses gigantescas de calor, de luz e de todas aquellas ondas da vida que o sol transfunde regiamente ao sangue mestiço... Tinha a exuberancia, a seiva, a negligencia que o fazia extranho a todo o calculo, mesmo o da sua reputação de além tumulo, o dom de phantasiar, o "fabulirem" dos creadores, e mais a impaciencia e a temivel explosão da revolta que permanecerá como o traço vivaz do seu caracter. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordaveis da liberdade e os da extrema irresponsabilidade. Poude como um sertanejo viver com o povo, foi descuidado, miseravel e infeliz. Cresceu musico e poeta. E mais tarde quando lhe chegar a cultura, elle virá na barca phantastica da poesia. E foi pelo impulso d'essa volatil essencia do seu temperamento que Tobias Barreto passou da arte para a philosophia. O pen-

---

(*) N. em 1868. Professor e diplomata. Romancista.

sador nelle é uma modelação do vate. Transportará para a metaphysica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da adivinhação, o improviso milagroso, a necessidade de idealizar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua sciencia, quando não vem da legislação ou da lingua, é feita principalmente de intuição e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás idéas apenas imprevistas no prisma da sua visão, é mais a creação do poeta que a logica do sabio. E nisto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. É preciso que o sangue corra longamente, durante seculos, numa infinita descendencia para que o precipitado das forças originaes do nosso espirito seja a idealização scientifica. O maximo, a que por emquanto podemos attingir, foi o que nos deu Tobias Barreto, a philosophia atravez das côres solares da poesia.

O humorismo e a sua gênese.

No fundo da alma de todo o ironico ha um sonhador incompleto. A belleza do sonho está na abstracção exclusiva e absoluta; sonhar sem ver jámais a realidade, sonhar cavalgando a phantasia é galopar pelo infinito; crear num espasmo esthetico novos mundos, novas fórmas, no deslumbramento da côr e do som... ou mesmo sonhar num vôo de bondade, ou no extase da religião... Mas quando o poder do sonho não é tão assombroso que dê o arrebatamento perpetuo e por entre as franjas da phantasia apparece o raciocinio insidioso, nesse instante o sonhador desfallece, disfarça a sua alma irreal; as sombras descem e o humorista se ergue como uma flor da noite, espalhando mysterios e venenos.

O segredo da Vida. A Evolução.

A arte é a libertação, e pelo seu livre e magnifico surto, o homem se torna um companheiro das estrellas... O sonho é o da vasta, multipla e eterna transformação: tudo passa, tudo se dissolve, tudo vive, e quem sabe ? tudo recomeçará outra vez a lugubre marcha de forçados... São os brincos phantasticos dos atomos inconscientes. E toda a fórma, seja do sol, seja da Terra, seja da flôr, seja da mulher, é a expressão do "fieri perpetuo", a continua vibração do Universo, a vertigem assombrosa das congelações instantaneas do Fluido... Então, deante d'este perpetuo e fugitivo renascer, na consciencia do philosopho cresce a suprema indifferença pelos simples phenomenos, a irremediavel resignação á fatalidade cosmica, ou a revolta inutil e amarga das decepções. Agora não é mais possivel voltar ao cyclo humilde e bonançoso de onde partiu; ha a infrangivel subordinação ao imperio da philosophia e da esthetica absoluta, que não permitte mais reviva aquella alma passada, cheia de ternura, de piedade e de illusão humana. Pensar; comprehender... É tudo? Mas por que mesmo no Nirvana, o amor e a compaixão ?... É o mysterio profundo da nossa complexidade tenebrosa...

MARIO DE ALENCAR (*)

(14 de Agosto de 1905)

SUCCESSOR DE JOSÉ DO PATROCINIO (**)

Hypocrisia e Civilização. A sinceridade de Patrocinio.

O bem e o mal estão em nós; são as partes eguaes e elementares da nossa pobre e mortal essencia humana. Assim como a planta produz segundo as forças da terra e do ar que a alimentam, assim os actos humanos são bons ou maus segundo o meio e as circumstancias que lhes dão origem. Não ha infallibilidade nem predestinação na natureza. Da mesma arvore, da mesma semente, haveis de colher fructos de qualidade vária; e a diversidade d'elles é o effeito do acaso dos ventos.

Contra o imprevisto do acaso trouxe a civilização a necessidade e o artificio da cultura moral, que é como a estufa do caracter.

Ao abrigo das tempestades dos ventos e das calmas do sol, respiramos a mesma atmosphera, tendemos para o mesmo nivel de gosto e adquirimos a capacidade de hypocrisia, que no dominio dos sentimentos e dos costumes é a condição e o fim da civilização, é a norma da educação e é a base da sociedade humana.

Como o uso do vestuario tornou indecente a nudez do corpo, assim creou a civilização a indecencia da nudez do espirito. O nivelamento moral extinguiu a sinceridade que as nossas convenien-

---

(*) N. 1872-1926. Poeta e novellista.

(**) 1854-1905. Grande orador. Chefe do movimento abolicionista no Brasil. Romancista, jornalista e poeta.

cias de bem estar e de gosto desdenham como expressão de alma selvagem.

Esta sinceridade selvagem tinha-a Patrocinio em si, de origem, e preservou-a na vida apesar da cultura. Foi a côr fundamental do seu caracter. Sinceridade, imaginação e sentimento compunham a trichromia d'aquelle espirito.

A intelligencia de Patrocinio.

Era tambem fecunda a sua intelligencia, lucida, forte e penetrante, mas era uma intelligencia a que eu chamarei tranquilla. Não tinha a inquietação da curiosidade incontentada ante os grandes problemas do universo e da vida humana. Se a esphinge alguma vez assomou aos seus olhos, ou elle os desviou indifferente, ou acceitou satisfeito a decifração antiga que lhe davam os caminhantes experimentados na solução do enigma eterno. Houve um instante em que elle repousou na beatitude do positivismo; mais tarde, accordando ao soffrimento que chegava, ou cansado das fórmulas d'essa escola de sabedoria geometrica, elle ascendeu para o sonho da religião num vôo sereno e facil, sem vacillações, dirigindo-se sempre pelo roteiro catholico da crença. Jámais o perturbou a duvida; não parou a fitar a esphinge com a anciedade do desespero, não sentiu a amargura do silencio infinito, e no desalento do enigma indecifrado, não teve o goso de enfrental-a com o sorriso da ironia, que é a vingança zombeteira e soffredora do genio contra o mysterio dos deuses.

Na attitude ante a esphinge é que se póde medir, senão a intensidade de uma intelligencia, o seu alcance, a sua orbita de expansão e de surto. Patrocinio não possuiria a de um grande philoso-

pho, nem a de um grande poeta, para os quaes os altos problemas do universo e da vida humana, com a peculiar differença de concepção e de intuito, são o principal motivo de inspiração e de estudo. Limitada a curiosidade ás cousas finitas e concretas, ou quando muito ás fórmas usadas do pensamento geral, a sua intelligencia tranquilla e indifferente ficou subordinada á força e ao impulso da imaginação e do sentimento.

A subordinação, porém, não era tanta, que lhe paralysasse a actividade consciente, privando-a da directa collaboração e analyse na percepção das imagens do mundo; ou por outras palavras, creando-lhe no espirito a absoluta ingenuidade dos sentidos, a faculdade divina de sonhar accordado e a ignorancia fecunda e formadora dos mythos, que foram as condições originarias da poesia primitiva e espontanea.

A influencia franceza.

É da França que nos chega para o Brasil e Portugal quasi todo o alimento do saber e das bellas letras. Tudo queremos imitar d'ahi. Mas nem tudo se póde imitar, menos ainda o que é peculiar a um povo, o que distingue e lhe foi dado pela natureza, pelos costumes, pela tradição e pela propria historia. O espirito francez não póde ser senão de Francezes, e só por uma excepção individual o tereis espontaneo e puro em labios de um Portuguez ou Brasileiro. Imitado e transportado para a critica social, elle perde a graça nativa, a subtileza, a urbanidade da malicia, o pico de epigramma e o sal que tempere ou attenue o ardor com que possa ferir.

Philanthropia e interesse.

Philanthropia é uma palavra bonita, que exprime puramente uma idéa, uma abstracção de sentimento vago, como essas aspirações remotas de egualdade, de justiça e de paz universal, que são concepções anomalas no homem, ente racional que tem estomago e tem caninos. Prevalece a abstracção excepcionalmente em typos singulares, raros no tempo e no espaço; e essa anomalia se imita e se pratica pelo commum das gentes, quando os estomagos já comeram ou não podem comer. Ha para o egoismo da natureza muita maneira de simulação, com que ella, indifferente ou cruel, melhor serve aos seus fins. Generalizam-se as aspirações de egualdade, de justiça, de amor humano e de paz internacional, porque nem todos os povos podem ter exercitos, nem todos os homens podiam ser senhores de escravos. Intelligencia do interesse, que é a lei dos animaes e das cousas. Chamemlhe os outros de piedade humana; eu lhe chamarei simplesmente de astucia, instincto disfarçado de... carnivoros intelligentes.

Seja como fôr, ella produz o beneficio e o equilibrio geral, porque será sempre dos fracos a maioria na terra.

A lei de 28 de Setembro. Rio Branco. A prudencia de José de Alencar.

Cinco annos durou a elaboração da lei de 28 de Setembro; concebido o projecto por São Vicente e submettido á corôa em 1866, discutido no Conselho de Estado em repetidas sessões, só em 1871 foi apresentado ao Parlamento pelo Visconde do Rio Branco, que o havia entretanto combatido no

mesmo Conselho de Estado. Era um vencido convencido, a quem tocava a fortuna de ligar o seu nome a uma lei gloriosa. Oppuzera-se ao projecto com a prudencia e a elevação de um homem de Estado; acceitou-o mais tarde e se bateu por elle, quando as circumstancias o tornaram opportuno, quando lhe pareceu que as condições do paiz podiam sem inconveniencia soffrer essa reforma liberal. Como a um verdadeiro estadista, era a ponderação, era a razão de Estado que lhe inspirava as convicções e os actos.

Ouviram-se então vozes contrarias de homens tambem de saber e clarividencia, como a de Olinda e, deixae que vos cite um nome querido e respeitado e que é o meu tambem, o nome de Alencar.

O seu sentimento era generoso; elle seria pela abolição completa, havia-o declarado como aspiração num escripto da adolescencia, — o prefacio ao romance "Contrabandistas" — confirmara-o na obra literaria da madureza — o drama "Mãe"; — não obstante, como politico, como delegado da soberania nacional, para quem os destinos da nação devem constituir um encargo de honra, de meditação e de consciencia, reprimiu José de Alencar o seu sentimento pessoal para só attender aos cuidados do paiz. Considerou a situação do presente, pesou as consequencias da lei e consultando os seus effeitos futuros, combateu o projecto com a sobranceria de quem cumpre um dever que respeita, e a integridade de um caracter que serve lealmente á sua patria. A sua previsão foi talvez pessimista, não por preconceito ou interesse partidario, mas só pela solicitude apprehensiva de seu pensamento patriotico e recto. Não prophetizava, predizia pela logica; e não era da previsão humana que a providencia assentaria aqui a sua mo-

rada, transformando o Brasil em terra milagrosa, onde as surpresas de magica se multiplicam e o determinismo politico e social desapparece aos caprichos de uma vara de condão.

O 13 de Maio. A victoria de Patrocinio.

Haveis de ter sentido em algumas tardes luminosas de verão certa serenidade contrafeita da natureza: vêm crescendo as nuvens; ha um silencio de escuta no espaço, um movimento surdo; e fuzila a centelha e esfuzia a lufada. Foi a iniciativa de Joaquim Nabuco na Camara como a aragem que agglomerasse as nuvens e determinasse o choque. A palavra de Patrocinio foi como a voz da tempestade; a sua imaginação e o seu sentimento foram todos os ventos, gemendo, rugindo, soprando de Norte a Sul, de Léste a Oeste, varrendo a terra e levantando o turbilhão. Foram vendaval que ameaçava, gritava, sacudia, zurzia, arrebatava; foram o simun africano que trazia a supplica, a saudade, o perfume das florestas, o éco da liberdade do deserto, a visão das choupanas nativas, e era a cantiga selvagem, era o soffrimento do libambo, era o banzo, e era a revolta. Soprava caricias e fogo no coração do negro, e zunia terrivel na consciencia do branco. Houve o espanto, a anciedade, a allucinação, o desgoverno, e a loucura. A lei de 13 de Maio de 1888, concebida, apresentada, discutida e promulgada em oito dias, aboliu a escravidão, incondicionalmente, libertando mais de um milhão e quinhentos mil escravos. A abolição foi feita por obra de José do Patrocinio: foi talvez um erro de politica, foi sem duvida uma violação de direito, mas um erro magnanimo e bemdito, uma conquista social gloriosa.

Disse-vos que foi a obra prima de Patrocinio. Obra genial no seu conjunto. Não a premeditou, foi uma explosão; não a fez com a ordem e a harmonia de plano de uma creação individual, o enthusiasmo multiplicou-o, e elle a foi compondo á feição das obras primitivas, que seriam, na architectura, as fabricas cyclopicas, em que a grandeza do todo suppre a combinação e o perfeito do traço, na poesia as rhapsodias rudes dos barbaros em que o estro e o fervor da inspiração cria no desconcerto das partes a unidade nacional dos poemas épicos. O trabalho do talento de um homem pareceu a creação do genio de toda uma raça, e o tempo em que o compoz, apenas dez annos, foi como a parada de um seculo, immobilizado para abranger a formação d'aquella obra extraordinaria.

Para fazel-a José do Patrocinio não imitou nem consultou modelos. São os capitulos d'ella artigos de imprensa diaria, licções de doutrina, sermões de piedade e conselho; são elegias, são odes, são satiras; são conferencias e discursos de improviso, catilinarias, philippicas e panegyricos. Os annos que decorrem, ainda não fizeram esquecer a impressão d'essas orações: vibrava e transformava-se o auditorio sob o effeito d'aquella palavra magnifica. E no emtanto não era Patrocinio um orador educado pela rhetorica. A sua phrase não tinha o rythmo ondulante do pensamento oratorio: era curta, incisiva, de um compasso breve e precipitado como as pulsações de seu coração doente. Alterava-se o timbre da sua voz; perdia a modulação de sopro e estalava, como as notas arrancadas ao metal de instrumentos de corda. Era deselegante nas attitudes; braços e corpo sacudiam-se em gesticulações desordenadas. Não subia á tri-

buna como um actor se apresenta no palco, para pedir os applausos da platéa; apparecia como um dominador, como quem faz uma missão em que não reflecte, como um oraculo sob a inspiração de um deus occulto. O auditorio não o intimidava. Discursava uma vez em conferencia popular, ao tempo em que os propagandistas da Republica achavam no seu fervor pela campanha abolicionista um pretexto para atacal-o como desertor das fileiras republicanas. Havia então partidos, predilecções e não raro findavam as conferencias em espectaculo de guerra. Ia Patrocinio fazendo uma exposição comparativa do estado social de varios paizes do mundo, e ao chegar ao nosso, dizia: "O Brasil..." mas deteve a palavra um momento como a coordenar as idéas. Aquella parte do auditorio que lhe queria mal, e era grande parte, entrou a rir, suppondo que elle tinha inhibição mental, ou na propria expressão popular, um caroço. "O Brasil... continuou Patrocinio, que somos nós? que somos nós? somos um povo que ri quando devia chorar". Nesse dia não houve doestos nem luta; a conferencia terminou sob unanimes e ardentes applausos.

COELHO NETTO (*)

RESPOSTA A MARIO DE ALENCAR

Patrocinio: a sua predestinação.

Foi o segundo Decalogo de Deus, dado, não em taboas de pedra, mas num corpo de bronze em

(*) N. em 1864. Grande romancista. Professor, jornalista e orador brilhante. Antigo deputado.

cujo coração, como em alampada recondita, ficou ardendo e flammejando o fogo sagrado da sarça do Sinai. Patrocinio, elle o foi ! Eu o conheci. Foi elle quem me guiou os primeiros passos no caminho aspero e seductor das letras, não sem me haver, com lealdade, advertido dos perigos que me esperavam, abrindo aos meus olhos, cheios de illusões, o roteiro aterrador em que elle proprio se perdeu.

E eu vi os abysmos, vi os fervedouros, vi os intrincados espinhaes, vi o penedio, em cujas arestas havia tassalhos de carne, vi os remoinhos rugidores — e mais vi: os odios, as invejas, as traições; vi, com os olhos muito abertos, e o coração transido, mas, encarando o mestre, resolvi seguil-o, porque o Homem que me falava era o turbilhão, era a columna de fogo, era o genio: attrahia.

Esse homem, impetuoso e meigo, fecundo á maneira do sol e, como o sol, arrasador, bem merecia um logar no Pantheon dos Heroes de Carlyle, entre as duas theorias — a dos Poetas e a dos Sacerdotes, porque participava da natureza de ambos; era o vate. Escuro, se não era a noite, tambem não era a manhã: era o diluculo, annuncio da madrugada, divindade intermedia, symbolo da transição da treva para o esplendor, preludio d'alva.

No seu coração casavam-se os dois cantos: o do rouxinol dos luares e o da cotovia das alvoradas. Era o contemplativo e o revolucionario, o melancolico e o violento, o carinhoso e o indomito.

Concentrando o soffrimento e a revolta de toda uma raça, foi a força que se insurgiu contra a oppressão.

Nasceu humilde, não tinha historia — viera do

Nada, como o universo. Formou-se, vós o dissestes: "no obscuro commercio de uma quitanda e na tranquillidade beata de uma egreja de provincia".

Veiu trazido pela predestinação, essa vontade divina, e pobre, desconhecido, marcado com o estigma de Cham, entrou sorrateiramente na sociedade como um fio d'agua subtil que se insinua por entre pedras, incha, cresce, assoberba-se, faz-se alagadeiro e, por fim, inundação.

Quem poderia imaginar que naquelle infante modesto, submisso, de olhos deslumbrados estava o colosso de fogo, o Melkart irradiante que havia de fundir as algemas dos escravos ao calor do seu genio e alumiar a Patria no caminho da liberdade?

A Historia da sua campanha — cruzada feita com o Evangelho e com a clava — não cabe nas linhas apertadas de uma referencia, nem eu venho falar do Heroe, mas do homem — quero mostrar-vos o que havia de humano, as fragilidades, naquelle ser estupendo em que se alliavam a misericordia de Deus e a revolta de Satan. Patrocinio era um poeta e toda a sua obra pode chamar-se a Epopéa do amor: foi um Canto.

Patrocinio: o tribuno.
Um episodio com Silva Jardim.

Quem o viu na tribuna guarda, por certo, na lembrança a sua extranha figura semi-barbara, quasi grotesca. Não era um orador de escola, disciplinado e elegante: era um impeto. A sua palavra não tinha melodia — era silvo ou rugido; o seu gesto era desmantelado, o seu olhar despedia faúlhas. Avançava, recuava, agachava-se, gingava, retrahia-se, despejava-se, ficava nas pontas dos pés, arremangado, com a gola do casaco tão su-

bida que, ás vezes, parecia um capuz de monge; o collete sungado deixava espoucar a camisa — era um desmantelo tragico de tormenta.

Havia nelle dormencias como nos oceanos "dias inertes", nem um encrespar de vaga, nem um halito de briza — immobilidade.

Bastava, porém, uma lufada de colera ou uma cansada aza branca passando iterativa, no indeciso ir e vir de quem se sente perdido, para que a paixão o revolvesse ou a piedade o despertasse. Foi em um d'esses dias languidos que se deu o encontro entre o gigante e Silva Jardim, que então andava na propaganda temeraria, aproveitando o abalo que a abolição produzira no edificio do imperio para o fazer ruir.

Encontraram-se os dois apostolos no theatro Lucinda.

O discurso de Silva Jardim foi uma objurgatoria violenta contra José do Patrocinio, "captivo de um beijo com que a princeza ameigara o filho..." E o que houve de accusações, de doestos, de invectivas e de apodos nesse discurso !

O theatro regorgitava, e o povo, sempre vario, bandeara-se para o orador, vendo a attitude molle, quasi humilde, do jornalista, que se encantoara em um camarote, entre um grupo de amigos.

Quando foi o momento da resposta, Patrocinio começou em tom flebil, timido, mastigando as palavras, relanceando com o olhar apagado, o auditorio fremente. Não era o tribuno fogoso dos grandes dias, mas um vencido que se rendia de rastos aos pés do adversario.

Paula Ney, que era um dos pares fieis do campeador, eriçou-se e, indignado, rompendo a multidão apinhada, disse com ascuas de odio nas pupillas, brandindo energicamente a bengala: "Vou

espicaçar o monstro com um dardo de injuria. Isto aqui não é a Biblia em que David, com uma funda e uma pedra, vence o gigante Golias. Esperem a volta". E desappareceu.

Patrocinio proseguiu moroso, pallido, sem alma. De repente, como uma flexa zunindo, esfuziou um aparte das torrinhas e foi direito ao brio do tribuno. Patrocinio bambeou, tremeu; accenderam-se-lhe os olhos, as narinas entraram a aflar soffregamente como se farejassem com raiva, o seu corpo poz-se a oscillar como zimbrando em mareta e o gigante reappareceu formidando, o Verbo explodiu como raios d'uma nuvem negra carregada de procella.

Oh ! esse discurso, o appello á voz anonyma, á voz covarde, ao silvo da vibora e, por fim, a resposta esmagadora a Silva Jardim, a rehabilitação do caracter pela gratidão do patriota e pelo amor de pae.

O povo ergueu-se e, as mesmas vozes que, minutos antes, o haviam apupado, acclamaram-no com delirio. A derrota mudou-se em triumpho e foi por entre alas que atroavam applausos, atravez de uma ovação estupenda que Patrocinio deixou o theatro onde estivera tão compromettida a reputação da sua eloquencia arrebatadora.

Chegando á "Gazeta da Tarde" atirou-se ao sofá, exhausto, mas, não podendo sopitar o odio que nelle refervia, ergueu-se de punhos fechados, silvando por entre dentes: "Ah ! não saber eu quem foi o patife que me atirou aquelle desaforo !..."

— Foi este seu creado, — accusou Ney, avançando.

— Tu !

— Eu ! Querias que assistisse indifferente á tua

derrota! Os amigos mostram-se nas occasiões. Estavas dormindo... Se fosses um simples mortal eu sacudia-te pelas orelhas, mas tratando-se de ti, vibrei um raio. Só com raios se podem despertar titans. E então, hein! Piquei-te, viste o perigo... e que victoria!

E rimos. Eramos assim nesse tempo.

A Morte do Lidador.

Fui vel-o quando regressei de Campinas. Estava na estação da Piedade... a Piedade, termo de uma jornada fulgurante.

Deixando o trem metti-me por uma estrada cheia de sulcos de carros e de covas que eram atascaes. A um lado, alta, escalavrada, a barranca sanguinea eriçada de matto, com cercas de espinhaes em flor defendendo pomares; em frente, casario roceiro, com alpendrada e poiaes, argolões em esteios, mastros com bandeirolas.

A manhã luminosa estava cheia de aves e de borboletas. Era domingo. Um sino alegre repicava na egreja da collina. Pela estrada desciam récuas em chouto sacolejando ceirões e côfos. Eu procurava alguem que me informasse, quando um crioulinho rompeu das silvas, aos pulos, recuando, na faina de empinar um papagaio rebelde. Chamei-o, perguntei por Patrocinio. O pequeno lançou-me um olhar ligeiro, e, sempre aos pinotes, indagou: "É aquelle do balão? É alli."

Atirou o braço num gesto vivo, indicando-me vagamente uma direcção e, sem mais, lá se foi aos saltos, aos safanões á linha, tirando o papagaio que rebolava, ás guinadas, no ar azul.

Segui e, como fosse olhando attentamente, descobri ao alto da barranca dois pequenitos que

brincavam á sombra d'uma laranjeira e, em um d'elles, reconheci o filho mais novo do tribuno.

Subi os lizos e resvalados degraus cavados na terra, passei a cancella, entrei no aclive do jardim resequido e, annunciado pelo pequenito, minutos depois era recebido na casa hospitaleira.

Não descreverei a modestia — era um agasalho de pobreza asseiada.

A senhora do jornalista quasi pasmou de ver-me e, como eu perguntasse pelo enfermo, teve um gesto desalentado dizendo apenas:

— Entre.

Entrámos.

Em um quarto, alumiado por uma janella, onde mal cabiam uma cama de solteiro, um lavatorio e duas cadeiras, jazia o pelejador da campanha magnifica.

Magro, esqueletico, com os olhos encovados no fundo das orbitas, a fronte vasta, escalvada, de uma côr baça de bronze empoeirado, a bocca reentrante á falta de dentes, sem voz, meio encolhido na enxerga, as pernas cobertas por um chale azul, Patrocinio sorria e chorava, estendendo-me os braços que eram ossos envoltos em pelle cinerea.

Sobre o lavatorio estava um velho prato com um resto de mingáu, ás moscas; aos pés da cama, pelos travesseiros, no chão, os jornaes do dia, todos. Na parede um Christo morto.

Não houve palavras. Fitamo-nos e eu o vi atravez de uma nevoa... depois...

Os passarinhos cantavam nas arvores em flor e o sol entrava quente e rutilo pela janella aberta. Dia lindo ! E elle soluçou: — "Meu amigo !" Que respondi ? não sei. Conversamos. Elle não teve uma queixa. Mettendo a mão sob o travesseiro

para tirar o lenço fez cahir uma tira de papel escripta a lapis. Pediu-m'a sorrindo:

— E' o meu artigo. Escrevo-os aqui na cama, a lapis. Quando me faltam forças dicto á minha mulher. A lapis, hein ? Mas deixemos de tristezas. Falemos do passado, e falamos... Oh ! o passado... o passado d'aquelle homem, um dos grandes heroes da minha Patria... a sua historia que é a de toda uma época, a sua campanha, o seu canto triumphal !...

Onde estava o povo que o levantára nos braços e o acclamara em delirio no grande dia ? Onde estava a immensa legião negra que elle arrancara das senzalas — corpos que elle soltara na liberdade, almas que elle alumiara, corações que franqueara ao amor, espiritos que desentenebrecera ?

Onde estavam os escravos de hontem ? E a Patria ? a doce Patria que elle tanto ennobrecera, o seu culto, o seu orgulho, o seu enthusiasmo, o seu amor ? E os que elle havia soccorrido ? e os que elle havia encantado com as suas paginas fulgurantes ? Todos aquelles que subiam as escadas do seu jornal com louvaminhas e flores, os que se inclinavam zumbridos á sua passagem, os que lhe pediam soccorro, que elle nunca negou ? Onde estavam ?

Lá fóra as cigarras vividas faziam um chilreio jocundo, pombos batiam as azas e o sino festivo enchia o ar de sons.

— Em que pensas ?

— Eu ?

— Sabes ? isto ha de passar. Só peço a Deus mais um anno. Viste o balão ? Está quasi prompto. Mais um anno e... adeus terra ! Lá vae o Zé do Pato... Lá vae ! Lá vae ! E eu pelas nuvens além, perdendo-me no ether, longe, longe,

respirando o ar de Deus, o grande ar virgem da altura.

Meneou a cabeça com desanimo.

Uma rapariguita entrou com uma carta, deu-lhe. Elle rasgou nervosamente o involucro, abriu-a; franziu o sobrolho, notei que a mão lhe tremia. Escondeu o papel e, com os olhos turbados de tristeza fitos no céo, que era todo alegria, repetiu com uma voz que se perdia em angustia: Lá longe !...

E foi ! Foi, não levado pelo seu vehiculo, mas pela Morte, quando ainda raspava o craneo com os ossos dos dedos para arrancar as ultimas migalhas.

Morreu como vivera: defendendo os fracos, batendo-se pela Piedade.

EUCLYDES DA CUNHA (*)

(18 de Dezembro de 1906)

SUCCESSOR DE VALENTIM MAGALHÃES (**)

A Historia.

Não temos ainda uma historia. Não aventuro um paradoxo. Temos annaes, como os chinezes. Á nossa historia, reduzida aos multiplos successos da existencia politico-administrativa, falta inteiramente a pintura suggestiva dos homens e das cousas, ou os travamentos de relações e costumes que

---

(*) 1866-1909. Geographo e historiador. Publicista notavel.

(**) 1859-1903. Poeta, critico literario, romancista e dramaturgo.

são a imprimidura indispensavel ao dezenho dos acontecimentos. Está como a da França antes de Thiérry. Não lhe escasseiam factos, episodios empolgantes e alguns actores esculpturaes que embalem o nosso orgulho .

Mas o seu discurso é obscuro -- e desdobra-se tão mecanicamente e sobremaneira monotono que nos não permitte ouvir, atravez do estylo incolor dos que a escreveram, a longinqua voz de um passado que entre nós falou tres linguas. É talvez certa, torturantemente certa, no fixar não sei quantas datas e logares, ou compridos nomes de bispos e governadores, mas fala-nos tanto da alma brasileira como a topographia nos fala das paizagens. Lendo-a e relendo-a, acode-me sempre o pensamento de Macaulay no demarcar nesta esphera literaria um dominio commum da phantasia e da razão, destinada aos eleitos que sejam ao mesmo passo philosophos e poetas; — porque se tivemos um Porto Seguro e um Roberto Southey para relacionarem causas e effeitos e respigarem nos velhos acontecimentos algumas regras de sabedoria politica, certo ainda não tivemos um Domingos Sarmiento ou um Herculano que nos abreviasse a distancia do passado e, num evocar suprehendente, trouxesse aos nossos dias os nossos maiores com os seus caracteres dominantes, fazendo-nos compartir um pouco as suas existencias immortaes...

Valentim Magalhães.

Faltou sem duvida a Valentim Magalhães essa concentração intellectual que é o segredo dos genios e dos mediocres: um espirito a dobrar-se, a revirar-se desesperadoramente, em alguns pensa-

mentos exclusivos e impassivel aos reagentes da vida exterior. Para esses a amplitude das idéas, como a das espiraes, explica-se por um giro indefinido em torno de si mesmas. Os seus cerebros deveriam circumvoluir em caracol. São os eternos distrahidos, ou abstractos, vivendo fóra da preoccupação que os escravisa, ou da inspecção em que se isolam, com um automatismo de somnambulos. Nas conjunturas mais oppostas, entre os ruidos e as luzes de um salão de baile, ou num funeral, lá lhes está girando e regirando, torcendo-se e destorcendo-se a idéa absorvente, conservada por esta mysteriosa consciente obscura, que vela perpetuamente nas profundezas do nosso espirito, e á luz da qual — sem que o queiramos, sem que o entendamos, sem que o expliquemos — se filiam as mais altas concepções aos mais fugitivos e inapreciaveis incidentes. Então comprehende-se que do cahir de um fructo apodrecido elles passem, de um salto no infinito, para a quéda perpetua dos mundos; ou que das oscillações quasi imperceptiveis da lampada suspensa de uma cathedral, entrevistas num extasis religioso, induzam, de improviso, as leis mechanicas do isochronismo do pendulo. Na ordem esthetica recorde-se a horrivel anecdota de Talma: a soluçar, num desespero, agarrado ao cadaver do filho, e estacando de subito, ao ouvir pela primeira vez a voz interior e profunda de uma dôr verdadeira, que era a sua propria dôr, e estudando-a friamente, para a reproduzir, dias depois, intacta, no palco, deante dos espectadores assombrados; ou a pertinacia sobrehumana de Flaubert, atravessando decennios a versar, a volver, a revolver, a corrigir, a mondar, e a remondar um assumpto unico, interminavel...

Valentim Magalhães foi o avesso d'esses homens.

Repitamos: as condições do meio e o seu temperamento arrastaram-no demais para o mundo exterior e para a sua indescriptivel instabilidade. Elle entregou-se de corpo e alma ao turbilhão sonoro e fulgurante da existencia.

SYLVIO ROMERO (*)

RESPOSTA A EUCLYDES DA CUNHA

Dois decennios de vida nacional.

Os decennios que vão de 1868 a 1888 são os mais notaveis de quantos no seculo XIX constituiram a nossa labuta espiritual. Quem não viveu nesse tempo não conhece por ter sentido directamente em si as mais fundas commoções da alma nacional.

Até 1868 o catholicismo reinante não tinha soffrido nestas plagas o mais leve abalo; a philosophia espiritualista, catholica e ecclectica a mais insignificante opposição; a autoridade das instituições monarchicas o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionaes do aristocratismo pratico dos grandes proprietarios a mais indirecta opugnação; o romantismo, com seus doces, enganosos e encantadores scismares, a mais apagada desavença reactora. Tudo tinha adormecido á sombra do manto do principe illustre que havia acabado com o caudilhismo nas provincias e na America do Sul e preparado a engrenagem da peça politica de

---

(*) 1851-1914. Philosopho, poeta, critico e historiador. Erudito.

centralização mais cohesa que já uma vez houve na historia em um grande paiz.

De repente, por um movimento subterraneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as cousas se mostrou e o sophisma do imperio appareceu em toda a sua nudez. A guerra do Paraguay estava a mostrar a todas as vistas os immensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociaes, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos captivos se agita e logo após é seguida da questão religiosa; tudo se põe em discussão: o apparelho sophistico das eleições, o systema de arroxo das instituições policiaes e da magistratura e innumeros problemas economicos; o partido liberal, expellido do poder, commove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programma de extrema democracia, quasi um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada faria parar.

Na politica é um mundo inteiro que vacilla. Nas regiões do pensamento theorico o travejamento da peleja foi ainda mais formidavel, porque o atrazo era horroroso.

Um bando de idéas novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte. Hoje, depois de mais de trinta annos, hoje, que são ellas correntes e andam por todas as cabeças, não têm mais o sabor da novidade, nem lembram mais as feridas que, para as espalhar, soffremos os combatentes do grande decennio. Positivismo, evolucionismo, scientifismo, na poesia e no romance, "folk-lore", novos processos de critica e de historia literaria, transformação da intuição do direito e da politica, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da escola do Recife.

O que ainda não fizemos.
O que devemos fazer.

Dizia-me, não ha muito, um intelligente viajante extrangeiro: — Vós, brasileiros, entrastes agora numa grande febre de melhoramentos nesta cidade e creio que noutras pelo paiz em fóra. — Sim, é facto.

Mas, obtemperou, tendes tido a idéa de iniciar a colonização e povoamento nas admiraveis terras do Rio Branco, reserva providente, que será a unica base que tereis para manter a posse do valle amazonico ? — Não.

Tendes tido o cuidado de systematizar os trabalhos dos seringaes, vedando o estrago das plantas e, principalmente, tendes procurado prender alli em pontos varios a população ao sólo, pela agricultura e industrias estaveis ? — Não.

Tendes providenciado para que nasça nas vossas extensissimas zonas pastoris, desde o norte até as fronteiras do Rio Grande, a excellente industria da creação em todas as suas multiplas variedades ? — Não.

Tendes, com o systema das barragens romanas, corrigido as condições do solo do vosso paiz na famosa região das seccas ? — Não.

Haveis cogitado do renascimento da industria do assucar, fonte outr'ora da vossa riqueza, e que, por cuidados especiaes, pode levar de vencida a beterraba, attenta a superioridade incalculavel da canna ? — Não.

E o da magnifica industria da mineração, noutro tempo tão florescente ? — Não.

E haveis, sem duvida, vos preoccupado com o florescimento das culturas do algodão brasileiro, que não tem superior no mundo, e, particularmente,

com a do tabaco, que rivalisa com o de Cuba? — Não.

Com certeza, porém, tendes attendido com peculiar carinho á producção de cereaes nas regiões aptas do norte e sul, para que não andeis a comprar fóra os meios de subsistencia? — Não.

Sem a menor duvida, andaes preoccupados com os meios praticos do povoamento da terra, aproveitando o que se pode chamar a "colonização nacional", attrahindo para o trabalho rural as populações desherdadas, esses esforçados cearenses, por exemplo, fazendo-lhes concessões, dando-lhes terras, meios de trabalho? — Não.

Haveis em compensação, envidado herculeos esforços para a diffusão cuidadosa dos colonos extrangeiros por todas as boas zonas brasileiras, no intuito de ir reforçando as gentes existentes? — Não.

E, nomeadamente, estaes preparando a assimilação dos nucleos germanicos que subsistem integros em vossas terras? — Não.

Mas não vos deve, por certo, ter escapado a necessidade urgentissima de articular o paiz com vias ferreas de norte a sul e de leste a oeste, vias ferreas que levam sempre comsigo o povoamento do paiz, sem falar nas estradas vicinaes? — Não.

Afinal, porém, haveis acabado com os velhos abusos, com a famosa molleza do meridional, e estaes, por uma educação rija, segura, forte, adequada, transformando o caracter nacional e preparando-o, pela disposição de coragem, espirito de progresso, de actividade, de iniciativa, de ardor pelo trabalho productivo, para dispensar os habitos communarios, a tutella do Estado e outros achaques latinos, que têm sido a praga de nossas gentes? — Não.

Então, meu caro senhor, não tendes feito nada. Tendes sido apenas o joguete do capital extrangeiro, sofrego por emprego a bom juro, e de certas corporações ou individuos, postos por elle a seu serviço, e que precisavam de apanhar grossas sommas numa especie de novo encilhamento... Não consta, que, em todo correr da historia de mais de dez mil annos, alargamentos de ruas e aberturas de avenidas numa cidade qualquer, mero luxo a que as nações se entregam quando, cansadas de riqueza, entram a caducar, tivessem sido meio de solver os fundos males sociaes, as gravissimas inquietações de um povo!

Despediu-se, e deixou-me triste.

ALMIRANTE JACEGUAY (*)

(9 de Novembro de 1907)

SUCCESSOR DE TEIXEIRA DE MELLO (**)

De aspirante a almirante.

A escada pela qual me elevei de aspirante a almirante foi ingreme e accidentada como uma enxarcia já rota depois do combate, agitada pela furia das ondas e açoitada pelo furacão. A mesma rapidez da minha ascenção obrigava-me a esforços desmedidos para firmar-me em cada degrau galgado, onde a minha pequena individualidade ficava em evidencia crescente. Já para o aspirante, dispu-

---

(*) 1843-1914. Historiador naval. Grande figura da Marinha Brasileira.

(**) 1833-1907. Poeta e historiador. Director da Bibliotheca Nacional.

tando um logar de honra em sua classe entre collegas talentosos, alguns d'elles reunindo, aos dotes intellectuaes superiores, melhor preparo educativo, para a iniciação nas devezas abstrusas das sciencias, começou a labuta insana — do afinco para vencer as difficuldades d'aquelle amontoado de disciplinas antes mencionado.

Depois, em cada posto da hierarchia, couberamme sempre as funcções mais arduas e difficeis que lhe podiam corresponder segundo os regulamentos vigentes.

No primeiro posto de official de patente, o de segundo tenente, foi-me logo commettido um duplo magisterio no quarto anno do curso da Escola Naval de então, em viagem de instrucção, de longo curso. Primeiro tenente, dos mais modernos, fui distinguido pela confiança do bravo Almirante Visconde de Tamandaré, designando-me para seu secretario e ajudante de ordens no commando em chefe da esquadra destinada a operar contra o Paraguay. Joven capitão-tenente e capitão de fragata comecei a sentir o cravo das responsabilidades no commando dos principaes navios da Armada, na guerra e no mar. Capitão de mar e guerra, poucos mezes depois de completar 26 annos de edade, tocou-me o commando activissimo do maior vaso de guerra da Armada em viagens de longo curso e cruzeiros de instrucção para guardas-marinha e aspirantes. Ainda capitão de mar e guerra e era-me confiada uma divisão de pequenos navios para conduzil-a ao Prata e alli assumir a chefia da nossa estação naval. Nesse mesmo posto, de capitão de mar e guerra (aquelle que, depois do de guarda-marinha, é o que deixa mais saudades no official encanecido no serviço), nomeado addido naval ás nossas legações junto aos governos de

todas as nações maritimas da Europa, onde mais tarde incidiu sobre mim a incumbencia de dirigir o armamento e exercer o commando de um dos maiores couraçados d'aquella época, o "Independencia", vendido, depois de acabado, ao governo inglez então ameaçado de rompimento com outra grande potencia do velho mundo.

Nessa carreira, de vinte annos de duros trabalhos e espinhosos encargos, promovido ao primeiro posto de official general da Armada, cada um de meus accessos fôra um novo estagio de obrigações que se me attribuia para com o paiz, para com a marinha e para commigo mesmo. D'essas obrigações eu não podia desempenhar-me por outro meio a não ser por um zelo illimitado ao serviço e por uma applicação indefessa ao estudo dos conhecimentos variados, e cada dia mais complexos, que me impunham não só a rapidez dos meus accessos, como as transformações que se operavam incessantemente em todos os instrumentos da profissão naval. Nem sequer me era dado dedicar-me a uma especialidade da minha predilecção, sob pena de deixar de ser um official de marinha, na accepção lata do termo, para contentar-me com um titulo de especialista. Por este registro, extrahido da minha fé de officio, podereis formar idéa justa da massa e variedade de conhecimentos, de natureza positiva, uns, outros meramente doutrinaes, mas que tambem se adornam e se complicam com theorias scientificas, que eu tive de abordar no tirocinio da minha profissão. Este extracto por outro lado servirá para mostrar a impossibilidade em que me achei, nos diversos periodos de minha vida, de dedicar-me ao cultivo aturado das letras.

AFFONSO ARINOS

RESPOSTA AO ALMIRANTE JACEGUAY

Uma pagina de Xenophonte.

Tomemos o mais antigo dos diarios militares conhecido, cujo autor é o mesmo commandante da expedição que descreve.

No ponto de vista militar é ainda um modelo, no dizer do seu traductor, aos generaes e officiaes de todas as eras, quaesquer que sejam as mudanças sobrevindas na tactica; literariamente é a memoria onde o autor deixa falar os acontecimentos sem visar a effeito, dá a cada personagem vida, movimento, interesse; apresenta-se-nos tal qual é, sem orgulho nem falsa modestia, contando com perfeita naturalidade o que fez, não cuidando de tomar na narração nem mais nem menos logar do que teve na expedição, falando de si mesmo na terceira pessoa e com tanta simplicidade e indifferença como se de outrem tratara.

Acode-nos a proposito o tão famoso episodio d'aquelle capitulo em que a tropa, tendo atravessado a cidade de Gymnias, cujo archonte lhe forneceu um guia para, sob pena de morte, leval-a em cinco dias ao Monte Sagrado — executa a ultima das 215 marchas, nas quaes venceu os 5.800 kilometros do seu percurso por terra inimiga combatendo sem cessar. Eil-a que entesta com a famosa montanha ao cabo do quinto dia. Momentos depois um alarido selvagem atrôa os ares. É de certo a vanguarda assaltada pelo inimigo. A cavallaria, abalada após o chefe, perlonga o flanco da columna em marcha para levar soccorro aos

camaradas da frente. Mas a grita cresce. Infantes, cavalleiros, retaguarda, trem de equipagens, tudo se reune no alto — e um clamor gigantesco enche a multidão: "O mar ! O mar !" Então atiram-se uns aos outros: os soldados saltam aos pescoços dos capitães e generaes, beijando-os com os olhos arrasados de lagrimas. E, sem que ninguem soubesse como, nem por ordem de quem, surgiu de repente um monumento tosco, feito de pedrouços e escudos despedaçados, para guardar a memoria d'aquella data.

Na alegria com que vos recebe este gremio, Almirante, ha alguma cousa do enthusiasmo dos gregos de Xenophonte, — hoplitas, peltastas, cavalleiros, — quando ao vingarem o Teches, descortinaram o mar. E eu não faço aqui outra cousa senão, como aquelles soldados, ajuntar as pedras do monte e cobril-as de escudos rotos, para erguer um padrão que commemore a entrada da Marinha Nacional no primeiro gremio literario do paiz.

O mar.

O mar ! Elle representava para os Gregos, como para todos os homens civilizados, um dos sentimentos em que fostes buscar, Almirante, o motivo de vossa admissão na Academia — o da Patria. Era-lhes a imagem d'ella quando, a seus olhares nostalgicos de filhos offegantes da ancia de revel-a, aflorou na amplidão azulada o que o seu poeta chamava "o sorrizo infinito das ondas". Bem sentimos, bem comprehendemos a crepitosa alegria d'aquelle bando exul de praieiros, habituados á vastidão e ao frescor da planura marinha, quando, depois de tresmalhados por mais de um anno, lograram escapar ao ambito estreito de um conti-

nente hostil, por onde erravam marrando com os cerros e os penhascos. Bem comprehendemos, bem sentimos aquelles gritos de exultação quando se deparou á columna pugnaz dos quasi prisioneiros dos barbaros o caminho da patria no esteiro das naves lobrigadas ao frol das aguas e no vôo das gaivotas, aladas umas e outras, evocando-lhes ao vivo imagens longo tempo afagadas e accenando-lhes com esperanças ha tanto acalentadas em vão.

Este não era de certo aquelle mar nevoento dos poemas de "Osshan", onde os Elfos, vestidos de trevas, derramam a traição e a morte; nem aquelle cujo terror fechou por millenios as nossas plagas ao convivio da Europa Occidental; foi, sim, aquelle onde a arte, planta nativa, medrou e desentranhou-se em flores, como nos lagos dos nossos jardins medraram e florescem os nenuphares.

O seu poder magico, nós o estamos sentindo agora, sentiu-o o homem sempre, porque o mar, na sua amplitude e na sua mobilidade, é a mais larga e potente expressão da eterna e incessante aspiração humana para a liberdade. Sendo elle, com effeito, a mais vasta porção da superficie da terra, é tambem a que nunca poude, nem poderá ser dominada, nem possuida por nenhuma agglomeração humana. E assim condemnado pela natureza a uma neutralidade perpetua, estrada sempre livre e sempre grande, elle concretiza a idéa de logradouro commum de todas as raças, o ideal nunca attingido, mas nunca esquecido, da solidariedade humana.

O Brasil e a Cruz.

A legenda tem os seus symbolos inconscientes. Não será um d'estes a festa popular de Santa

Cruz ? Em nenhum outro paiz do mundo a temos visto como entre nós. Por isso, consideramol-a a festa nacional da fundação do Brasil, alliada pelo povo ao culto do symbolo que sagrou a descoberta, a conquista do nosso territorio e presidiu á nossa civilização.

Em cada crista de monte, em cada chã de morro que domine um povoado, lá está plantada a cruz, abrindo os negros braços batidos de sol, lavados de chuva, lascados não raro pelo raio e sacudidos pela ventania. O viajor a divisa de longe, accenando-lhe, com o descanso no povoado. Outras surgem nas curvas da estrada, nos barrancos, nas encruzilhadas, marcando o trespasse de um caminhante; estas têm como sóco um monte de pedras soltas e cada pedra assignala uma prece que o passageiro eleva a Deus por alma do finado. É a caridade tocante do pobre a seu irmão desconhecido.

A 3 de Maio, desde os cruzeiros grandes, obras custosas de carpintaria, em cujo madeiro estão gravados os instrumentos da paixão e em cujo cimo o gallo gira ao sopro do vento, até as cruzinhas de pau roliço, tremulas na sua cova, desconjuntadas, comidas de cupim — todas as cruzes das serras, das collinas, das estradas, dos adros das egrejas — todas amanhecem coroadas de grinaldas de flores. Nas vesperas, cada trilho de encosta, cada estrada carreira, cada vereda de gado, conduz bandos de mulheres com os braços atulhados de ramagens e de flores.

É de certo por força do symbolo que nas travessias do Atlantico, quando a quilha vem rasgando serenamente as ondas em demanda das terras do sul, tantas vezes, na approximação da linha, nós Brasileiros abandonavamos os serões de

musica e nos precipitavamos sobre a amurada, para contemplarmos ao longe, erguida sobre a massa escura do oceano, a constellação do Cruzeiro.

Outras vezes, no coração d'este continente, quando, em rancho aberto, estirado num couro, repousava das fadigas da jornada, noite a dentro, vagando os olhos insomnes pelo espaço, aconteceu-me pensar que todos aquelles seixos dos pés das cruzes — preces ferventes dos desconhecidos — crystallizavam-se nos mil pontinhos luminosos do Cruzeiro e vinham estender sobre os milhões de pallio ethereo, a suprema caricia de uma benção.

AUGUSTO DE LIMA (*)

(5 de Dezembro de 1907)

SUCCESSOR DE URBANO DUARTE (**)

A lingua portugueza: seu destino no Brasil.

Não se duvida ter a nossa lingua capacidade para abranger o pensamento humano em todas as suas energias e gradações e a civilização em todas as suas faces. O elasterio e a plasticidade da sua fórma, capaz de adaptar-se a qualquer assumpto; a riqueza e a variedade do seu vocabulario, para representar todos os objectos e idéas; a sonoridade da sua phonia, éco musical dos diversos aspectos da natureza; o seu valor, ao mesmo tempo

(*) N. em 1859 Poeta. Antigo magistrado e professor de Direito. Deputado federal.

(**) 1855-1902. Folhetinista e dramaturgo. Humorista. Official do Exercito.

symbolico e material das cousas que exprime; a regidez lapidaria, que por vezes manifesta, como reminiscencia perpetua da lingua latina, são qualidades que lhe devem assegurar um logar permanente na cultura universal.

Com ella se erigiu o poema dos "Lusiadas", e material de que se faz tal obra de arte está á prova de seculos e de fronteiras.

Não será difficil continuar o que já vem de tão longe, principalmente quando a esse thesouro original montam guarda legionarios cada vez mais numerosos dos que falam o idioma de Camões. E que melhores chefes de taes legiões, do que aquelles que provam dando-lhe os reflexos da civilização moderna numa patria nova, que esse idioma, superior ao tempo, não se amesquinha nem degenera nas extensões que o genio lusitano devassou sob o cruzeiro do sul ?

O riso e a lagrima.

Todos podem chorar e nada é tão vulgar como a lagrima, que é o derivativo da dor, partilha dos seres animados; mas só podem rir os individuos que progridem para um gráu superior.

As lagrimas correm todas ao estuario da morte, extremo conforto, mas tambem horror dos fracos. O riso não ! Superpondo-se á derrocada do organismo, zomba serenamente da morte, encarando-a como um simples accidente, ou riso mystico nos labios dos martyres christãos, ou riso estoico na face pallida dos que acreditam na supervivencia da virtude, ou riso philosophico, apenas denunciado no olhar dos que consideram a vida como um élo ou transição na cadeia das transformações

terrestres. É que elle anesthesia todos os soffrimentos.

O riso partilhou, nos seculos do maior despotismo, o sceptro da realeza, quando os bobos da côrte esmagavam a fidalguia insolente, tendo o supremo privilegio, vedado á propria corôa, das indiscripções, que devassam, e dos sarcasmos, que fulminam.

Que vale toda a grandeza de Luiz XIV na sua esplendorosa Versailles, em face da risada de Moliére, cujo reinado ainda continúa em plena republica do espirito humano, e cujo brilho sempre vivo mantém a côrte da admiração universal ?

Nascido nas mesmas fontes psychologicas da dôr, o riso lhe é superior, porque, atravez das contracções musculares, que lhes são communs, não geme, não supplica, não se humilha: julga, sentencia, condemna e... quasi sempre perdoa.

É nesta ultima funcção, principalmente, que elle se eleva até á ironia, supremo gráu d'essa sensibilidade exquisita que só reside nesse que chamamos — "um homem de espirito". Terrivel soberania é esta, que não raro recebe a uncção em cabeças conformadas para a corôa de espinhos, mas que ella, a ironia, converte, ainda bem ! nos da satira e do epigramma.

Retorsão dos fracos contra os fortes, ella responde á insolencia dos poderosos de hoje com a interrogação do — "amanhã ?" que para estes é quasi sempre uma ameaça e para aquelles é talvez uma esperança.

É a victoria dos vencidos da vida contra os desprezos da villania de bastão, que as forças momentaneas do successo fortuito guindam ás eminencias.

Nada eguala ao sorriso triumphante de Cyrano, quando olha ironicamente para a morte, tendo a

fronte ungida do beijo supremo de Roxana, que é tambem o supremo pennacho de todos os Cyranos que agonizam, depois dos successos que elles emprestam aos pobres de espirito, formosos de nariz pequeno. Creio que o riso é a balisa inferior e a ironia a superior da natureza humana. Não riem as bestas, nem chegam a sorrir os deuses. A formação embrionaria do riso é uma contracção espasmodica, uma convulsão de caracter benigno: a evolução superior do sorriso será a serenidade divina.

O humorismo da Morte.
A agonia de Urbano Duarte.

Perguntaram um dia a Carlin que genero de morte preferia morrer, e elle respondeu que lhe seria grato morrer de rir.

Sem que lh'o approvasse, foi Moliére ferido de mortal molestia durante a representação do seu "Malade Imaginaire".

Urbano Duarte, sem o desejo de Carlin e sem a surpresa de Moliére, veiu a apagar-se (ironia das cousas !) no meio dos esplendores e do estrondo das folias do Carnaval.

O infausto registro, lançado com tinta macabra, tem a data de 10 de fevereiro de 1902.

Eu imagino, senhores, (e que phisiologista m'o poderá contestar ?) que no estado proximo da agonia, com a obliteração dos registros mais recentes da memoria pela destruição das cellulas correspondentes, ficam a descoberto as impressões mais antigas, ainda não attingidas do mal.

Estas, embora quasi apagadas, formam como um diluculo dos primeiros dias da existencia, vislumbrando paizagens e cousas que nos foram familiares nos annos da infancia. E a esse scenario

se volta a memoria, ouvindo recontar os mesmos contos de fadas e recantar as cantigas já de muito esquecidas.

Dir-se-ia que o moribundo, caminhando para o tumulo, tem a illusão de regressar ao berço, fazendo dos dois pontos invertidos, o de partida e o de chegada, a synthese do seu destino a termo.

— Elle delira, dizem os assistentes, interpretando o devaneio do enfermo, cujas phrases, sem nexo para elles, são reconstrucções fragmentarias, esboços de recapitulações rapidas, que a febre ainda mais precipita na imminencia da partida.

D. Quixote, num placido sorriso illuminado, recobra a razão. — Enlouqueceu, murmura Sancho Pança.

O atheu ou impio abraça nervosamente o crucifixo, signo da sua crença de antanho, em cujo reflexo metallico divisa, quem sabe, a imagem materna, movendo o labio nas singellas preces do berço.

Seria assim tambem que Urbano Duarte, de todo alheiado ao meio actual, e indifferente ás fanfarras da mascarada irreverente e ao delirio das batalhas de flores, teria a sua alma inteiramente voltada, atravéz de um crepusculo cinzento, como deve ser o da memoria que entardece, para as maguadas montanhas longinquas da sua terra e, agonisante, recebia nos beijos reaes da esposa e dos filhos, já naquelle momento viuva e orphãos, a extrema-uncção do imaginario beijo materno, ouvindo a sorrir, e tambem a expirar, a cantilena monotona dos bateeiros de Sincorá...

Ao Carnaval sacrilego ficava um corpo sem vida... e esta foi a sua ultima ironia.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE (*)

RESPOSTA A AUGUSTO DE LIMA

**A mulher na sociedade e na poesia.
A despoetisação do Amor.**

Dia virá em que os costumes e as leis modifiquem a posição da Mulher na sociedade; dia, em que ella possa estar em egualdade de situação deante do homem e em que, portanto, as relações entre os dois sexos não sejam, como frequentemente são, essa lucta de faceirice e graça, mas tambem de parte a parte, lucta de traição, de insidias, de embustes — unicos meios pelos quaes a mulher póde ás vezes reagir contra a iniquidade das leis actuaes que lhe attribuem uma posição inferior, quando ella devia ficar a nosso lado, com eguaes deveres, com eguaes direitos. . . . .

O Amor será sempre para a Especie uma necessidade tão imperiosa como a alimentação para o Individuo; mas deixará, quando se regular, clara, simples, francamente, — deixará de ser o assumpto poetico; exclusiva preoccupação, como já foi...

Em vez do egoismo a dois, em vez d'esse delirio de posse reciproca de duas creaturas, em vez do que têm asseverado os poetas, garantindo que o amor justifica tudo, mesmo os peores crimes que, desde que se chamam "passionaes", apparecem como perdoaveis, lembrar-nos-emos que é preciso estender o circulo da solidariedade humana, mais, cada vez mais. . . . .

(*) N. em 1867. Romancista, poeta, critico literario, jornalista notavel. Antigo deputado.

Se os factos se desenrolarem, como eu penso, nada haverá que não seja a norma corrente: a evolução das emoções cantadas pela arte acompanhará a evolução das emoções individuaes. Vêde o que interessa ao recemnascido, ao menino, ao adolescente, ao adulto. O primeiro só tem uma preoccupação: alimentar-se. O segundo quer o alimento e o brinquedo. E todo o brinquedo é jogo, e todo jogo é lucta. O terceiro só pensa no amor. E o adulto ? O adulto, que continúa a alimentar-se, a luctar e amar, já não põe normalmente o fim exclusivo da sua vida, se ella é nobre, se ella é digna de ser vivida, naquelle sentimento. A humanidade seguirá a mesma marcha. A Arte de amanhã será bem diversa da de hoje.

O ideal pacifista. Elogio da Preguiça.

Nos logares em que cae neve, a neve que cae em floccos alvissimos ao longo dos caminhos, basta um raio de sol para a fundir, basta um passo de viajante para a transformar em lama. E' o destino, é a imagem dos sonhos rasteiros, que facilmente passam de arminho branquissimo a lodo immundo.

Mas a neve que se fixa no alto dos montes inaccessiveis permanece immaculada. Em vão a aza dos ventos se fatiga a açoital-a; em vão o sol tenta derretel-a.

É como os grandes ideaes — longe da terra, longe do chão, longe do passo dos homens, perto apenas do céo, onde outr'ora moravam deuses e onde hoje mora só o giro majestoso dos astros... Nada macula e dissolve neve tão alta, sonhos tão altos...

Se essa aspiração para a paz fosse apenas uma

aspiração, ainda assim valeria mais do que as realidades grosseiras que se lhe contrapõem...

Não sei, entretanto, se algum malicioso não se lembrará de ir reler a conferencia que fizestes em Bello Horizonte glorificando a Preguiça. Lá dissestes que "a paz universal não é outra cousa senão a preguiça das nações".

Mas mesmo ahi essa designação era elogiosa, porquanto toda a vossa conferencia, graciosa e paradoxal, visava provar que a preguiça era uma virtude. Devia ser, pelo menos aos olhos dos que acreditam que o trabalho foi imposto ao homem como um castigo. Se o trabalho veiu como um mal para privar o homem das delicias de um estado anterior, o que havia nesse estado anterior devia ser um bem, ser uma virtude. O que havia era a preguiça...

Vós lembrastes que o mytho cosmogonico mais corrente entre nós põe a preguiça no extremo cume da escala de perfeição: Deus fez a terra, as plantas, os animaes, o homem, a mulher (e o facto de ter creado a mulher depois do homem é uma presumpção de superioridade para ella) e, por fim não tendo mais o que crear, poz remate á sua obra, creando a preguiça: ao setimo dia descansou...

A vida moderna. O incendio humano.

O que desorienta alguns dos que não comprehendem a vida que os artistas levam, mórmente em nossos dias, é que não acharam no passado a mesma proporção de mistura entre vida social e vida artistica. Depois, os artistas têm em geral a convicção de que, se tivessemos tempo bastante,

poderiam produzir uma obra-prima — a obra-prima com que todos nós sonhamos.

Mas na maior parte dos casos essa convicção, embora profunda, seria apenas uma illusão... Se lhes fosse dado se isolarem do resto do mundo, nem teriam os gosos que este póde dar, nem deixariam o monumento glorioso com que sonham. Seriam vidas estereis.

Ha uma certa belleza neste turbilhão infernal em que vós, meu illustre confrade, e em que todos nós vamos envolvidos, luctando e trabalhando, fazendo obra de cidadãos e obra de artistas, mal descansados da tribuna, do jornal, da cadeira do professor, da curul do juiz e quasi ao mesmo tempo, febrilmente, neste tumulto, neste anceio, nesta caudal vertiginosa pugnando tambem pela arte, pelo ideal, pela nobreza de altas concepções. Ha uma certa belleza... Sentimo-nos viver fortemente; viver vidas bem vividas, em que podemos não ter feito tudo o que desejariamos, mas de que sahimos com a consciencia tranquilla porque entramos em mil batalhas — das mais nobres de todas: as que se ferem sem sangue, nem barbaria.

Dizem que Nero fazia untar de pez figuras humanas e queimava-as como archotes vivos. Vós sois dos que a si mesmos fazem o que fazia Nero: dos que queimam voluntariamente, em um incendio magnifico, por todos os lados ao mesmo tempo. E é de certo mais bello consumir-se assim rapida e deslumbrantemente do que ser uma frouxa, uma tibia, uma incerta luzinha, que se gasta durante muito tempo, que dura, mas dura pequena, timida, bruxoleante... Mais vale a chamma viva que ao menos um momento foi lingua rubra de fogo, desfraldada na noite como uma bandeira de

luz, vibrando, brilhando, queimando erguida para o alto como uma aspiração sublime !

O Poeta e a palmeira.

Certo, achando que a acção não prejudica a arte, achando que o verdadeiro artista é aquelle que faz da propria vida uma obra-prima de emoção e de belleza, não ha negar que o poeta deve ter, que o poeta póde, pelo menos, ter alguma d'essas grandes convicções, que vão de encontro ás convicções, ás crenças, aos sentimentos do meio em que vive — e que nesse caso, contra tudo e contra todos, deve manter a sua orientação. Deve fazer a arte como elle a sente e não como lh'a impõem as conveniencias do momento. Deve guardar o seu ideal acima de todos os ataques que possa soffrer. Não indagar dos applausos ou das censuras alheias. Não transigir e não temer.

Arvore existe que é o typo da belleza no reino vegetal. Todos os poetas, mesmo os que escreveram livros, que foram depois considerados sagrados, mesmo esses a cantaram com enthusiasmo.

Arvore esbelta, senhoril, tendo um typo á parte; bella em meio do tumulto das cidades, bella nos desertos onde as outras não se atrevem a viçar — a graça e a distincção da palmeira são inexcediveis. Onde, porém, reside o seu encanto ? É que ella é o symbolo das almas que não transigem !

As outras arvores, mal o caule lhes brota do chão, estendem logo galhos accessiveis a todas as mãos. Não se furtam aos contactos.

Ella, não ! Ella projecta o seu tronco para o alto, sempre para o alto, em uma recta ousada. Parece querer ir até ao céo. E é bem lá em cima, bem na altura, que abre o seu ramalhete de folhas

verdes e viçosas. Rumoreja, tranquilla por cima dos desertos; tranquilla por cima das cidades, com a mesma serena indifferença.

Arvore, que Salomão cantou, que cantou Gonçalves Dias, ella nos ensina que só devemos viçar e florescer o mais alto que pudermos, o mais longe que alcançarmos subir, firmes no nosso ideal, sem procurar alheios contactos... Ella é o symbolo das almas que não transigem. Ella nos mostra que não é preciso fugir ao rumor das cidades para poder guardar inaccessivel o amor da arte. Ella consola aos que se vêm arrastados no turbilhão, luctando e cantando — luctando como homens de hoje, cantando como sonhadores, alheiados das contingencias do tempo e do meio — porque lhes dá o exemplo de crescer nas ruas das grandes cidades e ahi mesmo, com egual belleza, viçar como viça nos areiaes do Sahara, como viça sobre as ruinas melancolicas das velhas civilizações extinctas... Ella diz aos artistas que, onde quer que estejam e vivam e luctem, podem fazer obra de arte desde que elles saibam erguer bem alto os seus ideaes!

ARTHUR ORLANDO (*)

(28 de Dezembro de 1907)

SUCCESSOR DO BARÃO DE LORETO (**)

A obra dos Missionarios. A epopéa da catechese.

"É uma historia nova, diz Littré, aquella em que

(*) 1858-1916. Philosopho e publicista. Professor de Direito. Antigo deputado.

(**) 1836-1906. Poeta. Conselheiro do Imperio. Deputado, presidente de provincia, e ministro, na monarchia.

os exercitos são monges, os heróes santos, as fortalezas conventos, as victorias conversões."

Encantado por tão resplandecente evocação historica Junqueira Freire deixou a casa paterna na manhã de nove de fevereiro de 1851, e foi internar-se no mosteiro de S. Bento, acreditando ser um convento.

> Sou christão outra vez, sou teu, venceste.
> Quero arrojar-me a dedalos de trevas,
> A dedalos de luz. Precisam homens
> D'esses mysterios que a razão fascinam.
> Ainda que depois se cerre em noite,
> A face de um crepusculo me agrada,
> Templo, abysmo de Deus, abre-me o seio.

Contavam os antigos monges de Saint-Savni que um dos seus confrades, ouvindo cantar um passaro, sentiu que sua alma se desprendia de seu peito para se ir confundir com o canto do passaro e se evolar em ondas de harmonia para o céo. Tambem Junqueira Freire esperava encontrar na vida monacal uma ascenção para o eterno mas a desillusão não se fez esperar:

> Eu tambem antevi dias dourados
>   Nesse dia fatal;
> Eu tambem como tu, sonhei contente
>   Uma ventura egual.
> Illudimo-nos todos ! — Conhecemos
>   Um paraiso eterno;
> E quando nelle soffrego tocamos,
> Achamos um inferno.

Porque ?

No momento em que Junqueira Freire tomou o habito de frade, estava desempenhado o papel finalistico, finda a missão messianica das ordens religiosas no Brasil.

"Infelizes degradados, exclama Frei Francisco de S. Carlos, que ficastes chorando nas praias de Santa Cruz quando Cabral seguiu sua derrota para as Indias, adoçae um pouco de vossa magua. Sabei que aquelles barbaros, a cuja voracidade ficaveis expostos, estão civilizados, que aquellas mattas melancolicas, que tyranisavam vossos olhos, já se transformaram em campanhas risonhas, em searas fructiferas, em sementeiras floridas; que do seio d'aquelles ermos emmaranhados, que denegriam os vossos corações, têm nascido villas e cidades florescentes."

Com a catechese, conversão e evangelização dos indios conseguiram Anchieta e seus companheiros civilizar um paiz de selvagens por meio do tão simples quão grandioso plano de autocolonização depois de mallogrado o systema que a metropole havia adoptado.

Começaram aprendendo o tupy, em que se fizeram grammaticos, e senhores da lingua indigena se embrenharam nas mattas, não como caçadores perseguindo a caça, mas como mensageiros da paz, arriscando muitas vezes a vida para salvarem as victimas votadas aos horripilantes banquetes da anthropophagia; subiram o cabeço dos montes, d'onde dominaram o planalto; abriram caminho para os sertões por entre as lianas e os cipós emmaranhados; cobriram os campos de pastos e gados, de cereaes e em poucas palavras, transformaram o Brasil selvagem, povoado de animaes bravios e de feras humanas, em um Brasil civilizado, venturoso, senhor do seu proprio destino.

Depois dos assignalados serviços que ao lado da Companhia de Jesus prestaram tambem as outras ordens religiosas, os benedictinos, os carmelitas e os franciscanos, quer nas sciencias, quer nas

letras, quer nas artes, que restava então á um monge senão rogar, rogar muito por aquelles que não podem ou não sabem supplicar ?

Entretanto, por mais que Montalembert tenha procurado convencer que o equilibrio entre o céo e a terra está na supplica, é com ironia que Junqueira Freire se refere á prece:

"Feliz quem tem sómente o pensamento da devota, descansa a vida nas mãos do vigario, e adormece apalpando seu rosario."

Convencido de que havia passado o tempo das clausuras, de que os mosteiros baixos, pesados, sombrios, já não representavam senão evocações symbolicas de outras eras, sendo substituida pelas cathedraes, cuja architectura em estylo gothico, com suas flechas lançadas para o céo, e os seus arcos quebrados em fórma de mãos postas para a prece, bem está indicando serem ellas os verdadeiros templos da supplica, Junqueira Freire requereu sua secularização, e a 3 de novembro de 1854 voltava para a companhia de sua mãe e de sua irmã na pittoresca povoação da Barra, onde concluiu seu immortal poema de amor — "As inspirações do claustro", obra prima que o sagrara o mais livre pensador de nossos poetas-monges, e o mais amoroso mystico de nossos poetas-scepticos.

A Poesia. A funcção do verso na antiguidade.

Nem fiquem tristes aquelles que não fazem versos, porque ha uma poesia da sciencia que é a philosophia, como ha uma poesia da critica, que é o "humour" além de que a prosa moderna se torna cada vez mais poetica.

O pensador hodierno póde não pensar por me-

tros e rimas, mas ha de escrever poeticamente para merecer o nome de escriptor.

Aqui, não receio ser accusado de achar-me em contradição com o que escrevi, ha annos, relativamente ao verso.

Affirmei, e não vacillo em reproduzir integralmente, que seria facil mostrar na antiguidade grega a sciencia identificada com o verso nas "Obras e Dias", de Hesiodo e no poema sobre a esphera celeste de Aratus, que metrificou o "Tratado da Astronomia", de Eudoxio.

Na mythologia grega, esse incomparavel monumento de saber e arte, a primeira condição para se ser poeta é ter memoria. D'ahi a primeira musa chamar-se "Mnemê". Mas não bastando ter memoria, sendo necessario pensar, surgiu a segunda musa com o nome de "Meleté", meditação. O poeta tinha de ser ao mesmo tempo cantor e pensador.

Chegando, porém, a uma certa edade, nota Sainte-Beuve, a sciencia escapa ao poeta; o estylo dos Laplace, dos Cuvier, dos Humboldt, é o unico que convem á exposição de um judicioso systema.

Banido do dominio da sciencia, o verso tambem o foi do terreno da philosophia, da historia e da politica.

Relativamente á philosophia, emquanto todas as antigas cosmogonias e theogonias foram escriptas em verso, os modernos systemas philosophicos são architectados em prosa.

Na politica, antes de Demosthenes fulminar seus adversarios em prosa, já Archilochio, o inventor do iambo, forçava seus adversarios ao suicidio com suas satiras.

Menippo serviu de transição entre a politica feita em prosa e a feita em verso. As "Menippéas",

metade em prosa, metade em verso, são o signal exterior d'esta transição.

Houve uma época, em que Athenas fez politica em verso, e em que mais de uma vez os abusos do côro foram postos em discussão. O poder publico teve necessidade de promulgar leis restrictivas contra os excessos da liberdade do verso, como os governos actuaes as publicam contra os abusos da liberdade de imprensa.

Nas tragedias e comedias gregas o côro representava o mesmo papel que a imprensa moderna: era um orgão social, que tinha por funcção a censura do fanatismo, da superstição, dos máus costumes e, sobretudo, dos abusos do poder publico.

A prosa na politica, como em todas as producções do espirito humano, marca um grande adeantamento na evolução dos conhecimentos.

Com Pericles, o mais legitimo representante da civilização hellenica, começa uma Grecia nova, a Grecia da prosa, em que a philosophia, a historia, a politica e a sciencia sacodem o jugo do verso, e alteam o vôo com as azas da eloquencia.

Para provar que a prosa foi cada vez mais substituindo o verso em todas as manifestações do espirito, basta lembrar que na época em que dominava o gosto das pastoraes, então escriptas em verso, Longus publicou a "Arcadia", mistura de prosa e verso, que foi muito applaudida, e obteve um grande successo, que o levou a escrever "Daphnis e Chloê", toda em prosa.

Não confundamos porém a poesia com o verso para concluir com Scherer que "o poeta é um resto da humanidade primitiva".

A descoberta do papiro matou, com effeito, o verso, e operou uma grande revolução social, dando origem á prosa, que veiu a preponderar com

a invenção da imprensa que tornou facil e prompta a transmissão do pensamento, cuja conservação era nos tempos antigos confiada ao rythmo, o amigo da memoria, no dizer de George Perrot; mas a poesia continuou a subsistir como a mais espontanea, seivosa e pujante creação da vida psychica.

Quaesquer que sejam as diversidades dos climas, as aptidões das raças, as variações das épocas, é sempre a poesia que nos faz penetrar nas profundezas da alma humana, como os vulcões nos fazem assistir ás revoluções internas do globo.

Por isso, disse Aristoteles que a poesia é mais philosophica e mais seriamente verdadeira do que a historia.

OLIVEIRA LIMA

RESPOSTA A ARTHUR ORLANDO

A Philosophia no Brasil.

O Brasil não está ainda fertilizado bastante para do seu sólo brotar e medrar, como fructo opimo da cultura, uma classe de estudiosos isolados da vida agitada dos seus contemporaneos, libertos das instantes preoccupações materiaes, cuja pressão os distráe dos puros labores da sciencia. Os homens de letras, como os sabios, têm forçosamente de ser empregados de secretarias, advogados no fôro, agentes de companhias industriaes e corretores internacionaes.

Vós sois dos mais afortunados, porque na politica armastes a tenda de onde sahis para as algaras céleres e ruidosas da imprensa. Como um

mouro que fosse arrancado aos seus campos tostados do sol, onde crescem a custo como anões disformes os cactos espinhosos e cujo horizonte se perde ao longe, confundindo-se á claridade offuscante do dia na mesma nevoa pardacenta o azul ferrete do céo e o amarellado da terra, para de noite tudo se envolver na mesma vestimenta magica de estrellas scintillantes, vós sentis, porém, nesse outro meio uma grande nostalgia — a nostalgia da atmosphera moral em que vos desenvolvestes, dos estudos favoritos em que vos iniciou o mestre, por quem ereis considerado o discipulo dilecto.

Vossos artigos partidarios não têm a repercussão dos vossos ensaios de critica philosophica, porque não são feitos pelo mesmo gosto e a mesma devoção, e aos vossos discursos politicos sobrelevam vossas paginas de direito penal e vossos fragmentos de propedeutica juridica, porque por esses professaes uma ternura que não sentis pelos assumptos comesinhos, sob o mesmo aspecto que a outros interessa, pela mesma face em que sobre elles incide a acção do legislador.

A tendencia tem as suas vantagens e suas desvantagens. Os astros contemplam-se do alto dos terraços dos observatorios, mas o formigueiro humano melhor se surprehende misturando-nos com elle, entrando na fileira, acotovelando nossos semelhantes. Vistos dos cumes da philosophia ou d'entre as nuvens da phantasia, os maiores de nós parecerão insectos: admiradas muito de baixo, as azas abertas da aguia assumem na imaginação proporções colossaes. Foi d'este modo, erguendo-vos até os ideaes e distanciando-vos dos personagens, que acalentastes, vós tambem, a illusão do pan-americanismo no seu avatar neo-monroista.

A carreira diplomatica.

Não vos é desconhecida, sei mesmo que partilhaes minha carencia de preconceitos com relação á diplomacia. Se é irreverencia não a julgar uma sciencia esoterica, fechada aos profanos, de demorada e penosa iniciacão, somos nós os culpados d'esse peccado. As frivolidades mais futeis podem de resto requerer um longo aprendizado, exigir uma educação especial.

No Japão a arte de dispôr as flôres em vasos, segundo preceitos tradicionaes, em correspondencia com intrigados symbolismos, leva para adquirir-se sete annos, tantos quanto trabalhou Jacob para alcançar Rachel e ainda foi logrado, como algumas vezes o são tambem os paizes na pessoa dos diplomatas. As "geishas" consomem nos estudos das mesuras, das dansas compassadas, dos cantares monotonos, dos gestos lentos e solennes do "cha-no-yu", tantos annos de adolescencia quantos de juventude gastam os secretarios de legação em aprender os primores de elegancia indispensaveis para borboletear nos salões e suspirar nas alcovas.

Não é esse, porém, o genero de diplomacia que, mais altaneira, ganha as batalhas da civilização e, mais modesta, faz conquistas economicas. Esta outra diplomacia, que não será a da accepção vulgar, mas é de certo a da accepção superior, está ao alcance de toda a gente que sómente tiver intelligencia, criterio e boa educação. Ainda esta em alguns casos póde ser dispensada, mas dos dois outros predicados é que não se póde dar a omissão.

Diplomacia, e por vezes da mais consummada, não temos nós todos de empregar cada dia nas

relações de sociedade, no conflicto de interesses que de todos os tempos foi a vida ? A applicação nos assumptos quotidianos d'essa fórma particular da actividade humana — não se chama por acaso diplomacia ao geito de compor as circumstancias adversas ? — póde variar de grau, de intensidade, de individuo para individuo: na essencia é uma só, identica a sua applicação aos problemas transcendentes da politica.

PAULO BARRETO (*)

(12 de Agosto de 1910)

SUCCESSOR DE GUIMARÃES PASSOS (**)

Guimarães Passos: a viagem para o Rio.

Por uma certa manhã dos fins do seculo passado — quasi quatro lustros antes da terminação d'esse memoravel seculo da sciencia, da luz e do positivismo — um joven poeta de Maceió resolveu acompanhar a bordo tres amigos, que de viagem se faziam para a Côrte, capital do Imperio. O poeta era bello mancebo tropical. Alto, elegante, biceps gigantes, largo busto como o desabrocho da cintura estreita, longas mãos, cabelleira crespa formavam-lhe a belleza mascula; e quando ria, um riso jovial, entre a ironia satisfeita e a ingenuidade ironica, mostrava aos que o ouviam uma esplendida dentadura de trinta e dois bellos dentes. Era forte, era são, esse mancebo amavel. Chamava-se Sebastião Cicero dos Guimarães Passos,

(*) 1881-1922. Jornalista, romancista e dramaturgo.
(**) 1867-1909. Poeta e jornalista.

e já na cidade provinciana, cabeça das Alagôas, de costume abandonava o lar que o adorava, aprazendo-se em viver pelas reuniões bohemias, e tendo como unica profissão a de fazer versos e como unico ideal o de continuar a fazer versos.

O moço poeta entrou para o navio com as melhores disposições de voltar á terra uma hora após. Como sempre foi e ainda é costume apenas nas viagens por mar, afogar as despedidas numa bebida, qualquer bebida em commum, o poeta e os tres viajantes abancaram no convez em torno a uma pequena mesa. A conversa animou-se. Os que partiam confiavam esperanças; o poeta animava tão nobres sentimentos de lucta e de victoria. De leve a brisa soprava: uma quieta paz modorrava no convez ensolado; azas de passaros riscavam rapidas o ar de azul brilhante. O poeta sentia-se bem. E a tarde vinha cahindo docemente...

Quando por tal deu, Sebastião dos Guimarães Passos ergueu-se, estreitou nos braços commovidos os tres amigos, e com o seu passo solenne — o passo heraldico, como vieram depois denominal-o — encaminhou-se para o portaló. Ahi viram seus olhos mover-se a paizagem e no oceano, que é mais ou menos verde, borbotões de espuma branca. O navio singrava havia meia hora e dentro em pouco estaria em alto mar. Sebastião sorriu e voltou aos amigos. Os amigos foram ao commandante. O commandante, velho lobo do mar, como em geral os commandantes dos romances inverosimeis, riu bondosamente. Que fazer? Já agora era continuar. Deu ao poeta cama, a sua propria roupa branca e de tal fórma se agradou d'aquelle mancebo importante, que, ao chegar á Bahia, propoz trazel-o á Côrte. O poeta acceitou. Em Salvador escreveu um soneto saudoso, e verificando ter

apenas nas algibeiras duas moedas de tostão, resolveu, para não ter nenhuma, comprar uma laranja. O commandante, a quem pretendia offertal-a, comprehendia o sacrificio. Mas, ao voltar para bordo, collocou a laranja na cabine, e ao chegar ao fim da imprevista viagem, após despedidas, agradecimentos, promessas de terna lembrança e o desembarque difficil sob o calor pesado, achou-se no cáes do Mercado o poeta com a laranja na mão. Ha esquecimentos providenciaes. Esquecendo dar ao bondoso lobo do mar o presente modesto agira o poeta movido pelo destino. Assim, pelo mesmo destino removido olhou a rua, reparou nos mercadores, fitou a laranja e logo pensou em desfazer-se de duas d'essas tres cousas por uma quarta. Passou o pomo cheiroso ao primeiro fructeiro em troca de uma pequena moeda de prata. E seguro da sua mocidade, caminhou como velho frequentador para a rua do Ouvidor, que nunca vira.

O filho do Destino. A bohemia brasileira.

De certas figuras humanas não se póde falar senão no estylo da historia romantica. Sebastião dos Guimarães Passos foi sempre uma physionomia de narrativa, uma creação de romance alheia á vida normal. Nunca agiu por conta propria, deixando ao destino tal esforço. O destino estimava a confiança, e, talvez agradecido, fez d'essa vida uma série de acasos simples, uma perpetua legenda. Guimarães deixou a terra natal por acaso e chegou ao centro intellectual do paiz com quinhentos réis e alguns sonetos, por acaso. Era da provincia. Podia conquistar tudo quanto os provincianos conquistam com um pouco de perseverança.

Apenas continuou entregue ao destino, com tranquillidade e calma sorridente. Ao entrar a rua do Ouvidor, outro teria temores. Elle não. Parou á porta de um jornal, viu um literato tambem joven e tambem de cabelleira, indagou-lhe o nome, apresentou-se, recitou o seu soneto mais bonito. Á noite era amigo intimo da joven geração d'aquelle tempo, e uma semana depois os ardentes reformadores da esthetica de então já o citavam pelas gazetas e d'elle não prescindiam nas noitadas bohemias. Guimarães Passos não queria mais. E toda a vida mais não desejou como a derradeira personificação do que chamamos bohemia.

A bohemia ! A bohemia é uma feição transitoria da mocidade, que deve ser brevissima. Nella desperdiçamos energias e creamos a hostilidade ao ambiente real. La Bruyére se a conhecesse certo havia de consideral-a um vicio. Na literatura ella foi bem sempre um vicio.

Guimarães Passos: o seu primeiro emprego. O jantar das féras.

Certa tarde, entretanto, o poeta, ao dar com um amigo, fez-lhe esta confidencia fascinante: "Se tivessemos dois tostões, jantariamos esplendidamente." O amigo fizera na vespera uma conferencia de caridade, recebendo em troca muitos applausos; trabalhara o dia inteiro a escrever o jornal, apenas com a certeza dos vencimentos dobrados. Mas só tinha um nickel, foi arranjar outro. E partiram ambos para a Quinta da Boa Vista, num bonde de segunda classe. — "Onde vamos ?" — "Comer a carne com que Sua Majestade sustenta as féras". Era uma idéa tão plausivel como qualquer outra nesses remotos tempos de extra-

vagancia normal. Entraram, pois, ambos o grande portão, resolvidos a disputar o "beef" ás pantheras. Junto ás jaulas estava um homem cabelludo, bronco e insolente. Era o belluario. A tarde cahia como uma perola diluida por sob a muda harmonia do arvoredo. Guimarães pretendia apenas pedir o "beef". Dotado de uma força physica enorme, jámais abusava. O confrade, porém, nervoso, e imaginoso, sentiu-se cheio de reminiscencias do Baixo-Imperio. Era Byzancio que elle via, eram as féras do basileu que alli dormitavam. E contra o humilde tratador a sua erudição cahiu como um azorrague. O homem a principio disse: "Os meninos vão embora ou depois não se arrependam". Sebastião achou ameaçador o conselho e quiz humilhar o belluario. A cada uma das suas phrases, o tratador, sem comprehender, mais colerico ficava. Já rangia os dentes. E, num arranco, furioso: "Ou vão-se ou solto as féras !" — "As féras ? Pois solte se é capaz !" Pallido de raiva — pallido e desvairado — o belluario trepou jaula acima a suspender a grade. O urro tremendo de um tigre de Bengala fez-se ouvir. "As féras !" bradou o amigo de Guimarães, deitando a correr. "As féras !" bradou Guimarães, imitando o amigo. Ambos, na corrida espavorida, mais apavorados ficavam com o tropel dos proprios pés sobre a areia, a visão tumultuaria das arvores, e longe de parar, cada vez mais corriam.

Foram esbarrar, extenuados, de encontro a uma das paredes lateraes do palacio. De uma das janellas um homem grave sorria. Era o bibliothecario. "Que é lá isso, amigo Guimarães ?" Mal podendo falar, Guimarães contou o caso, omittindo a fome. O bibliothecario, amador de boas letras e com a tentação d'essa juventude irrequieta, ria pa-

ternalmente. Mandou-os subir, installou-os com conforto. — "Já agora não vão sem jantar commigo. Façam companhia ao solitario. Certo ainda não jantaram ?" — "Ha tres dias." — "Pois terão mais appetite." Fez servir no seu gabinete, os pratos das cozinhas imperiaes, tratou-os com prazer, e para o fim, philosophando, com o havana entre os dedos: — "Não lhe cança esta vida, amigo Guimarães ? A sua obra necessitaria de quietude, de descanso..." — "Oh ! descanso. Olhe, eu desejaria passar a vida como o senhor. O destino é que ainda não quiz..." — "Mas é sempre possivel ajudar o Destino. Estava exactamente a precisar de um homem capaz para certos trabalhos da bibliotheca..."

Tres dias depois, tendo lá ido com o desejo de disputar a carne ás féras, Sebastião dos Guimarães Passos encontrava o seu primeiro emprego como archivista da Quinta Imperial. Parece conto, dirão. Sim, conto — o perpetuo conto da sua vida inteira.

A geração de 1886. Os mosqueteiros literarios.

A ultima geração, a que se veiu juntar Sebastião Cicero dos Guimarães Passos, já não tinha esse paciente ideal. Ao contrario, queria mais, aspirava mais, fazia com furia a bancarrota da bohemia, e, vivendo ao Deus dará, desfazendo idolos, atacando o burguez, republicana na monarchia, revolucionaria na ordem, aristocratica posto que egualitaria, esperava o momento de vencer.

Guimarães Passos tinha em parte o fundo da primeira geração e o aspecto da ultima. Chegou e foi envolvido pelo turbilhão. Pelo turbilhão, sim ! Era um curioso estado d'alma geral. Os jovens

literatos viviam barulhentamente impondo-se. Andavam com barulho, comiam com barulho, dormiam com ruido, moviam-se com espalhafato, trabalhavam menos e davam muito mais na vista. Se os passados eram os cyprestes de um campo santo onde a desgraça os prendia, elles eram o clarim de guerra infrene contra uma porção de cousas que ninguem ao certo sabia quaes fossem. Se os outros amavam Lamartine e o Sr. Visconde de Chateaubriand, elles amavam Musset, Bamville e Shakespeare. O egoismo era no bando o de saldunes creanças. Quando um ia, levava os outros e dos outros escrevia. A fama transitoria não se fazia assim de um, mas de todos. Se caminhavam pelas ruas eram como conquistadores, quando abancavam nos cafés, abancavam tremendamente. Diziam versos, jogavam o murro, propunham duellos. Eram os mosqueteiros literarios. A sua vida economica baseava-se nesse principio que os economistas repelliriam : nunca ter dinheiro e ser sempre generosissimo. A caridade officiosa desfructava-os para as conferencias em pról das creanças sem pae, das mulheres sem protecção, dos escravos sem liberdade. Quando um d'elles, por acaso, tirava o premio na loteria ou na tombola, ia com espalhafato, applausos e palmas, á directoria de qualquer asylo e entregava o premio intacto. Depois ficavam furiosos contra o burguez rico, julgando-se victimas, mas victimas de um orgulho tão impertinente que quando algum philisteu fingia mantel-os para passar por poeta, levavam o caso a satira e só não o espostejavam physicamente, porque já o haviam escorchado pelo ridiculo. O exaggero era o fundamento das suas acções. Implantaram assim o reclamo dos nomes superiores pela theoria das falsas apparencias. A obra de

arte é uma série de attitudes, e o artista creador um mimo especializado. Como na velha Grecia, o esplendido Alcebiades foi o primeiro a crear o reclamo intensivo, aproveitando até a cauda do seu cachorro, a bohemia artistica aproveitava as falsas apparencias para dar que falar. Se um era pacifista de animo, usava collete côr de sangue de boi, se outro não gostava de se singularizar nas reuniões e via que ninguem usava polainas, punha polainas, mesmo no theatro, mesmo nos bailes, de seda branca sobre as botinas de polimento. Todos tinham largos chapéos, largos gestos e largas gravatas. Se alguem não lhes agradava, passava a philisteu; se não os apreciava como genios, era reduzido a cretino, e os amigos de semanas, dormiam juntos sobre jornaes nas redacções transitorias, beijavam-se na face e tratavam-se fraternalmente de irmãos.

Inconvenientes do elogio unanime.

Certo nada póde apagar um homem como o elogio unanime. Elogiar sempre é o meio de inutilizar sem lucta. Ser elogiado sem um grito de opposição, sem varios gritos, é deixar-se arrastar por uma envenenadora melodia. O homem que sabe, espera apenas o elogio do seu egual porque é victorioso e fatalmente generoso. Como, porém, a victoria é rara nas letras, o artista póde fitar as estrellas, sentir a vida, dar fórma e côr á belleza impalpavel, educar a visão da propria natureza. De esconderijos e poças lobregas chega aos seus ouvidos o coaxar dos batrachios, e a seus pés, no terreno viscoso, saltam grotescamente, zebradas de verde limo e de verde bronzeo, as carapaças pustulentas dos sapos, que para elle olham como olha-

vam o boi do fabulista e a lua dos romanticos. Lamentaveis sapos inoffensivos ! O artista que se inebria na missão de suggestionar, de mostrar o não visto, pára, observa, analysa, sorri. Por onde espinoteiam os sapos ha muita vez a innocencia do verde, flôres silvestres, e quem sabe ? grandes flôres perversas de olor intenso. Se não houvesse o sapo, ninguem saberia bem o que é a vida. E os risos maus, o rictus da inveja, a torpeza da calumnia, não passam afinal para os fortes, os que vencem, senão do nojo, do asco, da repugnancia que a todos causa a acrobacia macabra de um batrachio emergindo do charco.

A missão dos poetas. A vertigem da vida moderna. A poesia da actividade.

A obra de arte é inteiramente inutil quando não exprime, atravez de uma personalidade, as aspirações do mundo ou o reflexo dos sentimentos de moral e belleza da epoca em que surge. Os grandes poetas reflectiram sempre a aspiração universal, foram os vates, os que diziam as ancias e ao mesmo tempo o immenso desejo de escalada da especie humana. Os poetas descobriram os astros antes dos homens, e poetas como Dante, adivinhavam constellações num hemispherio ainda por conhecer. Antes da realização das ousadias da mechanica, os poetas sonhavam o vapor, o telephone, o phonographo, a machina, o automovel, o aeroplano, que é o mais velho sonho da humanidade. Guardas das tradições, sentiam a natureza pasmada e dominada pelo homem. E emquanto o poeta ficava assim reflexo incentivo da humanidade e os pequenos aedos serviam a satisfacção dos egoismos limitados, o homem penava, soffria,

fazia do sangue suor e materializava o sonho. Quando a inspiração ficou abaixo da mechanica e as phantasias delirantes não ultrapassaram a conquista do conforto, os grandes poetas tornaram-se analystas, e a poesia pessoal, repetindo com convicção pequenas cousas particulares, passou á confecção de bugigangas industriaes, em que o molde é tudo. O sonho particular não interessa mais, porque todos nós vivemos num extraordinario sonho de Belleza e de Força. Nunca houve na vida humana um momento egual ao presente, o momento em que todos são poetas e a poesia vive nos menores gestos, nas menores idéas, em cada canto, em cada corpo, em cada cidade. O rythmo mechanico regra como uma apotheose a belleza, todos os delirios, o do pratico que descobre, o do rico que esbanja, o do ladrão que mata, o do anarchista que incendeia, o da mulher que perde, o da multidão que freme com a furia da satisfacção na belleza. Tudo quanto parecia impossivel ao mundo antigo e não passava de symbolo e de ficção, a immensa e infinita aspiração dos homens desde os arias, para conhecer e fixar, domar os elementos, crear, gerar, inventar, realizar, descobrir o mundo onde habita e os outros mundos e o seu proprio ser e a sua propria alma, sentir o inanimado, e animar o aço, descer ao oceano, subir aos ares, consciente e seguro — tudo o homem realizou, materializando o sonho. É o milagre permanente, é a maravilha normal. Nada póde ser impossivel e o impossivel desapparece na lenta audacia secular dos demiurgos. O artista sente os velhos processos ridiculos, o vasio de repetir deante da immensidade actual. O presente creou as cousas que se não vêm mas se presumem, a atmosphera de assombro em que todos nós, sem espanto, erguemos alto

o archote da visão. O presente personalizou o inerte, deu cerebro e pensamentos ás machinas, descobriu a não sonhada vida das profundidades oceanicas, a vertigem vencida dos espaços livres, fez a esthetica da velocidade, a furia metallica da rapidez, e ao cerebro deu força infinita e o sentimento do impalpavel. Os oceanos elle os estreitou, o aço e o ferro armou-os com o calor para correr parado, para voar deitado, pensando. As grandes florestas, onde outr'ora os semi-deuses moravam, elle as desfez; os montes ingalgaveis, galgou-os; as entranhas da terra e o fundo do mar impenetraveis, penetrou; dos rios fez entradas, das quédas d'agua tremendas, força represa; e, com todas as energias dispersas reunidas, creou o conforto, que é a maravilha da rua, da casa, da roupa, do conjunto, das cidades, das sociedades em que a vida parece acudida por um bando de fadas legendarias. E pensando, pensando, querendo ser mais. Em cada craneo ha uma particula de um metal mais forte que o mundo — que é a idéa. E jámais cansado o homem possuidor do Egoismo, a qualidade fundamental que cria a solidariedade pelo interesse e o amor pela satisfacção mutua, o homem tem mais ambição. É a aspiração maxima, um conjunto exasperante em que todos querem ter mais, ser mais, vencer mais, do artifice ao que mais póde, em pleno sonho, o sonho ainda maior de superar, de crear o super-homem, de ser maior que a especie.

COELHO NETTO

RESPOSTA A PAULO BARRETO

Guimarães Passos: o poeta dos simples. A "Casa Branca da serra".

Foi num rincão do pampa, á beira agreste do Camaquan, que senti verdadeiramente a poesia de Guimarães Passos.

Era noite, uma noite mystica, de socegado luar; as arvores reluziam immoveis na paizagem marmorea. Alegre, num rodeio de gente, flammejava o fogão gaúcho. A cavalhada, á soga, movia-se em sombras lentas. A peonada churrasqueava.

Docemente, quérulo, um violão resoou, cavaquinhos vibraram, uma flauta languida desferiu e, por entre o som dos instrumentos concertados, alou-se a voz de um cantor.

A melodia era doce e as palavras sentidas.

Ergui-me do meu leito folheiro, sahi á porta da ramada, pisando descalço o relvedo frio e, quieto, encostado ao esteio, deixei-me estar embevecido na cantiga tão suggestiva e tão doce naquelle vasto scenario biblico. Ao fim, curioso, dirigi-me ao cantor, pedi-lhe o nome do poeta. Não sabia. Em compensação varias vozes disseram o titulo da modinha: "A casa branca da serra".

— Mas é do Guima, — exclamei em commovida surpresa, e a minha emoção foi de tal maneira viva, que os olhos se me arrasaram d'agua. É que eu vira o poeta construir aquella morada; vira-a subir desde os alicerces do amor até a ultima rima; vira-o preoccupado com o vocabulario, escolhendo expressões mimosas que ficassem bem e

bem ornassem o templo do seu affecto e, depois de prompta, porque negal-o ? a casa pareceu-me tosca.

Entretanto, alli na solidão, ás estrellas, entre a gente nomada e cheia de som dos instrumentos, como a achei formosa !

E só naquella noite comprehendi o poeta porque o achei no seu meio, entre os simples.

Só naquella noite, ouvindo-a na voz de um rustico, provei o suave encanto da sua poesia. E ella por ahi anda de villa em villa, de rancho em rancho, abalsando-se e mais e mais; ella por ahi anda ao som de violões e guitarras, amenizando a vigilia ds serranos, aligeirando a jornada dos tropeiros, em serenatas ao luar sereno.

Refluindo da cidade, só no campo é sentida e amada. Se a Posteridade não a encontrar no livro ha de ouvil-a da bocca de algum sertanejo e, talvez, a exilada regresse á cidade trazida por um folklorista e reentre anonyma nas letras, até que algum investigador paciente, esmerilhando, encontre o nome do poeta e restitua á sua gloria o que elle lançou abandonadamente ao povo.

A transformação da cidade. O idolo e o Templo. A morte de Guimarães Passos.

Uma manhã, porém, descendo a escadaria da sua torre de sonho, em vez de encontrar a cidade como a deixara, pacata, com as suas calejas e viellas dessorando humidade, á sombra triste de velhos muros esborcinados e gente a barbarisar coscovilhices de aldeia, ou lerda, bocejante, remancheando em serviço, achou-se, e com deslumbramento, no vasto esplendor das avenidas, na alfombra macia dos relvedos cuidados, deante de

palacios, e rolou no turbilhão das turbas açodadas, atordoado com os vehiculos lustrosos que se cruzavam em velocidade de fuga, ante um fausto improviso, uma agitação repentina, um ardor novo, um desusado arrojo para a vida.

Densas massas passavam por elle desattentas, nem um olhar, nem um murmurio — os proprios amigos que, na vespera, se amesendavam com elle, ouvindo-o, applaudindo-lhe os versos, mal lhe accenavam adeuses. A sua primeira impressão foi de espanto. Quedou olhando, certo de que estava dentro de um sonho, ou imaginando que accordara do somno de Epimenides e que a sua cidade, com a gente balorda que a povoara, desapparecera nos seculos, desfizera-se no tempo, e sentiu-se só e desamparado.

Ainda tentou um supremo esforço para acompanhar a investida vertiginosa; logo, porém, fatigou-se e, inerte, sem animo, descoroçoado, deixou-se ficar immovel, olhando sem comprehender o que via perdido e solitario. "Toutes nos passions, diz Zimmermann, nous suivent dans la solitude. La moindre maladie morale s'y aggrave, parce qu'on se représente vivement et sans cesse ce qui était et ce qui est. Lá, on n'oublie rien; lá, toutes les vieilles plaies se rouvrent; lá, nulle point de fléche s'émousse. Tout ce qui nous a jadis agité, tout ce qui s'est gravé dans l'imagination nous apparait alors, ou comme un spectre qui nous poursuit avec une rage infatigable, ou comme un ange qui nous montre à tout instant une félicité céleste".

Pobre Guima ! Essa foi, talvez, a causa da sua morte — acabou com a cidade que o amara: o idolo desappareceu sob as ruinas do templo.

Sem forças para acompanhar a marcha acce-

lerada em que vae a vida de agora e não querendo que o vissem combalido, não cobriu o rosto para morrer, fez mais — fugiu da Patria e foi cahir longe, em terra alheia, onde não soubessem que elle tivera dias de triumpho, para que não lastimassem a sua derrota e decadencia.

PEDRO LESSA (*)

(6 de Setembro de 1910)

SUCCESSOR DE LUCIO DE MENDONÇA

A Poesia social.

No Brasil, durante todo o longo cyclo do segundo reinado, por infortunio dos poetas revolucionarios, não houve um tyrano, cuja atrocidade, ou cujo arbitrio sequer, fosse bastante para accender a indignação de um patriota. Versando, não ha muito, a admiravel synthese da historia patria, "Da Independencia á Republica", de Euclydes da Cunha, notei que nem o talento impetuoso e a coruscante imaginação d'esse vosso saudosissimo confrade lograram descobrir, e revelar-nos, no segundo imperador traços cesarianos perceptiveis. Do que todos se queixavam, era da ausencia nos partidos politicos de idéas bem accentuadas, servidas por caracteres fortes e resistentes. Esse mal a Republica se encarregou de provar que não era devido ao regimen politico, mas ao nosso atrazo intellectual, e talvez a outras causas ainda menos confessaveis.

(*) 1859-1921. Publicista e jurisconsulto. Professor de Direito. Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Como, dada esta sensivel falta de um poder despotico, cultivar com espontaneidade, vigor e brilho, a poesia social, ou politica ? Nos meus bellos tempos de estudante, costumavam alguns poetas noveis, neste passo imitados por alguns oradores estreantes, evadir a difficuldade, pedindo inspiração á Revolução Franceza. Incendiavam-se contra a tyrania brasileira na contemplação da eloquencia de Vergniaud, da convicção pertinaz de Robespierre, da infatigavel e corajosa dedicação revolucionaria de madame Roland, das incisivas e curtas arengas que Danton trovejou deante da plebe de Paris. Esqueciam-se de que não raros dos protagonistas da tragedia de 1789, por não verificarem no indeciso e timido Luiz XVI os caracteres connotativos de um despota sanguinario, tinham sido forçados a aquecer a imaginação na historia de reinados anteriores, ou na propria historia romana.

Um romance de Lucio de Mendonça.

Lucio não era sómente poeta, mas tambem prosador, sobretudo prosador. Ensaiou o romance, e deu-nos "O marido da adultera", cujo defeito capital foi não ter animado o autor a proseguir no genero.

O romance, escripto num estylo espontaneo, simples e attrahente, é a explanação de uma these moral, e todo composto sob a fórma de cartas, o que não ficava mal a um discipulo e admirador do "cidadão de Genebra". Apenas, as cartas, em vez de serem de Saint-Preux a Julia e de Julia a Saint-Preux, são muito brasileiramente dirigidas á redacção do "Colombo", em Campanha, Minas. Uma senhora casada, por um grave deslise da ethica,

foi causa do suicidio do marido. Aguilhoada pelo remorso, e querendo desopprimir uma profunda angustia, e ao mesmo tempo convencer aos amigos do esposo de que, posto que muito tarde e para sua irremediavel desgraça, chegou a comprehender o homem honrado que foi seu marido, resolveu escrever e publicar a historia de sua grande desventura. Conta-nos, então, como lhe correu a infancia e a juventude, as más companhias que teve, ás quaes, fôra superfluo accrescentar, attribue uma boa parte de suas culpas, o relativo bem-estar e a decadencia economica da familia, seguida logo da quéda moral de uma irmã, e depois da grande falta, já precedida de outras, que determinou a terrivel catastrophe, o suicidio do marido, moço, de brilhante talento, poeta admirado, e um caracter nobre e altivo. Ás cartas da desconhecida são entremeadas cartas de um collega e amigo do suicida, o qual nos descreve a vida academica de Luiz Marcos, tal o nome do "marido da adultera". Este, quando estudante em São Paulo, já havia formulado a sua doutrina ácerca da punição do adulterio da mulher, que mais tarde poz em pratica. E, não tivesse elle revelado essa coherencia, certo não merecera a simpathia e admiração com que Lucio lhe traçou o retrato moral. Foi numa "republica" de estudantes, a proposito do "Processo Clemenceau", de Dumas Filho, que Luiz Marcos expoz as suas idéas sobre o assumpto. A conclusão era opposta á de Dumas. O marido enganado não deve matar a esposa que o enganou: deve suicidar-se. Embora á primeira vista pareça extravagante, a theoria é engenhosa, e assenta num interessante raciocinio philosophico. Póde haver injustiça no conceito social; mas, o facto positivo e incontestavel é este: o marido da adultera é um

homem deshonrado, ainda que injustamente. Sendo assim, o adulterio da mulher é um facto, que o homem deve prevêr e evitar, como se deve prevêr e evitar a prevaricação, a calumnia, o estellionato. Se o não prevê e evita, é culpado. Póde-se prevêr sempre. Na vida do homem não intervem a Providencia, nem a fatalidade. É dominada unicamente pela previdencia do individuo. Primeiro que tudo, importa escolher cuidadosamente a esposa, o que não é difficil, quando se attende a que a hereditariedade é uma lei inflexivel. Escolhida a esposa pela familia, resta a educação da eleita pelo esposo. Essa educação é de extrema efficacia. A propria nobreza de caracter do marido constitue maravilhoso preservativo contra os desmandos da mulher; custa mais do que imaginamos rebellar-se contra a influencia da honra: ha attitudes moraes, que a infamia não attinge, assim como ha alturas physicas, a que não chegam as infecções. Quanto á punição do seductor e da familia da seduzida, emquanto não se moralisa a sociedade e não se aperfeiçoa o direito ao ponto de equiparar ao homicida o causador immediato do suicidio e a familia da adultera, e punil-os todos pelo crime de morte, temos a sancção moral; a reprovação publica ha de cahir como um estigma formidavel no autor da deshonra, e na familia que mal educou a esposa infiel; o marido da adultera, eliminando-se, deixará os outros culpados inteiramente expostos á condemnação da sociedade. O creador d'esta doutrina se casa, naturalmente com os olhos fitos na lei da hereditariedade e escolhendo a consorte pela familia. Ao cabo de alguns annos succede o irreparavel desastre, e o joven esposo põe em pratica a sua theoria. Assim como na discussão entre rapazes, tem Lucio o cuidado de

accrescentar, nem um só momento lhe faltou a réplica, assim na tragica realidade nem um só instante vacillou na acção. Laura, a bella peccadora, recolhe-se, arrependida e envergonhada, a um canto de sua provincia, d'onde divulga, para completar a propria expiação, e rehabilitar o infeliz esposo, a commovente historia d'essa miseria moral.

Ahi está, em synthese, todo o romance. O que não é possivel reproduzir, e muito menos resumir, são os varios trechos de uma fórma encantadora, pela simplicidade, pela veracidade e pelo modo leve de revelar uma minuciosa analyse penetrante. Poucos melhor do que Lucio terão descripto o interior de uma familia que de um viver de relativo bem-estar se vae despenhando na voragem do infortunio economico, predecessor do infortunio moral: as gradações por que passa a crescente penuria, a acridez de espirito, prenhe de convicios, que a cada passo explodem sem motivo, e a progressiva diminuição da resistencia moral.

A missão da Academia.

Uma das mais uteis e patrioticas obras de Lucio de Mendonça (desculpae-me, senhores, se neste momento vol-o digo) foi a fundação da Academia. Num periodo historico, em que um vão desejo de notoriedade perturba tantos espiritos, arrastando-os a singularidades injustificaveis, e a anarchia das idéas pede meças ás extravagancias da fórma; quando é preciso, para me servir das palavras de Ferdinand Brunetiere, "defender os direitos da tradição contra o assalto tumultuoso do modernismo"; que mais efficaz instituição, que melhor autoridade moral, a unica possivel no caso, do

que a Academia, onde, em um terreno neutro, se encontram os velhos e os novos, sempre que as innovações d'estes não se traduzem em investidas contra o bom senso e o bom gosto ? Se, antes de uma longa tradição, que o grande morto de hontem, Joaquim Nabuco, julgava indispensavel para o prestigio de uma academia, já a vossa fama fascina o espirito dos homens de letras e dos scientistas do Brasil, ao ponto de um mero cultor do direito, que apenas teve como titulo de apresentação a vossa benevolencia e magnanimidade, considerar o seu ingresso nesta companhia o maior premio do seu amor ao trabalho; é facil presumir o que será a Academia, quando ao renome dos seus mais illustres consocios se alliar a consagração do tempo, o poder amplificador da tradição e a idealização por que a historia faz passar os seus eleitos.

Ainda quando se limitasse a Academia a zelar a pureza da lingua patria, a vedar que se enxovalhasse pelos iconoclastas da vernaculidade, que se perdesse, ou se diminuisse, a energia, a frescura, o perfume e a côr, que ella sempre conserva, quando tangida por uma penna habil e carinhosa, que maior e mais patriotico serviço fôra possivel prestar á nossa patria ?

É sob esse aspecto moral que eu julgo bôa a ultima creação de Lucio. Foi uma obra eminentemente patriotica; pois, quando lhe negassem todos os beneficios que póde trazer-nos, nunca fôra possivel contestar á Academia o merito que o scepticismo galhofeiro de Camillo Castello Branco não recusou ás academias congeneres do seculo XVII, o de "estimular algumas ambições honrosas".

CLOVIS BEVILACQUA (*)

RESPOSTA A PEDRO LESSA

Justiça e Liberdade.

Olhada por este angulo, a historia se nos apresenta como um longo e penoso, mas confortante processo de emancipação; podemos dizer, ampliando um pensamento de Berolzeimer: emancipação do escravo do poder do senhor; emancipação da plebe da dominação patricia; emancipação do Estado da autoridade da Egreja; emancipação da intelligencia das malhas da superstição; emancipação politica; emancipação domestica, juridica e espiritual da mulher. Mas emancipação não quer dizer eliminação das leis, subversão da normalidade. Se o individuo consegue destacar-se da confusão collectiva, não é para viver soberano e extranho á communhão. Tal não póde ser. Como os corpos physicos se acham, necessariamente, dentro do ether que os envolve, domina, penetra e movimenta, o individuo tem de viver no meio social, onde se move, para o qual coopera, e sobre o qual reage, particula infinitesimal das energias que trabalham o universo. Para que, portanto, seja possivel a liberdade, como expressão do valor do individuo, perante a communhão, necessario se faz, egualmente, que esta seja contida por um principio superior, a cujo imperativo não lhe seja permittido desobedecer. A sociedade não póde viver sem o equilibrio dos elementos que a com-

(*) N. 1859. Publicista e jurisconsulto. Antigo professor de Direito.

põem. Para manter esse equilibrio, foi creado o direito; e o ideal deste é estabelecel-o, sem prejudicar o desenvolvimento integro e harmonico das energias sociaes. Nisto consiste a justiça, que póde achar-se em desharmonia com a lei politica, porém nunca em antithese com as necessidades fundamentaes da vida social, que as consciencias de escól retratam. A liberdade organizada pela justiça é, pois, a expansão da actividade normal de cada individuo ou agrupamento de individuos, tão ampla e tão intensa quanto fôr possivel, sem perturbação da actividade licita dos outros, e sem opposição aos interesses vitaes da sociedade.

DANTAS BARRETO (*)

(7 de Janeiro de 1911)

SUCCESSOR DE JOAQUIM NABUCO

A mocidade de Nabuco.

Nascido na então provincia de Pernambuco, em 1849, Joaquim Nabuco fez a travessia da existencia, de creança a adulto, sem difficuldades materiaes, sem os embaraços que a escassez de recursos cria, e, já do collegio, se interessava pelas idéas politicas de seu pae, o Senador José Thomaz Nabuco de Araujo. Sua educação literaria foi desde começo encaminhada para centros de maior actividade, para outras civilizações mais ruidosas, sem que talvez elle mesmo percebesse a intenção

---

(*) N. 1852. Historiador militar. Marechal do Exercito. Antigo deputado, senador, governador e ministro de Estado.

de quem o guiava com esse destino. D'ahi resultava conhecer melhor o francez e o inglez do que a lingua de seu paiz, que lia relativamente pouco. E assim, quando foi impellido pela espontaneidade do talento ás suas expansões literarias, fez prosa e versos em francez e lançou á publicidade um volume intitulado "Amour et Dieu", que, segundo Renan, a quem fôra destinado um exemplar, traduzia o sentimento de um verdadeiro poeta.

Uma vez em Paris, aos 24 annos de edade, Joaquim Nabuco conseguiu approximar-se do autor da "Vida de Jesus", por quem nessa phase da sua vida tinha o fanatismo das grandes admirações, o respeito quasi divino de um deus em plena terra. Por intermedio de Ernesto Renan conheceu Taine, Scherer, Littré, Laboulaye, Charles Edmond, George Sand e Saint Hilaire, que o apresentára a Thiers, como, de resto, elle proprio conta no livro da sua "Formação".

Não podia haver melhor companhia para um homem de letras extrangeiro e é facil de perceber com que distincção, assim prestigiado, Joaquim Nabuco apparecia nos principaes fócos mundanos de Paris.

CARLOS DE LAET (*)

RESPOSTA A DANTAS BARRETO

A utopia pacifista.

No saguão do "Jornal do Brasil" tereis todos visto um grande quadro preto onde a simpathica

(*) 1847-1927. Professor, poeta e jornalista brilhante. Antigo deputado.

Sociedade Protectora dos Animaes exhibiu, como reprovaveis instrumentos de tortura, — o freio, as esporas e o chicote. Ora, aconteceu que, quando eu contemplava aquillo, havia ao meu lado um homem que não se cansava de dar mostras da mais viva indignação contra os objectos abominaveis.

— Mas, — timidamente lhe ponderei, — se eu montar sem esporas, e numa cavalgadura sem freio, não ha duvida que me arrisco a vir ao chão.

— E que desgraça haveria nisso ? — perguntou-me o sujeito.

— A desgraça, — respondi-lhe, — é que eu tambem sou um animal, e assim sempre ficaria trilhado um élo da cadeia zoologica...

O mesmo se dá com os insaciaveis ideologos que, descurando o mundo concreto, pretendem imitar aquelles cidadãos de Athenas, eternizados pela veia comica de Aristophanes, e que em aladas montarias se remontavam á "Cidade das Nuvens e dos Cucos" — imaginária construcção, que de tantos annos precedeu as novidades do "Chantecler". Taes sonhadores acreditam, por exemplo, que os povos são massas plasticas e que, inertes, se conformam ás philosophias por decreto; supprimem a religião sem se lembrarem de que assim bem no amago vulneram as consciencias; e, quando ainda mal desponta o primeiro e indeciso clarão da paz universal, já intimam que nos desarmemos em frente do mundo armado. O melhor de tudo — quem o contesta ? — seria que nunca brigassemos; mas na hypothese desagradavel de uma lucta, ou pela vida ou pela honra, eu prefiro que os derrubados não sejamos nós.

Dante e Camões: o perigo dos confrontos.

Alludistes, General e confrade, a uma opinião de Nabuco, alvidrando pela superioridade da epopéa camoneana sobre a "Comedia" dantesca, que os posteros condecoraram com o epitheto "Divina". Permitti que nisto acceite respeitoso a vossa decisão. Em outros tempos, quando ainda estudante, formei parte de um gremio literario chamado "Amor ao Estudo". Ahi faziamos parallelos entre os grandes homens. Certa vez discutiamos qual seria maior, se Alexandre, se Napoleão. As sentenças dividiram-se e foram calorosamente sustentadas. Afinal votou-se e, se bem me lembra, Napoleão ganhou por dois votos. Eu, que tinha de cór o meu Quinto-Curcio e inda não lêra Thiers, era partidista de Alexandre. Sua derrota muito me foi sensivel, e desde então perdi o gosto para trabalhos de tal genero.

Creio mesmo que difficilmente elles se operam dentro da verdade. No tempo de Dante faziam-se cathedraes. O espirito medievo cantava entre as naves as matinas do romantismo, povoava de estatuas as fachadas, ennastrava com flôres de pedra as cryptas, os altares, as janellas ogivaes, e subindo, subindo sempre, rendilhava as torres esbeltas e só parava no azul da immensidade, onde cravava as flechas ponteagudas. Na época de Camões, o Portuguez tinha dois credos: o de Christo e o da patria. No peito heroico, como lá diz o Sá de Miranda, elle trazia entalhadas as suas quinas. Cada poeta reproduziu a feição caracteristica das suas crenças e do seu patriotismo. Um olhava para o céo; outro para o mar. Ide agora fazer o confronto entre a cathedral e a caravella !

Uma prophecia.

O que ora está verdadeiramente em questão, não é se o supremo magistrado tem de ser vitalicio ou quadriennal, se por investidura hereditaria ou se mediante o que chamaes eleição: o que se agita na profundeza das consciencias em revolta é a suppressão de toda fé, de todo culto, de todo governo. Os que se alegram quando uma realeza vem abaixo, mal reparam na grande semelhança entre as cathedras chamadas thronos e os thronos em que se assentam as magistraturas democraticas. O dia de amanhã para todos os povos, denuncia-se cheio de borrascas. Encostae ao chão o ouvido, como fazem os nossos indigenas, e aprendereis que não longe vem a turba desvairada e destruidora.

As Academias.

Havia antigamente um remedio que se chamava "triaga" — electuario em cuja composição entravam innumeras substancias heçterogeneas. D'estas algumas eram toxicas, mas logo na mistura perdiam a peçonha. O effeito final tornava-se magnifico. A triaga curava, diz-se, mordeduras de cobras e uma infinidade de mazellas. Quer-me parecer que com as academias se dá o mesmo. Entram nellas ingredientes formidaveis; mas, finalmente, o resultado é benefico.

AFRANIO PEIXOTO (*)

(14 de Agosto de 1911)

SUCCESSOR DE EUCLYDES DA CUNHA

Euclydes da Cunha: o gesto da Praia Vermelha.

Estava annunciada uma visita do Ministro da Guerra á Escola. Prepararam-se os rebeldes, em conluio, para uma manifestação de indisciplina. Á tarde, já formado o corpo de alumnos ao longo do corredor que se estendia por toda a frontaria do edificio, soube-se que a visita fôra adiada para a manhã seguinte, um domingo, em que, desfalcados os rebeldes de numerosos elementos, a manifestação surtiria diminuida. A exasperação, tão facil em animos juvenis, levou-os, á voz de commando — descansar armas ! — a fazel-o tão violentamente que o assoalho abateu. Comtudo a fórma debandou sem maior. Na manhã seguinte, ainda cedo, antes da hora habitual em que os licenciados deviam chegar, apresentou-se o Ministro, acompanhado por um senador, que tinha filho entre os rebeldes. Era talvez um meio geitoso de armar á sensibilidade, e no Brasil ella dominou sempre a intelligencia e o caracter. No pateo central da Escola os alumnos formaram pelotões que marchavam em evolução, deante da autoridade militar e civil. A primeira companhia desfilou sem incidente, na ordem perfeita de uma disciplina de parada... Assim iriam naturalmente as outras... Quando chegou a vez da segunda compa-

---

(*) N. 1878. Publicista e romancista notavel. Professor da Faculdade de Medicina.

nhia, um alumno abandonou a fórma e deu alguns passos á frente: tirou do sabre, tentou debalde quebral-o, forcejando sobre o joelho, conseguindo apenas amolgar-lhe a lamina inteiriça, e atirou-o ao chão, proferindo algumas palavras:

— Infames ! Uma mocidade livre cortejando um ministro da monarchia !

Era Euclydes da Cunha. Havia sido dos conjurados mais ardentes, vira como o acaso e as circumstancias diminuiram o exito da rebeldia premeditada; assistia á deserção coacta dos animos mais exasperados, observava alli mesmo naquelle instante a passividade inerte com que se submettiam todos numa disciplina prestigiadora da autoridade. Tinha a hombridade da revolta desacompanhada, da rebeldia solitaria. Não era dos que só luctam para vencer: sacrificou-se. Sabia o que o esperava: o regimento do Conde de Lippe. Arrostou-o.

Salvou-o, num favor prestado á monarchia, a bondade de um de seus mestres, ao mesmo tempo tambem medico da Escola, o Dr. Lino de Andrade. Chamou inferiores e ordenou que o recolhessem á enfermaria: devia estar doente. Este acto, que produziu uma primeira surpresa, foi considerado depois como habilidade politica, accrescida ao que tinha de sensivelmente humano. Superexcitação nervosa por excesso de trabalho mental — foi o diagnostico: era bom, sem deixar de ser verdadeiro. Da tribuna parlamentar, Silveira Martins taxou de "histeria" e a imprensa, que depois viria a glorifical-o, chamou então ao rebelde de "pobre moço"...

Não o quiz ser Euclydes da Cunha. Transferido para o Hospital Militar do Morro do Castello, permaneceu ahi vestido, de pé, junto do leito que lhe

destinaram, recusando comprometter-se na bondade ou na evasiva que o pretendia salvar. Lá ficou no angulo de uma vasta sala, isolado pelo seu orgulho e pela prevenção dos que se não queriam arriscar em perigo de suspeição ou cumplicidade.

Só muito tarde alguem se aventurou a procural-o: era uma velha irmã de caridade, que essa não tinha governos que temer, e o comprehendera. Achegou-se mansamente, com um sorriso bom nos labios e perguntou-lhe, simplesmente, ha quanto tempo não rezava. Não o sabia. Tomou-o pela mão e, sem palavra, mas com a suave persuasão do carinho, conduziu-o até a Capella. Ajoelhou-o a seu lado e deu-lhe um livro de horas... Aquelles dias e aquellas noites agoniadas, de excitação e de anciedade, de revolta e de odio, fundiram-se, acabando num gesto de sensibilidade humana: beijou-lhe á mão que o acariciava, e chorou a seu lado, como uma creança que era, sem pejo ou temor da curiosidade indelicada dos mais. Foi, na vida que começara a soffrer, a vez unica que lhe veriam lagrimas nos olhos.

Ella o consolou sem voz, maternalmente, deixando que vazasse em seu santo regaço todo o fel humano de que precocemente se envenenara... Vinte annos depois a imagem d'essa creatura passava ainda na memoria d'elle num embevecimento de extase...

Os outros, os mais — doentes, enfermeiros, internos e medicos não se approximavam d'elle: temiam talvez comprometter-se com o reprobo. Um dia, porém, na enfermaria quieta e silenciosa, de onde os curativos e as visitas haviam passado, deteve-se um homem alto, trajado de negro, macilento de aspecto, barba talhada á nazarena e face pallida pelas vigilias continuas... Approximou-se

tranquillamente e, ao alcance, travou-se um dialogo:

— Posso servir-lhe em alguma cousa?... De que soffre?...

— Não lhe importe... Não sou doente... não preciso dos seus cuidados...

O tom da resposta era desabrido: movia-o repellir com brio uma piedade que o insultava, defendendo-se de uma confissão que julgava covarde.

O outro não desanimou; com voz mais branda, na qual se denunciava um laivo de sentimento offendido, replicou: — Não sou quem o senhor imagina... Não vim compadecer-me nem aggraval-o... sou homem e capaz de uma simpathia humana. Pois que o evitam, eu devia approximar-me para dizer-lhe que nem todos que o cercam são incapazes de reflectir a belleza de seu gesto e a generosidade de sua ambição... Perdôe-me se a minha simpathia magoou-lhe a susceptibilidade... ella quiz apenas estender-lhe a mão, mais que num applauso... numa solidariedade.

A voz ia pronunciando palavras polidas num esforço de commoção... e antes que acabasse, tocado por essa outra bondade que encontrava em seu caminho, Euclydes estendeu as mãos ao desconhecido para apertar affectuosamente a que lhe offerecia.

Era o Dr. Francisco de Castro.

A Campanha de Canudos.

Um facto policial, transformado por incuria e descaso em calamidade publica, chamou para os sertões da Bahia a attenção do Paiz. Em um recanto abandonado, como tantos do interior do

Brasil, de que nos falta até a consciencia, sem vias de communicação, sem liames moraes de instrucção ou dependencia administrativa, formou-se uma sociedade rudimentar em torno de uma fé simples, que lhe dava esperanças em Deus, já que fôra completamente largada da providencia dos homens. Um fanatico, do qual a lenda fez scelerado, um reprobo e até — um monarchista —, attentando contra a moral e ameaçando a ordem estabelecida, reuniu em torno de si alguns milhares de pobres gentes sertanejas, vivendo parcamente de lavouras e rebanhos, até o dia em que uma autoridade leviana e má interveiu desmandadamente em aggressão. Talvez apenas um imprudente, ou estouvado, mas que era juiz, porque no Brasil taes qualidades antinomicas se juntam sempre em paradoxos quasi irrisorios, se não fossem dolorosos pelas consequencias, e resultou a provocação irritante de uma arruaça. Começou a guerrilha, no desbarato successivo dos destacamentos de policia, dos contingentes de tropa de linha, chegando finalmente ás provações afflictivas de mobilização do Exercito nacional, dobrado de milicias dos Estados. Foi uma historia triste e vergonhosa. E porque eramos os unicos culpados, por não termos sabido dar-lhes cultura e civilização, vingamo-nos com violencia espantosa: immolámos, inermes, os milhares de vagabundos e parias, que assim mesmo só conseguimos vencer pela desproporção formidavel do numero e dos meios de lucta. Fizemos como as creanças ou os selvagens com os brinquedos desageitados e os artefactos perros, que não têm habilidade para concertar: quebram os objectos. Por isso assassinamos milhares de brasileiros em Canudos. Se houve uma voz de protesto, foi debil, e partiu de alguns moços generosos

e destemidos, alumnos das faculdades da Bahia, que o ousaram dizer de frente, no rosto dos responsaveis. Mas não foi ouvida pelo Paiz: o clangor das fanfarras e as passeatas gloriosas que deviam fazer os triumphadores pelas ruas empavezadas das capitaes, abafou-a no esquecimento merecido.

O estylo de Euclydes da Cunha.

Os seus scenarios semelham essas caricaturas de Forain, violentas e grossas, arcabouço tragico de um desenho que se imagina, mas que o autor desdourou de traçar: é um impressionismo espantoso em que os riscos interrompidos e as côres cruas suggerem antes que definem. As suas gentes têm o grotesco sinistro, ou a phantasia heroica que lhe inspirou o mais querido de seus mestres, Paul de Saint Victor: desfeiçoou as realidades sensiveis e moveis que o viram, e projectou nellas sua imaginação. O jagunço, que elle admira, ou o caucheiro que elle deplora, ficaram assim, para nosso pasmo, comparsas gigantescos de epopéas, ou de gehennas... As suas idéas entrechocam-se sem o seguimento logico e desdobrado das deducções: irrompem tumultuarias, desconnexas, divergentes, paradoxaes, como as d'aquelle outro de quem foi alumno, o barbaro Carlyle, extravagante e insolente, e por isso mais admirado, pela fria e commedida Inglaterra.

E sempre, não descreve, não discute, não convence... falta-lhe a miudeza pertinaz da expressão, a continuidade articulada dos argumentos que se coordenam, a certeza fria de uma demonstração que apenas espera ser feita. Não, num arremesso ousado de traços rapidos e incisivos, elle impres-

siona, grava, aprofunda... Risca summariamente a synthese linear de uma figura e de uma paizagem, deforma-a como um caricaturista invertido, que em vez de deprimir quizesse sublimar, e dispara em outra arremettida, num impeto de imagens e de idéas, não raro logares communs projectados como escarneo a reluctancias obsoletas, paradoxos retorcidos ou humorismos macabros, vertiginoso, possesso, divino... ás vezes fatigante.

A maneira de Euclydes. Monotonia da grandeza.

Se lhe faltava gosto ás vezes, tinha sempre o seu gosto: a palavra havia de ser sonora e rara, a imagem era enjeitada se não crepitasse em deflagração ou lampejasse em deslumbramento; o proprio pensamento, dom sereno dos que meditam, sem fadiga nem pressa, parecia-lhe espurio, se não lhe empinasse o dorso uma attitude arrogante de emphase. Nelle assim tudo eram explosões e arestas. Não tinha matizes nem flexões. Desconhecia os meios tons e as transições insensiveis. Era por isso incapaz da ternura e da piedade: não ha uma só de suas paginas em que a gente sinta os olhos se molharem de uma suave quentura commovida. Não escreveu de um regato, de um crepusculo, de um canto de passaro ou de um capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma vez, de não haver em todos os seus livros, uma só d'estas creaturas. Talvez venha d'ahi a admiravel coherencia de sua obra; certamente, por isso, lhe falta aquelle encanto frivolo e fragil, aquelle melancolico e doloroso desencantamento que só ellas conseguem dar a todas as aspirações e esforços humanos. Ao emvez, porém, os chapadões bravios, os rios grossos, as florestas despenteadas, as torren-

tes em furia, as soalheiras sem treguas... a fome, a guerra, o medo, o odio, o sarcasmo, o espanto, o mysterio, o delirio, a morte... em phrase curta e emperrada ou no arranco distendido dos periodos, se apoderam de nós, com arrepios de horror, commoções de pasmo, fremitos de enthusiasmo, para nos levar, não raro... ao cansaço...

Essa critica que lhe fizeram doeu-lhe, porque era justa. Vinha de um espirito desabusado e sincero que o applaudira na primeira hora e se affligia por vêl-o sem progresso e sempre sem medida. Poder-se-ia para escusal-o, dizer que possuia os defeitos naturaes de suas qualidades. Os clarões vivos são deslumbrantes... o ruido continuo é insupportavel... seja a luz mais pura e a musica mais harmoniosa... A descontinuidade é o unico meio psychologico de prover á fadiga da monotonia. Por isso, a perfeição é simples e a beatitude deve ser vazia.

A Arte de Escrever. O vocabulo e a idéa. O Gongorismo de Euclydes.

Não basta, para falar e escrever, possuir a riqueza inexgottavel do verbo que serve a quantas difficuldades e vae ao encontro de tantas espectativas, que arma a sentimentos desejados e chega além até das admirações mais insoffreadas... Não basta ter a arte incomparavel de mandar nas palavras e nas vozes, obrigando-as a todos os caprichos e ousadias, para effeitos prodigiosos de colorido, de graça, de força ou de paixão... Essas são as que encantam e seduzem olhos e ouvidos, em fremitos, extase ou commoção, em um momento, como uma paizagem ephemera ou uma musica passageira...

Mas não attingem a alma... não se lhe entranham na intimidade, não se communicam com sua essencia secreta, como as outras, mais raras, mais pensadas ou sentidas, mais sinceras com certeza, e por isso mesmo mais simples, que lhe acertam o caminho do coração. Porque valem pelo que communicam e mais pelo que deixam a adivinhar. Volvendo no tempo, quando outros successos distrahem a attenção dispersa e erradia, fica na memoria a imprimidura forte que lhe conserva o vestigio, como o metal mordido pelo acido guarda, indelevel, a marca de uma posse definitiva.

Cicero ou Vieira, talvez os maiores talentos verbaes de nossa linhagem intellectual, encantaram e surprehenderam a admiração e o enthusiasmo de ouvintes e de leitores, atravez de seculos, pelo pathetico, pela ironia, pela dialectica ou pela graça, que prestigiava a rethorica ou o instincto de uma arte incomparavel... Mas passariam nas almas, se não vivessem sempre gravados nellas pelos accentos poderosos ou pelas dolorosas exprobrações com que um recuou além das portas de Roma os inimigos da patria e o outro puniu os inimigos da humanidade que attentavam contra a vida e a liberdade dos primeiros brasileiros.

Euclydes da Cunha surprehendeu e maravilhou a muitos, senão a quasi todos, pelos dons de um estylo turgido e vehemente, a que uma contracção continua, quasi uma contractura ou um espasmo de phrase, dava o aspecto falso e artificial mais accessivel ao vulgo, de rebuscamento e de acrobacia... É que não teve tempo de ser simples... de sómente attingir as almas, sem satisfazer de caminho enthusiasmos faceis e comparsarias equivocas, de uma turba quasi illetrada, pelo menos impollida, que se paga com sonoridades ôcas ou

scenographias coloridas. Rufou tambores... accendeu fogos de vista. Escreveu com cipó, como lhe apodaram...

ARARIPE JUNIOR (*)

RESPOSTA A AFRANIO PEIXOTO

A "Esphinge": Cleopatra.

Descobristes a Esphinge semisepultada nos areiaes do Nilo; mas o vosso pensamento não se remontou ao mysterio da eternidade, nem se precipitou nas trevas da morte que envolviam as populações petrificadas pela preoccupação dos seus enigmas infernaes. Déstes porventura outra significação ao symbolo egypcio, e o transformastes no problema psychologico dos tempos modernos. Aos olhos de vossa imaginação teria resurgido essa adoravel Cleopatra que Shakespeare adivinhou.

Domicius Enobarbus repetiria a phrase cruel que desvenda a astucia da maravilhosa egypcia dominadora do coração do guerreiro Antonio. Vistes, então, a deusa descendo o Cidnus para enfeitiçar o Cesar. Isis e Osiris, fulgurantes da civilização grega dos Lágidas, marchavam um para o outro, esboçando nos confins do Mediterraneo o projecto sensual do imperio que pelas armas e pelo amor abalaria Roma.

Cleopatra ter-vos-ia, assim, apparecido envolvida no prestigio da mais bella e mysteriosa creação da natureza. Esphinge viva, cujos olhos se

---

(*) 1848-1911. Critico e romancista. Antigo deputado.

moviam perversamente, cujos labios destillavam filtros terriveis, cuja voz se perdia na ameaça enigmatica: — decifra-me ou te devoro.

Tranquilla, navegava a sua galera de pôpa de ouro. As velas de purpura, enfunadas, davam á embarcação o aspecto de um cysne extranho na côr e na formosura. Os remos de prata obedeciam á cadencia musical das flautas. E o marulho da vaga mal se deixava perceber, abafado pelo canto das sereias, pelo som das liras e das languidas charamelas. A deusa, cujo semblante irradiava a fascinação da belleza, recostada sob um toldo bordado a ouro, sorria para os amores "travestis", que lhe afagavam os cabellos. As donzellas que a cercavam, em figura de nymphas e nereidas, companheiras de outra Calipso, embalsamavam o ambiente dos mais finos e exquisitos perfumes. Regia a marcha do navio leme fundido de metaes preciosos por divino artista; e uma sereia fazia a rota consultando os mais reconditos desejos da rainha do Nilo.

OSWALDO CRUZ (*)

(26 de Junho de 1913)

SUCCESSOR DE RAYMUNDO CORRÊA (**)

A impressionabilidade de Raymundo Corrêa.

A bondade era o traço dominante do caracter de Raymundo Corrêa. Em todos os actos de sua vida, quer como chefe de familia, quer como juiz,

(*) 1872-1917. Grande bactereologista.
(**) 1860-1911. Brilhante poeta. Antigo diplomata. Magistrado.

quer como professor, era ella a caracteristica d'esse espirito, que se movia num ambiente poı elle impregnado d'aquelle sentimento. Irritado por vezes, reagiam dolorosamente sobre elle os actos que um transitorio arrebatamento fazia nascer, mas que logo se transfiguravam em factos que a sua inexgottavel bondade exaggerava, procurando fazer esquecer aquillo que d'alli por deante lhe era motivo de constantes nevralgias de alma. Soffria, e, com carinhos inexcediveis, procurava fazer esquecer o mal, que, por arrebatamento de um instante, pensara causar, magoando quem quer que fosse, amigo ou não.

Impressionavel em excesso, tudo se lhe augmentava e soffria mais que outros, de cousas em apparencia insignificantes.

O Parnasianismo no Brasil: Suas origens. Seus coripheus.

Foi por volta de 1880 que aqui no Rio se reuniam no antigo Café Cruzeiro, alguns talentos que se formavam promissores das celebridades que hoje nos honram, para ouvir as impressões e a palestra amena d'aquelle que transplantou para o Brasil o parnasianismo francez, e que aqui fez a sua acclimação. Arthur de Oliveira, que privara na intimidade dos que frequentavam a redacção do "Parnasse Contemporain" e que se identificára com as idéas directrizes da escola, referia a nossos jovens poetas como os parnasianos intentaram estabelecer na França o culto da fórma, como se trabalhava alli no burilar do verso, como se afinava a penna para obter a musica dos sons, como se combinava a syllaba aguda á grave na harmonia dos vocabulos. Preleccionava com enthusiasmo sobre a composição do verso, sobre a maneira de

vestir a idéa com graça e donaire, e não deixal-a andrajosa e analphabeta. Foi ahi, nesse Café, que se acrysolou entre nós o nucleo d'essa poesia artistica onde os novos admiravam e pensavam fazer no verso o que na estatuaria fizera o immortal autor do Perseu, que enriquece a "Loggia del Lanzi", na capital artistica da Italia.

Nessas palestras, Arthur de Oliveira relatava a emoção que experimentára quando foi apresentado a Victor Hugo e o horror que soffrera ao se sentir em casa de Hugo caricaturado por Gustave Doré: a caricatura — a prostituição do semblante — como elle dizia horrorizado.

Ouviam-n'o recitar as bellas peças de poesia parnasiana, entre outros, Theophilo Dias, Raymundo Corrêa e o mais brilhante dos parnasianos, a gloria mais pura da poesia brasileira contemporanea, cujo nome vejo brotar dos labios de todos e que não declino medroso de offender a pureza de sua modestia tão grande quanto o talento que originou a "Ode ao Sol".

E foi assim que se fundou entre nós a escola parnasiana, de que Raymundo Corrêa foi um dos mais lidimos representantes.

AFRANIO PEIXOTO

RESPOSTA A OSWALDO CRUZ

Poetas e sabios.

A humanidade é agradecida, com excesso bem explicavel, aos que a divertem. Nessa gloria ruidosa dos artistas vae implicitamente a confissão do pessimismo e do tédio dos dias que devemos

viver num mundo aspero e triste. Elles nos distraem com as suas imagens, figuras, intrigas, rimas e melodias, conduzindo-nos, fóra da vida quotidiana, para a realidade melhor do sonho em que vive o nosso desejo. E tanto mais sentimos que o engano foi grande, porque o sonho é magnifico, mais nos deliciamos, e somos reconhecidos a esses seductores que nos fazem crêr um momento na illusão.

Entretanto, ella esquece, ou não lhes rende a tempo a justiça da gratidão, áquelles que lhe preparam uma vida mais facil e quasi benigna, pela dominação de todas as forças naturaes postas ao seu serviço, pela posse de todas as riquezas e proveitos do mundo ao alcance de sua utilidade, pelo conforto, saude, segurança, com que, envez de um prazer ephemero, se tem uma tranquillidade permanente. Chegará, porém, o tempo dos vossos. Quando, emfim, ella tiver consciencia, volvendo os olhos para traz, essa humanidade doida que ainda agora se esquece numa festa breve e tumultuosa, reflectirá sobre o que deve a vós, homens de acção.

Então, os que inventaram imagens e fabulas, e acharam algumas palavras, télas ou bronzes para as exprimir, valerão menos talvez do que os que lhe crearam a felicidade. Nesse dia, por vingança, não os excluireis: elles são o ornato da vida, necessario sempre, ainda quando sobra a abundancia dos meios, a confiança da paz e a alegria da saude.

A Academia Brasileira quiz fazer esta justiça desde já. Por isso, tão solicita, vos acolheu.

O Sabugueiro de Raymundo Corrêa.
São Raymundo.

Tratava-se Raymundo num consultorio de medico, de uma magrem extrema, de nervos cansados e doentes, e um dia toma á parte o clinico, e diz seriamente, que lhe quer consultar, para um amigo. Em sua casinha de Nictheroy, tinha um quintalejo e havia nelle um pé de sabugueiro, ao qual creára amizade... O pobresinho era tão confiado que se debruçára para dentro de sua janella, olhando-o com as flôrinhas brancas, penduradas na ponta dos ramos... Mais alguns dias e já não poderia fechar a janella. Pois bem, notára que começava a adoecer... as folhas amarelleciam e as flôres pendiam flaccidas nos galhos... Tudo era grave em Raymundo: elle consultava sobre o seu amigo, de tal geito, que o medico não se recusou a receitar, com essa inconsciencia, tão geral, com que damos e tomamos receitas... Adubos, terra revolvida, agua principalmente.

Dias depois volveu triste: tinha executado as prescripções e não surtira effeito o remedio. Seria possivel que lhe morresse o amigo? Então, esse immenso progresso da sciencia, de que tanto se enchia a bocca, dava nisto? Ah!... se elle vos conhecesse... e pudesse imaginar na admiração nobre que lhe votaes... ter-vos-ia consultado! Em falta de outro appellava ainda para o mesmo clinico. Não lhe deixasse morrer o pobresinho. Parecia-lhe todos os dias que as florinhas brancas, quasi murchas nas hastes, se despediam, e sem uma queixa, resignadas. Doia-lhe mais ainda a confiança que empregaram tão mal nelle, que de nada lhes prestava... Disse-lhe um outro remedio... Sabeis como a ignorancia da causa e da

natureza das doenças torna a therapeutica mais cathegorica... Guano, nitro, agua ainda, bastante agua...

O muito amor de Raymundo valera mais do que a medicina. Tanto que desesperou dos recursos dos outros, que suppuzera capazes, dedicou-se elle mesmo ao sabugueiro. Poz-se a remexer e a sondar a terra, cautelosamente, para não maguar as raizes, e lá em baixo encontrou um corpo duro. Cavou... era uma enorme pedra, que impedia a raiz mestra de proseguir... retirou-a, repoz a terra no logar e, d'ahi a dias, já não podia mais fechar a janella, porque a gratidão do sabugueiro reflorido lhe entrava alegre pelo quarto.

Não deveis rir... S. Francisco de Assis com a mesma sinceridade falou ás irmãs andorinhas e ao irmão lobo, e elles, os brutos, lhe ouviram a voz e se amansaram para o attender... Ha uma affinidade secreta entre os obscuros sentimentos das cousas e das creaturas e os corações capazes de os attender. Sómente é preciso que o coração seja simples, seja bom, seja grande, e collocado bem alto, para ser accessivel. Como hão de os nossos, mesquinhos, terra a terra, sentir e comprehender isso ? Passarão sobre nós, despercebidas, as vibrações do ether, que communicam espaços indefinidos... A ponta elevada das antennas as ouve, entretanto, e nol-as transmitte na fórmula banal, comprehensivel pela nossa vulgaridade. As creanças, os poetas e os santos, que não duvidam, realizam esse milagre de não contarem com uma apparencia enganosa e de a substituirem pela certeza effectiva com que, pelo sonho, pela imaginação, pela fé, tudo é possivel.

Mas não só as cousas e as creaturas de Deus impressionavam a Raymundo Corrêa, os homens

principalmente. A sua bondade, a sua pureza, a sua simplicidade, no trato da familia e da sociedade, mereciam bem que se lhe chamasse, como alguns o fizeram, de S. Raymundo.

Raymundo Corrêa:
O Juiz.

Certa occasião, presidia uma sessão de jury, com aquella severidade sem dureza, que era a sua compostura no cumprimento do dever. Um assassino confesso, por um dos faceis mysterios da incapacidade ordinaria d'esse tribunal popular, a despeito de uma accusação esmagadora e de uma defesa sem calor, viu-se absolvido, porque os quesitos foram todos negados e o réo declarado innocente, por unanimidade. O juiz tinha apenas, conforme a sua obrigação, de julgar pelo veredicto do conselho e de absolver o accusado, sem appellação, immediatamente. Pronunciando a sentença, emquanto se lavrava o mandado de soltura, Raymundo falou. A principio os homens apaixonados ou indifferentes começaram a sorrir do discurso, que se affigurava uma exhortação á virtude.

Raymundo dizia que o accusado fôra havido como innocente, pela justiça dos homens. Só elle, na sua consciencia, e Deus, saberiam se esta, de facto, era a justiça. Porque uma se póde evitar; á outra, no fôro intimo de cada um, no temor do julgamento final, ninguem escapa. Considerasse, pois. Se com effeito nada devia, humildemente lhe pedia perdão pela sociedade enganada, da injuria que lhe fizeram, do que soffrera, até esse dia de rehabilitação. Mas se era culpado, embora solto e livre pelos homens, continuava preso e seria condemnado por um tribunal infallivel, mesmo na

terra e talvez ainda além d'ella. Havia, porém, um meio de se livrar d'essa pena e d'essa condemnação. Era reparar, com o bem, o mal feito, todos os dias da vida, dedicado a essa redempção demorada, mas certa, com que Deus permitte na sua misericordia que se expiem todas as culpas... No seguimento da oração, as palavras sem artificio, mas commoventes pela simplicidade posta ao alcance de um rude e curto entendimento, dissiparam o riso, deram ás physionomias uma austeridade subita e em pouco o coração oppresso se desafogava numa humidade quente e boa de lagrimas. Por fim choravam todos.

FELIX PACHECO (*)

(14 de Agosto de 1913)

SUCCESSOR DE ARARIPE JUNIOR

O Jornalismo.

Não retive o nome do displicente malevolo que apregoou que "le journalisme méne à tout, à la condition d'en sortir". Antonio Leitão, o saudoso mestre, com o scepticismo natural dos que já viveram demais para guardar ainda illusões, costumava repetir sorrindo esta phrase aos mais novos do "Jornal", á guiza não sei bem se de conselho ou se de advertencia. Deve ser exacto o conceito, porque é sempre avultado o numero dos que desertam da classe, mal obtêm os proventos da incursão transitoria pela floresta benefica, maravilhoso de-

---

(*) N. 1879. Jornalista, poeta e publicista. Antigo deputado, senador e ministro de Estado.

grau para todas as ascensões e instrumento admiravel de não importa que conquistas se queiram fazer. Mas é injusta a satira, se visa os officiaes sinceros do officio. Para estes, o jornalismo, longe de ser o jardim das delicias, que outros procuram e sabem achar, é uma dolorosa selva selvagem que devemos perlustrar com as cautelas maximas e sem excusados pavores, para que possamos fruir, na tranquillidade do dever cumprido lealmente, os contrastes de belleza e de horror que ella offerece no desdobramento magnifico de suas arvores fecundas, por baixo das quaes passam e repassam, mergulhadas nos paues, as figuras de perdição, opprobrios da sociedade, na eterna comedia da vida que todos nós precisamos conhecer, para nos elevarmos acima das miserias, que, envergonhando a especie, inutilizam o homem.

A mais nobre missão humana.

Os espectaculos multiformes da vida e do progresso, com o seu tumulto e os seus rumores perceptiveis ou subterraneos, nunca foram obstaculo á florescencia das cousas bellas, que perfumam o espirito e consolam a alma. Errará crassamente quem suppuzer o jornalista profissional desligado d'essas formosuras balsamicas, sem as quaes a terra seria um antro abjecto e o homem o mais miseravel dos seres.

Todos nós devemos restituir á vida aquillo que ella nos dá, na livre expansão revolta de suas forças, isto é, a experiencia, que ninguem fóra d'ella nos póde ensinar. Nós outros tivemos sempre adstricta á carreira a presumpção de uma tarefa educativa. Não descobriu ainda a nossa vaidade que essa missão tutelar, que nós mesmos nos

attribuimos, não provém de nós, senão e apenas do que vemos e aprendemos, para transmittir por acção méramente reflexa.

Não importa esse destino na suppressão da vontade e da iniciativa, nem no apagamento definitivo do ideal. O ideal é a razão da vida. Sem elle, como sem a luz, tudo se afogaria no amalgama impreciso e indefinido, onde as cousas e as idéas perdem os seus contornos e fórmas, sumindo-se na confusão cahotica, que nada exprime ou significa. É pelo ideal que o homem se levanta da terra e anda e trabalha e pensa, amando, rindo, soffrendo, na fé como na desesperança, com a plenitude consciente da sua fortuna vária.

O Jornal.
A vertigem da vida moderna.

O jornalista deve conservar sempre, na banalidade prosaica dos factos, como nos arremessos tempestuosos a que assiste, aquella parcella de illusão, que tudo redoura e sem a qual nos perderiamos nos desertos vasios e seccos, que a morte espalhou pelo mundo como as ante-camaras do seu solio.

Ai de quem vive preenchendo apenas a vida, na inutilidade de vêl-a decorrer, sem o orgulho de participar activamente d'ella !

A terra inteira é vibração e poesia. O homem precisa ser o sentimento e o sonho, carregando estas azas leves e irisadas atravez de todas as futilidades afanosas que o preoccupem.

O jornal, como o entendem hoje em dia, é o mergulho absoluto na intensidade da vida. E, neste mar immenso e sem fundo, em que todos nós bracejamos como naufragos, de ouvido attento aos

menores rumores e levados por correntes irresistiveis, sobram felizmente ainda, como nas edades abençoadas da Hellade e do Latium, as sereias divinas encarnando a belleza que não morre.

São as formosuras ondeantes, que reapparecem em nossa frente na travessia penosa, symbolos exactos da febre interior que vae comnosco num porfiado esforço pela elevação do senso moral e apuro do gosto no trato das cousas nobres.

Ninguem pensou ainda nos milagres estupendos da curiosidade, que é a alma da imprensa contemporanea e o significado principal das éras que hoje desfilam.

Nunca a licção da vida foi tão completa como depois do advento d'essa deusa insaciavel e fecundissima, que tudo absorve e relata e perquire e desvenda, deixando-nos apenas o grato e facil trabalho das deducções, poupando-nos a todos o sacrificio de adivinhar e reduzindo o poder da intuição, que era outr'ora um predicado raro, á simples obrigação commum de vêr, raciocinar e sentir.

A Critica: Arte de descascar cebôlas.

A historia tem graça e vale a pena repetil-a, ao menos como lembrança da gastronomia descompassada e demasiado picante d'aquellas estrelladas intelligencias, que já nessa época podiam pagar-se o luxo de banquetes licenciosos a 10$000 por cabeça na "Maison Désirée" ou na "Villa Moreau" e pouco mais tarde se recompunham na moralidade, aggremiados aos do "Centro Artistico", com exposições notaveis e espectaculos nacionaes representados por amadores e amadoras familiares, no palco historico do "S. Pedro" ou reunidos nos

agapes menos furiosos da "Panellinha", quando nós, os mais moços, mal começavamos a encher as esquinas e a empaturrar-nos com as feijoadas desconcertantes do "Gêlôbo"...

Falava-se em cozinha.

"Urbano então lembrou-se de atacar o processo de critica literaria, a que elle dava o nome de "descascar cebôlas".

— Que tem isso com a critica? — perguntei-lhe.

— Tudo! — respondeu o humorista.

— Explique, se me faz favor.

— Descascar cebôlas fazem todos aquelles criticos, que sobre tres ou quatro conceitos literarios, resumiveis em meia duzia de paginas, escrevem livros. No centro do fructo, cebôla ou qualquer outro, póde existir uma amendoa de valor; mas para que o leitor attinja esse objecto, tem de percorrer capitulos extensissimos, nos quaes o escriptor se alarga á vontade, dando-se ao prazer pouco lisonjeiro de flanar atravez de assumptos completamente extranhos á obra criticada.

É uma cilada, já se vê, armada á boa fé dos inexperientes. Talvez um bom modo de descartar-se da obra, que o critico não pretendeu ou não pretende analysar."

Araripe remata a narrativa dizendo com muito bom humor:

"Ri-me, porque a satira vinha com endereço a mim."

As deformações pittorescas da ironia exprimem ás vezes melhor as cousas do que a seriedade lyrica dos dithyrambos e a eloquencia condoreira dos panegyricos. As "cebolas descascadas" só eram pejorativas na apparencia. No fundo chistoso da phrase estava expressa uma verdade que vem a ser esta: Araripe punha muito de seu no

brilho dos outros. Se não fôra essa preoccupação perdularia, elle teria realizado uma obra propria de escriptor de grande intensidade e pujança e não haveria seguramente ficado nas tentativas quasi falhas do romance.

SOUZA BANDEIRA

RESPOSTA A FELIX PACHECO

O symbolismo. O seu apparecimento no Brasil.

O parnasianismo, depois de reagir em nome do gosto contra os desmandos do romantismo, agonizava ankilozado na repetição systematica dos imitadores de segunda mão, que copiavam as obras primas dos mestres, querendo reduzir a arte á precisão geometrica dos jardins de Lenotre. O naturalismo, que se erguera contra os velhos ideaes, em nome da verdade experimental e da sciencia moderna, depois de ter occupado a praça conquistada em batalhas ruidosas e triumphaes, começava a sentir o vasio da sua tentativa. A vossa geração sentia-se penetrar por um novo influxo. Pairava no ambiente uma atmosphera de mysticismo e de mysterio, contra a qual eram impotentes as affirmações dos homens da arte experimental. Brunetiére apregoava a "fallencia da sciencia". De todos os pontos do mundo culto vinham informações de um novo estado d'alma, vago, indefinido. Hauptmann, Mæterlinck, Ibsen, D'Annunzio, Oscar Wilde, falavam uma extranha e seductora linguagem, em que os homens de todas as raças fundiam a arte numa só bruma, atravez

da qual refulgiam em deliciosa meia tinta sonhos vaporosos e ethereos.

Da França, meticulosa alfandega intellectual, por onde tem de passar forçosamente tudo o que importamos do extrangeiro, vinha-nos a grande corrente do symbolismo. Verlaine, Malarmé, Rodenbach, Rimbaud, Regnier, Moréas, prégavam a nuança, a imprecisão, o mysterio, a fusão harmoniosa do som, da côr, do perfume, num halo colorido e sonoro que transformava a propria lingua, e desorganizava as velhas regras de arte poetica. Em Portugal já se havia tambem formado o movimento nephelibata, que, não sei porque, vós e os vossos injustamente renegaes.

Era este o estado de espirito da vossa geração.

ALCIDES MAYA (*)

(21 de Julho de 1914)

SUCCESSOR DE ALUISIO AZEVEDO (**)

O orientalismo na literatura.

Os romanticos haviam abusado dos proscenios medievos, dos tons do Oriente, do pittoresco sentimental nos quadros da natureza. Essa destemperada scenographia reflecte o desregramento emotivo produzido pelo desmoronar da antiga sociedade. Aos proprios desertos da America viera pedir tintas, linhas e figuras a grande escola revolucionaria; pedira-as ao lendario norsico, ás

(*) N. 1878. Jornalista, critico e novellista.
(**) 1857-1913. Grande romancista.

canções de Gesta, ao romanceiro hespanhol; á floresta, á montanha, ao oceano. Em praias ermas, atravez de selvas, na monotonia de rochedos islenhos ou á borda em languida curva dos lagos tranquillos,

Qu'effleurait l'hirondelle agile

deparava retiro de sonho o revel, a fugir preconceitos, ou o triste, avido de solidão. A principio, a meia-edade reviveu entre campanario e barbacã, a phantasia errava de claustro em claustro, de castello em castello, namoradiça das côrtes de amor, das justas, da sombra silenciosa das naves, e a bruma das lendas, entretendo a imaginação, esbatendo a realidade, amenizando ao enlêvo das evocações o escalavro das ruinas, compunha o fundo incerto, mais seductor na incerteza, dos devaneios artisticos.

Mas, á poesia do Rei Arthur, de Rolando e do Cid alliou-se em breve a de Antar, a sultana appareceu ao lado da castellã e da monja, approximou-se da torre nevoenta o minarete soalheiro, e o Oriente, lindado pela tradição á orla dos Pyrineus com a espada carolina, fascinou os romanticos, offerecendo-lhes ao pensar inquieto uma pausa de miragem sensual. Receberam matiz que lhes faltava as ondas azues do mar latino, os perfumes de Provença e da Andaluzia foram mesclar-se aos de Stambul, adquiriu prestigio entre amadores o luar do Bosphoro, e, em moda bailadeiras e pachás, yatagãs, oasis e turbantes, tornou-se o harém para todos os bardos um termo de encantadora cruzada imaginaria.

O exito popular de certos romances de aventura mostra a influencia d'essa escola, a exaltação ima-

ginativa do publico, alimentada por essa poesia de thesouros occultos, de gondolas mysteriosas, de calabouços á beira-mar, de combates, de raptos, de bandidos generosos, grandes typos heroicos agindo solitarios contra a sociedade organizada... Revela-a ainda o facto de haver extraviado vistas na mesma direcção Honoré de Balzac, imitado por Flaubert, que, segundo confessou em graciosa confidencia a Maxime du Camp, receiava morrer á mingua de não visitar Benares...

Os personagens de Alencar.

O auctor de "Iracema", que foi o romantico mais sincero do Brasil, tentara a nacionalização do nosso romance pelo emprego de chronicons da colonia, de aspectos provincianos e de themas sentimentaes na sociedade do seu tempo. Quanto aos primeiros, diremos com justiça que Alencar não foi um simples pintor de indios, e, sim, o épico admiravel das duas raças que se chocaram na America, de cujo meio barbaro é o maior poeta até hoje conhecido. Por que ha de reduzir-se á méra reproducção dos aborigenes a obra evocadora do grande escriptor ? Por que falar de Iracema e esquecer a Martim ? Pois Alvaro, como guerreiro, não destaca ao lado de Pery ? Pois Isabel e Cecy não valem mais, como perfis femininos, que os das mulheres indigenas, sombras quasi apagadas ao fundo de quadros em cujo primeiro plano aquellas se debuxam em deliciosa silhueta ? Á ronda dos Aymorés não corresponde a theoria dos Aventureiros ? E a D. Antonio de Mariz, que chefe guarany se lhe contrapõe em magestade ? Romance de indios é "Ubirajara", caso de união exogamica entre duas tribus; mas, se toda a sua

obra fosse assim, não teria a virtude que a assignala, nem despertaria o interesse com que a lemos. Elle descreve no meio selvagem a raça vermelha deante da raça branca, fundidas na nacionalidade que ia nascer. Fixa depois em torno da mulher os primeiros resultados do povoamento e da organização social. Cecy e suas irmãs dos outros romances, são delicados symbolos da natureza aos poucos vencida pelo heroismo do homem sob o estimulo da belleza. Alencar não passou de um poeta, e não era a poesia deveras notavel das suas creações que aos novos cumpria alvejar.

Nos "verdes mares bravios" palpita num periodo a alma da natureza americana e a nossa vibração ancestral de saudade, casada á desolação do ermo. Depois, como figurista de lendas, elle merecia ser continuado. Falsas, Iracema e Cecy ? Mas, as heroinas do amor, em poemas de caracter primitivo, vivem limitadas a situações culminantes do instincto e do coração. E não só nesses: um segundo de "pose", perpetuado com genio em marmore ou painel, excederá sempre como vida a biographia intima dos modelos... Iracema e Cecy pertencem a uma classe chateaubrianesca de creaturas romanticas do Novo Mundo; mas, apesar d'isso, a significação humana de ambas augmentará com o tempo. A critica ha de olvidar no futuro aquillo em que ellas contrariam a nossa realidade e, então, a sua belleza brilhará fragil e poderosa entre forças indomadas nas primevas solidões da America. E se, no decurso das edades, outros artistas as alterassem estheticamente, em reconstrucções do passado, aproveitando-as para chronica, novella, ou verso, mais bellas ficariam; porque, não o esqueçamos, é feito de sonho o tecido das legendas...

RODRIGO OCTAVIO (*)

RESPOSTA A ALCIDES MAYA

O silencio de Aluisio Azevedo.

Calou-se Aluisio, vós o dissestes, reconhecendo, generosamente, que elle tinha o direito de o fazer.

Sim, calou-se, mas o silencio para elle representava uma dolorosa renuncia. Eu recolhi, contristado, a impressão de seu estado de alma, quando em 1907 o visitei em Napoles. Nossos primeiros encontros foram para matar saudades; falamos de tudo e de todos; eu, desejoso de tudo contar, elle, ancioso por tudo saber. Rimo-nos da recordação de alegres episodios, e choramos tambem, que muitos dos nossos haviam fugido á vida, deixando-nos a saudade. A nossa companhia literaria de então era quasi uma familia. "Fréres, plus encore que confréres", na incisiva expressão de Hugo. Do convivio e da solidariedade nasceu que nós nos amavamos, vivendo na communhão das glorias e das tristezas dos outros; choramos assim amigos mortos e recordamos, commovidos, tristezas e dôres communs. Mas, passadas essas primeiras expansões da curiosidade, falamos de trabalhos. Aluisio tinha sempre seus planos, sua exuberante ambição de produzir. Certa manhã, nesse insaciavel anceio por tudo vêr, que me domina, quando viajo, quiz ir a Capri, e Aluisio me acompanhou; ao almoço, num tosco albergue mal protegido do sol pelas largas folhas de um parreiral que sobre

(*) N. 1866. Poeta, historiador e novellista. Professor de Direito. Advogado.

nós se estendia como um pallio esfarrapado, perguntei-lhe pelo livro que devia ter na forja.

Aluisio olhou-me longamente, e contendo a natural vivacidade do gesto e dos olhos, respondeu: — "não tenho escripto nada". — Houve um instante de constrangimento. A visivel commoção do meu amigo se me communicou. Entretanto, a rapariguinha que nos servia, — bello e vivaz exemplar da flora feminil da ilha, — approximou-se de nós trazendo-nos um prato de figos que colhera no momento, enormes, roxos, arrebentados como beiços humidos, que sorriam.

E a attracção gulosa das fructas frescas e orvalhadas, cheirando ainda a arvore de onde acabavam de ser desprendidas, nos salvou. A chucharra riu do nosso enthusiasmo ante o prato appetitoso e acceitou, num gesto arisco, a fructa que Aluisio lhe offerecera.

Eu não insisti na minha questão indiscreta, mas o romancista voltou ao caso, e explicou longamente, particularisadamente, como quem quer achar argumentos para si proprio. Queria trabalhar, por certo, anciava por produzir, mas faltava-lhe a paizagem, o ambiente, o espectaculo. Se fôra um poeta, faria versos em que falaria a saudade que tinha da terra; mas não era senão um pintor e faltava-lhe o modelo. Estava estudando, accumulando elementos espirituaes, mas que só se poderiam materializar no livro quando voltasse á sua terra e á sua gente.

Escrever assim, longe e de memoria, não devia; e tinha força para resistir ao desejo sofrego que o queria arrastar, como se resiste aos prazeres do fumo e do opio. Mas sentia que o livro sahiria artificial e imprestavel.

"Artiste on donne sa propre vie à ses creations,

ou bien l'on taille des marionettes, et l'on habille des poupées", observou um dia o autor do "Crime de Silvestre Bonnard". Aluisio, para não fazer bonecos e vestir manequins, renunciou á producção literaria.

Seria uma simples explicação ? Seria uma confissão disfarçada de exgottamento e impotencia ? Não sei. Mas, foi dolorosa essa acalorada exposição em que a insistencia nas minucias e nos argumentos denotava a insinceridade inconsciente de quem se defende, ou se explica, querendo convencer-se, primeiro, a si proprio da sinceridade de seus argumentos.

O que me pareceu verdadeiro, era que a Aluisio faltava a inspiração, que talvez, como elle dizia, só lhe pudesse dar de novo a vida ao sol vivificante do torrão amado.

A obra que escreveria seria o simples fructo do engenho, sem a participação do coração, e não quiz fazel-o, esse puro trabalho de esforço. Talvez, como a mim, se lhe houvesse deparado, em suas peregrinações pela Italia central, na recolhida capella do convento de Grecio, perto de Assis, tão cheia das tradições do Santo, a nitida inscripção esculpida na parede do côro.

Si cor non orat
In vanum lingua laborat.

Convenceu-se da verdade do velho distico monacal, e a lingua não trabalhou, não quiz que trabalhasse em vão. Annos ainda passaram sobre essa pittoresca, frugal "colazione" de Capri; annos passaram, e a obra não veiu e já agora não virá mais, que a luz de onde podia jorrar empallideceu e se extinguiu.

A terra amada, a que tornou alfim o filho prodigo, apenas lhe recebeu o corpo inanimado e frio, para o guardar no seio em que se operam as transformações mysteriosas da materia e o trazer de novo á luz nas manifestações exuberantes da natureza tropical, que elle tanto amara.

ANTONIO AUSTREGESILO (*)

(3 de Dezembro de 1914)

SUCCESSOR DE HERACLITO GRAÇA (**)

O culto da lingua.

O portuguez não é uma lingua de bases solidas; a sua evolução soffreu a influencia da quasi parada civilização lusitana. Afastada um pouco da cultura moderna, obrigatoria, e pela condição social das nações em que era trafegada, a lingua portugueza teve de receber os revezes naturaes de todos os povos que se acham em progresso lento.

O desenvolvimento de uma lingua deve acompanhar o estado social das nações em que é falada, e, como disse Latino Coelho, no elogio a Frei Francisco de S. Luiz, "é o idioma de um povo a mais eloquente revelação da sua nacionalidade e de sua independencia. Na linguagem andam vinculadas as suas grandezas e as suas tradições gloriosas".

O estudo scientifico, ou a philologia moderna, tem revelado novos aspectos geraes, que podem

---

(*) N. 1876. Prosador. Professor da Faculdade de Medicina. Deputado.
(**) 1836-1914. Philologo e jurisconsulto.

ser adaptados ao nosso vernaculo. Nem sempre o que foi dito por classicos é absolutamente puro; e podemos oppor-lhes o nosso criterio para o que fôr consentaneo e justo á intelligencia da linguagem. Quer no aspecto etymologico, syntatico, ou semantico, as modificações hão de surgir naturalmente no conceito dos povos acerca dos factos idiomaticos.

Esta liberdade de reforma é moderada pela grammatica, que acompanha de perto a lingua, e diminue as mesnadas de erros da maioria. A grammatica não faz estylistas, mas é uma especie de terror, necessario aos escriptores.

O Jornalismo.

O jornalismo é a feição natural com que as intelligencias entre nós formam reputações literarias.

Ha uma symbiose do jornal e da literatura de modo que commumente os homens de letras nascem do jornal. Só mais tarde é que surge a differenciação dos espiritos combatentes e doutrinarios da imprensa e dos que serenamente lançam no papel as magias silenciosas e inspiradas dos sonhos.

MARIO DE ALENCAR

RESPOSTA A ANTONIO AUSTREGESILO

A casta dos homens de letras.

Os homens de letras em todos os tempos formaram uma casta que se distingue pela susceptibilidade irritadiça. "Genus irritabile" chamou-lhe o

primeiro classificador experimentado, e á caracterização incisiva nenhuma experiencia nova achou que alterar. Perpetua-se a contradição fundamental dos espiritos creadores, que operando em idéa a synthese dos aspectos da vida e a harmonia das formas dispersas da belleza, são na realidade almas solitarias, incongruentes, insubmissas e dominadoras. Em cada escriptor, e de um modo geral em cada artista, pequeno, ou grande, ha sempre a subconsciencia de absoluta soberania. Não nos enganam as suas attitudes modestas; são os meios blandiciosos de avassallação com que os tyranos exercem a força. O espirito creador é o mais despotico, o mais dogmatico dos espiritos, e realiza o estado intellectual do androcentrismo. O universo é uma irradiação da sua personalidade; elle é o Deus, satisfeito e sereno, se a illusão lhe consente o dominio regalado da turba admirativa, inquieto e arremessador de raios, se a multidão lhe interrompe o gozo da divinização, pessimista e negativo, se o mundo parece ignorar a sua presença dominadora. Admitte a concepção do Olympo, em que elle seja o Zeus, senhor e pae dos deuses; e quando por calculado consenso de muitos congrega-se o Olympo, cedo se reproduzem as conspirações e os desthronamentos divinos; e a estabilidade da supremacia repousa na força e no ardil dos Titans. Elle é o sol, é o centro do systema no qual traçou aos planetas as orbitas obedientes ao seu imperio; e não concebe que outros astros formem systemas senão para a possibilidade de outros mundos, nem deixa que irradiem da propria luz senão longinquos e minusculos, e nas horas em que elle, o sol grande, repousa do seu caminho de scintillação offuscante.

Tal é o estado de subconsciencia dos espiritos

creadores. Como poderiam associar-se, e de que proveito seria a associação para cada um, ou para os que se beneficiam das suas creações ?

Arcadias e Academias.

A associação estricta de puros homens de letras, quando se effectua, produz a constituição planetaria das arcadias, só proveitosa ao renome ephemero dos submissos, mas nociva á gloria do espirito creador que elles reflectem, copiam e desvirtuam. É o caso das escolas artisticas. Se a associação se esquiva ao theor arcadico e adopta fins de operosidade concreta, por exemplo, o estudo das fórmas das linguas, ou não influe o trabalho collectivo, ou é perturbador por falta de unidade de pensamento, ou, se esta se verifica, abaixa o espirito de creação ao mistér da inquirição grammatical, que, salvo casos raros como o do nosso João Ribeiro, o admiravel artista, tende a perverter e anniquilar o senso esthetico. Todos sabemos que o instincto bellicoso da humanidade primitiva tem um dos seus reductos na grammatica. "Grammatici certant" era já na antiguidade a voz de alarma para os espiritos pacificos.

Ha, porém, ainda uma nobre funcção da intelligencia que só póde ser bem exercida collectivamente por espiritos de eleição capazes de abstrahir, no convivio de algumas horas, a ambição da supremacia individual, os cuidados technicos de generos e profissões, e as preferencias sectarias. É a composição da eurythmia, em que todas as modalidades do pensamento, todas as aspirações do ideal se conjugam para o gozo desinteressado e tranquillo. Chamo-lhe a funcção moral da intelligencia, e imagino-a como a arte da orchestração

espiritual em que todos os instrumentos sonoros, conservando a sua feição e a variedade dos sons, se combinam na plena harmonia que abafa e esconde, sem annullal-as, as differenças da gamma humana.

Essa é a obra collectiva dos bons espiritos, os quaes, possuindo realmente, ou virtualmente, a capacidade creadora, possuem ainda o dom da resonancia, que é o sexto sentido da intelligencia, a aptidão musical para o convivio do pensamento.

Gregos e Barbaros.

Não obstante o sentido pejorativo com que nesta guerra universal se germanizou o appellido de barbaro, força é usal-o como a classica expressão distincta do estylo. Digo, sem pretender apoucar-vos, que sois um barbaro; não é um mal, e tendes companheiros numerosos. Felizes os raros espiritos que depois de tantos seculos e a tão alongada distancia podem, alheios á força do ambiente, imitar a limpidez e o equilibrio do estylo grego. Felizes egualmente os que, sentindo-se barbaros por terem nascido em terra nova, onde a natureza é desmedida e impetuosa na selvageria do seu vigor, têm a franqueza de ser o que não podiam deixar de ser, expressão natural do seu meio, da sua gente e do seu momento na vida. Alguns d'esses, de certo modo, são tambem gregos, se os qualificarmos pela feição mais eminente da arte hellenica, a harmonia sincera da idéa e da fórma. Foram proporcionados, simples, limpidos, os Gregos, porque a sua terra lhes dava o modulo do pensamento. Tinham templos abertos em peristylos, porque o ar circumstante era o de um céo leve, puro e azul. O Olympo, morada dos deuses,

era visivel e accessivel, e por isso os Gregos conversavam com os deuses.

Sob esse criterio de sinceridade da representação é hellenica toda a arte espontanea e caracteristica dos povos do norte da Europa; ao contrario,. é barbara toda a simulação disparatada do sentimento. E, assim, ao passo que julgo hellenicas as velhas cidades da Baviera, tão expressivas da feição do seu povo, tenho como a mais barbara das cidades da Allemanha, a geometrica e espaventosa Berlim, com os seus palacios colossaes, simulacro architectonico da Grecia, mas de cujos porticos marmoreos a ironia do destino fez ruir agora, ante o mundo attonito, a inconsciencia dos anthropopithecos ruivos em sanha contra os museus, as bibliothecas, as cathedraes, e todos os sonhos plasmados pela humanidade soffredora e serena.

Os grandes engenhos gregos, se tivessem nascido no Brasil, fariam a epopéa emmaranhada e abundante como a nossa selva selvagem; afinariam seus hymnos pelas vozes estridentes dos nossos passaros agrestes, comporiam a sua architectura com a desmedida grandeza das nossas arvores, e os seus sentimentos teriam o impeto sonoro dos nossos rios fartos e encachoeirados: e elles em tudo seriam brasileiros.

Nós devemos ser o que somos, embora barbaros. Barbaros pela essencia, ou pelo transvio da concepção, ou por emphaticos, ou por artificiosos, quasi todos o temos sido no Brasil.

A lingua portugueza no Brasil.
Os brasileirismos.

O Brasil não é sómente o paiz dos politicos, é tambem a terra dos grammaticos, quero dizer, dos

que têm a obcessão dos vocabulos e das regras de syntaxe. Depois de decorridos quatro seculos, e com a interposição do Atlantico, teimamos, contra todas as leis da vida, em conservar intacto o vocabulario portuguez do seculo dezeseis e com o vocabulario a prosodia e a syntaxe dos portuguezes d'aquelle tempo.

Anatole France affirmou a inutilidade dos diccionarios para o escriptor que tem alguma cousa a communicar aos contemporaneos. Basta a lingua viva que elle mamma e respira. Ha exaggero na affirmação, mas ha tambem verdade. Os diccionarios incutem o amor do vocabulo raro, o vicio da preciosidade, com que se fala mais á vista que ao entendimento. O mesmo escriptor desdenha com razão a grammatica investida de infallibilidade. Os grammaticos não advertem que a derradeira infallibilidade humana, que é o papado, já não se exhime de soffrer as mutações da vida, cuja condição é o movimento, é a renovação, é o resultado da morte, continuada e silenciosa.

Nós, os brasileiros, insistimos em conservar parada a mesma lingua que no seu berço prosegue o curso natural de sêr vivo. Em Portugal surgem de quando em quando os solecismos, que são a contribuição providencial e vital do povo e, como é forçoso, entram no corpo da linguagem dos escriptores.

Nós, os brasileiros, não queremos admittir ao nosso povo o mesmo direito de collaboração idiomatica, e desprezamos as suas innovações como brasileirismos de ignorantes. Á arvore replantada no sólo americano e fecundo, pretendemos impedir que a seiva lhe rompa a cortiça em brotos e reverdeça a folhagem e dê ás flôres a côr nova do novo céo, e aos galhos a flexibilidade dos ven-

tos da terra grande. No meio das nossas florestas queremos que esta unica arvore tenha em plena vida o aspecto decrepito, de folhas poeirentas e galhos resequidos.

Mas como é inevitavel a acção influente mas insensivel da vida, o nosso pertinaz apego a todas as fórmas classicas dá-nos ao estylo linguistico aquella mescla de archaico e de novo, de raro e de quotidiano que na architectura se chama o estylo rococó. Escrevemos uma terceira lingua que não é a dos modelos que imitamos, nem a do tempo em que vivemos. É o idioma da seita grammatical.

GOULART DE ANDRADE (*)

(30 de Setembro de 1916)

SUCCESSOR DO ALMIRANTE JACEGUAY

Perfil de Jaceguay.

Lembra-me bem. Ia já em meio o decimo primeiro mez de 1900.

Numa rutila manhã de sol, chamadas á fórma, por apressado toque de corneta, as classes de alumnos da Escola Naval, estendiam-se, ondulando para a prompta rectificação da linha sem deflexões, sob a cobertura do passadiço que liga dois corpos do edificio. Havia a expectativa dos casos insolitos: mais aprumo na postura, mais cuidado no uniforme, mais curiosidade no espirito.

A mudança de director que, na monotonia fami-

(*) N. 1881. Poeta, romancista e dramaturgo. Engenheiro.

liar do internato, era sempre facto ponderavel, d'esta vez subia de ponto por se saber viria commandar-nos um varão forte, heroe authentico, nimbado de legendas.

Com o peito impando de brio militar e o coração aos baques foi que vi apparecer quem primeiro humilhou a cruenta majestade da Sebastopol americana. A sobrecasaca, desabotoada sobre o collete branco, voejava, pannejando á briza, luzindo nos botões dourados, o que contrastava com a tranquillidade perfeita d'aquella physionomia.

Nada de entono marcial; arrastava-se talvez a affectar fadiga insanavel, apoiado á grossa bengala, que aos meus olhos phantasistas em tal mão, áquella hora, tomava o feitio aristocratico de um bastão ducal.

Oh ! Elle bem sabia como ferir melhor a nossa imaginação.

Á vista do rijo disciplinador, cujas tradições de austeridade pairavam alli ameaçadoramente, eu rememorava os seus feitos, parecendo que a Ilha toda se transfigurava, e a luz em vibrações de victoria chammejava em reverberos fulvos nas claraboias da cidade, longe; palhetava de prata as maretas, em torno; faiscava em fulgores bellicos na palma dos coqueiros, perto ! Até o mastro decrepito da "Amazonas", que salvaramos do olvido, vibrava empavesado, como no dia grande de Riachuelo !

Elle então passou, vagarosamente, passou, pelle curtida pelas soalheiras do mar, rosto alongado e emmagrecido pelas vigilias do estudo e da guerra, mão encordoada de veias, olhar longinquo, alto, pesar da negligencia do porte; musculoso, ainda que delgado; tardio de gestos, embora activo e diligente.

Em pouco viamos o chão safaro da insula revolvido pela terraplenagem; ampliavam-se alojamentos, erguiam-se officinas, ruiam brutos paredões coloniaes; e para as bandas do nordeste elevou-se pinturesca vivenda a dominar um jardim incipiente, que em breve entrou a sorrir pelos primeiros brotos. Num apice mudava-se a topographia do sitio, modificando-se a feição d'aquelle millenar accidente geographico.

E desde o quarto d'alva até á oração melancólica do silencio avistava-se aquelle vulto acurvado, a ir e a vir em todas as direcções, assim vagaroso, assim lasso, a guardar, entretanto, na carcassa invalida, energias imprevisiveis.

Se a ancianidade já lhe arrefecera o sangue, diziam que ainda não perdera o gosto das emoções fortes do acaso e das aventuras arriscadas do azar...

Esse era o homem.

Elogio do Heroismo.

Razão de sobra assistia a Platão quando affirmava que um dia, uma hora ou um momento só de heroismo vale mais do que um seculo de prudencia vulgar ou de virtude trivial.

Para que havemos os poetas de negar que a crença e o amor da patria são os propulsores da bravura ? Fiquemos que só um impulso sobrenatural e invencivel será capaz de arrancar o homem ao instincto de conservação. Seja este impulso a confiança na grandeza dos destinos da terra nativa.

A faculdade de admirar é a essencia mesma do meu temperamento, e é por isso que deante dos factos da nossa historia, de feitos como esses,

chego ás vezes a chorar commovidamente sem pejo as minhas melhores lagrimas de homem.

Gloria, pois, a ti, Barão assignalado, que cumpriste o dever de ser forte dentro da fé !

Gloria a ti, mar immenso, que nas tuas tormentas tempéras o aço espelhante d'essas almas rigidas.

E a ti, Patria querida, cuja formosura faz nascer nos teus filhos o denodo para a tua defesa. Gloria ! Excelsior !

ALBERTO DE OLIVEIRA (*)

RESPOSTA A GOULART DE ANDRADE

Generos poeticos.

O que sóe succeder com alguns vocabulos que se archaizam e morrem, para renascerem mais tarde, logrando geral acceitação, succede tambem com certos generos poeticos, hontem applaudidos, deslembrados e apagados depois, e depois resurrectos.

A historia do soneto comprova o asserto, comprovam-no por sua vez a ballada e o canto real.

A ballada, de par com todos aquelles poemetos, "lais", "virelais", "triolets" e "rondós", que, segundo Marot, compunham o "Breviario do Templo do Amor", tem, como é sabido, na poesia franceza do seculo XV o seu maior dia de gloria e popularidade. Decae depois no outro seculo com a admissão e pratica de novos metros e se ainda em setecentos um ou outro amigo de antigualhas, como La

(*) N. 1859. Grande poeta. Professor.

Fontaine, procura resurgir-lhe donaire e graciosidade, rapido e enganador é o assomo de vida. Mais de cem annos levou ella a dormir somno de inglorio esquecimento, até que, como na lenda da Formosa do bosque encantado, um dia, meiado o seculo 19, um Principe da rima e do verso perfeito a accorda com um beijo. Exsurge, revive, levanta-se e eil-a de novo requestada e querida.

Fostes tambem ao seu encontro em terras de França, e pela primeira vez plagas brasileiras a hospedam. Receio, entretanto, lhe seja infenso este clima, e só por amor vosso e sollicitude não venha a definhar e morrer.

A ballada de fórma classica — e o mesmo direi do canto real — com o seu determinado numero de estrophes rigorosamente symetricas e versos de determinada medida, alternando-se regularmente agudos e graves, com suas rimas entrelaçadas e as mesmas nos mesmos "couplets", e ainda com o seu estribilho invariavel, parece-me entre nós de difficilima execução. Se a quizerem ajustar fielmente ao modelo, tratal-a como feitura artistica, evadir-lhe as rimas triviaes, e matizal-a das peregrinas ou raras, não será isso empresa para qualquer, e só por milagre, um d'esses milagres de talento, como o vosso, deixará de ser sacrificado o surto expontaneo da inspiração. Para experimentar poetas e tratear-lhes a paciencia já nos basta o soneto á moderna, todo galeado e garrido de consoantes surprehendentes, e d'elle se sabe que não obstante ha seculos acclimado entre nós, raro d'entre o innumeravel numero d'elles póde campar sem macula e valer por si um poema, conforme o conhecido conceito.

O Futuro da Poesia.

A actualidade é de sobresaltos, de indecisões, de anciosa espectativa. Em letras e em tudo, como naquelles tempos da Encyclopedia chamados por Lamartine "de scepticismo e de algebra", tacteia-se, não se pisa firme nenhum caminho. O da grande arte que foi o Romantismo, batido de um sol nunca visto e com accidentes de paizagem até alli jámais admirados, acabou partindo-se em atalhos e veredas sem horizonte.

Só de 1885 a esta parte, como traz um curioso estudo de Florian Parmentier, para mais de cincoenta agrupamentos literarios se formam, alguns com desenvoltos manifestos, dizendo a que vêm. É o Symbolismo, com os cenaculos d'este periodo, Decadismo, Magnificismo, Magismo, Socialismo, Anarchismo e Escola romana. São os paroxistas ou partidarios de Emile Verhaeren; os regionalistas, sectarios de Charles Brun; os jammistas ou os da campanha de Francis Jammes; os poetas exotericos e os espiritualistas, ou os que vão com Edouard Schuré. São os naturistas, ou os faccionarios de Saint George de Bouhelier. São os futuristas ou os pactarios com Marinetti, e oppostamente os primitivistas ou os abarracados sob Lérys, Marc Dhano e George Gaudion. São os humanistas, os subjectivistas, os sinceristas, os floralistas, os dramatistas e tantos outros, como, a luxuriar verduras de redor de tronco a meio apodrecido, multidão de vergonteas, cada uma das quaes de si comsigo presume ser arvore. São as pequenas escolas, as meias ou mal esboçadas escolas, grupos ou bandos esparsos, como no deserto o arranchamento de tribus errantes.

O estado social, com que se entretecem fio a fio

estas cousas, explica talvez estas ramificações ou diversão de credos literarios. Falta um ideal superior que a todos irmane e congregue. Politico? Moral? Religioso? Religioso, moral e politico e, no que nos cabe, artistico e literario.

Tral-o-á o dia de amanhã, finda a calamidade da guerra? Ninguem sabe o que está além d'este horizonte cheio de fumo e relampagos... Não póde ser outra guerra. Seria o titubear, o ruir de toda a civilização. A mais plausivel das conjecturas é que uma paz duradoura e benefica se seguirá ao troar dos canhões derradeiros. Então — como sobre as devastações do incendio, na terra em que só ficaram de pé queimados troncos, rebenta feraz vegetação, que em breve é nova e mais virente floresta, cujas arvores vestidas de sol, gorgeadas de passaros não tarda que se desabotoem em flôres e se carreguem de fructos — d'esta deflagração ou abrazamento de povos, das cinzas da destruição, do incendio da guerra, hão de surgir as forças productoras da paz e do trabalho fecundo onde ainda ha pouco era tudo assombro e excidio tremendo. E como nas phases de formação do nosso planeta, ao propiciar-se-lhe á vida a superficie e ar circumstante surdem as primeiras especies representativas d'este ou d'aquelle reino — fórmas literarias desconhecidas, desconhecidos generos e ainda os de ha muito esquecidos acharão ambiente apropriado ao seu apparecimento ou resurreição. A epopéa abrir-se-á talvez como flôr de bronze, nesse chão ainda empapado de sangue para celebrar feitos como nunca os sonhou a Musa antiga. Talvez o idyllio á Theocrito ou Gessner revirá com revir a vida simples dos campos com o amanho e o agricultar d'essas terras pesadas de ferro e detrictos das surriadas da peleja. O drama e o ro-

mance, tão lazarados como os vemos ahi das corrupções dos costumes, terão talvez mais pura fonte onde haurir inspiração e sua urdidura e entrecho. Talvez a ode subirá em suas azas gloriando-os num clarão de apotheose, os nomes dos que fizeram rosto á terribilidade armada e arrogante dos novos Barbaros...

A' nossa America como hoje lhe chega o sopro da fornalha européa, aquecendo todos os peitos, chegará o bafejo d'essa manhã de reconstituição social, de povos que se refarão para o Bem, o Amor, o Progresso, a Civilização. E hão de soar e vir até nós, que lhes responderemos concertando com suas vozes, as alvoradas da Vida Nova, os hymnos do Labor e da Paz.

OSORIO DUQUE-ESTRADA (*)

(25 de Outubro de 1916)

SUCCESSOR DE SYLVIO ROMERO

A Bonhomia de Sylvio Romero.

Sylvio era por natureza o typo a que vulgarmente se chama "homem chão", de alma limpida e rasgada, inimigo das convenções e das attitudes contrafeitas. Repugnavam-lhe as aperturas do cerimonial e da pragmatica. Em casa, ou na rua, expandia-se livremente, muitas vezes aos gritos, pouco lhe importando a opinião do mundo, que para elle não existia, fóra dos dominios da litteratura. E não variava: observei-lhe os mesmos ges-

(*) 1870-1927. Poeta, critico, philologo e historiador. Professor.

tos e as mesmas exclamações no meio do rumor confuso e vasto da Avenida, ou em doce passeio, á noite, pelas praias de Copacabana, onde se ouve, em surda cantilena, a eterna monodia do mar, sempre roleiro e queixoso. Era capaz de sahir sem chapéo, e recebia a quem quer que fosse de modo egual: estirado na rêde, fumando cigarros e tomando notas de um livro cuja leitura só a muito custo interrompia.

Não quero dizer que fosse selvagem: tinha um feitio proprio que não procurava contrariar; não respeitava fingidamente a sociedade; não fazia, tampouco, por affrontal-a, porque não cogitava, sequer, da sua existencia; era rude, sem ser grosseiro; irreverente, sem premeditação; desabotoado e agreste, sem calculo nem artificio. A franqueza e a sinceridade eram nelle predicados que sempre andavam parelhos.

Decorria d'ahi a falta de preoccupação com os atavios, a ordem e a justa medida, que são a graça, a leveza e o perfume do estylo, pouco se lhe dando que a linguagem sahisse airosa ou desmanchada, e que a sua prosa apparecesse em publico tal como elle proprio seria capaz de apparecer: despenteado e em pantufos.

Não era, pois, um estheta; não seria capaz de murmurar com fervor religioso a "Oração na Acropole", nem de repetir com enlevo o "Hymno de Apollo", cantado em Delphos pelo divino Homero. Não comprehendeu, por isso, as intenções e as subtilezas da obra fina e repolida de Machado de Assis, nem lhe foi dado admirar, com a alma de um atheniense, o atticismo dos escriptores que souberam sempre guardar o prumo perfeito na elegancia, na sobriedade, na attitude, no gesto e na linguagem.

A Philosophia no Brasil: A acção de Sylvio Roméro.

Em 1868 pompeava ainda inabalada e victoriosa no Brasil a velha philosophia escolastica da Edade Media, coada atravez do crivo do espiritualismo catholico e do eclectismo conciliador e disparatado de Cousin.

No emtanto, já muito mais de dois seculos antes estava firmada e triumphante a doutrina cartesiana que, assentando na razão os germens originarios tanto da sciencia como da religião, procurava estabelecer entre ellas o laço que as deve tornar ao mesmo tempo compativeis e independentes.

Já d'essa arvore frondosa, que alimentou a sêde philosophica da humanidade desde o seculo XVII e conferiu ao seu genial autor a merecida laurea de verdadeiro "creador da philosophia moderna", haviam bracejado successivamente os ramos viridentes do racionalismo dogmatico e objectivo de Spinoza, de Malebranche, de Leibnitz, de Locke e da chamada escola dos "deistas", distinguindo as verdades physicas e as moraes e não reconhecendo á causa primaria nenhuma acção que possa contrariar as verdades mechanicas proclamadas pela sciencia.

Já nessa mesma fonte se havia desalterado o genio de Pascal, buscando no sentimento a razão superior e subtil, cujos principios, apenas vislumbrados, ultrapassam evidentemente os dominios do espirito geometrico.

Já do methodo de Locke, baseado na dualidade do conhecimento e da crença, nascera ainda o famoso systema de Kant, que na propria constituição e no esteio da razão pura encontra as bases fundamentaes tanto da sciencia como da religião.

E já lhe haviam seguido os passos Ficht e depois Hegel, para quem sciencia e religião não passam de momentos ou estádios necessarios e logicamente successivos no desenvolvimento do espirito.

E, assim ainda, da concepção de Rousseau, que proclamara tambem a religião autonoma e independente da sciencia, passara a marcha do pensamento pelas theorias do romantismo de Schleiermacher, e havia estabelecido o "dualismo radical" da sciencia e da religião — dualismo que se viu depois atacado pela nova necessidade de um confronto entre as duas velhas rivaes, e do qual resultaram: as novas doutrinas de tendencias naturalistas, entre as quaes o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer e o monismo de Hoeckel; e as de tendencias espiritualistas, notadamente o dualismo de Ritschl, a dos "limites da sciencia", a "Philosophia da acção" e a "Theoria da experiencia religiosa", de William James.

Já nessa época o espectaculo era o mesmo de hoje, assignalado por um illustre philosopho: apesar de todas as luctas, permanecia a dualidade irreductivel dos dois espiritos co-existentes: o espirito scientifico e o espirito religioso.

Seis seculos antes de Christo já os differenciara Confucio, ao formular a celebre maxima que serviu de base a toda a sua doutrina: — "O cerebro caminha mais ligeiro que o coração... mas não vae tão longe."

De quasi nada d'isso houvera até então noticia nos dois maiores centros intellectuaes do paiz: no do Recife imperavam ainda o eclectismo de Cousin e o romantismo de 1830, apenas rejuvenescido pelos surtos largos do "condoreirismo" de Victor Hugo; no de S. Paulo, ainda em 1889, quando pas-

sei pela Academia, o que lá se professava eram as mofadas theorias de Taparelli e de Rosmini ácerca da idéa de justiça, revelada por Deus a Adão e Eva no Paraiso !

Ao ruido fragoroso de toda essa imprestavel cascaria philosophica e literaria haviam succedido já em França, na Inglaterra e na Allemanha o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo em philosophia; o naturalismo, o "scientismo" e o parnasianismo na poesia e no romance; o "folke-lore"; os novos processos de critica e de historia literaria, e a transformação operada na intuição do direito, da politica e das instituições sociaes.

Foi na transplantação, propaganda e adaptação de todas essas doutrinas, (embora errasse algumas vezes, depois, ao applical-as) que se distinguiu a acção benefica de evangelizador e de apostolo, exercida por Sylvio Roméro.

COELHO NETTO

RESPOSTA A OSORIO DUQUE ESTRADA

O nacionalismo de Sylvio Roméro.
O "Folk-lore". O Amor do Passado.

De homens como Sylvio Roméro carece o Brasil para que se recolha em si mesmo, estude, reconheça e aproveite a sua grandeza.

"Ninguem imagina como eu quero bem a isto, dizia elle; como acho isto bonito ! Este sol, que não se cansa de nos dar belleza e fartura e dengue ás nossas mulheres, palavra que, ás vezes, tenho vontade de o adorar, porque é verdadeiramente um deus. Nós não prestamos para nada. Qual

literatura ! Toda essa versalhada que por ahi anda não vale o canto de um boiadeiro. Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, mettam-se por ahi, por esses rincões, passem uma noite num rancho, á beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um d'esses caboclos destorcidos, de alpercatas e chapéo de couro e peçam-lhe uma cantiga. Então, sim.

Poesia é no povo. Eu creei-me na largueza, livre, correndo campinas, varando cerrados, comendo o que me offereciam as arvores, bebendo nas fontes vivas e, quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me nagua, nadando contra a corrente.

Poesia para mim é agua em que se refresca a alma e esses versinhos que por ahi andam, muito medidos, podem ser agua, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglez e esponja. Eu, para mim, quero aguas fartas — rio que corra, ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, e eu sou caboclo, filho da natureza, creado ao sol."

Dizia e ficava-se sorrindo, d'olhos semi-cerrados, a olhar longe, muito longe, na sua meninice, a gente boa e simples com a qual vivera e aprendera a amar religiosamente a terra, o céo, as aguas, as estrellas, as flores, os animaes, todos os sêres, todas as cousas do seu querido e formoso Brasil.

E então contava, como me contou, certa noite, a um esplendido luar, na praia branca, onde as ondas, palhetadas de ardentias, suspiravam na areia as suas trovas quérulas:

"Em menino, o meu maior encanto era, á noite, no copiar ou na eira, entre creanças, ouvir as ve-

lhinhas que, com a almofada ao collo, urdindo o crivo, cantavam xacaras peninsulares, narravam conselhas ou espavoriam o auditorio ingenuo com historias sombrias em que apparecia o yurupary, ou o sacy saltava num pé só, alumiando a brenha com o olhar esbraseado, quando não era a caapóra, senhor da matta, que rompia das profundezas com estardalhaço de ramos, montado num caitetú monstruoso que afocinhava as sapopemas, grunhindo e estralando os colmilhos. E fabulas e lendas, umas irradiando com o apparecimento de Rudá, o sol, outras melodiosas do canto murmuro das yáras, ou então os contos que faziam rir os pequeninos com as astucias do jaboty, as manhas do macaco e as palermices da onça, sempre ludibriada pela esperteza dos animaes matreiros. Ah ! meu amigo, nunca livro algum, por mais notavel que fosse o seu autor e mais celebrada a sua fabula, conseguiu attrahir-me como aquellas velhas o faziam com o iman dos seus racontos.

Ás primeiras palavras, que cahiam, lentas, no silencio attento: "Era uma vez..." o coração batia-me commovido, um calor inflammava-me o rosto, abriam-se-me muito os olhos e eu via, "via" os caminhos de encanto, as arvores de folhas de ouro, as grutas de esmeraldas, os dragões que bufavam chammas, as serpentes, os cysnes, que eram principes encantados, as princezas captivas de mouros, todas as cousas e figuras d'esses poemas da infancia, primeiros alimentos da imaginação...

E quando toda a casa dormia e, lá fóra, no silencio da noite escura, corujas chirriavam, quanta vez cobri a cabeça com o lençól e fiquei tremendo, a rezar baixinho, sentindo abrir-se a porta e alguem entrar em passos surdos... Ah ! medo !...

E não eram sómente as historias, tambem as

festas dirigidas pela velhice alegre para encanto dos moços e da creançada: as fogueiras de S. João, as marujadas, as feiras do Espirito Santo, com o imperador, que era um pirralho, o Natal, os ranchos de Reis cantando á porta das casas, pedindo pouso, quasi nos mesmos termos em que cantavam os bardos cambrios deante das moradias bretans: "Dieu vous benisse, gens de cette maison. Dieu vous benisse, petits et grands."

E concluia: "Precisamos desenterrar o thesouro poetico dos primitivos. Os povos têm dois jazidos de reliquias, um no espaço: o cemiterio; outro no tempo, a tradição. O espaço é precario e tudo que tem nelle assento perece; o tempo é perenne e eternisa o que recolhe.

Deixemos a terra no seu trabalho de transformação continua devolvendo-nos em seiva os corpos que lhe confiamos; busquemos no tempo a herança das almas.

É pelo tempo que nos pomos em communicação com o Passado e quem nos guia nessa viagem ? a tradição: aqui uma lenda, além um mytho, adeante um canto, alhures um ritual, uma cerimonia e vamos indo por esses marcos até as origens, que são os fundamentos da nacionalidade.

Não queiramos a gloria do anonymato: povo sem tradição é arvore sem raizes, que qualquer vento derruba. Veneremos o passado e, assim como accendemos cirios á beira dos tumulos, façamos luz no tempo para que venham, pela claridade do estudo, as pallidas figuras dos primeiros dias, que são os manes da raça, os precursores do genio do povo e seus verdadeiros indigentes.

Não ha historia sem tradição: ella é o principio e no principio é que está Deus: a origem."

E o formidavel polemista quedava de olhos fitos,

com um sorriso no rosto, triste como a luz do occaso, acceso em saudade: era enlevo. E estou certo de que, pensando nas historias, no mais fundo do seu coração, uma voz familiar, tremula e dôce, repetiria, como nos dias de antanho: "Era uma vez..." porque elle, meneando a cabeça, como a sacudir tristezas, suspirava: "Bom tempo !" É que, sob aquelle porte de titan, naquelle peito largo e robusto de pelejador, escondia-se uma alma meiga e simples, d'essas que conservam sempre a singelleza da meninice, como a do bom Lafontaine que, velhinho, tendo sempre vivido no mundo da fabula, com os animaes de Esopo e de outros conductores de sicinnis ainda dizia sorrindo, com centelhas de gozo nos olhos encarquilhados:

"Si Peau d'ane m'etait conté
J'y prendrais un plaisir extrême."

A lingua portugueza. Os seus evangelistas.

Já não é sómente o vocabulo de bôa casta que é renegado pelo barbarismo, é a propria plastica, a mesma syntaxe, de construcção robusta, que se vae deformando com o arrocho do justilho, effeminando-se com embelecos e postiços.

E assim abastardam e envilecem o nobre idioma, o alti-sonante portuguez, que rompeu sonóro atravéz do troar das buzinas romanas; que retumbou vencendo o clangor das tubas sarracenas; que écoou em Africa suffocando o estrugido das parapandas negras; que dominou o ribombo dos trovões e o uivo dos ventos nos mares, quando ordenava nas galés atrevidas; que se lançou por Asia dentro e veiu cantar nas tabas americanas, regressando ao ninho paterno cheio de noticias de heroismos.

Ao reentrar na Patria como as pedras, que se moveram ao som da lyra de Amphião e, sotopondo-se por si mesmas, umas ás outras, formaram as muralhas altas de Thebas, obedecendo á "furia grande e sonorosa" do épico, ajustou-se em heroicos, formando a torre inexpugnavel dos "Lusiadas", onde ha de viver eterno o genio robustissimo da raça que o creou.

É tal idioma, cujos termos nasceram em campos de batalhas, nos castellos alcandroados e nas alcaçovas das fronteiras, nas humildes póvoas dos villões e nos claustros ascidios, nas estalagens onde pousavam trovadores e dormiam espadachins e goliardos; nos paços reaes e nas galés que se faziam aos mares mysteriosos; nas recamaras das donas e nas arribanas dos pastores; no pulpito das egrejas e nas tribunas parlamentares; na arte e na sciencia; no commercio e na industria; na leziria, entre o gado; nos trigaes e nos olivedos; nas festas pagãs das colheitas; nas feiras sempre turbulentas; no inverno ao calor do lume, no soalheiro estival e entre a dorna e o lagar no outomno; sentimental pelo influxo da saudade, flor da raça. É tal idioma tradicional, herança que nos foi legada pelos que nos deram a Patria, o Deus do nosso altar, os costumes, a Lei e a sua propria gloria, que está em perigo, não por desestima do povo, mas por traição dos vélites da penna, d'esses mesmos que o deviam guardar com avareza e defender com brio.

E porque assim o desconjuntam? porque o acham, dizem, por demais inteiriço e rispido, sem flexibilidade, duro. Então, desarticulam-n'o e arrancam-lhe do corpo herculeo as peças da armadura, que o acobérta e refórça desde o tempo em que, partindo dos arraiaes galizianos, entrou a

terra lusitana, forte e altivo, nas mesnadas dos ricos-homens. Se ainda o vestissem compostamente, com trajo de hoje, nada se lhes diria, mas atafulam-n'o como um pintalegrete e trazem-n'o por ahi ciciando em voz de eunucho e caminhando aos pinchos como um pisaflôres.

O mal não é novo, allegam os galliparlas. Já Duarte Nunes de Leão o denunciava no começo do seculo XVII, mostrando acarretos do francez no curso do vernaculo.

Taes expressões, porém, transitam como folhas que descem o rio ao som das aguas, e passam e vão-se ao mar; mas se as deixamos rebalsarem-se a agua toda vicia-se, e turva-se o que era limpido; o que era fluente romóra em pantano; fica estagnado em putrilagem o que, antes, docemente, corria regando terras, reflectindo arvoredo, céos e montes, movendo azenhas e abeberando povos e rebanhos. Insistem ainda os taralhões argumentando com Victor Hugo:

"Une langue ne se fixe pas. L'esprit humain est toujours en marche, ou, si l'on veut, en mouvement, et les langues avec lui."

Sim, a lingua não se fixa: evolve, mas sempre á custa da seiva que recebe das raizes e dos beneficios que tira do ambiente. Assim a arvore perde as folhas, abrolha de novo, floresce, fructifica, esmarre para reverdecer mais bella. Mas como a arvore morre se a infestam parasitas, assim perece a lingua se a invadem exotismos.

Que transferida de um para outro clima a lingua se modifica, não ha negar. O idioma falado no Brasil é o mesmo que sôa em Portugal, mas — e mantenho a analogia — com o nosso sol a arvore tornou-se mais verde, mais viçosa, vieram-lhe as flores mais coradas e os fructos mais doces e de

mais aroma e, como se deu bem na terra, desenvolveu-se prodigiosamente, abrindo frondosa copa e enchendo-se de cantos.

Mas a seiva que lhe corre no ámago é a mesma que circula nas veias da arvore veneranda, em cujas raizes estão sentados os quatro evangelistas: Camões, Vieira, Bernardes e Camillo.

LUIS GUIMARÃES FILHO (*)

(19 de Julho de 1917)

SUCCESSOR DE GARCIA REDONDO (**)

Garcia Redondo sentimental.
Uma visita ao seu quarto de estudante.

Nas "Viagens pelos paizes da ternura" transparece, á vontade, a physionomia moral d'este escriptor. Sobre as paginas do livro adeja, maravilhosamente sereno, o Espirito Santo da felicidade familiar. Ellas nos transmittem a poesia dos seus primeiros idyllios, a historia dos seus primeiros arrufos, — arrufos de namorados que são amores dobrados — o chilreio do seu primeiro filho. Tudo é alli narrado com um geito commovente e discreto, onde o ridiculo não ousa embrenhar-se nem o braço impaciente da Critica se atreve a metter a foice. Ha, todavia, outro amor que não deixa repousar o espirito de Garcia Redondo, é o que elle sente pela fecunda Natureza. Em quasi todas as paginas dos seus livros abrolham plantas e corollas, luzem searas, se enramam bosques, entrelaçam-se amorosos troncos.

(*) N. 1878. Poeta e prosador. Diplomata.
(**) 1854-1916. Jornalista e novellista. Engenheiro.

O caracter affectivo da sua individualidade manifesta-se em todos os actos da sua vida: ás pessoas e cousas da sua juventude conservou sempre esse tenaz apego que só acha agasalho nos corações superiormente perfeitos.

Já professor da Escola Polytechnica de S. Paulo, parte um dia para Coimbra no intuito de rever o quarto do seu tempo de estudante. No mesmo dia da chegada, ao amanhecer, ás horas em que as lindas lavadeiras accordam o Mondego com a jovialidade das suas vozes, o illustre escriptor escapa-se sorrateiramente do hotel onde alojara a familia, e ahi vae subindo lentamente a ingreme rua, olhando para as fachadas de todos os predios, que não haviam envelhecido como o seu rosto, pisando as roliças pedras da ladeira, que o tempo não havia tornado mais macias, no descortino da casa das velhas Seixas, onde trinta e quatro annos antes o seu coração ainda não provara as coleras da vida. E sobe a mesma escada de degráos baixos, a escada de João Penha! e abre a mesma porta de madeira roida, a porta de Gonçalves Crespo! e arrima-se á mesma parede de cal desmaiada, a parede de Guerra Junqueiro! e afinal bate palmas como trinta e quatro annos antes...

— Que deseja o Sr. doutor? indaga uma voz de mulher.

— Quero visitar o predio, senhorita.

— O predio está alugado. O senhor é da Hygiene?

— Sou um antigo morador d'esta casa e venho visitar o meu quarto, se a menina dér licença.

— Pois não, concede a dona da voz, apparecendo ao antigo estudante como uma enviada, talvez, das velhas Seixas, que teriam ouvido, na paz do tumulo, a supplica do seu hospede. Mas ha

gente no quarto, um quintannista de Theologia, que ainda não accordou. Não póde voltar mais tarde ?

— Ai, se soubesse a pressa que tenho de rever o meu quarto...

— Então, venha commigo, meu rico senhor...

— Era aqui o quarto do Pareto, murmura o autor das "Caricias", estacando no primeiro patamar.

— Agora é o do Sr. Simões, elucida a tricana.

Outro lanço mais e eil-os em frente a uma porta de tristonho aspecto. "Anima rerum". Garcia Redondo inclina-se, recolhe a chave que jaz no soalho, debaixo da porta, como trinta e quatro annos antes, mette-a na fechadura, dá a volta, entra... Era o seu quarto ! Os mesmos muros, a mesma janella, a mesma cama de ferro no mesmo logar de outr'ora ! O estudante de Theologia empina-se no leito, alvoroçado com tão inesperada visita.

— É aqui o cavalheiro que morou neste quarto ha trinta e quatro annos e quiz tornar a vêl-o, explica a amavel cachopa.

O futuro capellão reengolfa-se nos lençóes e Garcia Redondo queda-se, contemplativo, dentro d'aquellas quatro paredes que tantas bôas cousas lhe diziam !

Subito — que é isso ? está se lembrando de tristezas ? interroga a pobre mulher fitando os olhos no seu rosto... É que surprehendera uma lagrima que elle em vão procurava reter, homenagem silenciosa á juventude desapparecida !

A emancipação da Mulher.
Historia do Feminismo.

Garcia Redondo conhecia, de certo, a dolorosa serie de esforços que a historia da humanidade nos transmitte, empregados na conquista dos di-

reitos das mulheres. Porque o antigo Oriente as exclue das funcções religiosas, vedando-lhes o conhecimento da Lei Santa, das funcções publicas e liberaes, considerando-as, "no physico debeis como as creanças e no moral vis como escravos". Na Grecia antiga ellas só existem para a conservação da familia e permanecem alheias a todas as profissões e a toda a educação intellectual, salvo as cortezãs que, letradas e prendadas, ensinam a Socrates eloquencia e inspiram discursos a Pericles. Roma, menos tyranica, dá-lhes, na vida exterior e social, um posto ao lado dos homens; já lhes concede as mesmas profissões que estes podem exercer, já associa as esposas aos cargos administrativos dos maridos, já admitte medicas, actrizes e professoras. O Judaismo da Edade Média affirma a inferioridade da mulher. Só o Christianismo e o Germanismo a respeitam e a exaltam, vendo na sua fraqueza, que inspirava apenas desdem á antiguidade barbara, um motivo para protegel-a. A palavra de Christo derrama sobre ella os clarões da sua doutrina serena. "Não ha macho nem femea. Porque todos vós sois um em Jesus Christo". A equidade triumpha sob a influencia da belleza evangelica. O Germanismo vê algo de celeste na natureza moral da mulher: "inesse sanctum aliquid et provid putant". Reconhece-lhe os mesmos direitos dos homens e por vezes proclama a superioridade feminina.

Mas sob a influencia do Direito Romano, do Direito Canonico, do Hellenismo, da Renascença das letras, liquida-se um trabalho de mais de doze seculos. A barbaria mescla-se á civilização. Os textos biblicos, desvirtuados pela influencia dos Judeus, fornecem copiosos elementos aos tradicionalistas. A mulher volta a ser o que fôra na Grecia

antiga e no antigo Oriente: uma creatura inferior. Commenta-se Isaias que vozeava contra as filhas de Sião, por andarem — exclama o propheta — "de pescoço emproado e a fazerem acenos com os olhos"; invoca-se S. Paulo, que apregoava a humildade da mulher, "imagem e gloria do homem, como o homem gloria e imagem de Deus"; aponta-se o "Genesis", proclamando-a um accessorio do homem, "osso dos seus ossos e carne da sua carne". Accusada de destruidora da harmonia primitiva, ella resgatará o seu peccado, permanecendo submissa áquelle que enganou. O Concilio de Macon chega ao ponto de perguntar se a mulher faz parte da humanidade ! Excluida de todas as funcções sociaes e publicas, concede-se-lhe apenas que saiba ler e contar. E, como regra, "que obedeça, que sirva e que se cale", segundo ordena o apostolo S. Paulo.

Era o regresso aos tempos despoticos dos Gregos e dos Musulmanos: a reacção não devia demorar. A partir da Revolução Franceza até aos nossos dias, com effeito, a idéa de equidade e justiça, relativamente ás mulheres, corre parelhas com o progresso da civilização e as conquistas das sciencias naturaes e philosophicas. Desapparece o despotismo inicial para dar logar ao triumpho, quasi definitivo, da egualdade dos direitos humanos. Ninguem põe duvidas sobre a semelhança moral e intellectual dos dois sexos; e ácerca da força physica, já se admitte que haja no mundo milhares de mulheres mais aptas para o trabalho do que muitos fracos e franzinos varões que nesse mesmo trabalho mourejam.

As mulheres alcançam brandamente todas as profissões. Os homens do seculo XX quasi nada lhes negam: saúdam nas escriptoras e nas medi-

cas, nas artistas e nas sábias, nas advogadas e nas poetizas, as ideaes collaboradoras dos seus ideaes. Se Rousseau, Michelet e Augusto Comte preferem a mulher dentro de casa, alheia a toda a vida exterior, divindade do lar, anjo da guarda do santuario domestico, Saint-Simon é progressista, Condorcet defende-a em todos os terrenos e Stuart Mill considera-a capaz de exercer as profissões que até hoje têm sido privilegio exclusivo do sexo forte.

Pouco falta, em summa, para a completa victoria dos direitos femininos. Ella chegará com a vertiginosa carreira da civilização e sobretudo, com o amanhecer da Paz, que ha tres annos anda adormecida na sombra da terra.

PAULO BARRETO

RESPOSTA A LUIS GUIMARÃES FILHO

A Arte.

Arte é uma só. Arte é physionomia da terra. A natureza é sempre sobrenatural na grande e infinita perplexidade do não saber. Dentro d'ella, no seu espanto, os humanos desejam a verdade que é o além. A arte,

> Musa concreta y ambigua.
> Elegante, moderna y antigua.

Faz-se a decifradora incessante d'esse Além, tão mais longinquo quanto mais perto parece estar. Os artistas, possuidores do seu segredo, são os illu-

minados, os organistas da grande cathedral que no thesouro da polyphonia colhem a unidade universal.

Ruysbrock, o admiravel, escrevia:

"O esplendor divino sem limites foi dado em commum aos espiritos amantes em graça e gloria; para todos dimana como o esplendor do céo. E, entretanto, os que o recebem não se vêm egualmente aclarados: o sol transillumina mais claramente o vidro que a pedra e o crystal que o vidro; e cada pedra preciosa brilha e mostra nobreza e riqueza e côr á luz do céo e cada uma é illuminada em graça e gloria, segundo a sua aptidão para o sublime".

Estão nestas palavras a arte e a razão dos grandes poetas — caminhos da perfeição, auroras das almas. As pequenas intelligencias, porém, não ascendem jámais a taes altitudes de comprehensão. Escapa-lhes sempre a aptidão para o "sublime" das pedras illuminadas, ignoram a dor profunda que a historia prenatal das grandes obras mostra nos ideaes e nos sentimentos que os genios vão adivinhando, neste mundo que não é divino para todos só porque nem todos o podem ver. E principalmente por falta de pureza para admirar aquelles que são os decifradores da perplexidade da natureza, donos das chaves do entendimento, dos sentidos, encaminhadores dos humanos no desejo do Além que é a verdade...

Os poetas são amados pelos povos e venerados pelos que d'elles recebem a dolorosa herança. E se o resto continúa a classificar e muita vez a aggredir por ser incapaz de comprehender, é esse o imposto da pequena intelligencia contra os altos espiritos em todos os tempos: a injustiça que fazia perder a paciencia a Pindaro na sua cadeira de

ferro, a injustiça que de latrocinio accusara Phidias, a injustiça que sorria deante de Shakespeare e considerou Balzac escrevinhador — a justiça da eternamente terrivel pequena intelligencia, esse terceiro sexo filho do logar commum e da pretensão inane.

Que fazer ? Não ouvir e seguir. Roberto Burns dizia: — "Duas cousas invejaria eu: o cavallo nas selvas da Asia, e a ostra em alguma costa deserta da Europa. Um não tem desejo nem medo..." A sina dos artistas, porém, não póde ser essa, desde que a sua razão de ser é desejar freneticamente para dar ao pathos a refulgencia astral da luz divina. A pequena intelligencia poderá não o comprehender, mas jámais o domará, classifique-o embora de impassivel ou ardente, parnasiano ou lyrico, symbolista ou cousa alguma.

BARÃO HOMEM DE MELLO (*)

SUCCESSOR DE JOSÉ VERISSIMO

A Grande Guerra.
Os oasis da Historia.

Um dia, ainda em nossos dias, desabou sobre nós um pavoroso cataclysmo, que parecia como destinado a abalar a estabilidade do globo e subverter o planeta em seus fundamentos. As ondas revoltas circumdaram o espaço de um extremo a outro. Tal foi a temerosa catastrophe de Kracatoa,

---

(*) 1837-1918. Publicista, geographo e historiador. Ministro do Imperio. Falleceu antes de tomar posse da cadeira, deixando prompto o seu discurso.

a que só podemos resistir, assistidos da serenidade tranquilla, que confere a protectora egide da sciencia.

Hoje, mais portentoso acontecimento, um como terremoto moral, acaba de cahir de subito sobre nossas cabeças, excedendo todas as vicissitudes que em todos os tempos tenham atormentado e posto em prova a vida de todas as gerações.

Mas este obreiro immortal, "sempre outro e sempre o mesmo", prosegue impavido a sua mysteriosa peregrinação e salva atravez dos tempos os destinos da humanidade.

Sim ! O patriotismo sagrado dos seculos, esta civilização de que nos honramos, esta é immortal, impeterrita ante os escombros e ruinas, que lhes possam cahir aos pés.

Neste santuario da sciencia, sentimo-nos verdadeiramente em um oasis da historia, onde mal podem chegar os écos longinquos do tumultuar dos acontecimentos.

Seja esta a nossa consolação no presente e a ancora da fé inabalavel, que lançamos ás aventuras do porvir.

LAURO MULLER (*)

(16 de Agosto de 1917)

SUCCESSOR DO BARÃO DO RIO BRANCO (**)

A Abolição.

Retardatarios nessa evolução social, como já o

(*) 1863-1926. Publicista e orador parlamentar. Antigo deputado, governador de Estado e ministro. Senador da Republica. General de Engenheiros.

(**) 1845-1912. Jornalista e historiador. Antigo parlamentar e ministro de Estado. Diplomata.

haviamos sido na emancipação politica, nem por isso a lei redemptora dos recem-nascidos de escravos desmerece de valia, ou diminue o merito corajoso do homem de governo que affrontou os poderosos interesses do seu tempo e lhes deu combate victorioso, numa lucta que o sagrou grande e humano entre os estadistas do segundo Imperio. Ainda que o fundo christão do povo brasileiro lhe fosse propicio, não teve elle a seu favor a corrente formidavel de opinião que posteriormente ditou, a 13 de Maio, a lei da Abolição immediata, a uma camara eleita para manter a escravidão. O velho Visconde do Rio Branco, fidalgo pelo caracter, antes que o houvessem nobilitado por decreto, teve que subir, combatendo, a montanha formada pelos interesses e preconceitos do seu tempo, luctando contra os ricos e os poderosos attingidos na sua fortuna, até galgar a eminencia, onde eterno o vemos e bemqueremos.

D'esse planalto, inspirada no seu exemplo, a geração de que fiz parte, num movimento collectivo, que avassalou o paiz inteiro, fez, num pulsar enthusiastico e simultaneo de corações, rolar pela outra encosta a instituição negregada, cuja acção no organismo social ainda agora entrava e por longos annos perturbará a constituição definitiva da nossa nacionalidade.

Aos que negam ao povo brasileiro a capacidade de formar uma opinião collectiva e a energia para fazel-a prevalecer, bastaria essa pagina da nossa historia para desmentido. A liberdade civil veiu no Brasil do referendo popular para o voto da legislatura, onde o escravagismo suppunha contar reducto insuperavel, e subiu até o throno, acolhida pelas alegrias de um coração feminino, christão e brasileiro.

Bem é que recordemos para que os moços, que em livros universaes aprendem ser a historia a mestra da vida, se não esqueçam de que a historia patria lhes deve ser o primeiro e o mais amado dos mestres. Porque de não estudal-a males grandes nos têm vindo e cada vez advirão maiores, pelo desconhecimento do que fomos e do que somos, cabedal precipuo e insubstituivel para que, conhecendo-nos a nós mesmos, saibamos por onde e para onde nos devemos destinar. Certo havemos ainda por longo tempo que viver principalmente das contribuições vindas de familias de povos mais cultas no saber e mais adeantadas na actividade applicada; mas não temos senão razões para nos crermos capazes de crear uma Nação que adapte sem imitar e que não confunda a cultura do seu espirito com o culto do exotismo.

A bonhomia de Rio Branco.

Foi de espanto a minha impressão ao vel-o e ouvil-o, desde bordo, tão brasileiramente o encontrei nas maneiras, no falar e no sentir, acudindo a todos os que se lhe acercavam com aquella desataviada distincção brasileira que os nossos costumes receberam por herança da velha fidalguia portugueza.

Que vos não desperte ironico sorrir a apparente puerilidade d'estas observações, pois que por indice de notavel quilate se deve receber tamanha prova de personalidade, na resistencia prolongada em ambiente extrangeiro, d'onde, de commum, tantos aqui aportam de retorno, tão cobertos de contrafacções quanto de etiquetas de hoteis as malas com que perambulam.

Das cousas que elle aprendeu nas mais cultas sociedades do mundo, para o aperfeiçoamento dos

recursos que fazem o encanto da vida social e representativa, nenhuma deformou a estructura severa e simples, elegante e correcta de uma educação recebida em tempos que o espirito de imitação de povos mais ricos, mas menos educados que nós, ainda não permittira que se vissem em salões brasileiros andarem homens de mãos nos bolsos, nem se sentarem damas encruzando pernas.

Se para uma vida humana longo foi o tempo transcorrido entre o dia da sua partida e o da chegada, na vida nacional mais distante ainda parecia aquelle d'este, tão profunda e radicalmente se transformára a organização politica e social do Brasil naquelle interregno. Treze de Maio e Quinze de Novembro datam as duas grandes etapas da nossa marcha ascencional para o futuro, integradoras ambas da liberdade: civil na primeira, politica na segunda. Aquella rematou a obra de 28 de Setembro, que fôra a conquista liberal do seu tempo, e só de regosijo lhe poderia ter sido a nova d'esse advento; esta talvez lhe contrariasse o apego á tradição, que é para mim o mais admiravel traço de seu espirito; mas não lhe fez rugas no semblante amoroso que sempre teve voltado para a sua terra e a sua gente.

A sala de visitas das nações.

Ha em proporções e numeros differentes, mas em todos os lares, casa ou palacio, pelo menos uma sala destinada á recepção dos extranhos, que a polidez e a experiencia sociaes ensinam se acolha com a affabilidade que attrae, mas com a cerimonia que deixa entre as pessoas o espaço em que a prudencia e o respeito permaneçam desafogados. Saleta, sala ou salão, recebe cada um d'elles do seu dono o apuro dos seus cuidados, os primo-

res do seu gosto e os adornos das suas riquezas. É um departamento quasi á parte da vida commum da familia, que nos demais vive a sua intimidade, goza os carinhos da existencia domestica, soffre-lhe as penas, ri sem constrangimento as suas alegrias, ou curte dissabores e angustias.

Naquelle, posto que em sua propria casa, ninguem se permitte o desalinho habitual da intimidade, nem na veste, nem na maneira, e, menos que tudo, no discurso, que se requer escoimado da domesticidade privativa da familia, para discorrer vastamente sobre tudo quanto, interessando as relações sociaes, não tenha caracter de impertinente intromissão na vida privada, que é o recato do lar.

As Nações, aggregados de familias, têm por egual a sua vida intima e a sua vida de relações. Aquella comprehende o conjunto de todos os problemas da sua vida interior, da qual, grande ou pequena, forte ou fraca, rica ou pobre, é ella dona e senhora; abrange esta as relações de direito e as obrigações cada vez mais intensas entre as nações ou entre os seus nacionaes. Para o cultivo d'estas, organizaram-se representações diplomaticas nos paizes extrangeiros e, para recebel-as, creou cada uma das nações um departamento que requinta na cortezia da acolhida, como no apoio leal e solicita correspondencia aos seus bons propositos. Ahi não devem jámais apparecer as questões de dominio exclusivo da vida intima, nem d'esse limite póde exceder a acção directa da diplomacia extrangeira, que não n'o ultrapassa senão quando, por despercebidos ou incautos, imprudentemente lhes abrem os governantes as portas que dão para o interior da vida nacional.

A organização nacional.

Cada entidade, pessôa ou nação, vive essencialmente de dois elementos conjugados: um é a sua força intrinseca, expressão da sua vitalidade, representação do seu valor, indice da mensurabilidade dos seus destinos; o outro adquire-se no convivio da sociedade e do mundo pela actividade e pela intelligencia, que abrem as portas para a estima e para o conceito, que só o caracter sabe adquirir.

Muito e preciosamente vale a força extrinseca, que vem do apoio amigo; ella, porém, não se fixa duradouramente sobre os individuos que se desprestigiam nem sobre as nações que se subalternizam na anarchia interna ou na dobrez pasmada de um culto subserviente por alheias grandezas.

Aquelle que de si proprio não tira o vigor para a lucta da vida e a energia para affrontar-lhe as agruras e os riscos, perece ou esmaece na competição, ou trota, despersonalizado, sem alma, inconsciente do seu destino, tirado á brida pelos mais fortes, na estrada que conduz á servidão.

Não haverá credito quem valor não represente, material ou moral, e se a existencia d'aquelle attrae o enxame dos adherentes do exito, só a bôa fama sóe crear e conservar amizades e respeito. Por isso, para o individuo, como para a Nação, o exito e a nobreza da sua existencia principalmente dependem dos cuidados que põem na vida interior: no amanho dos bens, no cultivo das suas forças intelligentes e, sobretudo, no aperfeiçoamento das suas qualidades moraes. Para os que assim se fortalecem, abrem-se de par em par as portas do mundo, ávido da sua mercancia, curioso das suas letras e respeitoso da sua pessôa.

Se, ao contrario, occupando vaidosamente o me-

lhor do seu tempo e do seu esforço em saber o que vae na sociedade e no mundo, ao envez de apurar como nelles vae, deixa que vingue a discordia e a desordem na sua vida, cedo attenta ao mundo na gralha intrusa, aparta-se do seu trato, recusa-lhe o convivio, quando não n'a depenna ás bicadas.

A coparticipação na vida de relações gradua-se sensatamente pelas forças e posses de cada um, e ainda que haja casos em que a nobreza obriga, ou de dignidade, que impõem sacrificios extremos, não fica menos certo dizer-se que afundam no erro e se damnificam os que, fóra d'ahi, se aventuram em empresa superior á sua condição. Quantos tereis visto entre os homens, e nem de outro modo seria entre as nações, que, na illusão temeraria de brilharem no mundo em commettimentos para que não têm cabedal nem apparelho, perdem o credito que possuiam, quando poderiam recobrar o que nelle houvesse de abalado.

Buscam o exito e colhem desillusões; partem cercados de amigos e regressam oberados de encargos, que mais lhes desorganizam a vida, devorando, na contribuição forçada e impiedosa para satisfazel-os, o socego da sua casa e a economia do seu trabalho.

As instituições militares.

Pela disposição aos sacrificios extremos se póde medir o patriotismo de um povo; na previsão em educal-o e apparelhal-o para affrontar todos os riscos da paz e da guerra mede-se o zelo e a capacidade dos seus estadistas. Por criminosos de lesa humanidade devemos tel-os se propositalmente norteam a politica em rumo para a guerra, inevitavel no mundo sómente porque, como nas es-

tradas desertas e nas viellas escusas, ha malfeitores nos paços reaes e nas casas de governo.

Mas, porque estes existem, crime — e monstruoso — seria tambem de lesa Patria e de lesa humanidade abrir-lhes as portas da victoria, deixando pela inefficacia de uma resistencia mal apparelhada, que a Patria perecesse, triumphando a violencia extrangeira e criminosa sobre o direito nacional inerme.

Desarmar a Nação é desarmar todos os direitos que ella representa.

Correm maliciosos os tempos que vivemos e ainda que muito se deva esperar, na sociedade das nações, como na das pessôas, que os costumes subam de nivel moral, nenhuma garantia possuirá de viver livre e soberano o paiz que na sua propria energia não funde o seu direito á vida independente.

Para a paz e para a liberdade, que não existem sem justiça, devem nortear-se os destinos nacionaes; mas no roteiro de todas as travessias ha riscos e perigos que só a prudencia previdente, com o auxilio da coragem, sabe evitar ou vencer.

O Culto da Patria.

Sobretudo nos turbados tempos que vivemos nada parece mais necessario do que ensinar o Brasil aos jovens brasileiros! Ensinal-o na sua historia e na sua tradição, desde o dia em que aqui aportou o representante de um nobre povo, maior pelo esforço inaudito que pôz no defender e dilatar a conquista do que na propria descoberta.

Mostrar-lhes o valor da sua raça na epopéa das caravellas; no vigor de corpo e de espirito em lucta para organizar a vida tropical; na ambição collectiva, que de vencedores do mar ignoto os fez po-

voadores do ignoto sertão; na constancia do seu extenuante labor em meio á Natureza selvagem; no ardor em dilatar a conquista; no heroismo em defendel-a contra a cobiça de armadas poderosas e na tenacidade valorosa em disputal-a ao rival confinante; nas primeiras florescencias do seu espirito de independencia; no cadafalso em que pereceram impavidos os seus primeiros martyres e no sangue dos seus heróes fuzilados; nas alegrias triumphaes do Sete de Setembro, na energia nacionalista do Sete de Abril, na nobreza do seu Treze de Maio e na suprema evolução dos seus destinos politicos no Quinze de Novembro !

Dizer-lhes da bondade e da generosidade da sua gente; da virtude das suas mulheres; da cultura dos seus homens de sciencia; do genio dos seus artistas; da bravura dos seus soldados e marinheiros; da pertinacia operosa dos trabalhadores da terra e das officinas; da resignação de todos aos sacrificios necessarios; do amor decidido do seu povo á liberdade e á paz e do rugido da sua alma de leão quando o aggridem.

Em todas as aulas de historia patria deveriam os moços começar ouvindo a prophetica e singella carta de Pero Vaz Caminha, registro civil da nossa nacionalidade, e em todas as casas, ao lado da ceia de Christo, de Leonardo, que recorda a nossa commum filiação espiritual, deveriamos alçar todos, pobres e ricos, mas irmãos no amor da mesma terra natal, a primeira missa, de Victor Meirelles, representação commovedora dos dias em que o Brasil recebeu o baptismo da fé com que nasceu para o convivio do mundo.

Os symbolos artisticos valem tantas vezes por syntheses historicas no dominio do sentimento, que é a nateira onde os espiritos de eleição recebem

a inspiração dos grandes pensamentos e a energia para os feitos alevantados. Actuam sobre a collectividade creando um commum estado d'alma, entre os mais cultos e os mais desletrados, irmanando-os numa communhão que tem sido tantas vezes o ponto de concentração das nacionalidades em soffrimento.

No respeito ás virtudes dos seus maiores, ao labor e aos sacrificios, a que se submetteram, para manter illeso e crescente o acatamento e a fama do seu nome, têm os herdeiros das grandes familias o seu maior e mais seguro incentivo contra as seducções do mundo que poderiam deslustrar e amesquinhar a grandeza moral e material de sua casa. Numa democracia como a nossa, onde o renome da Nação não pertence á pessôa que a governa, mas ao povo que escolhe o governo, o estudo e a meditação dos nossos antecedentes, conjugados ao conhecimento de cada momento, devem — e hão de ser — o maior dos preservativos contra a inexperiencia dos que ignoram que o egoismo das nações é incomparavelmente mais feroz que o dos homens.

Sem duvida, mesmo entre as consideradas como a flôr mais perfeita da cultura humana, ha gradações que devemos conhecer, ainda que não estejamos obrigados a proclamar; mas um amadurecido exame dos tempos e dos factos do mundo, acaba por convencer que os differentes egoismos mais diversificam nos seus processos que nos seus intuitos: aqui politico, ali commercial; ora para engrandecer o patrimonio publico com acquisições directas, ora para fortalecel-o, augmentando a riqueza commercial e industrial á custa de concessões que, não estabelecendo dominio, cream todavia perigosos predominios.

No estudo das nossas cousas podemos e devemos apprender quanto custou aos nossos maiores o resguardo de nosso patrimonio contra a ambição dominadora dos mais fortes e mais ambiciosos. Não para recordar malquerenças que o tempo extinguiu, mas para aprender na lição do passado não só os riscos do futuro, mas ainda o remedio efficaz para impedil-os. Dahi não nos virão odios nem rixas, senão apenas o conhecimento das glorias e dos soffrimentos passados e a licção de que, sómente unidos e cautos, poderemos desenvolver o nosso convivio internacional com segurança e tranquillidade. D'elle não poderiamos fugir, nem devemos querer afastamento, mas, recebendo-o como um grande bem da civilização, lembremo-nos sempre de que, em todos os embates da vida, a organização é o primeiro segredo da victoria e o mais seguro penhor de sobrevivencia nos dias de má fortuna.

AFFONSO CELSO (*)

RESPOSTA A LAURO MULLER

O 15 de Novembro.

Ao ser aqui recebido um dos nossos mais encantadores confrades, definiu assim o 15 de Novembro: uma ameaça em surdina e uma capitulação apressada. Encerra esta apreciação um equivoco historico e uma injustiça tanto aos vencidos como aos vencedores.

No conceito de alguns, o 15 de Novembro cor-

(*) N. 1860. Poeta, historiador e romancista. Antigo deputado. Advogado e professor de Direito.

respondeu de tal modo aos sentimentos do povo, derribando instituições sem raizes e gastas, que nenhuma resistencia se lhe poderia contrapor.

A monarchia, no dizer d'esses, tombou a um simples gesto da soberania popular, pois, incompatibilizada com o progresso do paiz e com a homogeneidade da America, de todo lhe faltavam convencimentos e dedicações.

Mas si, realmente, o 15 de Novembro representa apenas a consequencia fatal de premissas, ha muito estabelecidas, o effeito irrepressivel de factores accumulados, o ponto de chegada necessario de longo caminho percorrido; si tudo ahi se desenrolou logica, natural, legitimamente, sem violação de direitos, nem risco de pessôas; si a propaganda republicana se limitou a recolher, naquella data, o maduro fructo da semente lançada em terra fertil e que facil brotara, crescera, florira; oh ! neste caso, bem exiguo merito compete a fortuitos triumphadores de jornada innocua, os quaes arrombaram uma porta aberta, deitaram por terra um morto, empunharam armas para trivial passeio, e não para grave combate, affrontaram uma sombra, arremeteram contra um nada, cabendo-lhes, portanto, a condemnação corneilliana dos successos inglorios, por imperigosos.

Não ! Por honra da Republica e do Brasil, os acontecimentos revestiram mui diversa feição.

Eis como procederam os depositarios da autoridade, contra a qual se insurgira a força publica:

O edoso e enfermo soberano estava longe, em segurança; mas, ao saber da sublevação, não trepidou um instante, accorreu immediatamente para o centro da possivel lucta, no coração da cidade alarmada, onde, intemerato, agiu, na esphera das suas funcções, até ser preso e desterrado.

Um dos ministros, velho almirante, faz tudo a seu alcance, activo, energico, decidido, — para apparelhar a defesa.

Ia reunir-se a seus companheiros, no posto de maior responsabilidade e perigo, quando enfrenta com o exercito adverso, formado em batalha, prompto a investir.

Sae-lhe ao encontro, a cavallo, o prestigioso commandante d'esse exercito, acompanhado de numeroso sequito, todo montado tambem. Intimam o velho almirante a render-se. Achava-se este a pé, sósinho. Não recúa, não vacilla, não profere uma palavra. Mal ouve a intimação, saca de uma arma de fogo, aponta-a contra o general contrario. Dispara-a... Ao tiro, que falhou, responde uma descarga da escolta. Cae, vertendo intrepido sangue, o digno marinheiro.

Vêde agora o presidente do ministerio imperial, aquelle contra quem convergiam as iras dos revoltados. Avisado do levante dos batalhões, parte, sem detença, alta noite, para o campo provavel do combate. Toma directamente, com extraordinaria diligencia, capacidade e vigor, medidas idoneas ao desaggravo; accumula no quartel-general do exercito, como si fôra experiente profissional, elementos efficazes de victoria; formúla, em pessôa, rigorosas ordens para inflexivel repulsa.

Assestada a artilharia da revolução contra as frageis paredes do edificio, reiteradas vezes ordena o Visconde de Ouro Preto que se rompa o fogo, que se ataque, que se lucte; e, como não lhe obedecessem, concita os brios, evóca as passadas glorias aos militares que ainda lhe pareciam fieis, buscando, assim, demovel-os da inacção ante as forças que os arrostavam.

Declarando-lhe, em conselho de guerra que con-

vocou, os generaes presentes que seria total a inefficiencia da reacção; reconhecendo-se abandonado, rodeado de gente infensa, não se abate o Visconde de Ouro Preto. Repelle a proposta de retirar-se pelos fundos do predio, para alhures organizar a resistencia; pede exoneração a quem de direito, ao seu soberano; aguarda as determinações d'este; cumpre até o fim com dignidade, com sobranceria, com heroismo, o seu melindrosissimo, o seu cruciante dever.

A Proclamação da Republica.
Força moral no infortunio.

Um minuto tragico: Nenhuma esperança mais para os ministros da monarchia... Entre frementes acclamações, penetra o marechal Deodoro no Quartel-General, até então fechado. Submettem-se a elle os officiaes e as tropas ahi formadas, e, porventura, ainda indecisas. Desamparado, no meio de um grupo manifestamente hostil, fica o ministerio deposto, á mercê do vencedor.

E o vencedor ahi vem, acompanhado de denso e tumultuoso cortejo, excitado pelos toques, rufos, salvas, brados triumphaes. Sóbe, adeanta-se, ao tinido de esporas e espadas, pelos longos salões successivos; irrompe, em tropel, no local, onde, inermes, sujeitos ás invectivas e aggressões communs em taes lances, permaneciam os seis membros do governo decahido, em face á revolução, ante o embate da formidavel torrente, com seus excessos, com o seu horror.

Vehemente, dirige-se Deodoro, apoiado pela turba minaz, ao Visconde de Ouro Preto. Erecto, firme, impavido, arrogante quasi, conforme as testemunhas, retorque o Visconde ás exprobrações, num ambiente de sacrificio, vendo armas em riste

contra seu peito, sentindo nos olhares e gestos dos que o enclausuravam num circulo de supplicio, cóleras fervendo, refreado a custo o impeto de desfechar a offensa, o ferimento, a morte.

Tal a nobreza d'essa attitude que o futuro generalissimo, conhecedor, como um bravo, da genuina bravura, estendeu, afinal, a mão ao Visconde, e, commentando depois a scena épica, exclamava: "O Ouro Preto procedeu como eu, no logar d'elle, houvera procedido !"

Nada d'isso merece a qualificação de ameaça em surdina e capitulação apressada.

Fecundidade e concisão literarias.

Justificando o seu voto no general Lyautey para membro da Academia Franceza, disse o actual presidente Raymond Poincaré: "Não sois um escriptor, mas um homem de acção e ha actos que são poemas".

Tendes, como aquelle vosso collega, general e academico, a productividade em actos, melhor, porventura, que a da palavra falada ou escripta — a dos heróes, a dos apostolos. De vós mesmo escrevestes: "Sou mais affeito a fazer do que a dizer".

Ninguem negará que a imaginação revelada na fecundidade constitue dom inestimavel, é cunho do genio. Quanto maior o numero de paginas de um escriptor, tanto maior a sua capacidade, ao menos, de attenção, esforço e trabalho. Admiravel, estupenda, a abundancia de um Victor Hugo, de um Balzac, de um Camillo Castello Branco, de um Ruy Barbosa, de um Coelho Netto, nos quaes o volume e a torrente não alteram o sabor, a transparencia, a pureza. Maravilhosa a floresta em que

tudo — arvores, arbustos, hervas, — fosse precioso.

Mas incorre em manifesto erro quem afére o talento pela simples facilidade de producção, só julgando merecedor de apreço quem profére arengas colossaes, ou constróe artigos massiços, proprios, como já observou alguem, da éra dos patriarchas biblicos, quando, vivendo o homem de 400 a 900 annos, dispunha de tempo e lazer para bem aquilatar semelhantes monumentos.

Na historia literaria, extensa é a lista de autores, a um tempo copiosissimos e menos que mediocres.

Dois obscuros theologos do IV seculo, Dydimo e Theodoro de Mopuesta, elaboraram o primeiro seis mil e o segundo dez mil tratados. Alexandre Hardy, dramaturgo francez, redigiu seiscentas peças, o que nada é equiparado ás mil e oitocentas de Lope de Vega, que, além d'isso, compoz vinte e um volumes de poesias e poemas. O compilador teutonico Moser, do XVIII seculo, levou aos posteros quatrocentas e oitenta obras, cento e setenta ainda inéditas, formando setecentos volumes, dos quaes, é certo, se lhe contesta a autoria de dezeseis. Dirné, escriptor francez, morto em 1832, totalmente esquecido, deixou manuscriptos, de que o peso monta a quatrocentos kilogrammas. O autor de "Manon Lescaut", celebre só por este romance, engendrou cento e setenta volumes. José Agostinho de Macedo alinhou duas mil e seiscentas poesias épicas, quinhentas elegias, tres mil epigrammas, afóra discursos, sermões, odes, comedias, tragedias, epistolas innumeraveis.

Até no immovel Oriente, deparam-se-nos exemplos de prodigiosa uberdade literaria. O imperador chinez Kiong Long mandou preparar uma selecta

das obras primas literarias do seu paiz. Calcula-se que o material para isso escolhido, durante annos e annos, dê para uns cento e oitenta mil volumes. É o que affirma Ludovic Lallane em suas "Curiosités Biographiques". A citação de outros casos congeneres poderia emprestar a este dircurso as dimensões do poema — "Illusão" — de cem alentados cantos, mais noventa do que os "Lusiadas".

Em contraposição, quantas celebridades, oriundas de uma estrophe, de um dito, de um gesto! Ha quem prefira á selva um jardim, um canteiro, uma flôr. Os Evangelhos formam tenues fasciculos. Socrates nada escreveu. Christo escreveu uma unica vez na areia, e ignora-se o que. O mais substancial discurso proferido na Terra, o que condensa o christianismo em sua infinita sublimidade, o Sermão da Montanha, não durou talvez, segundo o texto sagrado, nem vinte minutos, tal a sua divina concisão.

ATAULPHO DE PAIVA (*)

(23 de Maio de 1918)

SUCCESSOR DE ARTHUR ORLANDO

A elegancia masculina.

Os bons exemplos não merecem abandono. Nos tempos da opposição ao cesarismo romano, o philosopho Thraséas era uma figura que attrahia todas as attenções da sociedade. Homem do mundo, em toda a significação moderna da expressão, a

(*) N. 1865. Conferencista e jurisconsulto. Magistrado.

sua casa se notabilizava e distinguia pela frequencia continua das senhoras de boa companhia; e, amando apaixonadamente o theatro, chegou mesmo, certa vez, em Padua, sua patria, a surgir no palco, em costume tragico, escandalizando a todos. Não obstante, esse varão illustre, cuja austeridade não tinha limites, era, no conceito dos historiadores, o mais honesto homem do Imperio, de uma doçura e de uma tolerancia inegualaveis para com os virtuosos e os humildes e foi até uma das victimas de Nero quando, em pleno Senado, recusou conceder honras divinas a Poppéa.

Não precisamos, porém, lançar vistas para tão longe. Nós mesmos presenciámos a mesquinha guerra com que aqui se flagellava um certo Joaquim Nabuco, cuja figura aureolada commettia, aos olhos de muita gente, o feio crime de manter impeccavel a sua elegancia de fino cavalheiro, não se lhe perdoando que para o seio da Camara dos Deputados levasse o seu fraque talhado rigorosamente e marcado por um vistoso cravo rubro, que alarmava a representação nacional. Não teve outra fonte a ironia — "Quincas, o bello" — com que o cognominaram por longo tempo. Comtudo, nem o tremendo sacrilegio de que o criminaram impediu que elle se erguesse á altura de grande Brasileiro, recebendo em estatua a sua justissima consagração, porque soube ser um dos grandes paladinos da redempção dos escravos; foi, como embaixador, um dos mais ardorosos defensores dos interesses internacionaes da nossa Patria e ajudou efficazmente a fundar uma Academia que é o centro mais brilhante da nossa cultura intellectual e o mais notavel acontecimento da historia literaria do nosso paiz.

Naturalmente ha de surgir por ahi algum inqui-

ridor perseverante que se incumba de estudar e descrever como se fórma entre nós a lenda do "dandysmo" e como, da noite para o dia, na nossa vida social, apparecem guindadas, como que eleitas, á eminente posição de arbitros petronianos umas pobres e modestas creaturas que, sem embargo, são de surpresa colhidas com as excelsas honras que assim se lhes conferem, só porque tiveram sempre a simplicidade de acreditar que a gentileza do trato, a amabilidade, a doçura da palavra, os gestos cortezes de sociedade e de salão e o distincto convivio das damas ainda continuam sendo fórmas e expressões de sentimentos apurados e nobres. Todavia taes suppostos arbitros devem bem saber e convencidos estar que razão de sobra assiste á triumphante legião dos espiritos superiores, que nunca malbarataram o tempo em quejandas futilidades, erradamente tomadas por alguns philosophos lá da outra banda do oceano como indice de requinte social.

Mas as discordias e desintelligencias essenciaes, que, para ventura de todos, hão de sempre nos preservar da "uniformidade academica", nunca foram embaraço para as vossas deliberações, pois tudo isso pouco importa á Academia, á qual, como ao Paraizo e ao Inferno — na expressão do Senhor Olavo Bilac — por diversos caminhos se póde egualmente chegar.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

RESPOSTA A ATAULPHO DE PAIVA

Elogio da Elegancia.

Hoje já se admitte perfeitamente que a elegancia e o apuro das roupas não são, de modo algum, incompativeis com o mais alto exercicio da intelligencia.

A historia litteraria conhece o nome de varios escriptores celebres que nunca esqueceram o esmero no trajar. Esse foi o caso de Byron, esse foi o caso de Barbey d'Aurevilly e o de muitos outros.

No livro recente de Alfredo Pujol elle transcreve de uma obra de Bulhão Patto um trecho em que este conta certa visita feita por Garrett a Alexandre Herculano. Garrett, que ia passar alguns dias hospedado por Herculano, mandou adeante sua bagagem e o estojo de "toilette". Esta peça, diz o trecho citado por Bulhão Patto, podia parecer uma caixa de instrumentos cirurgicos e juntamente uma botica portatil, tal a quantidade de ferros cortantes em fórma de canivetes, escalpellos e bisturis; as tesouras de todas as dimensões, as pinças, as esponjas de todos os tamanhos, e a enorme quantidade de frascos, que encerravam finissimas essencias, combinadas pelos mais imaginosos e mais famosos perfumistas de Londres e Paris". Alexandre Herculano, vendo aberto aquelle arsenal, voltou-se para Bulhão Patto: "Ora veja o meu amigo de quantas cousas póde precisar um homem neste mundo !"

A exclamação era nitidamente zombeteira. E se Herculano houvesse feito o inventario do resto da

bagagem de Garrett, teria nella de certo encontrado cousas ainda mais curiosas.

Nesse tempo, os trajos de cerimonia comportavam quasi sempre para os homens o uso do que se chamava o "calção e meia". Os calções iam apenas até abaixo do joelho, apertados ahi por uma fivella; d'ahi até os sapatos rasos, o que havia eram longas meias. A barriga da perna ficava, portanto, com a fórma bem visivel. Dizia-se de Garret, que, não tendo uma plastica impeccavel, usava barrigas de perna postiças.

O caso faz sorrir. Mas todo aquelle arsenal de pinças, tesouras e perfumes e todos os enchimentos de algodão para pernas mal feitas não impediram Garrett de ser um dos maiores escriptores da lingua portugueza, um chefe de escola literaria activo e brilhantissimo e até um homem politico de idéas adeantadas.

Vão longe os tempos em que S. Jeronymo considerava as roupas sordidas indicio de pureza de espirito: "Sordidae vestes candidae mentis indicia sunt".

O nosso povo e aquelle de que descendemos nunca foram, entretanto, muito dados a apuros de vestuario e de cortezia. Ha d'isso na nossa lingua um depoimento interessante na accepção do adjectivo "francez". Francez, diz o diccionario, póde tambem significar "hypocrita", "falso". Essa accepção, vós o sabeis, não entrou para a lingua porque se tenha notado nos filhos da França, como caracteristicas habituaes, tão baixas qualidades. Ella veio simplesmente porque foram sempre os Francezes os mais polidos, os mais cortezes, os mais esmerados no trato social. Isso os fazia suspeitos á rude gente, que da civilidade via apenas a parte de natural fingimento, que todos somos mui-

tas vezes obrigados a manifestar, embora frequentemente com os mais nobres intuitos, — os intuitos de vencer as nossas injustas antipathias e de fazer passar as conveniencias dos outros em detrimento das nossas commodidades.

De tal fórma, esse termo de apparencia injuriosa é, em ultima analyse, um elogio. Mas elle prova que as nossas tradições não são muito affeitas ao culto da galanteria no trajar e no tratar.

Ha tambem uma certa simpathia na nossa lingua quando se exalta quem é "casca grossa". Deixa-se um pouco entender que por baixo das "cascas" grossas é mais natural encontrar a probidade, a seriedade, as virtudes boas e solidas.

Nada de grandes elegancias. Nada de vestuarios muito finos.

Ora, do ponto de vista de indumentaria vós fazeis o mais absoluto contraste com o vosso antecessor. Elle era integralmente um philosopho, nas varias accepções que a esse vocabulo empresta o diccionario: amigo da sabedoria e indifferente ás convenções do mundo. Seu estojo de "toilette" devia seguramente ser muito menor que o de Garrett. Vendo-o, talvez Herculano pudesse exclamar: "Ora veja meu amigo como um homem se póde contentar com pouca cousa neste mundo !"

As indiscreções do instincto.

Os maliciosos, os que conhecem bem o valor de cersos peccados, vigiam cuidadosamente as suas expressões e nada deixam transparecer dos designios que buscam occultar, mas que satisfazem largamente. São os que não os satisfazem e os recalcam systematicamente, os que mais vezes revelam esses desejos sopitados. Elles ficam atirados

para as masmorras do Inconsciente. Desde, porém, que a consciencia se distrae, fazem como os prisioneiros que procuram, ás occultas, se communicar com os transeuntes que passam.

E se isso é assim para todos os sentimentos recalcados, mais fortemente o é para o dominio do amor, sob as suas variadissimas fórmas.

Não faltaram criticos para observar como se trahiu esse sentimento no nosso grande e purissimo Machado de Assis.

Sua vida foi sempre um modelo de correcção e de pureza. No emtanto, vós sabeis como elle revelou em cem passagens diversas o seu attractivo pelo eterno feminino, descrevendo os braços das mulheres.

Os braços... Elle nunca foi muito mais longe. Mas os braços bastam e sobram. Cuvier gabava-se de, por um simples osso, ser capaz de reconstruir mesmo o esqueleto de animaes desapparecidos. Musset dizia que pelo pé se adivinha a perna: "et quand on voit le pied la jambe se devine". Em que adivinhações pensava Machado de Assis, demorando-se tão longamente, tão voluptuosamente a descrever os braços de suas heroinas? O certo é que nunca elle os esqueceu na enumeração das bellezas de todas as que creou.

As linhas do papel em que nós escrevemos são ás vezes como grades de prisão. Atravez d'essa grade, certos instinctos que nós queremos prender e esconder mettem a cabeça e gritam cá para fóra que estão encarcerados... Os mais accommodados espiam apenas melancolicamente. E os criticos maliciosos os enxergam e apontam...

EMILIO DE MENEZES (*)

SUCCESSOR DE SALVADOR DE MENDONÇA

Salvador de Mendonça.
As rosas do cego.

A sua vida politica e jornalistica, cheia de impetuosidades e desafogos, nem sempre adaptaveis ao justo e ao razoavel, é cheia de accidentes verdadeiramente inesperaveis para quem, com minucia, a investiga. Em muitos pontos as oscillações e esquivanças da sua orientação politica se reflectiram na vida diplomatica, na qual muitas vezes, é certo, foi accusado injustamente por força de despeitos, rivalidades e animosidades antigas. Nessas occasiões o seu desforço era impetuosissimo e poucas vezes se accommodava ao commedimento indispensavel a um diplomata.

Ha na vida de Salvador de Mendonça, de tão difficil apprehensão, um traço de suave e melancolica poesia que a perfuma e aformoseia toda.

É a reviviscencia do seu primeiro sonho de amor.

Velho, fez reflorir na velhice o melhor trecho da mocidade de um homem. Dizia elle que a sua melhor pagina era o conto escripto no inicio da carreira literaria, dedicado á mulher amada, á sua primeira noiva e intitulado "A tua roseira". Filio a essa roseira todas as outras que elle, já velho, cultivou. Suave e melancolica poesia, disse eu. Quanta poesia e quanta melancolia ! Cultivando as suas

---

(*) 1867-1918. Poeta. Notavel humorista. Falleceu antes de tomar posse da cadeira, tendo deixado prompto o seu segundo discurso, por não ter a Academia approvado o primeiro, em virtude das allusões pessoas que continha.

flores predilectas, por intermedio das filhas, solicita e santamente dedicadas, elle, cégo, não lhes podia ver a fórma e a cor. Era obrigado a sentil-as tão só pelo olfacto e pelo tacto e, desgraçadamente, nem todas as rosas têm perfume e quasi todas têm espinhos.

ALOYSIO DE CASTRO (*)

(15 de Abril de 1919)

SUCCESSOR DE OSWALDO CRUZ

Machado de Assis.
A vida é um baile de mascaras.

Foi um dia, já bem longe, que conheci o mestre da nossa geração literaria, quando, menino de collegio, entrei com meu pae á livraria Garnier. Era uma casa velha e escura, cujo soalho gretado tremia sob os pés. A um canto folheava livros certo homem de grande aspecto, a quem o Dr. Francisco de Castro logo se dirigiu com significações de estima. Não sabia eu quem era elle, mas recordo-me que lhe beijei a mão, ou porque adivinhasse que agradaria á vontade paterna, ou porque já no mais verde dos annos desponte ás vezes o instincto das grandes venerações.

Enterneceu-se com o gesto o Sr. Machado de Assis. Mimou-me na face, dizendo-me que me vira quando ainda lhe cabia no bolso do casaco. Larga conversa conversaram os dois amigos. Ao despedir-se, bem me lembra, sorria o mais velho a dizer: "Sim, a vida é um baile de mascaras, uns vão

(*) N. 1881. Prosador e conferencista. Poeta. Professor e Director da Faculdade de Medicina.

sahindo depois de outros. Já me sinto no fim do baile." E repetia, com voz meio gaguejada, "a vida é um baile de mascaras". Na rua interpellei meu pae sobre que baile era aquelle. Respondeu-me que eram cousas de philosopho. Não ajuizei de certo o que fossem philosophias, mas nunca me esqueci do encontro e das palavras.

A modestia fecunda.
O scepticismo de Magendie.

Era d'esses o Dr. Oswaldo Cruz e d'essa paciencia ainda nos fala o instrumento dos seus ultimos estudos, na sala que no seu Instituto é hoje o museu das recordações de sua vida. Alli se vê conservado o engenhoso formigueiro que fizera construir para os ensaios, a que havia seis mezes se entregava, acerca da biologia das formigas, e deante do qual, a lente na mão, gastava as horas, concentrado e absorvido na observação calada e fecunda.

Sabio, tinha em desprezo as jactancias da doutorice palavreira, que á pura força quer passar praça de sciencia. Nelle, ao contrario, tudo era silencio, modestia, decoro, temperança e prudencia. Alcançado o facto que buscava descobrir, a causa que procurava rastrear, o mecanismo que lidava por apprehender ou de algum modo interpretar, não se convencia sem que sobrepesasse os argumentos com severa autocritica, e as suas convicções só as radicava com as provas na mão.

Na analyse dos factos biologicos sabia onde acaba a sciencia e começa a phantasia, ahi onde tantos se perdem com quererem ir mais longe do que se póde. Porque ater-se ao justo limite da boa observação não será descrer, nem tudo suppôr in-

certeza e ignorancia. É, ao contrario, caminhar seguro, para que se não perca aquella fé immensa e viventissima, que a Pasteur nunca faltou, ainda nos annos extremos.

Condição primordial no desenvolvimento da sciencia, esse enthusiasmo, que está na sinceridade mesma dos seus adeptos, não será comtudo em muitos, inconciliavel com tal ou qual ponta de scepticismo, a exemplo de tantas harmonias que tiram sua origem de elementos contradictorios. Nem d'esse scepticismo se despiu, entre outros, Magendie, um dos iniciadores da physiologia experimental, do qual corre por certo se deleitava, em seu curso do Collegio de França, com annunciar aos discipulos resultados que de antemão sabia seriam depois contradictados na demonstração pratica. Ria-se o auditorio e não menos quem lhe armara a decepção. Era isso, suggere Renan, como um comprazimento do scepticismo. D'ahi lhe veiu mal a Magendie, porque, atinadamente pondera um dos seus commentadores, esse que assim procedia era o Magendie professor, cujos laivos de descrença naquillo que ensinava seria meramente chiste, ou toque de faceirice, ou acaso generosidade, no intuito de dar a vêr aos alumnos que ainda na mão de doutos e traquejados lá alguma vez acontece sahir a experiencia pelo avesso e, licção por licção, todas eram de annotar-se; o outro, o Magendie investigador e descobridor, esse não conhecia desanimação, tinha o dom de crer, nem jámais perdeu a fé no buscar a verdade.

Esse poder de fé, essa condição, em fallecendo a qual já não medram as outras, não só em summo grau a possuia o Dr. Oswaldo Cruz, senão que a soube poderosamente communicar aos que em seu ensino se instituiram.

**O Instituto dé Manguinhos.
A disciplina e a ordem nos trabalhos.**

Tudo alli era esforço, constancia, disciplina apertada, e até muito de noite se vigilava no estudo, com ardor insoffrido, porque havia aquella alegria com que os trabalhos se fazem leves. O chefe era exemplo. Superintendendo o instituto, ao mesmo passo que executava a grande obra do saneamento do Rio de Janeiro, a todas e tão grandes obrigações acudia com inexcedivel dedicação; e o mesmo administrador que consumia horas em applicar regulamentos e dar audiencias sem vergar de cansaço, trazia a ponto e em dia, com admiravel espirito de methodo, o precioso cabedal da sua vasta instrucção.

Nem era só o saber que assegurava ao Dr. Oswaldo Cruz a singular preeminencia de chefe de escola, e lhe dava sobre os discipulos tão notavel dominio pessoal. Possuir grande doutrina é, sem duvida, condição primeira para isso; com ella se querem, porém, predicados outros e não poucos, que só de muito longe em muito longe se vêm a reunir em um homem, um espirito são, feito de crença e enthusiasmo, de moderação e justiça, um verbo sereno, um animo inteiro, de uma rectidão que não quebre, uma respeitabilidade que edifique como uma exhortação de todos os instantes, um mostrar em si por obras o que dos outros se exige. Quando assim, quando tantos prestigios se alliançam, já não é tão só a admiração que vincula ao mestre o discipulo, é um laço mais forte, um querer de devoção. Não de outro modo, ao Dr. Oswaldo Cruz queriam seus auxiliares do instituto, sua familia scientifica.

Oswaldo Cruz. Peroração.

Tu, Oswaldo, foste digno de saudade, se ella exprime o desejo de que para sempre durasse o que houve de passar com o tempo e as cousas, no desfilar dos homens. Mas não é em meio aos cyprestaes, no sagrado silencio do teu tumulo, coroado de flores, que te vemos. Vivo estás, revivo te sentimos como naquelle dia de ha dez annos, em que recebeste, com as honras da ovação, o preito dos da tua classe. Porque já então estavas na mansão elysea, onde o poeta latino collocou, com a fronte nimbada de alva fita, os que por bemfazerem se tornaram para sempre lembrados:

"Quique sui memores alios fecere merendo
Omnibus his nivea cinguntur tempora vita."

(VIRG., *En.* I. VI.)

Com os versos de Virgilio, num coro de applausos, te falámos, cingindo-te o peito forte com a medalha da victoria. Não era para te engrandecer com louvores; porque o louvor em ti mesmo estava, no teu exemplo, que nos animava de uma fé mais viva, na belleza dos teus dias e das horas fecundas em que completaste a gloria do teu destino. Não te foi preciso uma existencia larga para o prodigio da tua obra. No teu por aqui rapido transcurso não chegaste á declinação dos annos, mas não esqueceste a licção do prégador, "a cada um de nós não nos toca viver muito, senão viver bem". Nem muito terá porventura vivido, philosophava Seneca, aquelle a quem a edade lhe alvejou os cabellos e cobriu de rugas; muito haverá durado, sem quiçá ter vivido muito. Tu, Oswaldo, duraste pouco, mas viveste muito. Quando pelo teu saber, dez annos

antes de acabares, te certificaste da indeclinavel fatalidade que para breve te haveria de encerrar os dias, não desanimaste com os revezes crueis da tua doença, não desesperaste a batalha, não desertaste no trabalho em que te abrazavas, senão que redobraste no ardor, a fronte rescaldada de um ideal sem eclipses, e com o coração bem preparado, todo tu te déste á tua obra, no ultimo arranco de tuas energias.

Quando assim lastimosamente te chegou o dia extremo, tinhas concluido a tua tarefa e os homens do teu continente te chamaram bem-feitor.

Para agradecer as dadivas com que enriqueceste o teu paiz, orgulhoso da grandeza do teu estudo e dos teus talentos, não houvera bastado que em vida te condecorassemos com os ornamentos da pompa romana, a corôa, a taça de ouro, a tunica ornada de palmas, a toga de aureos bordados, a cadeira curul afestoada com o ramo de carvalho e o sceptro de marfim. Nem bastaria, para memorar a tua passagem e exalçar a tua lembrança, que te elevassemos um arco imperecivel com a inscripção dos teus heroismos, dos teus feitos eminentes á collectividade. Mesquinha será para o objecto da consagração a estatua que te erigiremos. Será então em todos os monumentos d'esta cidade que te deve a salvação, na majestade de suas montanhas, nos esplendores d'estes céos, na voz das suas aguas, nas flores d'estes jardins, no coração dos seus homens, que ha de sobredurar tua immortal grandeza e na fama perenne has de subsistir.

Em tudo te has de perpetuar e resurgir cada dia, em tudo te sentirão nossos filhos, e os que lhes succederem, recordando-te naquelle mesmo espirito de commovida gratidão com que d'aqui, da casa das letras, todos os Brasileiros nos unimos

para saudar-te nesta oblação modesta, de ti nos prezando, ó companheiro excelso, como de uma das glorias da nossa terra.

AFRANIO PEIXOTO

RESPOSTA A ALOYSIO DE CASTRO

A Profissão literaria.
Os medicos na literatura.

Felizmente para nós, as letras foram sempre aqui, menos que uma carreira, mera diversão ou adereço, o que lhe vae bem, pois só espontaneas lhes é possivel a sinceridade, condição de excellencia de toda a arte. Se relanceardes os olhos em torno, não vereis comvosco um só de nós outros que tenha a literatura por profissão: somos advogados, juizes, professores, ou militares, politicos, diplomatas e funccionarios...

Tambem assim foi e ainda é nos outros paizes. Depois as contradições não tinham vantagens á regra. Renan disse-o, com reflexão: "do momento que a carreira literaria possa ser abraçada como lucrativa perde toda a sua nobreza". Toda a gente, de qualquer officio, póde fazer bellas letras, se tem gosto e saber, tendencia e incentivo. Aos tres grandes dramaturgos que agora acolhe a Academia Franceza, a Maurice Donnay, a Alfred Capus, a François de Curel, não o impediram os diplomas de engenheiros. Por que só aos medicos se hão de fazer máus modos e achar que não devem pretender o que é licito a todo o mundo, ainda menos culto e menos exercido? A Schiller o ser medico não evitou ser grande poeta; agora mesmo o prin-

cipe da literatura portugueza é o vosso collega Julio Dantas. Tão pouco por isso se viram embaraçados William James, para exercer o pontificado do pragmatismo philosophico, ou Clemenceau, para conduzir a França á victoria. Obras de pensamento, ou obras de acção, que tudo permitte a medicina, nada ciumenta de outras inclinações. Não faz muito ella consentiu a Charles Richet, talvez o maior genio medico contemporaneo, e vosso collega na Faculdade de Paris, que recebesse o premio solenne de poesia, conferido pela Academia Franceza.

Do que não se deve prescindir para ser academico é ser letrado, embora douto, ter esse nobre amor da idéa, esse alto conceito da fórma e honral-as, substancia e gosto, com a constancia do trato assiduo e diligente para a perfeição.

A simplificação da sciencia.
Os Progressos da Medicina.

A sciencia tem, mesmo por officio, um endereço que nós poderiamos, usando de termo politico, chamar democratico. Enganam-se os que a suppõem, pela raridade dos engenhos que reclama, pelas difficuldades d'aquelles que instrue, que seja instituição de uma aristocracia nova, entretanto d'ellas a mais justa, a do conhecimento. Não: isto é apenas apparencia; todo o esforço dos sabios consiste em alcançar meios tão simples de saber, que todos os possam lograr e os sabios já não sejam necessarios, porque todos venham a saber como elles. É pois, a sciencia — a civilização ou o progresso, se o quizerdes, são outros nomes seus — essencialmente democratica, popular, accessivel, niveladora das eminencias, levantadora da mediocri-

dade. Já se não contróem mais Parthenons; não é necessario ter as riquezas de Attico para pagar escribas e copistas, ou adquirir manuscriptos raros, e lograr assim a convivencia de sortida bibliotheca; cada um de nós, ainda os mais humildes e desprovidos, póde ter no seu lar alguma parcella da belleza divina, em objecto de arte, movel, téla, vaso, figura, onde viverá sorrindo Pallas Athena; com alguns vintens ha para a satisfacção das turbas a quintessencia do espirito ou do coração, de todos os grandes santos, sabios e poetas que a sciencia vulgarizou nos livrinhos de nonada.

Falta-nos até um sociologo que em lei formule esse tramite fatal das acquisições da cultura humana: primeiro o homem de genio raro e solitario, cujo conhecimento descobre e inventa; depois a divulgação d'esses achados preciosos pela revelação; a industria d'elles nas applicações praticas, em seguida; seu exercicio e aproveitamento nos usos humanos mais modestos e indispensaveis, d'ahi por deante. Pão partido em pequeninos, como diria o nosso Padre Manoel Bernardes, que muitos ajudam a fazer, um fez, e, multiplicado como o do milagre, todos comem, já incapazes de se privarem d'esse sustento quotidiano. Custa muito chegar a ser Le Verrier ou Colombo para descobrir o novo mundo ou um outro mundo; com uma luneta ou uma bussola, qualquer curioso ou afoito, senão já officiaes do officio, alcançam Neptuno ou a America, sem difficuldade.

Para a arte infusa e transcendente do diagnostico outr'ora, só muita pericia ou a adivinhação do tino medico; conseguiu a sciencia com algumas laminas de vidro, microscopios, reagentes, simples apparelhos que dão ensaios promptos e ás vezes decisivos, attenuar as differenças entre doutos e

apprendizes. O vosso Voltaire que ria de tudo, riu-se tambem dos medicos que pretendiam pelo exame de humilde liquido organico investigar taes e quaes doenças ao organismo; hoje nos riremos de Voltaire e já serão os serviçaes de laboratorio que façam taes pesquizas, sem difficuldade, mas de tanto interesse. As distancias entre doutos e apprendizes, entre veteranos e noviços, se encurtam e se apagam: uns já não fundam os seus juizos senão na technica que immediatamente lhes diz a verdade, os outros aprendem-na primeiro, para saberem depois, com esses elementos de juizo, só então de bom juizo. Com uma reacção feliz, gotta de acido em tubo de ensaio, gotta de corante sobre lamina de preparado, suppre-se experiencia clinica de muitos annos. Armados d'esses meios de prompto e seguro conhecimento, o que não será a efficiencia medica, d'essa tão provada experiencia clinica ? É a medicina exacta de hoje em dia. Sem laboratorio de analyses nenhum medico de agora se presume capaz no seu bemdito sacerdocio.

MIGUEL COUTO (*)

(2 de Junho de 1919)

SUCCESSOR DE AFFONSO ARINOS

Arinos sertanista.
Uma festa sertaneja no seio da aristocracia.

O sertão não era para elle um prazer, um passatempo, um habito; era a bemaventurança elysea

---

(*) N. 1865. Conferencista e escriptor scientifico. Grande medico. Antigo director da Faculdade de Medicina.

ou antes uma religião, a que de tempos a tempos, movido por impeto irresistivel, havia de render culto; não ia de pés nús ou de alparcas, empunhando a auriflamma ou abordando-se no cajado de peregrino, nem entoava em côro a litania, porque não era Jerusalém o seu destino; porém, jamais commetteu a heresia de comparecer no grande templo com as mesmas roupas impregnadas do pó indigno das cidades, senão com a sua andaina de ganga, os seus cothurnos amarellos, o seu chapéo de couro de grandes abas e um bastão tosco.

Uma vez, numa das suas romarias de longas jornadas, acompanhado de rhapsodos e tocadores, deparou já ao cahir da noite um enorme jequitibá — a que chamava a cathedral das florestas —, em cujo tronco se abrira uma grande cava; então o bardo Catullo, nella penetrando, declamou plangentemente uma ode heroica á natureza mater, emquanto o violeiro Pernambuco, entre todos os da fama famosissimo, dedilhando as primas e o bordão, compunha um hymno á lua, que vinha timida, esquiva, vagarosa se esgueirando por traz das frondes do arvoredo. Era demais; descobrindo-se e pedindo silencio, Arinos cahiu numa especie de extase, que durou emquanto não se perdeu além das serranias o ultimo éco do improviso ceremonial.

Este sentimento arrancava tão profundamente da sua alma que por mais infantil que parecesse a todos infundia respeito; nem elle era capaz de brincar ou consentir que brincassem com estas cousas. Como todo o crente, desejava impôr a sua crença á força de propicial-a. Dias depois da série de conferencias sobre lendas e tradições brasileiras, numa das quaes fez representar em scena aberta o auto da Nau Catharineta, offereceu no seu

palacete á alta sociedade paulistana um baile da maior sumptuosidade e requintada opulencia, e a meio da noite, quando os salões regorgitavam das mais bellas damas, cujos alvos collos nús desappareciam sob rocaes de perolas ou constellações de diamantes, e homens enfarpelados em irreprehensiveis casacas se hombreavam, entrou uma turma de legitimos e retintos caboclos, de chapéos na cabeça e sem collarinhos, para dansar o verdadeiro, o classico, o incorrupto "cateretê"; e ao se retirarem d'este quadro, no qual não sei se o poeta das "Georgicas" ainda acharia que "a purpura d'Assyria não altera a brancura das lãs", elle proprio, com aquella sua linha finamente aristocratica, os conduziu até ao tope da escada, apertando a mão de cada um. Neste aperto de mão ia uma renuncia ostensiva, um repto, o despreso do fiel ao chamado respeito humano.

A classificação dos escriptores: Avarentos e perdularios.

Ha escriptores que estão integralmente nas suas obras e só por ellas hão de ser avaliados, são os de habitos solitarios; uns, retrahidos, não gostam de falar; outros, superiores, não acham com quem falar; uns, avarentos, escondem as suas idéas; outros, caprichosos, não as deixam mal vestidas; os timidos emmudecem por inhibição, os melancolicos por desanimo; uns, porque dão á luz com soffrimento, evitam-no pelas ruas; outros desconfiados da propria lingua e da alheia, bebem o exemplo de Santo Agathão que, sob a fé do Padre Manoel Bernardes, trouxe tres annos uma pedra na bocca para aprender a calar, e não desdenham o conselho de Xenocrates de entupirem os ouvidos contra

as más idéas... que são quasi todas. Nesta grande classe entram Flaubert, Amiel, Raymundo Corrêa... Ao envez, outros ha que nunca seriam aferidos sómente pelas suas obras, por mais numerosas ou transcendentes, porque nelles o potencial sobre-excede á producção; a estes o papel não chega ou o tempo não chega para o papel; incapazes da meditação sózinhos não têm idéas; os seus pensamentos não são reflexiveis, são reflexos; as suas bellas phrases são replicas, a sua obra são ditos, repentes, centelhas espalhadas ao vento, improvisados em tunas para os tunantes, em mesas de jornaes para os jornalistas... e outras mesas. Mão occulta que os seguisse e fosse apanhando todo este thesouro abandonado, colheria uma literatura. D'estes genios da palestra quantos não estão scintillando agora na imaginação dos que me ouvem ! Tal classe não é menos numerosa, e só dos nossos apanha desde Paula Ney e Arthur de Oliveira até o Barão do Rio Branco, Guimarães Passos, Arthur Azevedo, Emilio de Menezes. Os primeiros vivem isolados ou quando muito com um amigo, irmão em sentimentos, como Machado de Assis e um dos maiores e mais puros espiritos d'esta casa; os outros nunca estão sós, possuem o que se chama em biologia chimiotaxia positiva: attrahem e agglutinam os circumstantes e podem ser diagnosticados pela nossa reacção de Widal — um para tantos. Arinos pertencia ao segundo grupo; se não lareava nas bohemias tinha o espirito bohemio, dispersivo e perdulario, e afinal que é o sertão que o viu nascer e formou á sua imagem, senão uma vasta bohemia, desde a choupana de adobe do caboclo até o velho casarão do fazendeiro ? A sua intelligencia transbordava, metade do dia gastava em enchel-a e a outra em esva-

sial-a, porém como a sua assimilação era prodigiosamente rapida, e a penna tão morosa, esvasiava-a ao ar e ao léo.

A pureza da lingua.
O estylo, espelho da alma.

As linguas, á semelhança das correntes d'agua, vão se conspurcando no seu curso com os detrictos que das margens se desaggregam para o alveo, e quanto mais os povos que as falam caminham no progresso material em que porfiam, tanto mais, e mais depressa, ellas se mascavam; a vida intensa não consente lazeres para as cousas minimas e pouco a pouco cada idioma vae se tornando um esperanto. São os bons escriptores, oh ! os raros bons escriptores ! que lhes guardam a incorruptibilidade e a nobreza; no metal em que fundem as suas palavras derramam elles a substancia mesma de que são feitos, — os sonhadores a sua phantasia, os arrebatados a sua violencia, os scepticos o seu desengano, os máus a sua maldade, os bons o seu coração e d'esta sorte a transparencia ou a obscuridade da phrase, a harmonia, a emphase, a rudeza, o artificio, a pompa asiatica não passam de symptomas. O estylo é o espelho da alma e o de Arinos reflectia á toda luz uma alma tranquilla e boa.

A Bondade.

Ha duas especies de bondade, — uma que faz o bem, com os olhos volvidos para o Alto e não se esquece de pedir logo o recibo com todos os sellos, para a cobrança dos juros accumulados; a outra que faz o bem pelo bem que logra, porque

sente o mal alheio como proprio; a primeira é um negocio, quando muito um máu negocio; a segunda é sempre um soffrimento. Se as creaturas fossem boas ou más pelo estudo e só tivessem no goso e nos proventos o seu destino, a maldade seria a unica cousa no mundo a ensinar, pois numa humanidade deshumana e má o bom é desde logo um vencido ou pelo menos um torturado.

MARIO DE ALENCAR

RESPOSTA A MIGUEL COUTO

A sensibilidade do sertanejo.

A sensibilidade humana funcciona por ventura como o mecanismo de um piano: cordas interiores e um teclado apparente formam o conjunto, que se gradúa desde a simples nota até a escala de sete oitavas, com os seus bemóes e sustenidos, o jogo dos pedaes, e os outros recursos de abafamento e resonancia, e ainda os effeitos da pressão, das pausas, e da agilidade dos dedos que actuam nas teclas Os rythmos são infinitos. Almas ha de habitantes cultos dos centros universaes que têm a complexidade de uma composição orchestral; e para analysal-as só a sciencia do contraponto, se ainda fôr bastante. Mas no homem do interior brasileiro a alma é rudimentar, e move-se por um teclado de espineta; ás vezes tão rudimentar, que não attinge a condição vibratil de cordas, senão a simples estructura de um tantan.

Que é que lhe faz o horizonte ? A natureza, justamente porque alli está na sua expansão total, não tem a multiplicidade dos aspectos, que assume em

perspectiva ou recordação, quando nella interfere a obra do progresso ou collabora no scenario o passado historico. A paizagem é egual e immensa como o oceano longe da costa; só o nascer e o pôr do sol dão as variantes da natureza. Entre manhã e noite ha uma parada em que tudo entorpece. Opera então o automatismo do instincto: agem como necessidade e machinalmente as forças da vida, e tudo entra na ordem das cousas fataes. O amor e a morte organica são phases da flora e da fauna, inevitaveis e vulgares, e occorrem sem o recato e a belleza que lhes deu a civilização, sem o valor moral que lhes influiu a concorrencia porfiante, sem a amargura ou doçura que produz na cidade o contraste agudo entre a alegria circumstante e o luto isolado. A sensibilidade do sertanejo, como a da planta e a do animal adormece na inercia da natureza, e só accorda, só se espanta, só vibra nos instantes de crise do dia, ao nascer e ao pôr do sol, a que correspondem parallelamente duas commoções e duas idéas: a gloria da força e a morte violenta. São os dois polos da alma sertaneja, são os dois objectos da sua operação consciente, são os dois themas das suas narrativas monotonas e tragicas.

O dever do medico.
A poesia da bondade.

Na medicina a affirmação de uma verdade póde ser erro ulterior; a bondade é que nunca é fallaz. A lei da sciencia, e da sciencia suprema que é a da vida, habitúa á insensibilidade. Não ha para vencer a repugnancia do soffrimento como versal-o e inquiril-o; e para não sentir o horror da morte e alheiar-se do seu mysterio, basta assistir-lhe com

frequencia á operação e explical-a. Para os homens de sciencia, que agem por exclusivo amor da sciencia, as creaturas que soffrem não são mais do que objecto de experimentação e de prova, tão fria é a analyse, tanto o poder absorvente do raciocinio. Mas á beira de um leito, ao lado de um soffrimento, o mestre e scientista que sois, se não basta a sciencia, e vêdes que não basta, cede o logar ao poeta da bondade; e a vossa poesia se traduz em sorrisos que animam, em palavras que illudem, em gestos que amparam, em carinhos que adormecem; e consolando o soffrimento, hauris o soffrimento, dando a saude exultaes de saude, e deante da morte padeceis de morte duplicada, porque ainda ahi tendes de simular a esperança da vida.

A Arte de escrever.
A desvalorização do pensamento.

O escrever bem é condição principal, mas não é tudo, e ás vezes é demais. O escrever só por escrever bem é um exercicio innocente; e não ha que objectar-lhe se elle se opera silencioso como um entretenimento pessoal, como um motivo de illusão, para esquecer tanta cousa que é preciso esquecer no curso da vida. O mal é que não se contentam com esse proveito os que escrevem por escrever, e pedem e forçam a audiencia alheia: e a typographia serviu-lhes ao desejo, e tornou possivel o desvirtuamento das letras em profissão. A profissão literaria, degradando a nobreza do pensamento creador ao nivel do mister mercenario, a instrumento de venda a retalho e a varejo, deve causar aos espiritos sensiveis e sinceros o desgosto da mechanização da imprensa. Tanto é o torvelino

intellectual que produz a vertiginosa publicação dos livros, em concorrencia ao mercado, e, como nas feiras, com todos os engodos, reclamos e atavios de seducção.

Foram de invejar os que viveram ao tempo em que o pensamento creava em presença da vida, quando a belleza transfigurada nas creações anteriores se transmittia como musica de ouvido a ouvido, ou á maneira oracular nas palestras, ou era depois fixada em pergaminhos e papyros, com a solicitude e o respeito de reliquias sagradas. A posse de uma cópia manuscripta era uma fortuna e uma bemaventurança.

Naquelle tempo, a flora do pensamento vicejava num delicioso campo aberto, de arvores grandes e alamedas batidas da luz directa do sol; surgiam arbustos espaçados, que davam a graça da vista, a flôr e o perfume: as arvores grandes davam sob a sua sombra o repouso, e davam fructo, generoso e vivificante. O espirito perlustrava aquelles caminhos sem pressa, contente de espacear, e ora colhia o fructo no proprio galho, ora sorprehendia a flôr na sua viva fragancia, ora pousava na alfombra em descanso, que lhe permittia espraiar os olhos pelas alamedas claras, até além no horizonte remoto.

Hoje a flora do pensamento é uma floresta immensa; a ordem da natureza cedeu á força da abundancia, feita menos pelo tempo repousado que pela semeadura artificial e intensificada das machinas. Nenhum vestigio das alamedas soalheiras, que attrahiam os passos e guiavam para as arvores altas; em frente á floresta queda attonito o espirito, perplexo na escolha e á procura de uma aberta e de uma trilha; não distingue o sol; arma-se dos instrumentos, e á custa de labor e fadi-

gas, rompe os primeiros obstaculos da penetração, ancioso por alcançar as arvores seculares, que essas elle sabe que olham em cima o firmamento; mas ao labor não responde o exito; e a floresta ja é brenha e mattagal, numa luxuria de producção que levanta do sólo e rebaixa dos galhos, e enlaça de tronco a tronco muralhas espessas. Redobra o labor, recresce a fadiga, accelera-se a ancia, vencem-se alguns passos na aberta; e eis que o obreiro se sorprehende contido, presos os braços na postura do golpe, peiadas as pernas no impulso do esforço; e não ha proseguir, não ha retroceder, porque cada gesto, cada movimento mais o enleia na maranha dos cipós, que subito o apprehenderam como uma rêde de caça. E alli permanece o espirito, envencilhado, e ao fim resignado a só espreitar de longe a cortiça das grandes arvores buscadas, olhando-as pelos claros que ainda não logrou fechar a garra das parasitas. E assim, na riqueza amazonica da flora do espirito, o espirito se ha de contentar, sem outra esperança, com o espectaculo e o contacto do cipoal; o mais está fechado ao seu desejo.

ALFREDO PUJOL (*)

(23 de Julho de 1919)

SUCCESSOR DE LAFAYETTE RODRIGUES PEREIRA (**)

O Parlamento do Imperio. Os grandes oradores: Lafayette.

Este orador atheniense nobilitou assim a tribuna parlamentar na quadra do seu maior esplendor. De feito, nunca subira tão alto, no Brasil, a eloquencia politica. José Bonifacio, uma torrente de estrellas, era majestoso e olympico. Sua palavra crystallizava todas as maravilhas e todas as vibrações da natureza. Silveira Martins, forjando raios na tribuna, era audaz, intrepido, tumultuoso e dominador. Fernandes da Cunha, desordenado e desegual, prendia o auditorio na magnificencia da sua imaginação portentosa. Cotegipe, polemista sagaz e ardiloso, negligente na expressão, era calmo e sobrio, mas as suas réplicas tinham movimento, vivacidade, fluidez e realce, enfloradas pelos brincos facetos da sua graça encantadora. Ferreira Vianna era estupendo de phantasia e humorismo. A sua ironia, ridente e caprichosa, de uma transparencia scintillante, borbotava as joias mais imprevistas da zombaria e do paradoxo. Martinho Campos, opposicionista por temperamento, era mestre

---

(*) N. 1870. Jornalista, critico e jurisconsulto. Antigo deputado.

(**) 1834-1917. Jornalista, publicista, orador parlamentar. Deputado, senador e ministro no Imperio. Advogado. Succedeu a Machado de Assis, não chegando a ser empossado.

nas batalhas regimentaes e tinha o privilegio dos lances extremos no embate dos partidos. Ouro Preto resumbrava um orgulho de grande raça, uma vontade tenaz e um sentimento inflexivel da autoridade. Andrade Figueira, na sua bravura selvagem, na rigidez dos seus principios, era sombrio e taciturno, ouriçado de arestas escabrosas. Estrearam-se por aquelle tempo dois moços, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, que appareciam na Camara com a seducção e o prestigio de conquistadores. O primeiro, adestrando-se todos os dias na tribuna, para vir a ser mais tarde o victorioso evangelizador da abolição do escravismo, não perdia azo de relatar as suas impressões da Inglaterra e as suas recentes leituras da "Revista de Edimburgo" e do "Times". O seu busto esculptural, o timbre argentino da sua voz, a gentileza das suas maneiras completaram nelle um dos nossos oradores mais perfeitos. Ruy Barbosa, que logo se mediu com José Bonifacio na discussão do projecto da eleição directa, já denunciava os surtos assombrosos da sua eloquencia, predestinada a ser no futuro o gigante da tribuna, sem rival no dom divino da palavra, que elle esculpe no marmore perpetuo e reveste de um sumptuoso manto de purpura.

Finura politica.

Tinha Lafayette o habito original de simular ingenuidade e candura, deante de certas interpellações da minoria. Perguntando-lhe um deputado do Ceará quando e como pretendia o governo realizar as suas reformas sobre a questão do elemento servil, respondeu: "Nesta sessão, e dentro de poucos dias, por meio de um projecto que será submettido á Camara". E accrescentou: "Não ha outro

meio de realizar reformas, que dependam de lei, senão por um projecto submettido ao poder legislativo". Não houve quem não rompesse em riso, observando a fingida seriedade com que foram ditas estas palavras.

Noutra occasião, Andrade Figueira interpellou o presidente do conselho, indagando se o governo perfilharia o projecto da commissão, incumbida de estudar a divisão das rendas geraes e provinciaes. Acudiu Lafayette: "Darei uma resposta que ao nobre deputado talvez pareça resposta de Sgnarello: póde ser que sim, póde ser que não. Póde ser que sim, se o governo, depois de estudo reflectido, se convencer de que o projecto satisfaz os interesses que se têm em vista; póde ser que não, se o governo se convencer de que o projecto é imperfeito; em tal caso organizará outro em harmonia com as suas vistas, e este será presente ao parlamento". A phrase de Lafayette — "póde ser que sim, póde ser que não", foi depois repetida, e até hoje se repete, como solução evasiva, de escapúla e arteirice, para conjurar situações embaraçadas, suspeitas ou equivocas. Foi, aliás, neste sentido que astuciosamente a proferiu o personagem de Moliére, quando lhe perguntam se é elle que se chama Sganarello: "Oui, et non, selon ce que vous lui voulez". Mas a resposta de Lafayette não tem o ardil nem a malicia de Sganarello. Valem-lhe, não obstante, por todo o resto da vida, e ainda depois da sua morte, a reputação de um espirito dissimulado, tortuoso e maligno. — É o homem das "soluções obliquas", do "póde ser que sim, póde ser que não", de "uma vela a Deus e outra ao diabo", dizia-se d'elle, a cada passo nos jornaes. Consolava-o a licção da historia, apontando-lhe o exemplo de Émile Ollivier, perdido

para sempre por uma palavra innocente, maldosamente interpretada, e o de Guizot, a quem adversarios attribuiram um conselho immoral aos seus eleitores, mutilando-lhe perversamente um discurso.

Os dois cães.

Era Lafayette um conversador adoravel, cheio de phantasia e de graça, nutrido de factos, de anecdotas e de reminiscencias historicas e literarias, zombeteando, em commentarios repentinos e improvisos burlescos, a proposito dos erros e ridiculos do seu tempo. Não poupava, nas suas palestras encantadoras, os homens e as cousas da Republica. Em Novembro de 1904, militares da escola da Praia Vermelha sublevaram-se contra o governo. Partiram em demanda da cidade, mas, pouco depois, se detiveram, esperando o combate. A autoridade organizou a resistencia e enviou contra os rebeldes tropas fieis. Encontraram-se ás escuras, na rua da Passagem: tiroteio, feridos de um e outro lado, e, sem mais, recúo e debandada, cada qual no sentido em que viera, com a convicção de ter sido batido. "Et le combat cessa, faute de combattants"... Commentava-se depois o facto, deante de Lafayette. O terrivel ironista advertiu: "Era de esperar... Não faz muito tempo, logo que se fechava o meu portão e era solto o meu cão de guarda, deu outro canzarrão da rua em vir provocal-o. Depois de latidos, que seriam insultos, iam ás vias de facto, atravez da grade, sem consequencia, porque estavam protegidos. Isto noites seguidas, sem me deixarem paz para o estudo ou para o somno. Por mais que chamasse a um e enxotasse o outro, livres, os bichos volviam a ladrar e arremetter furiosos... contra o gradil.

Exasperado, uma noite, mandei abrir o portão... Diabos! que se estrafeguem!... Os dois cães viraram as costas um ao outro, correndo cada qual para a sua banda..."

PEDRO LESSA

RESPOSTA A ALFREDO PUJOL

Os estadistas do Imperio.

Ainda não se fez justiça aos estadistas do Imperio, que infundiram em nossa vida politica um tão relevante espirito de liberdade, de egualdade, de honradez e de tolerancia, gravando-lhe um cunho tão profundo de moralidade administrativa, que exalçaram o Brasil a uma posição excepcional na America Latina. Quando esta, a unica porção do Novo Mundo, de cujo progresso, pela identidade de raça e de civilização, podemos razoavelmente fazer um termo de referencia ao nosso, desde o Mexico, até ao Rio da Prata, por toda a parte, excepto no Chile, posto que alli a excepção tenha sido no tempo e na qualidade inferior ao que foi entre nós, era sacudida numa continua trepidação, em consequencia das luctas incessantes com que os caudilhos, em meio de frequentes atrocidades e de successivas e grotescas mudanças de constituições, inundavam de sangue o joven continente, vive o Brasil entregue ao governo de uma pleiade admiravel de juristas, que praticavam, imitando-as intelligente e desveladamente, as mais adeantadas formas do parlamentarismo inglez! Que soberbo contraste! Emquanto essas pobres nações neo-latinas tocavam o extremo burlesco de

habituaes. A moeda de ouro e o punhado de lama têm, entre os seus dedos, como arte e como moral, o mesmo padrão. Os homens e as cousas, para elle, não têm nome. Elle é o Supremo Sacerdote que lhes ministra o baptismo, e que lhes dá um logar provisorio na creação, independente das origens. E como a sua justiça é, apparentemente, arbitraria, nasce, do choque do seu capricho com as convenções estabelecidas, o merito da sua singularidade.

Definindo o humorismo como arte, diz Paul Stapfer, com humoristica propriedade, que o humorista amarra um ramalhete de pennas de pavão na cauda de um porco. O humorismo, como fórma, nasce, realmente, do vago escandalo dos contrastes. O escriptor que recuasse na immolação de uma pagina genial no altar de uma pilheria commum, não seria um humorista. Este não desbarata, porque elle recusa valor á sua fortuna. Abrahão, ahi, jamais recúa no sacrificio de Isaac, porque os paes, nessas montanhas, não reconhecem os filhos...

A satira.
O freio de ouro.

Quintiliano attribue á satira uma origem puramente romana. "Satira tota nostra est". E Horacio, que a perfilhou, concede a legitima paternidade a Lucilio.

A satira, modalidade combativa, só podia nascer, — dil-o um historiador — de um povo bellicoso. Ella é uma arma como a espada, como a lança, como a flecha, como os mais perigosos instrumentos de guerra. A civilização grega, que deu Aristophanes, não supportaria a brutalidade de Marcial. As azas de ouro do espirito atheniense,

tombariam, rotas, ao peso de uma sentença de Horacio. O genio latino, que levantou o Colyseu, enchendo-o de feras, estava mais apto á creação de um genero literario que se podia transformar, de subito, em espectaculo sanguinolento.

Entre o humorista e o satirico aprofunda-se um fôsso insoterravel. O humorista zomba do mundo, e de si mesmo. São-lhe defesos a lisonja, o louvor, o elogio individual. O satirico zomba do homem, seleccionando os individuos e póde ser lisonjeiro, aulico, palaciano. Juvenal faz o panegyrico de Catullo e respeita a austeridade de Adriano. Rabelais, o "patriarcha do humorismo" não encontrou um antidoto humano para o "ridiculo de Pantagruel". Examinando o trigal, o satirico escolhe as espigas, separando-as. O humorista amaldiçôa, ou abençôa, a seára, no seu conjunto. O pão do primeiro, é feito com o joio. O segundo tritura, para o seu pão, o joio e o trigo.

Exercida genialmente, como o foi por Juvenal, a satira pode ser, na familia ameaçada, a sentinella da virtude. Denunciando o vicio atrevido, amedrontando o crime insolente, assignalando, rapido, com um traço de fogo, as feridas do caracter onde ellas mostrem os bordos, o satirico é um dos elementos indispensaveis á disciplina dos instinctos, dos costumes, das instituições. A satira é, mesmo, o freio de ouro das sociedades desembestadas.

Emilio de Menezes: o poeta.
Paizagem amazonica.

O poeta, em Emilio de Menezes, era o imprevisto desdobramento do homem. Elle recordava,

nesse particular, certos rios secundarios da Amazonia, em que a superficie das aguas não dá idéa do seu volume. Em frente ao meu barracão de seringueiro, no Mapuá, no ponto em que essa corrente se bifurca, apertando nas tenazes a barbara virgindade da selva, corria a unir-se ao outro o affluente mais estreito do rio. Debruçadas nas margens, as jussaras eram como braços femininos e amorosos, offerecendo aos viajantes e ás aguas o verde ramalhete das suas palmas. Abertos em flôres roxas, desciam, dia e noite, no rumo do mar, as balças de mururé, como corôas mortuarias tecidas pela saudade da terra para o enterro do oceano. Ensombrando a correnteza, arvores de toda ordem atiravam á agua, enfeitando-lhe o manto, punhados de flôres, que deslizavam quiétas, entre adeuses de insectos, na ignorancia do seu destino... Olhando aquelle rio estreito e festivo, eu me suppuz hospede de um regato amavel, que me mostrava, na sua quietude, nas suas balsas floridas, na frescura permanente das aguas, as intimidades do seu coração. Um dia, fui sondal-o: disfarçada por aquellas flores da superficie, rolava para o Amazonas, rapida, silente, vertiginosa, uma poderosa massa d'agua que tinha, deante da minha casa, quarenta metros de profundidade!

Emilio de Menezes era um d'esses abysmos dissimulados. Sob a camada risonha e clara da sua vida jovial, trovejava, grave, profundo, soturno, o rio da sua inspiração poetica.

LUIS MURAT (*)

RESPOSTA A HUMBERTO DE CAMPOS

As resoluções da mocidade.
Tempestades do Pólo.

As resoluções tomadas na mocidade têm uma significação mais profunda do que geralmente se pensa. O espirito que conduz a nossa marcha não é joven como a muitos póde parecer. Vem atravessado por correntes oppostas, mas que nem por isso despresam esse fundo de solidariedade que constitue o eixo da nossa evolução. A complexidade espiritual não exclue a harmonia, é antes, até, uma condição d'ella. São como as tempestades do pólo. Quantas energias occultas não se associam para que se dê esse phenomeno tão maravilhoso ? Quantas forças desencontradas, não vêm alliar-se para formar aquelle nucleo, no alcance dos nossos sentidos ?

Nos desertos polares ha uma festa de luzes, disse-o a clarividencia de um dos mais acatados espiritos da França. As duas almas do globo, accrescentou, no seu duplo prestigio, electrico e magnetico, expandem-se, criam, organizam, triumpham.

Nas nossas almas, como nos desertos polares, ha, tambem, uma festa de luzes. As torrentes jorram em cambiantes; os elementos cruzam e despedaçam as nuvens; ha uma verdadeira expansão de todo o nosso organismo, dentro do qual se opera

---

(*) N. 1863. Jornalista, poeta e philosopho. Antigo deputado.

essa transfusão feerica, essa explosão de formas multicôres, de que se reveste a idéa, quando associada a outras forças, menos dotadas de energia.

Ha na natureza humana um poder que não se nos revela senão a meio, e é isto, de certo, o que nos autorisa a crêr que nos nossos corações ha uma agulha imantisada, como a dos pólos. E, de facto, quem poderá negar que ella se não fizesse sentir no vosso destino ?

A Satira.
Os satiricos.

A satira é uma arma que tanto faz correr lagrimas como sangue. Quem assim a definiu, viu-a sob todas as suas faces; percebeu na antiguidade o seu soluço e o seu estertor e viu-a no presente capaz ainda de despertar em cada homem a consciencia da sua dignidade, e em cada povo o sentimento de orgulho que é o unico que póde salval-o da deshonra e da escravidão.

O satirico é a rectidão, o cavalheirismo, a exaltação, a piedade, a justiça, a consciencia do proprio valor, prompto sempre a vingar um ultraje feito aos fracos ou a ungir com a sua dedicação e o seu sacrificio quem, despresado e perseguido, appella para esse poder occulto, mas sempre efficaz, uma vez que haja sinceridade na supplica. O satirico é o braço que a Providencia enviou para escarnecer do poder do homem, e feril-o no coração com o dardo da sua eloquencia e da sua verve.

A historia, sendo comica, é tambem tragica; o satirico participa d'essas duas formas de acção humana, atravez os tempos.

Senhor da verve e da eloquencia, resguarda-se, entretanto, dos precalços que a ironia provoca, sem

ultrapassal-a, desferindo, como de uma cidadella invencivel, os pelouros com que vae reduzir a escombros todas as mentiras que a convenção engendra, todas as facecias com ar serio das democracias emolientes, todas as vitalidades apodrecidas da raiz ao cerne.

É nas espheras puras da verdade, nos cumes mais empinados da moral; nos relevos mais culminantes em que a philosophia assenta os seus principios e as suas leis liberaes, que a satira plana. É uma escola de bom gosto, de cultura, de louvor, de ironia, de combate. Não fustiga nem avergôa, exclusivamente. Ama o bem; abre-lhe ensanchas a que se expanda; aqui, leva a vida ás almas mortas; aos corações dessangrados; ás consciencias obscurecidas por um falso ensino ou intuição religiosa.

O Amor e a Mulher.
O Eterno Feminino.

É no amor que a poesia deve inspirar-se e essa culmina na palavra do Evangelho, que não é differente d'aquella que fez estremecer a alma de Orpheu, dando-lhe a verdade eterna.

Tudo o amor vence, tudo o amor consegue. Num dos cantos orphicos, lê-se: "Foi o amor que me fez escavar a morte para achar a vida; arranquei a sciencia occulta sob as mumias. Os padres de Isis e Osiris desvendaram-me seus segredos. Elles não tinham que seus deuses, eu tinha Eros. Pelo amor falei, cantei, venci. Por elle soletrei o verbo de Hermes e o verbo de Zoroastro; por elle pronunciei o de Jupiter e o de Apollo".

Havia nessa alma como na de todos os grandes portadores do fogo divino uma fé inabalavel, uma

certeza de que além d'este mundo alguma cousa de superior e de eterno existia indispensavel ao nosso progresso intellectual e moral.

Essa alguma cousa era Eurydice morta, que lhe deu a verdade eterna, como em vida lhe havia dado a embriaguez da felicidade. Amemos, mas como devemos amar, fazendo da mulher o fundamento da nossa vida e a esperança do nosso destino.

Pythagoras manda honral-a no céo e na terra; porque ella na humanidade representa a natureza; e a imagem perfeita de Deus não é o homem só, mas o homem e a mulher. D'ahi, sua fascinante e fatal attracção; d'ahi a embriaguez do amor, onde se representam o sonho das creações infinitas, e o obscuro presentimento de que o Eterno masculino e o Eterno feminino gosam de uma união perfeita no seio de Deus.

Eis ahi o amor, eis ahi a graça. Com o amor, se nos desvelam os olhos; se nos abrem os corações para os altos sentimentos da honra e da virtude e se nos repontam as azas com que devemos voar para o infinito de todas as perfeições.

É o que queria ver em todos os nossos poetas; um como renascimento celeste. As virtudes mais alevantadas não podem ter outro assento, nem outro incentivo.

Não imitemos Lucano; mas os que faziam dos mythos a feição mais caroavel do engenho.

Pela mulher comprehendemos est'outra mulher — a natureza. Que seja ella a imagem santificada e que nos auxilie a remontar, por gráus, na phrase de Edouard Schuré, á grande alma do mundo, que cria, conserva e renova, até a divina Cybele que arrasta o povo das almas em seu manto de luz.

Quando digo a mulher, resumo o caracter e a

honra, o pensamento e o coração. O conjuncto dessas partes é o que forma o que chamamos o homem e a mulher.

Nessa dualidade purificada e santificada pelo amor reside a grande obra de Deus. Extremar, pois, a mulher das paixões, erguel-a ao mais alto pedestal como um numen, é o dever de todos os poetas. Vejo, com prazer, que a não diminuistes, tornando-a um objecto de cobiça material. Em vossos versos não a deprimis, mas a exaltaes com fervor, e, não raro, apparece abrilhantada e enaltecida por um ou outro conceito verdadeiramente christão pois, onde, ella é, sem duvida alguma, considerada o complemento do homem, é nas paginas reinvidicadoras do Evangelho. Ahi, sim, é a esposa e não a amante, o idolo a attrahir a nossa irreverencia ou a nossa cupidez, consoante o gráu ou a precaridade do nosso espirito.

A philosophia sceptica é o resultado do nosso pensamento materializado. Tornemol-o, pois, capaz de penetrar o que a natureza nos esconde, e comprehendamos os nossos deveres, em relação áquella que constitue a parte mais intima, mais sensivel e, por isso mesmo, mais santa, do nosso ser moral.

D. SILVERIO GOMES PIMENTA (*)

(28 de Maio de 1920)

SUCCESSOR DE ALCINDO GUANABARA

Os milagres da palavra.
A imprensa.

A nós, acostumados com as cousas grandes pela

(*) 1840-1922. Theologo e historiador. Arcebispo de Marianna.

substancia, grandes pelos effeitos, mas communs pela frequente repetição, passam-nos muitas vezes despercebidas maravilhas estupendas. Assim acontece com a palavra do homem. Maravilha que só não espanta por ser commum a todos os homens. Leva a palavra ao entendimento, ao coração, á imaginação dos outros, os mais reconditos segredos de nossa alma. Grandes, variados, estupendos os effeitos da palavra ! Move todas as fibras do coração humano; consola, afflige, irrita, estimula, acalma. No balbuciar da creancinha tem encantadora magia, na infancia é o enlevo dos paes, nos labios dos velhos é solennemente triste, como triste é o despedir do crepusculo cedendo logar ás trevas da noite. No joven é folgazã e alegre, ponderada e madura no varão. Na bocca do general dá impeto e animo ao soldado, na do mestre illumina a intelligencia, na do orador ora revolve as multidões ora serena paixões exaltadas; desperta os frios, infunde brios ao indolente. A mesma palavra consola, reprehende, impera, supplica, aterra e anima. Na bocca do poeta a palavra fala á phantasia e ao coração, povoando aquella de imagens, revolucionando o coração de affectos. A sciencia que revela os metaes contidos nas entranhas da terra é admiravel, admiravel a que penetra no fundo dos mares, e nos mostra os segredos que lá se occultam; admiravel a que remonta muito acima das nuvens e nos communica phenomenos não suspeitados; admiravel a que chega a penetrar no interior dos astros para nos dar com segurança sua composição intima. Muito mais admiravel, porém, é o dom da palavra que manifesta os segredos da alma humana mais profunda que os mares, mais alta que a atmosphera, mais recondita que os astros.

A palavra é um dom do céo, quasi tão precioso

como a mesma razão que constitue a essencia humana, e tão apreciavel que, si nos faltasse, de pouco nos serviria a mesma razão. Si não tivessemos a palavra, ficar-nos-iam estereis a intelligencia e a liberdade de que nos ufanamos, e o homem estacionario sem dar um passo para melhorar sua condição na terra. Não nos seriam beneficios senão tormento essas nobilissimas faculdades de entender e de querer, si não pudessemos transmittir aos outros nossos pensamentos, nossos desejos, nossas maguas e nossas alegrias; e nós seriamos como um homem prostrado por envenenada setta, cosido de dôres atrozes, sem poder por palavra nem por qualquer movimento dar a entender seu supplicio temeroso. Deus, porém, não faz beneficios truncados. Dando-nos a intelligencia e a liberdade dá-nos tambem a palavra, com que a nós e aos outros podemos aproveitar, e de facto aproveitamos. É pois a palavra dom mimoso de Deus, e por ahi vemos como deve ser por nós tratada.

Mas além d'este titulo de todo o ponto venerando, possue a palavra outra qualidade, que a eleva a superior cathegoria, e que vós me permittireis não omittir nem dissimular em occasião tão solenne. A palavra não é só um dom de Deus conferido no mesmo acto da creação do homem; é tambem imagem do mesmo Creador. Estae um pouco commigo.

Na Trindade Divina, mysterio ineffavel que só os christãos cremos e confessamos, o Pae eternamente se revê e conhece, formando de si uma imagem. Mas esta imagem não é accidental, como produz a intelligencia creada; é imagem substancial, eterna, espelho perfeito da pessoa do Padre, seu Verbo, emfim seu Filho. Este Verbo eterno só do Pae eternamente conhecido, se quiz manifestar aos homens, fazendo-se homem como nós e é Jesus

Christo, homem unido hypostaticamente ao Verbo eterno, palavra do Eterno Padre manifestada aos homens. Ora assim como Jesus é o Verbo de Deus que revela aos homens e aos Anjos mysterios occultos no seio da Divindade, e que só por Elle nos foram manifestados, assim a palavra do homem nos manifesta os segredos da alma, que só podem ser conhecidos pela palavra do homem, falada, ou escripta ou assignada. Jesus é a imagem substancial da intelligencia eterna, a palavra é a imagem accidental da intelligencia creada. D'esta arte a palavra humana, que tão preciosa se nos apresenta por si mesma e pelos bens de que é instrumento necessario e indispensavel, cobra fóros de nova fidalguia, e adquire novos titulos á nossa veneração como imagem constante do mais consolador mysterio que nossa fé adora, o mysterio da Encarnação.

Por este criterio melhor podemos avaliar a dignidade e importancia da palavra falada ou escripta, e sondar a causa dos effeitos maravilhosos que produz, e dos beneficios que traz ao genero humano. É de origem divina; reproduz aos olhos humanos mysterios divinos; e apesar dos continuos abusos que d'ella fazem os mortaes, não perde os traços de sua origem, que os homens podem perverter, destruir não podem.

Vantagens e males da Imprensa.
A Imprensa e a Fé.

A palavra escripta, ou antes a imprensa, que hoje encarna e absorve a antiga escriptura, é o maior expoente do poder da palavra humana em nossos dias, incalculavel beneficio do Creador ao genero humano, a qual ainda nos seus desvios e nos males

que com elles tem produzido manifesta os traços da grandeza que trouxe de sua origem. E quando os mesmos males servem para demonstrar a pujança d'essa potencia, sobe de ponto a demonstração por pouco que attendamos aos beneficios que ella produz. Pela imprensa se ligam e se communicam os povos mais extremados do nosso planeta, se propagam as artes, se aproveitam os inventos. Sem ella estaria a humanidade estacionada. Pela imprensa se nos fazem presentes os seculos passados e nós podemos praticar com as gerações que nos precederam, ouvir seus gemidos, presenciar seus feitos, testemunhar suas mazelas e seus crimes. A palavra escripta nos mette no seio os cabedaes da sabedoria antiga, as licções dos philosophos, os rasgos dos oradores, a harmonia dos poetas, os brados dos prophetas, a pregação dos Apostolos, a vida, a doutrina, os exemplos e os milagres do Filho de Deus, Jesus Christo a quem curvo o joelho e adoro.

Á imprensa, beneficio providencial com que Deus dotou a sociedade, devemos a diffusão da sciencia, o progresso espantoso das artes, a correcção e polidez dos costumes, essa civilização que nos permitte assimilar o que ha de aproveitavel nos outros povos. Nós lhe devemos o conhecimento da nossa propria historia, o prazer de ouvir os rasgos de nossos heroes, a suavidade de nossos poetas, os surtos de nossos oradores; todo o cabedal de nossas letras, o thesouro da sciencia patria, ainda que recente, já tão rico. Sem a imprensa andariamos ás cegas dentro em nossa terra e no meio de um arsenal opulento, estariamos de todo desarmados. A imprensa é o flagello da tyrania e é o poder mais temido que conhecem os poderes da terra, os quaes d'ella têm mais medo do que das armadas e

dos exercitos. Julgam vencedores seus planos, quando conseguem conquistar para elles a cooperação da imprensa.

A imprensa quer seja sob a fórma de livro, de revista, de jornal, é um tribuno que fala a auditorio nunca egualado na terra por nenhum sagrado ou profano. Calculae os milhares de impressos que sahem todos os dias dos prelos d'esta cidade, cada um dos quaes pode ter centenas de leitores; calculae que esses impressos penetram nos centros das familias, no laboratorio das officinas, nos campos, nas tavernas, prégando e apostolando doutrinas, e vereis que jamais houve orador, que contasse auditorio tão numeroso e ouvintes de tão boa vontade; e poderemos fazer idéa do quanto vale a imprensa applicada para edificar ou para destruir.

Podemos já avaliar o mal que causa uma imprensa inimiga da fé, da sã moral, do bom senso e da sociedade. Não ha veneno tão corrosivo das entranhas da sociedade, tão deleterio da patria como a imprensa corrompida e corruptora. Envenena a intelligencia e o coração do individuo, corrompendo-lhe assim a fonte do bem e quebrando os laços que o prendem á virtude, que são a verdade, o temor de um juiz incorruptivel, a esperança de recompensa eterna. Ella torna o cidadão impaciente da lei, insubordinado e egoista; penetra no lar e ahi planta a discordia e a infidelidade; corrompe a infancia, ensina o vicio, destróe o respeito á autoridade. Si não fosse a resistencia que a tantos males offerece a imprensa honesta, estaria a sociedade de todo arruinada, e impossivel a vida do homem nesta terra. O mal da imprensa desviada de seu alto destino só pela imprensa honesta pode ser corrigido. Nem as leis, nem os Congressos, nem os oradores, nem os mesmos prégadores po-

derão sustar os damnos por ella introduzidos, si potencia egual — a boa imprensa — não lhes acudir em auxilio.

CARLOS DE LAET

RESPOSTA A D. SILVERIO GOMES PIMENTA

As Pastoraes do Arcebispo.

Que dizer, Senhor Dom Silverio, das vossas pastoraes, tantas, tão repetidas, quantos os dias em que se vos fez necessario corrigir, afastar do mal, corroborar no bem os povos sob vossa jurisdicção paternal ? Tive a feliz idéa de solicitar que do vosso Arcebispado m'as enviassem, e de lá me vieram não menos de vinte e tantos opusculos — "opusculos" no tamanho, porque não sois dos que gastam palavras só pelo gosto de escrever, — mas verdadeiras obras bem acabadas, modelos no seu genero, austeras nos ensinamentos, e sempre com as naturaes louçanias que vos caracterizam o phrasear.

Nos estreitos limites de um discurso... perdão ! nos acanhados moldes d'estes periodos com que vos estou recebendo, não cabe a detida analyse d'essas vossas producções; mas permitti que ao menos de uma eu desentranhe pequenino trecho, em que como que se estereotypa a nota distincta da vossa individualidade.

Depois de annunciardes, como era mistér, a vossa exaltação ao solio episcopal de Marianna, em 1897: — "Quanto me confunde, exclamastes, quanto me confunde e abate este prégão solenne ! E é de força que eu o faça. O pobre filho de An-

tonio Alves Pimenta e Porcina Gomes de Araujo é hoje Bispo de Marianna ! Altos juizos de Deus !"

E logo d'isto tirando consectario para proveito espiritual:

"Aqui tendes, queridos irmãos, — dissestes — uma confirmação eloquente do systema observado por Jesus Christo desde a fundação da sua Egreja, que é escolher instrumentos tão desproporcionados aos effeitos desejados que entre pelos olhos de todos ser o braço de Deus quem tudo faz, e que o homem é nada."

Basta... Quanto são differentes, Senhor Dom Silverio, os nossos e os vossos processos ! Nós, os do mundo, quando exhumamos antepassados, é para dos seus sarcophagos tirar insignias e veneras com que nos adornemos; vós, no momento em que a Egreja vos acclama seu principe, lembraveis os nomes obscuros de vossos paes para na vossa humilhação glorificar a Deus ! Mas não importa... Longe de vos abaterdes, vós vos exaltastes, e tambem a elles... Eu não sei, Senhor Arcebispo, si faço mal acreditando que lá do "ethereo assento", como disse Camões, não só memoria, mas tambem visão se consente d'este mundo — visão que, aliás, segundo a Escriptura, não se recusa aos Anjos, testemunhas que são dos variados lances das luctas terrenas... Pois bem ! si assim é, mais de uma vez, nos seus modestos jazigos, terão exultado os ossos de vossos maiores — "et exultabunt ossa humiliata" — e elles, os vossos paes bem-amados, ahi, agora, se acham comvosco, assistindo, como no dia da vossa exaltação episcopal, á vossa sagração nas letras !

**As excursões de D. Silverio:
Uma reminiscencia.**

Quando o Marechal Floriano (a quem Deus tenha em gloria) entendeu que á minha saude, e á de outros concidadãos melhormente convinham as alterosas montanhas de Minas, não empestadas pelo estado de sitio, durante onze mezes me alberguei no "coração de ouro" d'esse "gigante de ferro", por me servir de uma bella imagem de Gorceix; e de povoado em povoado ás vezes divagava, por disfarçar o tedio e a melancolia da minha situação. Certo dia, ao cahir da tarde, toda a gente do logar onde eu pousava, entrou a movimentar-se. Havia no exodo uma curiosa mescla de meios de conducção. Vagarosos e chiantes carros de bois recordavam tempos dos Merovingios. Trefegos cavallos e meditativos muares transportavam mancebos, velhos e damas, de quem nunca se diz a edade. Caminhava alegre a pé a mór parte da multidão. O céo era limpido, d'aquelle azul saphyreo que só têm as terras altas e seccas. Deliciosa frescura repassava o ambiente. Do lado opposto ao sol no occaso já scintillavam estrellas, como por não desampararem de luz a amplidão celeste; e contra a zona opposta e luminosa se destacavam os braços negros de um cruzeiro, d'esses que a religião dos Mineiros planta sobre os cômoros, dominantes as suas aldeias e cidades... Subito, o gilvaz de um rojão listrou de fogo a celeste abobada... Mais outro, mais outro... Procurei então com a vista, no grupo que se approximava, o potentado cuja vinda era dess'arte saudada por todo aquelle povo... E ereis vós, Senhor Dom Silverio, vós que não commandaes um soldado, que não tendes empregos a dar, que nunca vos enredastes em poli-

tureza de cada um permitte imitar. E a natureza de Bilac reclamava lustre e compostura, transparencia e harmonia em tudo.

Essa exigencia imperiosa e constante do seu temperamento repontava em todos os actos da sua vida particular, onde tudo era regulado e assente, onde nenhum pormenor ficava entregue ás indecisões e vacillações em que geralmente nos enredamos... Os seus negocios eram conduzidos e levados a cabo, nos seus mínimos termos, com pontualidade e exacção meticulosas. As suas maneiras, doces, ou severas, ondeantes ou abruptas, não permittiam a menor duvida sobre a significação que elle lhes quizesse dar. Não se esquecia das entrevistas marcadas. Não deixava cartas sem resposta. Respondia sempre, em duas regras, ou em duas palavras que fosse, em excellente papel, numa letra que não variava, regular, legivel, um pouco rígida, mas bonita em conjunto, sem ornatos nem prolongamentos inuteis, enchendo linhas eguaes e equidistantes, com todos os seus pontos, todas as suas vírgulas, todos os seus traços e todos os seus accentos vigorosamente destacados.

Entrei, uma vez, ultimamente, nos seus aposentos. Nada indicava, alli, que alli trabalhasse e repousasse um poeta, um d'esses homens que imaginamos como creaturas aluadas, trepidantes de exaggêros e de repentes, oscillando entre sofreguidões e relaxamentos. Nada indicava sequer que alli houvesse penetrado alguem ha muito tempo. A secretária, provida de todos os objectos que a secretária de um homem meticuloso póde conter, alli estava, entre prateleiras de livros irreprehensivelmente alinhados, intacta e brunida como um d'esses moveis de uso convertidos em peças de apparato, em casa de gente methodica e economica —

uma mesa de jantar, por exemplo, onde não se come senão quando ha pessoas de fóra... Aquellas salas, que dir-se-hia serem a mansão da pachorra e do capricho, innervadas por uma installação de lampadas electricas feita pelo proprio poeta, e onde uma multidão de pequenos objectos aprazíveis, ceramicas e lacas, brosladuras e flôres, punha um ar de feminilidade carinhosa, era a officina de um artista que tinha de manusear constantemente, no afan de longas horas de isolamento e de febre, de tensão e de anceio, todo um arsenal de livros e de documentos, de notas e correspondencias, e toda aquella apeiragem de escripta que se via disposta em cima da mesa numa dispersão harmonica de "bibelots" !

Depois de vêr esses aposentos e de considerar a pessoa do poeta, com os movimentos curtos e energicos de seus braços a suggerirem arrepanhamentos e piparotes, achataduras e arremessos, as inflexões accentuadas e quentes de sua voz e sua pronuncia escandida e correcta, então comprehendi bem de que origem unica provinham, em geral, as feições destacadas e regulares da sua arte — e tambem alguns cacoêtes.

O bairrismo paulista.
O milagre dos passarinhos de barro.

O proprio bairrismo paulista, que existe, differe essencialmente de outros bairrismos espalhados pela nossa bella terra, porque, em vez de ser um bairrismo supercilioso, que se recolhe e se fecha, que repelle e amedronta, é um bairrismo bem disposto, que seduz e convida, e que se espalha. Seduz e convida, porque quer fazer de todos os extranhos collaboradores. Espalha-se, porque quer

repartir os fructos de suas experiencias felizes. Se outras fórmas d'este mal, ou d'este bem, tendem de si mesmas para as divisões e os exclusivismos, a de São Paulo tende para a unificação mais larga. É um bairrismo offensivo e invasor, com altos intuitos imperialistas, lançado á conquista de terras e de almas... para a grande patria commum.

Foi este o logar escolhido por Bilac para iniciar a sua cruzada. Por isso nem a primeira faísca se perdeu. Ateou labaredas, e estas avançaram, e não houve aceiro nem muralha que as contivesse:

...Fraco e medroso, o fogo
Á branda viração tremeu um pouco, e logo,
Inda pallido e ténue, ergueu-se. Mais violento,
Mais rapido soprou por sobre a chamma o vento:
E o que era labareda, agora ignea serpente
Gigantesca, estirando o corpo, de repente,
Desenrosca os anneis flammivomos, abraça
Toda a cidade...

e da cidade passou ao paiz inteiro.

Bilac ainda falou alli, falou aqui, no Rio, falou noutros pontos do Brasil, e cada discurso era uma tocha que elle brandia entre as ruinas dos preconceitos e dos erros combatidos. E, se nunca se viu no Brasil uma campanha tão fulgurante, nunca se viu tambem resultarem tão promptos nem tão innumeraveis effeitos de uma campanha.

Reconciliou-se a Nação com as armas. A conscripção foi acceita. Os quarteis, attingidos pela onda reconfortante da solidariedade publica, asseiaram-se, arejaram-se, cresceram, e, escancaradas portas e janellas, varados de ar e de sol, resoantes de hymnos e de clarinadas, se puzeram em communicação aberta e tranquilla com o exterior. Multiplicaram-se as linhas de tiro. Os militares

puderam dirigir-se ao povo sem correr o risco de não os quererem ouvir, ou de os quererem desrespeitar. As noções de defesa indispensavel, de dever civil entrelaçado ao dever militar, de sacrificio voluntario e jovial das commodidades em favor de um designio collectivo, todas essas idéas tão antigas e tão repetidas, Bilac as condensou em alguns periodos de prosa singella, desempeceu-as de equivocos, aligeirou-as de inutilidades, deu-lhes um geito, estirou-lhes duas azas, a aza da belleza e a aza do sentimento, deu-lhes as rectrizes da ternura e do enthusiasmo, soltou-as no ar, — e ellas ficaram voando, e entre vôos e cantos se multiplicaram, e encheram os ares do Brasil em infinitas revoadas. Taes como aquelles passaros de argilla, que todas as creanças da Galilea faziam, mas que feitos pelas mãos de um certo e unico menino, e lançados no espaço, não vinham despedaçar-se no chão, — libravam-se, moviam-se, cantavam, e eram aves verdadeiras, sendo passarinhos de barro.

MAGALHÃES DE AZEREDO (*)

RESPOSTA A AMADEU AMARAL

A missão dos poetas.

O dominio proprio dos poetas é o immenso e arcano imperio das affinidades. Elles discernem entre as cousas correspondencias occultas e profundas, que escapam á pesquisa do sabio e á meditação do philosopho. Approximando pela sua intuição e pelo seu magico verbo idéas, fórmas, vidas innu-

(*) N. 1872. Poeta, novellista e critico. Diplomata.

meras, que ao vulgo se afiguram distantes, e indifferentes umas ás outras, elles fazem vibrar nos corações dos homens o anhelo da universal fraternidade, que é um sonho irrealizavel, ou prematuro, fóra d'esse mundo privilegiado da arte. Por seculos e por millenios, desde a India e a Grecia e a Judéa, esse inebriante thesouro dos symbolos foi escrutado e explorado por legiões e legiões de poetas; mas é falso que esteja exgottado, ou possa exgottar-se jamais.

Emquanto nos envolver o mysterio da natureza e da existencia — e perpétuo nos envolverá, porque as pequenas lanternas da sciencia alumiam apenas fracamente alguns dos recantos mais proximos da estrada que trilhamos, e para além se estende o infinito — não perderá seu prestigio a linguagem dos vates, suggestionadora de scismas e aspirações sempre doces a nós prisioneiros neste valle de lagrimas. Cada poeta verdadeiro que aqui surge, traz ao nascer a revelação de uma nova sensibilidade, seja ensinando novas harmonias entre as cousas, seja interpretando de modo novo as que antes d'elle outros haviam já descoberto. Eis porque na poesia, ainda na mais profana e na mais escrava do instincto carnal, ha algo de fremito religioso. A poesia é irmã gemea da prece; são as duas azas da alma, e a levantam do contingente ao absoluto, do transitorio ao eterno...

A mangueira encantada.

Em um dos meus recentes passeios pelos arredores d'esta cidade maravilhosa, eu vi, justamente no cimo de uma montanha, uma arvore que parecia pertencer á flóra das lendas, ou ao paraiso terrestre. Era uma antiga e pujante mangueira, uma das

genuinas matriarchas das selvas brasilicas. Mas uma circumstancia inaudita a tornava unica entre as suas irmãs. Milhares e milhares de passaros, nossos e extrangeiros, tinham construido os seus ninhos entre as frondes de callido bronze, que deixavam transparecer aqui e alli a tumidez dos pomos côr de rosa. E a mangueira era, toda ella, um revoluteio de azas e um fervilhamento de gorgeios. Os casaes de passaros eram tão numerosos, revestiam, por assim dizer, a arvore de tal modo, que, quando a sua copa se agitava, não se sabia se o movimento era dos ramos, ou das pennas, e quando cardumes de pequeninos seres se destacavam d'ella, não se percebia á primeira vista se eram as avesinhas, ou as folhas que voavam. E, pelos ares em tôrno, errava uma incessante harmonia, um concerto phantastico, prendendo por horas os passos do viandante extasiado...

Na montanha de que falastes, montanha magestosa, mas accessivel e hospitaleira, eu vejo uma arvore semelhante a essa, com o tronco erecto, e as raizes profundamente immersas no solo natal. Subamos a montanha; vamos, á sombra das frondes opulentas, colher os fructos da sabedoria, e ouvir os cantos dos passaros que não morrem. Cinjamos a arvore divina com os collares de perolas, que os arabes consagravam ás palmeiras solitarias, dos oasis.

E ao genio do logar, ao poeta amado, levemos com os lirios ás mãos cheias que Virgilio pedia para a tumba de Marcello, attributo da juventude perpétua, o laurel, emblema da gloria, e a hera, que é o symbolo da eterna fidelidade !

HELIO LOBO (*)

(26 de Novembro de 1919)

SUCCESSOR DE SOUZA BANDEIRA

A Guerra do Paraguay.

Chamou-se a guerra do Paraguay de divisor das aguas sul-americanas, e realmente com ella é que se avolumam e explodem, desapparecendo definitivamente, velhos malentendidos que o anceio geral queria ver dissipados, afim de que pudessemos todos enveredar pela estrada da confraternidade, commum hoje aos povos d'este lado do oceano. Por isso é que sobreleva, á luz dos successos, a obra do plenipotenciario brasileiro, generosa, flexivel, democratica e fecunda, como no seu genero não conhecia a historia.

Si tratado não houve tão discutido como o do 1° de maio, nenhum como elle perdurou tanto a contento dos que o pactuaram, e poucos, como elle ainda, puderam tão nobremente servir aos altos intuitos com que nasceu. Na linguagem official brasileira averbou-se "não registar a historia mais eloquente exemplo de conformidade de vistas, perfeita solidariedade, ininterrompida harmonia, entre nações alliadas, regidas por instituições antagonicas, em tão largo periodo"; e esse foi o julgamento definitivo, posto hontem em prova pelo inferno de sangue e fogo que flagellou, durante mais de quatro, quasi cinco annos, a humanidade martyrisada.

(*) N. 1883. Historiador. Diplomata.

A Conferencia dos Jurisconsultos Americanos.

Diplomata por accidente, reunia Souza Bandeira muitos predicados, e nisso está o exito dos seus encargos em 1912, como secretario geral da Conferencia de Jurisconsultos Americanos. Que bello sonho esse e que doce sombra aquella em que se esvaiu... Era antes da guerra grande, quando a sobrecarga de armamentos desfechava de vez em quando numa assembléa destinada a equilibrar o socego do mundo. Cobriu-se o Rio de Janeiro de flores para acolher aos emissarios da America, e chegada parecia a éra prevista no anno da graça de 1623, por Emery Crucé, do reinado da razão, que é do homem, e da repulsa da violencia, que é da besta.

A conferencia abriu-se, e logo ficou evidente que cedo era para tão formosos ideaes. Quem conhece a natureza dos trabalhos de um congresso, sabe residir nos corredores a chave das deliberações. Não passa o plenario de uma cerimonia convencional. O secretario geral tem mais que o Presidente o pulso da assembléa, porque com elle discreteam os grandes e desafogam os pequenos. Souza Bandeira, collocado nesse sitio difficil, não conheceu repouso. Foi consideravel seu esforço para evitar o mallogro publico da conferencia. Acompanhei-o naquellas horas afanosas, e vi que d'ellas se doeu. Alguem lhe leu certa passagem de Grotius, precursora do desenlace; Souza Bandeira ouviu e calou-se. Sua grande alma pungia do grande ideal inattingido.

LAURO MULLER

RESPOSTA A HELIO LOBO

O Desconhecimento da nossa Historia.

Grande mal tem sido para o Brasil a falta de seus filhos em não escrever-lhe as paginas da Historia que viveram, ou que dos archivos poderiam reviver. Quantas vezes a nossa juventude exulta de enthusiasmo ou sente marejados de lagrimas os olhos, que se lhes abrem para o futuro, ouvindo ou lendo narrativas extrangeiras de heroismos e sacrificios, na trevosa ignorancia de que a sua terra e a sua gente lhes legaram exemplos de egual nobreza, sepultados no esquecimento pela indifferença dos seus maiores.

Mais dolorosa, se possivel, é a leitura e a audição diuturna nas tribunas e na imprensa, no livro como na palestra, de exemplos antecedentes e episodios exoticos e nobilitantes ou instructivos; descripções admirativas e bellezas naturaes e de actividade humana, que no nosso passado, alli, e no presente, aqui, poderiamos vêr sem jactancia dentro da nossa vida e das nossas fronteiras.

Alma de colonos será a de nossos filhos, se os não advertirmos por uma educação brasileira contra esse culto immoderado da historia e da cultura de terras e gentes extranhas, embellezadas e purificadas pela arte consummada de escriptores de eleição, empenhados em apresental-os ao mundo como exemplares de belleza e de virtudes.

Mal é — e grande — que, absorvidos em admiral-os, não nos occorresse dizer com justiça do que é nosso como elles, tantas vezes com exaggero fi-

lial, vão dizendo e repetindo do que lhes é. Verdade seja que temos ás vezes expansões equatoriaes de exaltadas e imaginativas superioridades, ordinariamente, aliás, para recusar o ensino em cousas que os mais velhos já longamente praticaram. Rajadas intempestivas que nos não levam adeante, nem contribúem para emancipar-nos, porque lhes falta continuidade e bom senso.

Ainda não temos o orgulho varonil do nosso saber e ainda conservamos a vaidade adolescente da nossa ignorancia.

Não ousamos repetir desvanecidos os grandes nomes que entre nós vivem; gozamos com inconsciencia de uma democracia sem par e vamos nos despercebendo das terriveis miserias do mundo para não reconhecermos que habitamos o reino da fartura. Talvez, por isso mesmo, tenhamos alcançado viver dentro d'elle como um dos povos mais pobres do mundo. Porque cuidamos mais d'este que de nós, não havendo, que eu saiba, quem tanto conheça o que acontece nos outros paizes, nenhum outro povo existe que menos conheça a sua terra e a sua gente.

A Elegancia de Souza Bandeira.

Tinha Souza Bandeira uma irreprimivel e dolorosa contrariedade cada vez que lhe parecia ver nos moços um certo abandono das boas maneiras que o passado nos legara; por effeito, creio eu, da imitação de povos mais prosperos, porém menos educados por seus maiores, do que o fomos pelos nossos. Falando do discurso que eu deveria fazer, ao tomar posse da cadeira que occupo, nunca lhe esqueceu recommendar-me, sem a apparencia de o fazer, que désse relevo á acção de Rio Branco no

aperfeiçoamento dos nossos costumes sociaes e na educação do convivio, nas relações da vida official. Ninguem poderia suspeitar que pleiteasse com isso pela revivescencia das velhas formalidades e intrincadas regras que o tempo sensata e definitivamente simplificou. O que elle queria — e eu sempre desejei tambem — foi que conservassemos a simplicidade e o commedimento das antigas maneiras e tambem a do vestir da nossa gente, para que os nossos vindouros não se notabilizem no futuro pela algazarra das conversas e discussões, desgarres ou arrebicados dos gestos, ou pela altura a que elevem os pés nas salas e salões, nem pela effeminada elegancia cinturada que faz o desespero d'aquelles a quem a edade vae arredondando. D'esse commedimento deu elle continuas provas na sua obra e na sua vida.

Civilização sanguinaria.

Certa vez, alojado numa grande metropole, em um dos instantes de reflexiva saudade, que os affazeres me permittiram, vieram-me á memoria, entre mil cousas, não sei porque bizarra associação de idéas, tempos já longamente passados e com elles a lembrança, em meio d'aquellas grandezas todas, da ascenção que outr'ora aqui fizera ao pico do nosso Itacolomy. Naquelle minuto revi na minha imaginação a belleza inesquecivel do majestoso panorama que d'alli se divisa. Insensivelmente, quasi sonhando, comecei a perceber analogias gradativas entre a grandeza da obra eterna de Deus e a da obra precaria dos homens. Com um temor quasi supersticioso occorreu-me subitamente a lembrança de que pela primeira vez — e sómente alli naquella altura — me fôra dado ver com surpresa

e quasi repugnancia um exemplar vivente de planta carnivora.

Com os meus olhos curiosos e aterrados, eu a vi, fechando as folhas, comprimir e devorar insectos incautos que ousavam tocal-as. E, naquella especie de allucinação, perguntei então a mim mesmo timidamente e hoje ouso perguntar-vos — depois de ter visto autocracias atirarem-se ferozes sobre democracias para dominal-as e devoral-as, e as democracias reagirem varonilmente para acabar retrucando dominio contra dominio, arbitrio contra arbitrio — se tambem, como nas asperas e desertas serranias, nas maiores alturas da grandeza humana, floresce a civilização como planta carnivora ? !

HUMBERTO DE CAMPOS (*)

(8 de Maio de 1920)

SUCCESSOR DE EMILIO DE MENEZES

Os cégos.

Nada me patentêa tanto a fragilidade humana como a presença dolorosa de um cégo. A contemplação de Homero ou de Milton, enche-me de pavor. Deante d'elles, apontando-os, eu vejo a Natureza, que me diz: "Homem futil, verme triste da terra, vê, agora, o que és tu ! O planeta, dizes, é teu. É teu o que te rodeia. Inventas apparelhos atrevidos para sondar o mysterio dos mundos. Sobes ás nuvens. Cortas os montes. Desces ao fundo do mar. Entretanto, vê: basta que eu te sopre aos

(*) N. 1886. Poeta e prosador. Deputado federal.

olhos um grão de areia para que te sintas solitario no universo !"

Si o homem nasceu, realmente, para a contemplação e a posse da Natureza, porque ella não o fez como as pedras preciosas, que reflectem o sol por todas as faces ? Porque Ella, tão prodiga, só concedeu á alma, para espial-a e namoral-a, as delicadas janellas dos olhos ?

A Natureza dirá, talvez: "Homem, si, vendo-me tão pouco, tanto me desejas e affliges, que seria de mim se teus olhos tivessem, na terra, o tamanho do teu coração ?"

A victoria dos humildes.

Ha uma face da sociedade brasileira que vem reclamando, de ha muito, o cuidado dos historiadores. É a que se compõe de figuras brilhantes e curiosas, que se não fazem preceder de nenhum annuncio, que prometta o milagre. São arvores fortes e altas, que espantam o céo, agazalham os passaros, mas de que a selva, em geral, desconhece a semente. São os homens que nascem de si mesmos, que se elevam por si mesmos, sem familia notavel, sem avós illustres, sem antepassados gloriosos, e que formam, na vida intensa, a democracia dos salões, da politica, das letras e das finanças. No exercito social, elles são os generaes de caserna que conquistaram os postos sob a fuzilaria, e que compram com o proprio sangue, nos campos de batalha, aquillo que é obtido por outros, facilmente, pela simples casualidade do nascimento. Como a generalidade dos heróes, elles começam nas fileiras, na promiscuidade dos quarteis, no tumulto da multidão. Ha, entretanto, nestes privilegiados, uma força que os impelle para a claridade,

desaggregando-os do meio em que tiveram origem. São elementos que se individualizam, gottas de azeite que sobem á tona, bolhas de ar que se elevam do leito dos rios, atravessam a agua e se alliam, em cima, á espuma que passa... No conjunto da sociedade, elles trazem no orgulho, no desassombro, na rebeldia e, não raro, na brutalidade das maneiras, o estigma da procedencia. A aristocracia odeia-os, mas tem de recebel-os, de applaudil-os, de supportal-os. São os intrusos, que se impõem, e que constituem, geralmente, a fachada de ouro, sempre renovada, do edificio social.

Perfil de Emilio de Menezes.
Cellini.

A impressão que elle nos dava nos seus tempos de saúde physica, era a de um gigante feliz. A cabeça leonina, ampla, formosa, evocava os dias longinquos da terra em que a bondade era socia inseparavel da fortaleza. A face redonda e corada; a fronte larga; os olhos claros, grandes e doces; o bigode vasto e alourado, reduzindo as proporções da bocca forte, os dentes sólidos, davam ao rosto de Emilio de Menezes o aspecto de um gigante de legenda arabe, arrancado pela civilização mais polida ás entranhas salitrosas do mar. O corpo enorme, de um Christovam descido da montanha para as tentações bohemias da cidade, formava, com a sua mascara poderosa, um espectaculo de singelleza, de graça e de força, que nos fazia recordar, á primeira vista, a infancia ingenua da humanidade.

Houve quem o comparasse, um dia, a Benvenuto Cellini. A comparação é acertada. Emilio de Menezes era, em verdade, como o divino barbaro

de Florença, um mixto de athleta e de santo, de simplicidade e de insolencia, de ductilidade e selvageria. Collocado nos humbraes da Renascença, Cellini resumiu, em si mesmo, todo o esplendor e toda a treva de duas edades contradictorias. Rustico e genial, residiam, nelle, a um mesmo tempo, a mansidão e a arrogancia, a gloria e a brutalidade, as delicadezas da intuição artistica e os defeitos do instincto irrefreavel. As suas "Memorias", são, hoje, a propria historia do Renascimento. A mão que feria, que assassinava, que era o pesadello dos principes, o espanto dos mercadores, o pavor dos lacaios, era a mesma que, instantes depois, se firmava, leve, sobre o ouro, fixando maravilhas imprevistas e commoventes, pelo mimo, pelo apuro, pela gracilidade, na curva resoante das taças e na peanha fulgente dos relicarios !

Na arte e na pessôa de Emilio, havia, tambem, esse amalgama de meiguice e brutidão. Aggressivo e generoso, irreverente e compadecido, elle era, ao mesmo tempo, leão e cordeiro. Os seus amigos tornavam-se, para elle, inatacaveis: eram diamantes sem jaça, almas sem peccado, perolas sem defeito. Os seus inimigos não tinham virtudes: eram arvoredo sem fructo, espinheiro sem flôr, terreno sem cultura, sem prestimo, sem utilidade. Havia nelle, alternadamente, a humildade e a irreverencia. Lisonjeava ou feria. A sua espada era de pluma ou de aço. Tudo dependia, nos combates, do alvo e da occasião.

O Humorismo.

Filho prodigo da Compaixão e do Tedio, o humorista é, entre os homens de arte, o unico, no planeta, que não tem leito nem patria. Si quer

chorar, os outros sorriem. Si elle sorri, os outros choram. As suas gargalhadas são lavadas de lagrimas e o seu soluço, quando o emitte, vem á bocca, doloroso, atravez de um sorriso. Não odeia, nem ama. Os extremos do sentimento são-lhe desconhecidos, porque só elle se não illude, crente, na terra, com as nuvens mentirosas do horizonte. Uma grande piedade triste enche-lhe o abysmo do coração. Quando o rodeiam os pigmeus, elle olha para si mesmo, e sorri. E quando o assaltasse, por acaso, a vaidade da sua estatura, exaltada pelo conhecimento da propria fragilidade, elle olharia, para humilhar-se, o espectaculo das montanhas circumjacentes.

Collocado sem bussola, como todas as creaturas, no deserto da vida, o seu somno é vasio de sonhos, porque elle é o unico, na caravana, que dorme sem esperança. Diverte-se com os homens como os deuses se divertiriam com elle. Individualizando-os, elle é o contraste, exacto, d'aquelle Luiz Garcia, de Machado de Assis, que amava a especie e aborrecia o individuo: o humorista consóla o individuo e, porque a ella pertence, zomba da especie. Si a Vida fôsse um templo, como o de Dagon, elle lhe abalaria as columnas, sepultando-se nos seus escombros com a grande massa dos philisteus.

Como artista, o "humorista" faz lembrar um homem de outro planeta que tivesse, de repente, aportado ao nosso, e que, no desconhecimento absoluto das nossas convenções e costumes, se puzesse, sem consulta, e aconselhado apenas pelo seu capricho, a fazer uso dos nossos objectos communs.

Indifferente aos valores moraes e artisticos, ás formulas tradicionaes e consagradas, a sua originalidade provém, exactamente, do conflicto dos seus processos com a generalidade dos processos

habituaes. A moeda de ouro e o punhado de lama têm, entre os seus dedos, como arte e como moral, o mesmo padrão. Os homens e as cousas, para elle, não têm nome. Elle é o Supremo Sacerdote que lhes ministra o baptismo, e que lhes dá um logar provisorio na creação, independente das origens. E como a sua justiça é, apparentemente, arbitraria, nasce, do choque do seu capricho com as convenções estabelecidas, o merito da sua singularidade.

Definindo o humorismo como arte, diz Paul Stapfer, com humoristica propriedade, que o humorista amarra um ramalhete de pennas de pavão na cauda de um porco. O humorismo, como fórma, nasce, realmente, do vago escandalo dos contrastes. O escriptor que recuasse na immolação de uma pagina genial no altar de uma pilheria commum, não seria um humorista. Este não desbarata, porque elle recusa valor á sua fortuna. Abrahão, ahi, jamais recúa no sacrificio de Isaac, porque os paes, nessas montanhas, não reconhecem os filhos...

A satira.
O freio de ouro.

Quintiliano attribue á satira uma origem puramente romana. "Satira tota nostra est". E Horacio, que a perfilhou, concede a legitima paternidade a Lucilio.

A satira, modalidade combativa, só podia nascer, — dil-o um historiador — de um povo bellicoso. Ella é uma arma como a espada, como a lança, como a flecha, como os mais perigosos instrumentos de guerra. A civilização grega, que deu Aristophanes, não supportaria a brutalidade de Marcial. As azas de ouro do espirito atheniense,

tombariam, rotas, ao peso de uma sentença de Horacio. O genio latino, que levantou o Colyseu, enchendo-o de feras, estava mais apto á creação de um genero literario que se podia transformar, de subito, em espectaculo sanguinolento.

Entre o humorista e o satirico aprofunda-se um fôsso insoterravel. O humorista zomba do mundo, e de si mesmo. São-lhe defesos a lisonja, o louvor, o elogio individual. O satirico zomba do homem, seleccionando os individuos e póde ser lisonjeiro, aulico, palaciano. Juvenal faz o panegyrico de Catullo e respeita a austeridade de Adriano. Rabelais, o "patriarcha do humorismo" não encontrou um antidoto humano para o "ridiculo de Pantagruel". Examinando o trigal, o satirico escolhe as espigas, separando-as. O humorista amaldiçôa, ou abençôa, a seára, no seu conjunto. O pão do primeiro, é feito com o joio. O segundo tritura, para o seu pão, o joio e o trigo.

Exercida genialmente, como o foi por Juvenal, a satira pode ser, na familia ameaçada, a sentinella da virtude. Denunciando o vicio atrevido, amedrontando o crime insolente, assignalando, rapido, com um traço de fogo, as feridas do caracter onde ellas mostrem os bordos, o satirico é um dos elementos indispensaveis á disciplina dos instinctos, dos costumes, das instituições. A satira é, mesmo, o freio de ouro das sociedades desembestadas.

Emilio de Menezes: o poeta.
Paizagem amazonica.

O poeta, em Emilio de Menezes, era o imprevisto desdobramento do homem. Elle recordava,

nesse particular, certos rios secundarios da Amazonia, em que a superficie das aguas não dá idéa do seu volume. Em frente ao meu barracão de seringueiro, no Mapuá, no ponto em que essa corrente se bifurca, apertando nas tenazes a barbara virgindade da selva, corria a unir-se ao outro o affluente mais estreito do rio. Debruçadas nas margens, as jussaras eram como braços femininos e amorosos, offerecendo aos viajantes e ás aguas o verde ramalhete das suas palmas. Abertos em flôres roxas, desciam, dia e noite, no rumo do mar, as balças de mururé, como corôas mortuarias tecidas pela saudade da terra para o enterro do oceano. Ensombrando a correnteza, arvores de toda ordem atiravam á agua, enfeitando-lhe o manto, punhados de flôres, que deslizavam quiétas, entre adeuses de insectos, na ignorancia do seu destino... Olhando aquelle rio estreito e festivo, eu me suppuz hospede de um regato amavel, que me mostrava, na sua quietude, nas suas balsas floridas, na frescura permanente das aguas, as intimidades do seu coração. Um dia, fui sondal-o: disfarçada por aquellas flores da superficie, rolava para o Amazonas, rapida, silente, vertiginosa, uma poderosa massa d'agua que tinha, deante da minha casa, quarenta metros de profundidade!

Emilio de Menezes era um d'esses abysmos dissimulados. Sob a camada risonha e clara da sua vida jovial, trovejava, grave, profundo, soturno, o rio da sua inspiração poetica.

LUIS MURAT (*)

RESPOSTA A HUMBERTO DE CAMPOS

As resoluções da mocidade.
Tempestades do Pólo.

As resoluções tomadas na mocidade têm uma significação mais profunda do que geralmente se pensa. O espirito que conduz a nossa marcha não é joven como a muitos póde parecer. Vem atravessado por correntes oppostas, mas que nem por isso despresam esse fundo de solidariedade que constitue o eixo da nossa evolução. A complexidade espiritual não exclue a harmonia, é antes, até, uma condição d'ella. São como as tempestades do pólo. Quantas energias occultas não se associam para que se dê esse phenomeno tão maravilhoso ? Quantas forças desencontradas, não vêm alliar-se para formar aquelle nucleo, no alcance dos nossos sentidos ?

Nos desertos polares ha uma festa de luzes, disse-o a clarividencia de um dos mais acatados espiritos da França. As duas almas do globo, accrescentou, no seu duplo prestigio, electrico e magnetico, expandem-se, criam, organizam, triumpham.

Nas nossas almas, como nos desertos polares, ha, tambem, uma festa de luzes. As torrentes jorram em cambiantes; os elementos cruzam e despedaçam as nuvens; ha uma verdadeira expansão de todo o nosso organismo, dentro do qual se opera

---

(*) N. 1863. Jornalista, poeta e philosopho. Antigo deputado.

essa transfusão feerica, essa explosão de formas multicôres, de que se reveste a idéa, quando associada a outras forças, menos dotadas de energia.

Ha na natureza humana um poder que não se nos revela senão a meio, e é isto, de certo, o que nos autorisa a crêr que nos nossos corações ha uma agulha imantisada, como a dos pólos. E, de facto, quem poderá negar que ella se não fizesse sentir no vosso destino ?

A Satira.
Os satiricos.

A satira é uma arma que tanto faz correr lagrimas como sangue. Quem assim a definiu, viu-a sob todas as suas faces; percebeu na antiguidade o seu soluço e o seu estertor e viu-a no presente capaz ainda de despertar em cada homem a consciencia da sua dignidade, e em cada povo o sentimento de orgulho que é o unico que póde salval-o da deshonra e da escravidão.

O satirico é a rectidão, o cavalheirismo, a exaltação, a piedade, a justiça, a consciencia do proprio valor, prompto sempre a vingar um ultraje feito aos fracos ou a ungir com a sua dedicação e o seu sacrificio quem, despresado e perseguido, appella para esse poder occulto, mas sempre efficaz, uma vez que haja sinceridade na supplica. O satirico é o braço que a Providencia enviou para escarnecer do poder do homem, e feril-o no coração com o dardo da sua eloquencia e da sua verve.

A historia, sendo comica, é tambem tragica; o satirico participa d'essas duas formas de acção humana, atravez os tempos.

Senhor da verve e da eloquencia, resguarda-se, entretanto, dos precalços que a ironia provoca, sem

ultrapassal-a, desferindo, como de uma cidadella invencivel, os pelouros com que vae reduzir a escombros todas as mentiras que a convenção engendra, todas as facecias com ar serio das democracias emolientes, todas as vitalidades apodrecidas da raiz ao cerne.

É nas espheras puras da verdade, nos cumes mais empinados da moral; nos relevos mais culminantes em que a philosophia assenta os seus principios e as suas leis liberaes, que a satira plana. É uma escola de bom gosto, de cultura, de louvor, de ironia, de combate. Não fustiga nem avergôa, exclusivamente. Ama o bem; abre-lhe ensanchas a que se expanda; aqui, leva a vida ás almas mortas; aos corações dessangrados; ás consciencias obscurecidas por um falso ensino ou intuição religiosa.

O Amor e a Mulher.
O Eterno Feminino.

É no amor que a poesia deve inspirar-se e essa culmina na palavra do Evangelho, que não é differente d'aquella que fez estremecer a alma de Orpheu, dando-lhe a verdade eterna.

Tudo o amor vence, tudo o amor consegue. Num dos cantos orphicos, lê-se: "Foi o amor que me fez escavar a morte para achar a vida; arranquei a sciencia occulta sob as mumias. Os padres de Isis e Osiris desvendaram-me seus segredos. Elles não tinham que seus deuses, eu tinha Eros. Pelo amor falei, cantei, venci. Por elle soletrei o verbo de Hermes e o verbo de Zoroastro; por elle pronunciei o de Jupiter e o de Apollo".

Havia nessa alma como na de todos os grandes portadores do fogo divino uma fé inabalavel, uma

certeza de que além d'este mundo alguma cousa de superior e de eterno existia indispensavel ao nosso progresso intellectual e moral.

Essa alguma cousa era Eurydice morta, que lhe deu a verdade eterna, como em vida lhe havia dado a embriaguez da felicidade. Amemos, mas como devemos amar, fazendo da mulher o fundamento da nossa vida e a esperança do nosso destino.

Pythagoras manda honral-a no céo e na terra; porque ella na humanidade representa a natureza; e a imagem perfeita de Deus não é o homem só, mas o homem e a mulher. D'ahi, sua fascinante e fatal attracção; d'ahi a embriaguez do amor, onde se representam o sonho das creações infinitas, e o obscuro presentimento de que o Eterno masculino e o Eterno feminino gosam de uma união perfeita no seio de Deus.

Eis ahi o amor, eis ahi a graça. Com o amor, se nos desvelam os olhos; se nos abrem os corações para os altos sentimentos da honra e da virtude e se nos repontam as azas com que devemos voar para o infinito de todas as perfeições.

É o que queria ver em todos os nossos poetas; um como renascimento celeste. As virtudes mais alevantadas não podem ter outro assento, nem outro incentivo.

Não imitemos Lucano; mas os que faziam dos mythos a feição mais caroavel do engenho.

Pela mulher comprehendemos est'outra mulher — a natureza. Que seja ella a imagem santificada e que nos auxilie a remontar, por gráus, na phrase de Edouard Schuré, á grande alma do mundo, que cria, conserva e renova, até a divina Cybele que arrasta o povo das almas em seu manto de luz.

Quando digo a mulher, resumo o caracter e a

honra, o pensamento e o coração. O conjuncto dessas partes é o que forma o que chamamos o homem e a mulher.

Nessa dualidade purificada e santificada pelo amor reside a grande obra de Deus. Extremar, pois, a mulher das paixões, erguel-a ao mais alto pedestal como um numen, é o dever de todos os poetas. Vejo, com prazer, que a não diminuistes, tornando-a um objecto de cobiça material. Em vossos versos não a deprimis, mas a exaltaes com fervor, e, não raro, apparece abrilhantada e enaltecida por um ou outro conceito verdadeiramente christão pois, onde, ella é, sem duvida alguma, considerada o complemento do homem, é nas paginas reinvidicadoras do Evangelho. Ahi, sim, é a esposa e não a amante, o idolo a attrahir a nossa irreverencia ou a nossa cupidez, consoante o gráu ou a precaridade do nosso espirito.

A philosophia sceptica é o resultado do nosso pensamento materializado. Tornemol-o, pois, capaz de penetrar o que a natureza nos esconde, e comprehendamos os nossos deveres, em relação áquella que constitue a parte mais intima, mais sensivel e, por isso mesmo, mais santa, do nosso ser moral.

D. SILVERIO GOMES PIMENTA (*)

(28 de Maio de 1920)

SUCCESSOR DE ALCINDO GUANABARA

Os milagres da palavra.
A imprensa.

A nós, acostumados com as cousas grandes pela

(*) 1840-1922. Theologo e historiador. Arcebispo de Marianna.

substancia, grandes pelos effeitos, mas communs pela frequente repetição, passam-nos muitas vezes despercebidas maravilhas estupendas. Assim acontece com a palavra do homem. Maravilha que só não espanta por ser commum a todos os homens. Leva a palavra ao entendimento, ao coração, á imaginação dos outros, os mais reconditos segredos de nossa alma. Grandes, variados, estupendos os effeitos da palavra! Move todas as fibras do coração humano; consola, afflige, irrita, estimula, acalma. No balbuciar da creancinha tem encantadora magia, na infancia é o enlevo dos paes, nos labios dos velhos é solennemente triste, como triste é o despedir do crepusculo cedendo logar ás trevas da noite. No joven é folgazã e alegre, ponderada e madura no varão. Na bocca do general dá impeto e animo ao soldado, na do mestre illumina a intelligencia, na do orador ora revolve as multidões ora serena paixões exaltadas; desperta os frios, infunde brios ao indolente. A mesma palavra consola, reprehende, impera, supplica, aterra e anima. Na bocca do poeta a palavra fala á phantasia e ao coração, povoando aquella de imagens, revolucionando o coração de affectos. A sciencia que revela os metaes contidos nas entranhas da terra é admiravel, admiravel a que penetra no fundo dos mares, e nos mostra os segredos que lá se occultam; admiravel a que remonta muito acima das nuvens e nos communica phenomenos não suspeitados; admiravel a que chega a penetrar no interior dos astros para nos dar com segurança sua composição intima. Muito mais admiravel, porém, é o dom da palavra que manifesta os segredos da alma humana mais profunda que os mares, mais alta que a atmosphera, mais recondita que os astros.

A palavra é um dom do céo, quasi tão precioso

como a mesma razão que constitue a essencia humana, e tão apreciavel que, si nos faltasse, de pouco nos serviria a mesma razão. Si não tivessemos a palavra, ficar-nos-iam estereis a intelligencia e a liberdade de que nos ufanamos, e o homem estacionario sem dar um passo para melhorar sua condição na terra. Não nos seriam beneficios senão tormento essas nobilissimas faculdades de entender e de querer, si não pudessemos transmittir aos outros nossos pensamentos, nossos desejos, nossas maguas e nossas alegrias; e nós seriamos como um homem prostrado por envenenada setta, cosido de dôres atrozes, sem poder por palavra nem por qualquer movimento dar a entender seu supplicio temeroso. Deus, porém, não faz beneficios truncados. Dando-nos a intelligencia e a liberdade dá-nos tambem a palavra, com que a nós e aos outros podemos aproveitar, e de facto aproveitamos. É pois a palavra dom mimoso de Deus, e por ahi vemos como deve ser por nós tratada.

Mas além d'este titulo de todo o ponto venerando, possue a palavra outra qualidade, que a eleva a superior cathegoria, e que vós me permittireis não omittir nem dissimular em occasião tão solenne. A palavra não é só um dom de Deus conferido no mesmo acto da creação do homem; é tambem imagem do mesmo Creador. Estae um pouco commigo.

Na Trindade Divina, mysterio ineffavel que só os christãos cremos e confessamos, o Pae eternamente se revê e conhece, formando de si uma imagem. Mas esta imagem não é accidental, como produz a intelligencia creada; é imagem substancial, eterna, espelho perfeito da pessoa do Padre, seu Verbo, emfim seu Filho. Este Verbo eterno só do Pae eternamente conhecido, se quiz manifestar aos homens, fazendo-se homem como nós e é Jesus

Christo, homem unido hypostaticamente ao Verbo eterno, palavra do Eterno Padre manifestada aos homens. Ora assim como Jesus é o Verbo de Deus que revela aos homens e aos Anjos mysterios occultos no seio da Divindade, e que só por Elle nos foram manifestados, assim a palavra do homem nos manifesta os segredos da alma, que só podem ser conhecidos pela palavra do homem, falada, ou escripta ou assignada. Jesus é a imagem substancial da intelligencia eterna, a palavra é a imagem accidental da intelligencia creada. D'esta arte a palavra humana, que tão preciosa se nos apresenta por si mesma e pelos bens de que é instrumento necessario e indispensavel, cobra fóros de nova fidalguia, e adquire novos titulos á nossa veneração como imagem constante do mais consolador mysterio que nossa fé adora, o mysterio da Encarnação.

Por este criterio melhor podemos avaliar a dignidade e importancia da palavra falada ou escripta, e sondar a causa dos effeitos maravilhosos que produz, e dos beneficios que traz ao genero humano. É de origem divina; reproduz aos olhos humanos mysterios divinos; e apesar dos continuos abusos que d'ella fazem os mortaes, não perde os traços de sua origem, que os homens podem perverter, destruir não podem.

Vantagens e males da Imprensa.
A Imprensa e a Fé.

A palavra escripta, ou antes a imprensa, que hoje encarna e absorve a antiga escriptura, é o maior expoente do poder da palavra humana em nossos dias, incalculavel beneficio do Creador ao genero humano, a qual ainda nos seus desvios e nos males

que com elles tem produzido manifesta os traços da grandeza que trouxe de sua origem. E quando os mesmos males servem para demonstrar a pujança d'essa potencia, sobe de ponto a demonstração por pouco que attendamos aos beneficios que ella produz. Pela imprensa se ligam e se communicam os povos mais extremados do nosso planeta, se propagam as artes, se aproveitam os inventos. Sem ella estaria a humanidade estacionada. Pela imprensa se nos fazem presentes os seculos passados e nós podemos praticar com as gerações que nos precederam, ouvir seus gemidos, presenciar seus feitos, testemunhar suas mazelas e seus crimes. A palavra escripta nos mette no seio os cabedaes da sabedoria antiga, as licções dos philosophos, os rasgos dos oradores, a harmonia dos poetas, os brados dos prophetas, a pregação dos Apostolos, a vida, a doutrina, os exemplos e os milagres do Filho de Deus, Jesus Christo a quem curvo o joelho e adoro.

Á imprensa, beneficio providencial com que Deus dotou a sociedade, devemos a diffusão da sciencia, o progresso espantoso das artes, a correcção e polidez dos costumes, essa civilização que nos permitte assimilar o que ha de aproveitavel nos outros povos. Nós lhe devemos o conhecimento da nossa propria historia, o prazer de ouvir os rasgos de nossos heroes, a suavidade de nossos poetas, os surtos de nossos oradores; todo o cabedal de nossas letras, o thesouro da sciencia patria, ainda que recente, já tão rico. Sem a imprensa andariamos ás cegas dentro em nossa terra e no meio de um arsenal opulento, estariamos de todo desarmados. A imprensa é o flagello da tyrania e é o poder mais temido que conhecem os poderes da terra, os quaes d'ella têm mais medo do que das armadas e

dos exercitos. Julgam vencedores seus planos, quando conseguem conquistar para elles a cooperação da imprensa.

A imprensa quer seja sob a fórma de livro, de revista, de jornal, é um tribuno que fala a auditorio nunca egualado na terra por nenhum sagrado ou profano. Calculae os milhares de impressos que sahem todos os dias dos prelos d'esta cidade, cada um dos quaes pode ter centenas de leitores; calculae que esses impressos penetram nos centros das familias, no laboratorio das officinas, nos campos, nas tavernas, prégando e apostolando doutrinas, e vereis que jamais houve orador, que contasse auditorio tão numeroso e ouvintes de tão boa vontade; e poderemos fazer idéa do quanto vale a imprensa applicada para edificar ou para destruir.

Podemos já avaliar o mal que causa uma imprensa inimiga da fé, da sã moral, do bom senso e da sociedade. Não ha veneno tão corrosivo das entranhas da sociedade, tão deleterio da patria como a imprensa corrompida e corruptora. Envenena a intelligencia e o coração do individuo, corrompendo-lhe assim a fonte do bem e quebrando os laços que o prendem á virtude, que são a verdade, o temor de um juiz incorruptivel, a esperança de recompensa eterna. Ella torna o cidadão impaciente da lei, insubordinado e egoista; penetra no lar e ahi planta a discordia e a infidelidade; corrompe a infancia, ensina o vicio, destróe o respeito á autoridade. Si não fosse a resistencia que a tantos males offerece a imprensa honesta, estaria a sociedade de todo arruinada, e impossivel a vida do homem nesta terra. O mal da imprensa desviada de seu alto destino só pela imprensa honesta pode ser corrigido. Nem as leis, nem os Congressos, nem os oradores, nem os mesmos prégadores po-

derão sustar os damnos por ella introduzidos, si potencia egual — a boa imprensa — não lhes acudir em auxilio.

CARLOS DE LAET

RESPOSTA A D. SILVERIO GOMES PIMENTA

As Pastoraes do Arcebispo.

Que dizer, Senhor Dom Silverio, das vossas pastoraes, tantas, tão repetidas, quantos os dias em que se vos fez necessario corrigir, afastar do mal, corroborar no bem os povos sob vossa jurisdicção paternal ? Tive a feliz idéa de solicitar que do vosso Arcebispado m'as enviassem, e de lá me vieram não menos de vinte e tantos opusculos — "opusculos" no tamanho, porque não sois dos que gastam palavras só pelo gosto de escrever, — mas verdadeiras obras bem acabadas, modelos no seu genero, austeras nos ensinamentos, e sempre com as naturaes louçanias que vos caracterizam o phrasear.

Nos estreitos limites de um discurso... perdão ! nos acanhados moldes d'estes periodos com que vos estou recebendo, não cabe a detida analyse d'essas vossas producções; mas permitti que ao menos de uma eu desentranhe pequenino trecho, em que como que se estereotypa a nota distincta da vossa individualidade.

Depois de annunciardes, como era mistér, a vossa exaltação ao solio episcopal de Marianna, em 1897: — "Quanto me confunde, exclamastes, quanto me confunde e abate este prégão solenne ! E é de força que eu o faça. O pobre filho de An-

tonio Alves Pimenta e Porcina Gomes de Araujo é hoje Bispo de Marianna ! Altos juizos de Deus !"

E logo d'isto tirando consectario para proveito espiritual:

"Aqui tendes, queridos irmãos, — dissestes — uma confirmação eloquente do systema observado por Jesus Christo desde a fundação da sua Egreja, que é escolher instrumentos tão desproporcionados aos effeitos desejados que entre pelos olhos de todos ser o braço de Deus quem tudo faz, e que o homem é nada."

Basta... Quanto são differentes, Senhor Dom Silverio, os nossos e os vossos processos ! Nós, os do mundo, quando exhumamos antepassados, é para dos seus sarcophagos tirar insignias e veneras com que nos adornemos; vós, no momento em que a Egreja vos acclama seu principe, lembraveis os nomes obscuros de vossos paes para na vossa humilhação glorificar a Deus ! Mas não importa... Longe de vos abaterdes, vós vos exaltastes, e tambem a elles... Eu não sei, Senhor Arcebispo, si faço mal acreditando que lá do "ethereo assento", como disse Camões, não só memoria, mas tambem visão se consente d'este mundo — visão que, aliás, segundo a Escriptura, não se recusa aos Anjos, testemunhas que são dos variados lances das luctas terrenas... Pois bem ! si assim é, mais de uma vez, nos seus modestos jazigos, terão exultado os ossos de vossos maiores — "et exultabunt ossa humiliata" — e elles, os vossos paes bem-amados, ahi, agora, se acham comvosco, assistindo, como no dia da vossa exaltação episcopal, á vossa sagração nas letras !

As excursões de D. Silverio:
Uma reminiscencia.

Quando o Marechal Floriano (a quem Deus tenha em gloria) entendeu que á minha saude, e á de outros concidadãos melhormente convinham as alterosas montanhas de Minas, não empestadas pelo estado de sitio, durante onze mezes me alberguei no "coração de ouro" d'esse "gigante de ferro", por me servir de uma bella imagem de Gorceix; e de povoado em povoado ás vezes divagava, por disfarçar o tedio e a melancolia da minha situação. Certo dia, ao cahir da tarde, toda a gente do logar onde eu pousava, entrou a movimentar-se. Havia no exodo uma curiosa mescla de meios de conducção. Vagarosos e chiantes carros de bois recordavam tempos dos Merovingios. Trefegos cavallos e meditativos muares transportavam mancebos, velhos e damas, de quem nunca se diz a edade. Caminhava alegre a pé a mór parte da multidão. O céo era limpido, d'aquelle azul saphyreo que só têm as terras altas e seccas. Deliciosa frescura repassava o ambiente. Do lado opposto ao sol no occaso já scintillavam estrellas, como por não desampararem de luz a amplidão celeste; e contra a zona opposta e luminosa se destacavam os braços negros de um cruzeiro, d'esses que a religião dos Mineiros planta sobre os cômoros, dominantes as suas aldeias e cidades... Subito, o gilvaz de um rojão listrou de fogo a celeste abobada... Mais outro, mais outro... Procurei então com a vista, no grupo que se approximava, o potentado cuja vinda era dess'arte saudada por todo aquelle povo... E ereis vós, Senhor Dom Silverio, vós que não commandaes um soldado, que não tendes empregos a dar, que nunca vos enredastes em poli-

tica, mas que alli, nos vossos dominios archi-episcopaes, como aliás em toda parte onde vos acheis, exerceis a mais tyranica das autoridades — a autocracia da fé, o despotismo do amor.

A obra do Arcebispo: A Cathedral.

"Toda sciencia (quem o disse foi, não um padre da egreja, mas o liberrimo Victor Hugo) toda sciencia acaba em adoração". Vossas letras, Senhor Dom Silverio, são uma adoração perenne; e, por isto, melhor simile não posso para ellas achar do que uma d'essas cathedraes em que na edade média collaboravam legiões de architectos, esculptores e alvaneis.

Primeiro, sobre a rocha indestructivel da Verdade assentastes os alicerces dos principios; e lenta, mas progressivamente, erigistes as paredes da majestosa fabrica. Fizestes o corpo do templo, e nelle o sanctuario, ante o qual accendestes a lampada inapagavel da nossa fé. Ahi vemos columnas que do sólo se alteiam, como esses esteios da crença que nem por subirem ao céo desdenham o apoio da razão humana. Ha, pelos capiteis e cimalhas, umas grinaldas de anjos e revoadas de flores. Pelas janellas esguias côa-se a luz chromatizada nos vitraes. Uma penumbra de mysterio reina ao longo das naves, e lá estão os confessionarios, onde ensinastes aos culpados a conquista do perdão. Vêdes alli um pulpito, e elle é tambem dominio vosso, porque d'elle frequentes desceram os vossos ensinamentos. Ha, sob as lages de uma capella, um tumulo, o de um santo (perdoae-me agora as antecipações da canonização): é o tumulo de Dom Viçoso e, por vós invocada, revive essa augusta sombra, e ainda nos dá licções.

Não é tudo: a egreja tende a subir, e alça-se em torres, onde ha ogivas que são como mãos postas para o céo. Ascendemos para o azul, vamos subindo, subindo — mas ainda é pouco. Attentemos nos bronzes sagrados, e elles nos dirão que, correndo valles e serras, mais longe do que o d'elles foi o brado das vossas missões. A torre acumina-se, atira para cima a sua flecha, e nesse hastil, já tão proximo do infinito, desabrocha uma flor, a Cruz, que ao mesmo tempo é patibulo e epinicio, supremo abatimento e martyrio triumphal !

Eis, Senhor Dom Silverio, o symbolo do que haveis feito. Podem não amal-a, á vossa obra, os que desamam a religião: mas, sob pena de cancello nos seus diplomas de esthetas, licito não lhes é menosprezarem a solidez e os primores do lavor, nem a perfeita unidade da vossa construcção.

XAVIER MARQUES (*)

(17 de Setembro de 1920)

SUCCESSOR DE INGLEZ DE SOUZA (**)

O Romantismo no Brasil.

O romantismo teve aqui uma acção consideravel e duradoura, influindo em todos os ramos da nossa actividade espiritual. Como em toda a parte, escapando á estreiteza das formulas e definições, incompressivel e diffuso, elle forma um ambiente

---

(*) N. 1861. Poeta, jornalista, e romancista. Deputado.

(**) 1853-1918. Romancista e jurisconsulto. Professor de Direito. Presidente de provincia, na Monarchia.

em que o espirito se impregnou de aspirações e idéas novas. Considerem-no uma reacção individualista contra o gosto classico ou o racionalismo, um reflorir das tradições e crenças mysticas da edade-média, a predominancia do idealismo, da imaginação, da intuição, do sentimento, o romantismo foi em synthese a expressão da mentalidade rejuvenescida que em principio do seculo passado começou a despertar na Europa com uma visão nova do mundo e da vida e diversa concepção das relações do homem com o universo. Por isso mesmo que partiu de um conceito tão geral veiu a abranger nas regiões do pensamento humano as manifestações mais variadas: a moral, a politica, a arte, a sciencia, a literatura. Isto se verificou largamente no paiz que lhe assignam por berço. Lichtenberger especifica-lhe os effeitos: no dominio da sciencia, oppondo a especulação idealista ao empirismo e ao methodo analytico; na esphera religiosa, ligando a alma ao infinito pela contemplação directa das maravilhas do cosmos; na ordem politica, suscitando o esto patriotico e o amor das instituições lentamente desenvolvidas no curso da historia. O direito foi concebido, não como um acto deliberado da vontade, mas resultando inconsciente e necessariamente da alma nacional; a arte, não como um producto da reflexão, mas da imaginação e da sensibilidade. Tanto quanto lhe proporcionaram as revelações incompletas do genio nacional, o romantismo, na phase em que se accentua, invadindo a consciencia da classe culta, irradiou no Brasil o seu influxo penetrante. Em Gonçalves de Magalhães teve um interprete da sua philosophia, ao mesmo tempo que um poeta de inspiração emanuelica. Na politica refectiram-se os principios liberaes, as tendencias particularistas

das provincias, o lyrismo dos oradores parlamentares; e entendia Sylvio Romero que a propria Constituição já era uma excellente amostra do nosso proto-romantismo.

Manoel de Almeida e Machado de Assis.

Manoel de Almeida, diplomado em medicina e funccionario da Fazenda, exerceu entre outros cargos o de director da Opera Nacional. Morreu aos trinta annos, em um naufragio, como Gonçalves Dias. Indulgente e accessivel, guarda na immortalidade o caracter que em vida revelou, como attesta a sua complacencia, na direcção da Imprensa Nacional, para com o distrahido typographo que seria mais tarde Machado de Assis. Não será por certo dos seus menores meritos o haver adivinhado e favorecido com espontanea amisade o futuro artista-philosopho, aquelle que mais já fez pela universalidade da nossa literatura.

Conta-se de Socrates que, sonhando, vira um pequeno cysne procurar refugio em seus joelhos, mas em breve estender azas e voar, desferindo melodias que encantaram os homens e os deuses. Ao outro dia apresentaram-lhe pela primeira vez o joven Platão e Socrates, subitamente illuminado, exclamou: "Meus amigos, é o cysne que vi em sonho." Manoel de Almeida não foi menos vidente nem menos afortunado acolhendo como amigo, em seu gabinete, ao iniciado que deante dos caixotins da officina se esquecia da tarefa a trocar confidencias com a musa. A distancia que ha entre as "Memorias de um Sargento de Milicias" e as "Memorias Posthumas de Braz Cubas" é o argumento com que o destino lhe apoiou aquelle rasgo, de

consequencias tão fecundas para o patrimonio das letras nacionaes.

A Amazonia.

A Amazonia é o capitulo phantastico da geographia brasileira. Os que nunca a vimos, sonhamol-a como um abysmo de raridades e prodigios; mas os que a perlustram acabam indefectivelmente encampando as mesmas phantasias. Desde a figuração do seu physico até a narração da permanente aventura em que transcorre alli a existencia humana, tudo nos impelle ao devanear do subjectivismo, aguçado pela resistencia do inextricavel. Ella não é só o haschich dos temperamentos lyricos. Nas suas varzeas rebalsadas, onde se elaboram os venenos paludicos, a febre do enthusiasmo acommette os espiritos mais lucidos e positivos. O grande rio "evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por egual o chronista ingenuo, o aventureiro romantico e o sabio precavido". D'esses maravilhados o mais recente e brilhante exemplar foi o proprio escriptor da "Terra sem historia", cuja imaginação, posto que racionalizada pelos habitos mentaes do scientista, não pôde forrar-se ao hyperbolismo dos similes e conceitos. Em phrase remontada, de surtos epicos, eil-o transportado a epocas geologicas immemoriaes, recompondo na "terra mais nova do mundo", com specimens de fetos arborescentes, monstros de fauna amphibia e certas formas anachronicas, reminiscencias paleontologicas, semelhantes ao saurio alado, a paizagem prehistorica onde a cada passo o assalta "uma impressão paleozoica" e o homem, "intruso impertinente", passa como um phantasma tropego emergindo apenas do diluvio terciario.

Entretanto, em meio de taes hypotheses, miragens e analogias mais ou menos allucinadas, um facto se contorna bem preciso em sua desoladora fatalidade: é a pequenez, é a debilidade do homem no seio d'aquella estupenda natureza. A terra-mãe submette os seus filhos a uma implacavel selecção; esmaga-os no proprio gesto maternal com que os amamenta; devora-os a descuido, como Gargantua indifferentemente tragava salada com peregrinos de envolta. Ainda se está por saber qual o typo humano talhado para triumphar, pela saude e a longevidade, na lucta com as intemperies do encharcado deserto, no longo e doloroso processo de adaptação ao seu clima. Os "aimaras" de peito largo, refere Kirchoff, descendo dos planaltos peruanos até á margem do rio, afim de trabalharem nas lavagens do ouro, morreram quasi todos, victimas do ar muito denso das baixadas. Mas dos que sobreviveram, logo na segunda geração se verificava, pela estreiteza do thorax, um menor desenvolvimento dos pulmões, já apropriados á economia de esforço e á defesa do organismo. Os nossos heroicos cearenses e demais brasileiros do nordeste continuam, elles só, a supprir, á custa de miseria e tormentos infernaes, a vida que foge espavorida dos plainos do Amazonas, flagellada pela agrura das condições climatericas. Já Montesquieu pensava que os povos dos paizes quentes são timidos como os velhos, e porque os seus nervos estão menos protegidos pelo tecido epidermico as sensações se lhes tornam em regra violentas. D'ahi poderem-se distinguir os climas pelo grau de sensibilidade, da mesma sorte que são distinguidos pelos graus de latitude. Mas se de facto as influencias climatericas são debilitantes para os seus naturaes, no sombrio pantanal brasileiro, não menos

certo é que o apparato da natureza exterior, as forças e os phenomenos com que ella se ostenta soberana e formidavel, têm levado o alarma e o assombro aos mais fleugmaticos, aos mais acerados e impavidos exploradores oriundos da fria Europa. A pororoca, as terras cahidas, a cheia, o desabar das florestas, o extravio dos rios, a submersão de ilhas, o paludismo, annunciam furores de um minotauro; perturbam, abalam e dobram os mais aprumados animos, emquanto o solo alagadiço, inconsistente, sem feições definidas, repelle o trato diuturno e todo o relevo de construcção duravel. Notou a proposito um d'aquelles visitantes extrangeiros da selva equatorial que a combinação do grande calor e abundante humidade, dando extraordinario viço á vida vegetal, parece com esse mesmo vigor rechassar os homens e os brutos. E observam todos que a fauna da Amazonia não está em relação com a pujança da sua flora. O homem evidentemente não o está, nem physica nem moralmente. Sitiado de perigos multiformes, elle tactêa o seu futuro como em um quarto acto de "Macbeth", sob o mau signo de potencias magicas, com pesadelos e visões de florestas que o investem. A mutabilidade do scenario contagia-o. Condemnado ao nomadismo esteril, á espreita sempre do mal, de um inimigo, de uma catastrophe, não conhece a volupia de viver, nem o trabalho aturado, methodico, sedentario, em que se preparam e solidificam as civilizações. O lodaçal do Nilo, cujas aguas se submetteram ao regimen das leis pharaonicas, foi a materia plastica de uma civilização que esculpiu na crosta do planeta monumentos perennes, attestados do esforço secular de um povo que soube vencer o deserto bravio. O nascimento do Egypto datam-no os historiadores do dia em

que os seus habitantes conseguiram regular o curso do rio, calhar-lhe as alluviões e sanear-lhe as margens. Poderemos acaso sondar o futuro em que no limo do Amazonas cessem de perecer em germen aspirações vitaes e se plasme a raça forte que o integre na economia nacional com a sua possivel funcção civilizadora?

GOULART DE ANDRADE

RESPOSTA AO SR. XAVIER MARQUES

O Mar.

É assim que conheceis o colosso como nem um mago o ha conhecido, em todas as suas modalidades, raivoso ou lethargico, entendendo-lhe os multiplos accentos, a cada hora do dia ou da noite, em todas as estações, quer "quando o vento sibilante escama as aguas, onde a tarde reflecte o seu azul finamente dourado", quer quando, ao livor espectral da lua as marêtas brincam nos recifes como "urcos marinhos", emquanto ao longe "as vagas enrolam e desenrolam o seu manto escuro, cujas fimbrias se rasgam nas arestas do penedo".

Sim, todos os clamores da massa eqúorea vos são familiares: — desde a aguagem das marés na costa proxima até as lamentações desesperadas nos farelhões remotos; desde o assanhado tumulto que faz o marulheiro nas corôas, até quando, heroico, o oceano entra a soar como uma fanfarra, as ondas a reluzirem, impando como peitos de aço.

Quem melhor nos descreveu os anceios do gigante, quando troca os gorgolhões de afago aos chanfros do penhasco por uma especie de rugido

animal, uma trepidação tempestuosa em que nada se distingue e tudo em redor se confunde ? E quem já encontrou sons mais proprios para reproduzir esses marulhos caricíosos da carneirada pelas lócas das fragas e desvãos da madrigueira ?

Para interpretal-o assim, quanto tempo não haveis quedado, sósinho, na escuridade, a ouvir-lhe os vagalhões longos e monstruosos, que avançam bramando, ou a ver-lhe, horas e horas, no baixio negro, a agua plana e chumbada, parecendo oleosa palude, sem um anceio, um arfar, um flocco de espuma, debaixo de uma chuva de fogo ?

Tão impregnado ficastes da poesia complexa da existencia maritima, que ao lermos a collectanea dos contos praieiros, entramos de sentir toda a suggestão e amarugem da vida local, como se estivessemos a haurir emanações salitrosas, ouvindo o rythmado estrondo das vagas e vendo como arde a paizagem atravez do tremulo revérbero das areias.

Com ser o reflexo de terras e gentes do reconcavo, a lhes espelhar linda e fielmente a selvatiqueza e a ingenuidade d'alma, ao par da tristeza e maravilha das cousas d'aquelles rincões, esta é para mim a parte melhor de vossa obra.

CONSTANCIO ALVES (*)

SUCCESSOR DE PAULO BARRETO

(22 de Agosto de 1922)

Joaquim Nabuco: uma reminiscencia.

Vi-o, pela primeira vez, ao passar pela Bahia,

(*) N. em 1862. Jornalista e poeta. Medico.

quando regressava do exilio voluntario que padecera em Londres, pela sua fidelidade á causa dos captivos.

D'esse encontro guardo apenas a impressão de uma formosa cabeça de moço, entre duas grandes sombras, a da noite que cahia e a da espessa multidão que subia, acclamando-o e á qual elle excedia pela estatura, feita para dominar nas horas tempestuosas de guerra e de gloria. Conheci-o, porém, de perto, quando elle já não era o tribuno do abolicionismo e começara a ser o historiador do segundo imperio.

O combatente inda não emmudecera; no emtanto já se fazia, pouco a pouco, em seu intimo, o apaziguamento das paixões politicas, que iam cedendo logar á calma das creações literarias, finalmente entrecortadas por murmurios de preces e silencio de meditações religiosas.

As mãos que gesticularam, sobriamente, nos improvisos da oratoria popular e parlamentar, já se demoravam no lavor de paginas de arte luminosa e serena, e talvez já descansassem d'esses trabalhos tranquillos, juntando-se na immobilidade da oração.

Paulo Barreto: sua formação literaria.

Paulo Barreto parece ter entrado para a "Cidade do Rio" na edade em que muitos ainda não sahiram do collegio. Os seus primeiros artigos, turbulentos e temerarios, revelavam o inevitavel nas obras da juventude: a convicção da infallibilidade, a certeza de que tudo está errado, a ambição e a esperança de tudo endireitar, a irreverencia demolidora.

O estylo d'esses primordios era obscuridade e desordem, o que não admira: o cahos é o começo de tudo.

Em Paulo Barreto, que madrugara na imprensa, havia nevoas do alvorecer, pontilhadas de centelhas promissoras.

Pouco a pouco a phrase se aclara; atravez das sombras que se adelgaçam, o sol começa a sua tarefa de colorista e esculptor, dando contornos e tintas ás cousas informes e apagadas. Perdurarão, apenas, aqui e alli, alguns farrapos de nuvens opacas.

O jornalista que começara a falar no tom de quem já soubesse tudo, conhece que alguma cousa ignora, e lê, lê muito, com pressa e comprehensão rapida e facil, nos intervallos do seu labor immenso, nas curtas horas de descanso do seu dia exhaustivo.

Lê Anatole France, Maeterlinck, Eça de Queiroz, d'Annunzio, Jean Lorrain, Oscar Wilde, os Goncourts, os modernos de nomeada mundial e principalmente os mestres da chronica franceza, os grandes artistas do jornalismo, os "reporters" culminantes, como Huret e Brisson, os que, pelo estylo perenneficam o ephemero e tornam digno de resuscitar no livro o que morrera nas gazetas.

D'elles apprendeu e imitou a arte de enquadrar em artigos e chronicas, a aquarella de uma paizagem, a "silhouette" de um escriptor, a caricatura de uma personagem, o commentario de um facto, a critica de um momento social, a historia de um crime, o enredo de um drama, o deslumbramento de uma festa, scenas de rua, peripecias de batalhas, tudo, emfim, dos dias que passam.

E caso o dia que passa fôr tão miseravel que não dê um thema sequer ao jornalista, nem por

isso o jornalista desprevenido deixará de dar o seu artigo ou a sua chronica.

O jornalista sem assumpto será como um sujeito sem vintem. Mas quando essa penuria alcança quem possue vocação para o officio, elle não pensa em sahir á rua, para esmolar uma idéa pelo amor de Deus.

Arroja-se pela tira em branco que nesse momento difficil parece alongar-se em estrada sem fim.

E não raro, feito o artigo, terminada a chronica — quando o autor repassa, na leitura, por esse caminho de papel que, ainda ha pouco, o inquietava com a sua arida alvura de areal, surprehende-se ao ver o deserto povoado, animado, transmutado por figuras que nem sempre lhe appareceram em dias de abundancia, por imagens da mais seductora belleza, exprimindo, como nunca, a ironia, a ternura, o contentamento, a piedade, o amor.

Assim quem começara incerto, por se julgar tão pobre, póde acabar admirado de ter sido tão intelligente, sentindo que Deus o fizera á sua imagem e semelhança, tambem creador, com restricções: para tirar de nada — um folhetim.

FELIX PACHECO

RESPOSTA A CONSTANCIO ALVES

As eleições academicas.

Lá fóra, muita gente, cuja pressa e insoffrimento contrastam vehementemente com o vosso vagar de burocrata zeloso, com a vossa paciencia de erudito sem vaidades, e com a vossa graça calma e

demorada de ironista fino e arguto, não entenderá provavelmente o que eu quero dizer, por mim e talvez tambem pela Academia, quando alludo a eleições que são ou devem ser uma simples questão de occasião.

É quasi certo que, na politica, o Senador que de mim fizeram contra a minha vontade, pense que as cousas nem sempre devam ser assim. Mas, nos nossos pleitos da Academia, mais serios, mais espaçados, mais graves pelas responsabilidades moraes e mentaes do mandato, assim como pela extensão perpetua da investidura, convém medirmos melhor todas as circumstancias occorrentes nos diversos meritos que pleiteiem uma cadeira vaga. Isso occasiona, ás vezes, incidentes e dilações e determina segundo pleito e novas candidaturas; mas ninguem tem o direito de se queixar, porque tudo, como disse, se reduz a uma simples questão de occasião, de que sómente nós somos os juizes, e não constitue menospreço ou gravame para pessoa alguma.

Não imagineis que é uma explicação que vos dou, ou a qualquer outro.

A Academia se sente bastante ciosa de suas prerogativas, para não ter que baratear excusas, ou se justificar de demoras havidas. É apenas um aviso que deixo e uma advertencia que formulo aos candidatos de amanhã, quando já fôrdes tambem membro effectivo e academico votante.

Na vossa vida literaria, como na vossa vida politica e social, o defeito brasileiro principal está na relativa ausencia d'aquellas qualidades de discreção, que formam a propria essencia da polidez, no que a polidez significa o sentido das conveniencias pessoaes mais intimas e a comprehensão do interesse geral mais legitimo.

Perfil de Constancio Alves: o homem tímido e o jornalista temído.

Quem vos encontrar na cidade, meio encolhido e meio curvo, os hombros estreitos mettidos em frack talvez preto e coberto invariavelmente do capote, se o thermometro está abaixo de 30º, á cabeça um côco tambem quasi preto, a expressão geral sem nenhum traço deselegante de descuido ou de bohemia antiga, balanceando um bocadinho o andar vagaroso, com jornaes amassados ou brochuras e livros apertados no braço esquerdo, o direito empunhando um indefectivel guarda-chuva, que não previne nada contra o seu contemporaneo o diluvio, dirá logo: alli vae um tímido !

E não errará na supposição. Um homem que, ao contrario de João do Rio, que conheceu todos os recantos da cidade e todas as camadas sociaes, de Botafogo á Gambôa e foi o chronista de todas as festas, se limita a ir de casa á Bibliotheca e da Bibliotheca ao "Jornal"; um homem que não vae a theatros, que só entra no cinema por acaso, que nunca viu o Carnaval, nem assistiu a uma só corrida de cavallos, regata, partida de "foot-ball", ou tourada e que só conhece o Municipal por ter ido alli ouvir conferencias de Anatole France, Jaurés e Clemenceau; um homem cuja vida se passa entre os livros, e que, entretanto, até quando entra numa livraria, parece que entra com medo, não póde ser senão um timido. Um timido e um triste, pois, além do mais, considera como verdade profunda o dito do ironista: a vida seria muito agradavel se não fossem os divertimentos.

Os tímidos, porém, nem sempre são só o que mostram. Convém examinal-os bem, e noutras occasiões, que não assim de passagem, na rua.

Vendo-vos, como agora vos estou vendo, de farda e de espadim, acho, não sei porque, que toda essa imponencia marcial e decorativa vae a matar na vossa timidez. É que podeis provavelmente ser, e sois, além de tímido, temido, com perdão do máo gosto do trocadilho.

Não ha aliás incompatibilidade nenhuma entre essas duas feições.

GUSTAVO BARROSO (*)

SUCCESSOR DE D. SILVERIO GOMES PIMENTA

(7 de Maio de 1923)

O milagre de Appollonio.

Appollonio de Thyana, o grande mago dos tempos idos, após longa e grave discussão com Doutores e Theologos, na Bibliotheca de Alexandria, chegou-se a uma janella de onde se avistava toda a tumultuaria e brilhante cidade dos philosophos e das seitas. Tinha na mão pedaços de papyros e pergaminhos, em que escrevera notas, no ardor das disputas cabalisticas e metaphysicas. Alguns antagonistas o acompanhavam. O magico illustre estendeu a dextra para o espaço solheiro abriu-a e soltou os papeis que a enchiam. Elles espalharam-se no ar, revoluteando, e um a um foram-se transformando em alvas garças, que desappareceram no azul em todas as direcções. Aos circumstantes espantados o iniciado disse:

— São as minhas idéas que se vão mundo em

(*) N. em 1888. Prosador. Folk-lorista. Antigo deputado. Director do Museu Historico.

fóra. Ellas hão de pousar em qualquer parte e ahi construir seus ninhos.

Relendo a obra jornalistica, juridica, social e parlamentar de Alcindo Guanabara, estes ultimos dias, fiquei a pensar que elle, apesar de ser um theorico, dos que mandam fazer o que dizem e não o que fazem, realizou no Brasil o lindo milagre de Appollonio de Thyana. Não se negam azas a suas idéas e ellas irão pousando mais hoje, mais amanhã, aqui, ou alli.

A "Vida de D. Viçoso".
O Suave captiveiro.

Não é facil lêr esse livro de Dom Silverio. Elle não agrada ao primeiro manuseio, nem abre portas hospitaleiras ás primeiras palmas. Pode-se applicar-lhe o que diz Luiz Bertrand das "Confissões" e da "Cidade de Deus": "Precisa-se ter coragem e perseverança, para penetrar no dédalo d'esses textos eriçados, mas logo que se entra e acostuma ao edificio uma admiração nos invade, maior, pelo espirito que o habita. Sua face hieratica se anima e elle sorri na harmonia forte das idéas e do estylo." Eis como o livro se nos antolha e, após, nos agrada, visto pelo lado de dentro. Tem algo das cathedraes. Sómente do interior se vêm luzes e côres de vitraes e é preciso certa iniciação, pelo menos boa vontade para entender-lhes o sentido occulto na ingenuidade apparente.

Lá dentro, ao observador leviano, eivado de scepticismos e incredulidades communs, a alma do escriptor parecerá escrava dos cánones restrictos e limitada ás opiniões dogmaticas da Egreja. O mesmo não verá quem conheça a palavra do Apostolo: "Ubi spiritus Dei, ibi libertas". As almas

escravas do Christo, affirmam os catholicos, são as mais livres. Sua servidão, juram, é a maior das liberdades.

ALBERTO FARIA

RESPOSTA A GUSTAVO BARROSO

D. Silverio e Francisco Manuel.

Volvendo á obra capital do "Padre Silverio", que Aureliano Pimentel collocou entre os "primeiros prosadores portuguezes" (brasileiros da lingua portugueza, diria eu, por evitar equivoco), reproduzirei duas linhas da autoridade citada, com endosso da de Macedo Soares, ao tempo da edição principe: "O estylo tem os mesmos attractivos que o do célebre e admirado autor da "Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres". Effectivamente, cotejados os monumentos congéneres, resalta uma equipollencia de valores artisticos, denunciativa de assimilação completa, assim no meneio da idéa, como no sabor da vernaculidade, pois que o segundo não é méro decalque do primeiro. A phrase natural d'aquelle, emparelhando com a espontanea d'este, longe está de impressionar como remendo de fina purpura em grosso burel. Mas a semelhança é tamanha, que em ambos se nos depara até a frequencia de um mesmo gallicismo, aliás encontradiço tambem nas paginas do recipiendario de hoje... A que monta isto, porém? D. Francisco Manuel de Mello soccorre-nos com a delicadeza da resposta, em critica elegante a um bello producto coévo: "Acham-se comtudo, por todo este livro, uns leves descuidos, que eu com-

paro aos signaes do rosto das formosas, os quaes, sendo em alguma maneira defeitos, servem de lhe accrescentar a gentileza".

JOÃO LUIZ ALVES (*)

SUCCESSOR DE EDUARDO RAMOS (**)

(6 de Novembro de 1923)

Pedro Lessa, magistrado.
Desnecessidade de uma biographia.

Certa vez, em uma das palestras com que me honrou e distinguiu, presente um integro collega, elle me disse com aquella sua franqueza de homem recto e sincero: "Em algumas materias, foi preciso jogar a barra um tanto longe; é tempo de recuar um pouco."

Registrei essa phrase, sem jámais suppor que a poderia repetir.

Repito-a, aqui e agora, porque ella é em louvor do integro juiz, que, verificando que a necessidade social ou politica já não o exigia e dando alma á Constituição, convinha em reconhecer que nova orientação interpretativa se impunha, sem desfigurar ou violar a lei basica, antes permittindo-lhe, pela autoridade da Suprema Côrte, e só por ella, uma existencia compativel com as necessidades sociaes e politicas do paiz.

(*) 1870-1925. Jurisconsulto e orador parlamentar. Deputado e senador. Ministro da Justiça. Ministro do Supremo Tribunal.

(**) 1854-1923. Poeta e prosador. Antigo deputado. Eleito para a vaga de Pedro Lessa, não chegou a tomar posse.

Comparado a Marshall ou a Harlan, o que é incontestavel é que Pedro Lessa deu prestigio á toga, vida ao direito e força á Constituição.

Agora noto, Senhores, que o nosso auditorio póde extranhar que eu não falasse da vida de Pedro Lessa no seculo. Não o fiz em obediencia ao preceito do nosso regimento; não o fiz tambem, porque, se apresentasse aqui a sua biographia, poderia parecer que vos falava, como membro do Instituto Historico, relembrando a vida terrena do consocio morto.

Para esta illustre Companhia, a vida é a obra produzida; que Lessa nascesse no Serro ou alhures, no anno de 1859 ou em outro, pouco importava ao critico de sua obra, desde que isso não era factor da formação do seu luminoso espirito. Nem mesmo disse quando elle morreu; não o direi.

Aqui, ninguem morre.

AUGUSTO DE LIMA

RESPOSTA A JOÃO LUIZ ALVES

A Poesia e a Politica.

As influencias literarias actuam beneficamente sobre a politica, como forças superiores de ideação; porque, de ordinario, ao contrario do que se pensa sem maior reflexão, na arte prevalece mais a estatica, ou a conservação, que é a alma immutavel das cousas: na politica — a dynamica, ou o movimento e a renovação. Richelieu, creando a Academia Franceza, modelo d'esta, quiz fundir a politica e a literatura, como um escudo protector de união contra as surprezas reaccionarias da phi-

losophia. Mas o seculo XVIII não logrou esse ideal, dando-se o contraste de reinar a revolta na philosophia e a obediencia na literatura, e o que é ainda mais exquesito: o mesmo individuo, Diderot, era revolucionario de idéas e escrevia tragedias burguezas, e tinha faceirices, como a de aconselhar aos escriptores e embeber a penna no pó das azas das borboletas; do mesmo modo, La Harpe, liberrimo campeão em politica, não se afastava em literatura do Codigo Boileau, apesar de ter sido este o verdadeiro Luiz XIV das letras, constructor da Versailles espiritual, chamada "Arte Poetica", ou, como o intitulara o proprio Luiz XIV, "Contrôleur général du Parnasse".

Eu proporia que se não falasse mais em literatura de ficção, para caracterizar os homens de letras; porque, considerando bem, não ha disciplina humana mais cheia de ficções do que estas duas — o direito e a politica. Não é a poesia que faz do branco — preto e do redondo — quadrado, mas o direito nos casos soberanamente julgados. Não é nos romances que se proclama a soberania do suffragio universal, representada pela trigesima parte dos habitantes de um paiz. Estas e outras ficções são, entretanto, necessarias, tão necessarias á nossa contingencia politica, como os dogmas á religião. É d'ellas que se faz a ordem social. E o patriotismo, em rigor, que vem a ser, senão uma ficção, que nos faz amar extensões de territorio que nunca vimos nem nunca veremos ?

LAUDELINO FREIRE (*)

SUCCESSOR DE RUY BARBOSA (**)

(22 de Março de 1924)

O civilismo no Imperio e na Republica. A Palavra e a Espada.

O civilismo, no seu aspecto de construcção doutrinaria contra as negações dos principios fundamentaes da democracia e liberdade, é, sem duvida, a mais levantada e significativa das batalhas que se hão travado na vida politica do paiz. A natureza dos elementos que se nelle empenharam, dão a extensão da notavel cruzada, na qual, como em nenhuma outra, participara o sentimento civico do povo, exceptuado talvez o momento historico em que, esboçando-se já a consciencia da nacionalidade, o amor nativo impoz ao general Avilez o embarque das suas tropas impertinentes, e outras cousas mais soube exigir em prol do advento da independencia.

Duas temerosas forças, de quando em quando divorciadas para o infortunio dos povos em formação, travando-se das suas armas — a palavra e a espada — procuraram devorar-se, tendo ambas por arbitro a uma personalidade de influencia occasional e ephemera, como, entre nós, costuma ser toda força de indole politica. O poder civil lu-

---

(*) N. em 1874. Philologo e ensaista. Advogado.

(**) 1849-1923. Grande orador parlamentar e prosador. Jornalista e conferencista politico. Deputado na Monarchia e ministro e senador na Republica. Jurisconsulto eminente.

cta contra o poder militar, deante de um pretorio, que impunha o prestigio soberano e irrecorrivel das decisões eleitoraes.

Tres nomes de brasileiros illustres, infelizmente já mergulhados na noite eterna, representam naquelle instante as aspirações exaltadas dos elementos proselytos militantes.

É cedo para o exame sereno dos processos e resultados que do conflicto advieram para a regeneração dos nossos costumes. Todavia póde affirmar-se que com Ruy estava a nação. Mas se este juizo que, conforme vêdes, é contemporaneo, está sujeito a restricções, uma verdade permanecerá de pé, hoje, amanhã e sempre: naquella lucta memoravel, alteia-se, grandiosa e estupenda, a figura de um luctador com proporções descompassadas.

Debaixo de tempestades chammejantes, de ventos que bramem e de raios que, riscando a profundeza do espaço, estalam em descargas aterradoras, tendo no alto a natureza a tremer no furor dos elementos desencadeados, e ouvindo, em torno, o troar dos canhões, os "trovões de artilheria", o metralhar das machinas, o fuzilar das armas e o brandir das espadas — imaginae, Senhores, assim "nessa atmosphera electrizada", deante do espantoso d'esse bombardeio geral de céos e terra, um só homem a luctar, luctar sempre, luctar heroicamente, imperturbavel, erecto, pequenino e immenso, cada vez mais abraçado á "omnipotencia incompressivel" da sua palavra, que, respondendo a tudo — tremebrilha, chispa e fagulha, lampeja, atrôa e deflagra, fere, flagella e fulmina, — e ahi tendes a Ruy no civilismo.

A Lei e o Direito. A divisa de Ruy.

Li, em boa fonte, Senhores, que a persistencia do direito contra a obstinação da lei é a origem dos males sociaes. A constante desharmonia entre o principio e a applicação gera as perturbações e as luctas.

Em regra, a lei não traduz o direito: desvirtua-o. A lei, é certo, "decorre do direito", mas vêde que a lei procede do direito "como o rio da sua origem", recurvado em varias direcções e "apanhando as impurezas das margens". É que por homens elaborada, a lei terá necessariamente as imperfeições da fallibilidade humana.

Alta expressão do direito é a liberdade; no emtanto a lei que a traduz é, não raras vezes, a da proscripção, ou a do jugo sob qualquer das suas formas.

Mais alta expressão ainda da ordem juridica é a inviolabilidade da vida, mas a lei creou a guilhotina e, não raro, de outro aspecto, abre as portas das penitenciarias para a evasão dos matadores.

A ordem publica, além de condição, é expressão do direito, mas a lei se detem deante do problema da intervenção do poder central na vida dos Estados, de modo que a propria intervenção sirva de meio, ou pretexto de perturbar a ordem.

Escreveu Victor Hugo que lhe impunha a consciencia, nas suas funcções de legislador, a confrontação permanente e perpetua da lei que os homens fazem com a lei que faz os homens.

A vida de Ruy exhauriu-se nesse esforço de prégar a expressão veraz do direito na fidelidade incorruptivel da lei; e no alto de todas as tribunas que illuminou, o pensamento que o guiara fôra sempre o — "Pro jure contra legem".

Ruy Barbosa: o escriptor, o grammatico, o orador.

Á semelhança de Cicero, foi Ruy tribuno, jurisconsulto e grammatico; escriptor e annalista como Tacito; homem de estado e orador como Demosthenes.

Eu não me animaria a inculcar-vos que o varão brasileiro, com o seu estylo quasi sobrenatural, se mostrara maior do que Tacito e, no Senado da Republica, a sua figura ultrapassasse a do principe dos oradores romanos, nem transcedesse os "écos da palavra demosthenica".

Mas, Senhores Academicos, se as tradições de um passado tão distante, confrontadas com as opulencias da cultura contemporanea, podem ensejar, sem despropositos, comparações que nos honram, eu vos recordaria que a plasticidade da eloquencia do grande Ruy se retratou em formas que, sublimando-lhe o verbo, o fizeram rival de Demosthentes, mais rico do que Tacito e, pela força da idéa, de acção mais penetrante na consciencia collectiva do que Cicero.

Não desertareis a observação de que o seu estylo teve a magnificencia e concisão do orador grego, "que falava á razão de preferencia ás paixões, com gravidade, sem affectação, austero e meditativo"; possuiu a eloquencia serena da verdade, a doçura da harmonia, a belleza da simplicidade do estylo de Tacito; e revestiu-se das modalidades invectivas das catilinarias, sem a exclusão do perluxo, á feição do de Cicero.

Se se buscasse em Tacito o retrato que traçou da palavra de Cicero, oratoria que se lhe afigura edificio de architectura grosseira de paredes solidas e duraveis, mas sem brilho nem polimento, e tribuno que do seu "jus Verrinum" e do eterno

"esse videatur", nos seus discursos só de tres em tres phrases é que dava logar a um pensamento, sentirieis que não aventurei apenas simples voto pessoal para engrandecer na hyperbole a figura formidavel do civilismo. Todavia não deixará de haver quem descubra na vida e obra do Cicero brasileiro aquillo que admiravelmente salienta Boissier na obra e vida do accusador de Catilina: certa insaciavel vaidade, certa mobilidade de impressões, certa facilidade a deixar-se prender e dominar pelos acontecimentos, e ainda aquella maravilhosa faculdade de fazer-se o espectador do que elle proprio referia e narrava.

O copioso desenvolvimento que costumava dar ás orações fructo era do seu saber vastissimo, enriquecido da aptidão de levar a analyse até aos excessos do meticuloso.

ALOYSIO DE CASTRO

RESPOSTA A LAUDELINO FREIRE

Grammatica e estylo.

A grammatica não é a lingua. A caturrice das regrinhas mata muitas vezes a qualidade prima do escriptor, o bello gosto, e a mera preoccupação grammatical só produz escriptores entanguidos, enfezados, pesadões e desluzidos. O estylo, a arte da fórma, é outra cousa, eu dissera um dom na natureza, e os que não trazem do berço essa intuição do rithmo, da euphonia e do equilibrio da phrase, jámais alcançarão trabalhar as gemmas da arte no bem falar e no bem escrever.

O estudo aperfeiçôa o escriptor, póde dar-lhe

correcção, facilidade ou ainda brilho, mas se lhe fallece esse por assim dizer sentido especial da harmonia da fórma, por mais que esforce o estylo nunca o subirá ao verdadeiro primor. Póde haver estro, arroubo, graça, pompa, valentia, lucidez, propriedade, mas a arte do estylo requer mais, quer o toque peregrino e indefinivel, o sentimento exacto da proporção e da belleza, unico que assegura ás obras do pensamento o sello da immortalidade.

Ruy, politico.

Elle nunca foi politico no sentido vulgar, unico conhecido entre nós, num paiz onde não ha partidos com idéas, mas apenas rotulos pomposos, idéas de taboleta e de cartaz. Faltava-lhe para isso a aguda sciencia das conveniencias. No parlamento era voz perdida. Mas quando as questões sahiam do dominio dos rasteiros interesses e das facções para se alteiarem a outras espheras, então era a sua vez. Porque nelle verdadeiramente vibrava o espirito nacional, nelle o orgão da liberdade e da justiça, de cuja paixão se nutriu até os derradeiros dias e cujas causas ardidamente pleiteou na tribuna politica, no pretorio e na praça publica. Quem com mais pertinacia serviu ao dever ? Quem a elle se adeantou na grandeza do civismo ? Quem melhor definiu as nossas aspirações ? Ninguem o excedeu na dedicação á patria, que poz em primeiro logar e acima de tudo, como apprendera com Cicero no "Tratado dos deveres".

Do abolicionismo ao civilismo a voz era a mesma, aquella voz indomita e fogosa, que insuflou novo alento em nosso povo, já descrente e amorte-

cido pela indifferença. Cada batalha o crescia na admiração geral, dentro e fóra da patria.

CLAUDIO DE SOUZA (*)

SUCCESSOR DE VICENTE DE CARVALHO (**)

(28 de Outubro de 1924)

O Theatro: A comedia de costumes.

A comedia de costumes é a que caracteriza e individualiza um theatro, a que lhe dá corpo e alma, sangue e raça, independencia e personalidade. É ella que mergulha com o escaphandro da analyse, e os olhos agudos da satira no mais intimo da alma da nacionalidade, recolhendo-lhe as commoções virginaes, os anceios, os sustos, as curiosidades, os sobresaltos, as alegrias, as tristezas, as nupcias, os amores, a esthetica intima dos pudores, a philosophia sagrada da moral, o relicario augusto das tradições, pesando a ouro fio os amuletos de sua fé, e as flôres de suas virtudes. E quando, depois de ter mergulhado e remergulhado, surge á tona, emergindo á luz das ribaltas, é ella quem vasa com o estylete da ironia as impurezas, os detrictos, os vicios, as taras e as imperfeições, na bem intencionada faina de purificar e engrandecer a alma de sua raça.

Todos os theatros nella tiveram seu primeiro berço, e as alviçaras de sua gloria.

(*) N. em 1876. Comediographo e conferencista. Medico.

(**) 1866-1924. Brilhante poeta. Magistrado. Eleito para succeder a Arthur Azevedo, não chegou a tomar posse solennemente.

A tradição. O amor aos modelos classicos.

Nunca se póde accusar uma época não extincta de decadencia, pois não se sabe se os tempos seguintes serão melhores ou peores. Nossos successores, e só elles, poderão avaliar da força de nossa vontade e da efficacia de nossa fé. O drama humano é, apenas, méra successão de accidentes. Não tem, como a tragedia cosmica, o phenomenalismo fatal do peso das massas, da attracção dos volumes e das outras determinantes dynamicas.

Nossa vida é cadeia que se não interrompe de avós a netos. Nós não somos nós mesmos. Dentro de cada um de nós, e independente de nós, vive um pedaço do passado que é respeito, que é amor, que é superstição, que é piedade. Em 1830, quando o romantismo deu batalha ao classicismo, e assaltou as academias, e varejou os museus, e vaiou e apedrejou Racine, pregou, tambem, a guerra contra a decadencia. A escola romantica durou, porém, menos de meio seculo. Nova geração rebentou-lhe á frente, e assaltou-lhe, por sua vez, as academias e garoteou nas cercanias dos institutos, e vaiou, e apedrejou. E os revolucionarios de 1830, já encanecidos, passaram a pedir respeito á velhice, aos dogmas e os principios eram, agora, elles... Póde-se asseverar, portanto, que o grupo que hoje apupa os modelos classicos virá sentar-se amanhã nestas poltronas, e pagará então a divida de hoje quando a geração que lhe vier depois queimar-lhe as pernas com as pontas accesas de sua ironia, como fazem os soldados novos ás velhas sentinellas que começam a adormecer em seu posto.

Evolução e successão das formulas literarias.

Uma formula literaria não é mais que o instrumento bio-social de uma época, nascida de uma agonia, reverdecida numa juventude, para se extinguir numa velhice, no circulo fatal que se ajusta á vida das idéas e á vida da pessoas. Mas ao defluirem as aguas nos seus cursos normaes, deixam para traz crystallizações definitivas que são o passado, no que tem de adquirido e de fundamentalmente estavel. Quando nos grandes temporaes as aguas se revolvem e se revoltam, se reptam e se revidam, se recontram e se resoltam, se rólam e se retorcem, se retraem e se retravam, e no furor da bravia revolução abre a espumarada no ar o branco jardim das novas nupcias, parece que o presente dominou o passado, que, no ar, no espaço, no mundo, no universo se subvertem todas as noções, se despencam todos os principios, ruem fragorosamente todos os idolos.

Mas os temporaes passam. As aguas se amansam e se ageitam, se amaream e se amoldam, se amortecem e se amoucam, se amnistiam e se amesinham, se ameninam e se ameigam e, finda a procella, os naufragos que se debatem sem norte e sem fanal vão soccorrer-se ao rochedo que, então, reapparece, sereno, inflexivel, inelutavel, e inamovivel. É o rochedo immortal da tradição que revive dentro do mysterio do sangue, da herança, das religiões e das raças. Mas as revoluções são, ao mesmo tempo, uteis. São o arado que corta a terra empedernida dos dogmas e offerece novas superficies ao sol da razão, fazendo surgir do sub-sólo da rotina a vida occulta que, eternamente, renasce. Não desapreciemos, portanto, o esforço desordenado mas enthusiasta da nova geração. Ella cum-

pre um destino, realiza uma phase, determina um periodo na evolução que as rodas pesadas dos carros de guerra prometteram á terra, arroteando-a, e ao homem, virilizando-o. Que é a guerra senão a disciplina da destruição ? Tudo nella se allia, se conjuga, se apparelha, se engranza, se coordena pela ordem e pelo methodo para espalhar a desordem, a ruina, o incendio, a morte, o aniquillamento.

É a construcção que se arma para a destruição, o paradoxo de ferro e aço para transformar o tudo em nada ! Sua disciplina de desorganização implanta-se como segunda natureza no animo guerreiro, e tanto ahi se aninha que, terminada a refrega, arrazadas as cidades, devastados os campos, minado o sólo, ensanguentados os rios, esfumarados os ares, ensarilhadas as armas, cessada a guerra, persiste ainda. Atacam-se então os principios. A longa contenção da disciplina, ao desafogar-se do arreiamento e dos correames bellicos, tenta desopprimir-se, egualmente, da disciplina moral que se consubstancia nos principios, nas formulas, nas religiões, nas estheticas, nas philosophias.

ALFREDO PUJOL

RESPOSTA A CLAUDIO DE SOUZA

As origens do Theatro Brasileiro.
Martins Penna.

Muito se tem escripto sobre o declinio do theatro brasileiro, mas os seus tempos de gloria são depressa esquecidos. Como o imperio romano, ou

Napoleão, elle teve os seus dias de grandeza e decadencia. Na época colonial o judeu fluminense Antonio José, que tão tragicamente desappareceu na fogueira da Inquisição, deliciou as nossas platéas com as suas "operas", que não eram outra cousa senão comedias burlescas, de grande veia comica, orçando ás vezes pela galhofa de mau gosto, como as "Guerras do Alecrim e Mangerona". Mas o verdadeiro iniciador do theatro entre nós foi sem duvida o Martins Penna d'"Os Irmãos das Almas" e d'"O Noviço", nascido nesta cidade em 1815. José Verissimo foi por demais severo com Martins Penna, quando escreveu que teriam certamente um desengano todos quantos, illudidos pela fama, procurassem nas obras do autor dramatico fluminense o regalo espiritual das comedias literarias contemporaneas ou anteriores á época em que elle floresceu. O nosso Penna não tinha pretenções literarias. No seu tempo a linguagem era descurada e banal. Elle não teve escola, não teve modelos, não teve mestres. O seu genio brotou de uma nascente selvagem, no seio da floresta virgem. Não foi um moralista, nem um doutrinador. Observou a vida, estudou os homens e os costumes, os vicios e os erros do seu tempo, e trouxe tudo á luz da rampa com singeleza e graça, com sinceridade e indulgencia, com vivacidade e bom humor. São as suas farças o espelho fiel da sociedade fluminense na primeira metade do seculo passado. João Caetano, na sua aula de declamação, em 1861, dava-lhe, com encantadora ingenuidade, o appellido de — "Moliére brasileiro"... Entre José Verissimo e João Caetano devemos procurar o meio termo, que a sabedoria aconselha, para designar o logar que compete na historia de nosso theatro ao seu genuino fundador. O periodo, em que floriu

a comedia do Penna, foi de grandeza para o theatro nacional.

ADELMAR TAVARES (*)

SUCCESSOR DE JOÃO LUIZ ALVES

(4 de Setembro de 1926)

Fagundes Varella e o seu destino.

A vida de Fagundes Varella foi talvez a mais tormentosa entre as dos poetas da sua geração. Como se já lhe não bastasse um fundo ingenito de tristeza, a hora em que veio ao mundo foi a mais propicia á intensificação d'esse sentimento. Essa era a hora do romantismo, que agitou na juventude brasileira, como nas outras, o mesmo inconformismo contra as realidades pungentes da vida.

Tenho como facto certo a predestinação d'esse poeta, mas a época em que aflorou o seu espirito muito concorreu para a nota de constante melancolia do seu plectro, se bem que este fôsse, como foi, susceptivel a todas as vibrações. Tudo nelle é musica. Tudo nos seus versos corre em harmonia com as imagens do mundo sensivel, ou com as idéas que descortina, ou com as emoções que instrumenta. Essa musicalidade é que lhe imprime á estrophe tanta despreoccupação de outros effeitos meramente ornamentaes.

Si tal espontaneidade facilitou a esse maravilhoso orchestrador de rythmos, a censura de menos cuidoso na plasticidade verbal, deu-lhe, em compensação, a corôa indisputavel de um grande pres-

---

(*) N. em 1888. Poeta. Magistrado.

tigio nas salas de recitações e nas tunas romanticas dos trovadores nocturnos. Elle teve essa immortalidade lá de fóra. Teve a consagração popular das cordas das serenatas, de norte a sul do Brasil, e eterno viverá na alma do povo, que não deixa morrer os legitimos interpretes e definidores dos sentimentos e segredos do coração humano.

Perfil de Pedro Lessa.

Parece que o vejo ainda... Alto, forte, a cabeça branca encimando um busto de athleta, uns olhos vivos a luzirem atravéz de uns vidros de gráu... A primeira vez que o defrontei, foi na arena das brilhantes pugnas do seu espirito: no Supremo Tribunal. Agitava-se uma discussão de "habeas-corpus" na interpretação do texto constitucional á applicação do caso em debate. A sala estava repleta de advogados e curiosos, e os jornaes do dia haviam agitado a opinião para o julgamento da nossa mais alta Côrte de Justiça. Ia em meio a discussão. Pedro Lessa falava, havia mais de uma hora, já, entrincheirado numa serie de argumentos juridicos, cada qual mais persuasivo, mais convincente, mais quente do calor da sua palavra, entre livros que abria e notas que consultava, em meio a uma verdadeira fuzilaria de apartes de outros collegas, que procuravam, em voz alta, animadamente, alluir o monumento expositivo que elle erguia. E a cada instante elle parava, ouvia, e num leve sorriso: "mas sr. Ministro, o que eu affirmo é tão raro que incommóda..." Era esse sempre o seu refrão habitual .E entre a rajada de apartes e opiniões divergentes, empinava o busto magnifico, resplandecia-lhe o rosto, e nada o perturbava na linha de defesa de suas idéas, cada vez mais

fortificado de novos e copiosos motivos de doutrina e jurisprudencia. Inflammava-se-lhe a voz, agigantava-se, transfigurado, desferindo raios como Jupiter, todo elle numa só força, numa só affirmação, numa só vontade: convencer ! Formidavel, esse campeador da Justiça !. . . Depois, dado o seu voto, nesta como de outras feitas em que o vi, fechava os livros que abrira, enrolava as tiras de papel annotadas, como um guerreiro que ensarilha as armas, e deixava-se ficar tranquillo na sua cadeira, quasi ao fundo da sala, como um leão fatigado, olhando numa attenção religiosa o collega que tomava a palavra, e, agitando automaticamente, como de seus habitos, um pequeno leque negro, indifferente ao rumor que os seus proprios argumentos tivessem despertado na assistencia.

LAUDELINO FREIRE

RESPOSTA A ADELMAR TAVARES

O Romantismo.

Emquanto dentro em nosso peito palpitar um coração, "e a mente abrasada lhe arrebatar essas palpitações ás regiões infinitas, a poesia romantica ha de existir, ser fecunda e universal".

Fecunda, universal e eterna, porque é a expressão verdadeira dos estados d'alma, dos sonhos vagos e das commoções intimas; é a poesia das ancias que se enraizam nas profundezas do ser; é a poesia da ternura, da saudade, do infortunio e da dôr.

A vida sentimental exterioriza-se numa escala de

paixões, — e o romantismo, que as exprime, é a poesia da vida e a propria vida da poesia.

Nasceu com o primeiro coração que amou, soffreu e cantou.

Quando Job, beduim sublime, revoltando-se contra a injustiça da sorte e de Deus — mal se vinha desprendendo a vida da nevoa indecisa e tenue do alvorecer da historia, — compoz com as lagrimas inconsolaveis da sua infinita tristeza, a epopéa da dor — revelou-se, já foi dito, "o primeiro romantico da antiguidade".

Ferindo com o plectro "as cordas plangentes do seu psalterio, chora David as desgraças das filhas de Sião"; e, nesses psalmos penitenciaes, quem é que gemia senão a alma dilacerada do "primeiro genio inspirado d'esta pathetica familia de poetas elegiacos" ?

O amor que reçuma do "Cantico dos Canticos" — que é senão o romantismo ? Que nome ahi terá, senão o de romantismo, o respeito á virtude e ao amor puro da aldeã ingenua e casta, que se libertou das tentações de um mundo sensual e corrupto ?

E Isaias a enfrentar a impiedade do seu tempo com as settas de fogo da sua "eloquencia inflammada de imagens, que nenhum estylo moderno excedeu" — que foi senão um "genio triste e fatidico", mas um genio precursor do mais puro romantismo ?

"E todos os outros profetas", inquire a critica esclarecida, "que são senão outros tantos romanticos na accepção mais espiritualista e apaixonada da palavra ?"

Guarda o mundo o perfume d'esta poesia semi-religiosa e semi-profana, que, suavissima, se desprende dos livros sagrados, e consagrados.

A Trova.

Tanto que surgiu, revelou-se a trova poesia rigorosa na technica, na rima e sonoridade rythmica. Aperfeiçoou-se na belleza dos themas, na agudeza dos conceitos e na harmonia das palavras. Cultivaram-na finos espiritos entre nobres e burguezes, reis, damas e monges; e foi nesse ambiente de aristocracia que se desenvolveu até chegar á perfeição, sem se desvestir da nobreza das suas origens.

Da antiga provincia romana, onde nasceu para a nossa lingua, emigrou como alva flor, para, perfumando a arte noutros meios, entreabrir-se aos brincos da phantasia.

Modo natural e simples de poetar, é a expressão mais espontanea dos sentimentos que o amor inspira. Será sempre, por isso, poesia do coração, na qual apenas entra a arte para enfeital-a com as pompas da forma, que, apurada e perfeita, só pensamos encontrar nos vates, em quem, delindo-se a imaginação, a metrica artificiosa suppre os primores da originalidade e do sentimento .

FERNANDO MAGALHÃES (*)

SUCCESSOR DE DOMICIO DA GAMA

(8 de Setembro de 1926)

A Theoria dos Expoentes.
A Medicina e as letras.

O expoente soffre o doesto por erro lamentavel da synonimia injusta impondo o banimento severo.

(*) N. em 1878. Escriptor scientifico. Conferencista. Medico.

O expoente não é servidor das letras, porque não é d'ellas vivedor e, se as servir, d'ellas não vivendo, o desinteresse não attenúa o peso da sentença. Da difficil contingencia creada pelo rigor da designação, ha recurso porém para a technologia dos auditorios, onde o expoente se humilha na requisição e confia, apagado, no julgamento do seu desejo. Invisto-me preferencialmente d'esse significado e, expoente, dentro da lei, peço licença para justificar o vosso favor.

A medicina curte resignada uma desaffeição immerecida. Protestam por vel-a ao vosso lado, ella que só anceia pelo vosso aconchego. Por que tanta intransigencia, quando a tradicional communhão entre poetas, talvez doentes, e medicos, talvez rimadores, abrigou sob o mesmo tecto, e dentro das mesmas aspirações, homens de pulso e de sentimento, firmes egualmente na posologia dos remedios, no trato das doenças, na cadencia da metrica, na pureza dos vocabulos, nos surtos da imaginação e no polimento dos conceitos ?

O academicismo colonial brasileiro não desprezou o convivio dos curadores contemporaneos: Matheus Sarayva, cirurgião-mór de presidio, creador e presidente da Academia dos Felizes, concorre com sete sonetos para a collectanea da Academia dos Selectos. Na dos Renascidos, quarenta como nós, havia o physico-mór Luiz Chaves e o medico do partido imperial Felix de Moraes. Na Sociedade Literaria, os cirurgiões Costa Abreu e Vicente Gomes, e o medico Jacintho Silva competem com o poeta Silva Alvarenga e com o marquez de Maricá. O presidente da Sociedade Bahiense de Homens de Letras, Oliveira Mendes, disserta em 1810 sobre as molestias dos pretos vindos da costa d'Africa. Na Academia Fluminense, ao lado de Ledo e Cunha

Barbosa sentou-se sem constrangimento Amaro Baptista, professor da Academia Medico-Cirurgica de 1821. E na galeria dos vossos patronos, além de Macedo e Laurindo, pelo voto eloquente de um dos fundadores d'esta casa, o magnifico Joaquim Nabuco, fulgura Maciel Monteiro, o poeta crystallino, orador perfeito, homem donairoso, diplomata fidalgo, medico entendido, afanado e prestante.

Vêzo secular, pois, no Brasil, esse de consorciar musas e males. Pudera não, se ambos vêm do mesmo tronco. De Phebo, cumulativamente vistoso capitão das nove divindades e ufano genitor dos meritos esculapinos, cantou Euripedes a sagacidade medica e lembrou Callimaco os modos de retardar a morte.

A Medicina, profissão nobre.

Nem os Quevedos mordazes, nem os Gracians criticos, nem outros picantes desenfadados e sabidos, deshonram a prestancia dos escriptores medicos do seu tempo. Quasi nem resta recordação da maldade satirica que não respeitava magistrados e principes. E se fosse razoavel reeditar contra a cultura dos medicos as facecias dos letrados, áquelles conviria o consôlo dos classicos, sabendo em Suetonio que Roma expulsara os grammaticos como superfluos e occupados em cousas de pouco momento; em Isocrates que a rhetorica não é arte nem sciencia, mas engano e astucia; em S. Jeronymo que os logicos são aborrecidos, sophistas, equivocos, e orgulhosos; em Tacito que a doce musica da voz de Nero, bem como o seu tanger, acanhavam a dignidade imperial; em Lycurgo que a arithmetica era vedada aos lacedemonios como cousa de inutil disputa; e em Ovidio — "vivitur

ex rapto non hospes ab hospite tutus" — que a geometria causou a ambição e a rapina na demarcação das terras e na divisão dos homens. E não faltará mais malicia para os outros engenhos.

Entretanto, curar tem sido officio de muita preeminencia. Os inspirados e thaumaturgos dominam melhor a ignorancia da turba indecisa pelo milagre da desenvoltura dos paralyticos, da visão dos cégos, da frescura dos lazaros, do viço dos hecticos, do que pela elegancia das parabolas ou a finura das allegorias. Curaram archanjos: a historia tripartita affirma que S. Miguel curou o febricitante ás portas do templo.

Santos foram medicos: Elizeu, Isaias e Esdras têm fórmulas e composições proprias. No antidotario de Villanova figura o famoso xarope do prégador das gentes, do Vaso de Eleição. Lucas, o "Lucas medicus carissimus", de S. Paulo, era pintor por curiosidade e medico por profissão. Codrato de Corintho, Alexandre de Lyon, Pantaleão de Nicomedia e outros que, no dizer de Braz Luiz de Abreu "a penna cala porque a fama conta", são portentosos na arte de Hippocrates.

Eusebio, Nicolau Quinto, João XXII, todos papas, praticaram e ensinaram a medicina. Imperadores e reis alliviaram os males do mundo. Tiberio manipulou pastilhas efficazes, Aurelio collyrios procurados. Os reis gregos, os de Pergamo, do Ponto e da Mauritania, herbolarios de vasto prestigio, são corypheus da Medicina. Philosophos e poetas medicaram tambem: Galeno reverencia Orpheu e Homero; Virgilio, contando a cura da ferida de Enéas, é profundo conhecedor das virtudes das hervas; Plinio realça a medicina de Ovidio; Petronio e Democrates poetavam e curavam. E Tullio, e Theophrasto, e Silio, e Plutarcho, valiosos nos

conhecimentos medicos... No ról tambem ha deuses e rainhas, desde Diana até Cleopatra. Assim revive o conceito epistolar de Cassiodoro: "Doctrina facile exornat generosumque etiam ex ignobili nobilem facili".

Fico na éra remota, porque a historia do pensamento creador emmaranha-se na éra nova com o estudo das sciencias medicas. Nos paradoxos de Panurgio e nas theorias de Pantagruel, Rabelais, a rir, professa a medicina. O precursor de Descartes e do cartesianismo, Mersenne, trabalhou na descoberta dos vasos chylliferos; Denis, medico philosopho, notabilizou-se no estudo da transfusão sanguinea; Bossuet praticou a anatomia com Verney; Taine, grande ledor da physiologia e da pathologia, definiu o autor da Comedia humana — museu de Dupuytren, cogumelo de hospital, Moliére medico. No intimo da personalidade de Sainte-Beuve estavam, confessadamente, Lamarck e a physiologia.

Por tudo isso, e sem maior escandalo para o desconchavo da grita, poderá dizer agora o expoente, no seu arrazoado, que se a medicina foi entretenimento de deuses, distracção de santos, trabalho de reis, officio de sacerdotes, encargo de philosophos e cogitação de poetas, por que extranhar que medicos rotulados sejam letrados anonymos, tanto quanto vates olympicos possam ser mezinheiros occultos ? E se essa medicina já pompeia nas côrtes celestes, já ornou solios pontificios e thronos imperiaes, permitta-se-lhe tambem o direito de um dia sonhar com o applauso das assembléas, o esplendor dos concilios e a gloria das academias.

**Domicio da Gama: sua bondade e cordura.
Amor á terra brasileira.**

"Cada vez mais me apego a esta terra bemdita de belleza e doçura; todo o resto para mim agora é exilio", escreveu Domicio, em uma das suas ultimas despedidas, a Mario de Alencar. Quem assim se doía de não entreter continuamente o olhar, maguado de recordações, no encantamento do céo infinito e na graça das paragens desabrochadas, soffreu suspeição de indifferença e de esquivança, como um desairragado do seu torrão. No emtanto, essa sensibilidade tão elevada em uma creatura tão nitida jámais destoou da exultação amorosa pelo Brasil afortunado. A sua existencia é d'isso uma licção, porque é inçada de grandes encargos e de maiores cuidados pelo Brasil completo, pelo Brasil culto, pelo Brasil engrandecido, pelo Brasil respeitado. Basta lêr a sua affirmação de fé patriotica e confiante no futuro do paiz, a formosa oração tão cheia de desprendimento, dita, sendo elle chanceller, aos estudantes de São Paulo. É uma exhortação vigorosa ao genio da mocidade tersa, de cuja seára brotarão os cidadãos conscientes. Falou como um homem de responsabilidade, d'estes que não mentem ao seu tempo nem illudem a sua gente. Na indecisão do presente nebuloso, é preciso despertar as aptidões adormecidas com as apostrophes clarinadas pela verdade intimorata. Só assim accordarão as quebradas da nossa terra que desafia todas as energias com o ermo das suas maravilhas, a penuria dos seus viventes, a narrativa dos seus males, a tristeza dos seus habitos, a displicencia dos seus usos, o tedio dos seus labores e a indifferença do seu futuro. O momento historico universal pede este rebate de resurgimento; por toda a

parte, o liberalismo inscripto nas leis foge dos costumes, decretado pela razão não penetrá no sentimento e, por isso, anda por toda a parte o exemplo doloroso da democracia sem fé, sem alma, sem virtude, democracia de embuste, entrozada na engrenagem das velhas servidões.

Na sua tarefa de trinta annos, a personalidade de Domicio ganhou em brandura, attributo do seu coração, beneficio do seu convivio, recompensa do seu affecto, condição do seu mistér, alegria do seu viver. Os privantes mais fraternaes desconheciam-lhe um arrebatamento, e, só dias antes da morte, a sua companheira de doze annos de vida conjugal ouviu-lhe a primeira rudeza amargurada contra o descaso dos homens. Por fim, molesto, menos de doenças do que de dissabores, declinou em rapido crepusculo, passado de desenganos, esmorecido de humilhação, desconsolado de melancolia, soffrido de maguas, desamparado de justiça, compondo intimamente em seu móte final, essa anciosa interrogativa — "Por que me maltratam ?" — queixume suave de uma attribulação provada na renuncia e de uma tristeza amaciada na ternura. E tal como fôra nos annos de fortuna, airoso e placido, nos dias de pesar mais se aperfeiçoou pela resignação e pela virtude, encerrando em morte austera as agruras de uma vida edificante.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

RESPOSTA A FERNANDO MAGALHÃES

O Problema da super-população.

Neste momento, o problema mais grave, mais pavorosamente tragico que ha é exactamente esse:

o do crescimento da população, porque as classes superiores já ha muito limitaram, e cada vez limitam mais, a sua progenie, ao passo que as classes inferiores continuam a multiplicar-se abundantemente. Isso acontece em todo o mundo. Na cidade em que nós estamos, como nas outras, o facto é o mesmo: toma-se uma estatistica por toda a cidade, elle o póde fazer: os bairros pobres são aquelles em que a natalidade é maior, os ricos aquelles em que ella é menor.

Moralistas austeros se indignam porque se diz isto. Hypocritas ! São dos que prégam uma cousa e fazem outra muito diversa. E ainda uma vez a estatistica permitte desmascaral-os. Tomem-se as cifras da natalidade, classe por classe, e vêr-se-á que as classes mais cultas, as mais illustradas restringem o mais que podem a sua descendencia. Quando essa estatistica é de paizes protestantes em que os pastores, os sacerdotes, podem casar-se, ainda a gente sorri mais francamente, porque vê que a classe dos pastores entra como as outras no mesmo movimento: tambem ella é das de natalidade restricta.

A situação é, portanto, esta: nós estamos jogando a existencia da humanidade; estamos, pelo menos, jogando a sua cultura, a sua civilização, preparando a mais terrivel das invasões de barbaros. Não são os barbaros que vêm de fóra. São os das classes incultas, das classes inferiores, que incitamos a crescer, para explorar-lhes a miseria, ao passo que, de dia para dia, as classes superiores crescem menos. Essa desproporção augmenta a cada instante.

Somos como um grupo de domadores loucos, que vivessem entre feras. As feras estão neste momento domesticadas. Mas os domadores, ao passo que

não se multiplicam, incitam cada vez mais as féras a crescer, a multiplicar-se. Dentro em breve ellas serão tantas, e elles tão poucos, que por força ellas os tragarão.

Não, meu illustre collega, eu não posso crer que tenhaes razão na vossa propaganda contra os que não querem crescer e multiplicar-se; antes, imagino que, á semelhança do que já se faz no mundo, na unica nação da Europa que é regida por uma mulher na Hollanda, se devia ensinar ás classes pobres os meios de diminuir a sua assustadora progressão.

Nós, os domadores loucos, estamos cada vez em menor proporção deante das féras...

LUIS CARLOS (*)

SUCCESSOR DE ALBERTO FARIA

(21 de Dezembro de 1926)

O "folk-lore"

O "folk-lore" é a propria alma do povo, cantando, ingenuamente, as suas maguas. Parece que ha nelle a confidencia das origens, evaporando um perfume de virgindade. Murmuram nelle as fontes lyricas da raça.

Relicario das lendas e cantigas, que embalaram a infancia das nações, elle merece a todos o carinho, que dispensamos ás creanças, vendo e sentindo nellas florescer, em graça e innocencia, todas as fatalidades do destino humano.

Não é sem razão que o "folk-lore" tem preoccu-

(*) N. em 1880. Poeta e conferencista. Engenheiro.

pado, e, ultimamente, mais do que nunca, a attenção dos estudiosos.

Nos Estados Unidos, na Italia, na Hespanha, na Belgica, na Hollanda e, de um modo geral, em todos os paizes septentrionaes, tem elle feito notaveis progressos, que se accentuam na Finlandia, onde existe o organismo folk-lorico centralizador.

De origem ingleza, "folk": povo e "lore": conhecimento, estudo, a expressão "folk-lore" significa a sciencia que tem por objecto estudar o povo.

Tangendo com o regionalismo, o "folk-lore" é, entretanto, um estudo de natureza mais independente, na investigação dos factos de feição puramente popular, porque, ao revéz d'aquelle, prescinde do phenomeno politico e de outros elementos como o economico, o demographico, etc.

A constituição systematica do "folk-lore", com fóros de sciencia, remonta a Thomaz Brown, em 1646, na Inglaterra, e a Jean Baptiste Thiers, em 1667, na França.

No tocante aos contos populares, a França apresenta, ainda, um nome notavel, em 1697: Perrault, a quem todos nós devemos o enlevo angelico das horas de leitura em que elle nos sorriu, na infancia, atravez dos seus "Contos de Fadas". Pertencem-lhe, ainda, as "Historias ou Contos do tempo passado".

A escola literaria instituida por elle foi, a seguir, ampliada com a traducção das maravilhosas "Mil e Uma Noites", que até hoje rejuvenescem a minha alma, illuminando-a de esplendor oriental, sempre que as releio. Appareceu, ainda, na França, no seculo XVIII, longa serie de contos populares, em trinta volumes; "Cabinet des Fées", que alcançou exito ruidoso. Surgiu, depois, o "Magazin des Enfants", de Mme. Leprince de Beaumont, que, a

exemplo d'aquelles, de Mme. d'Aulnoy, encerram narrativas repassadas de ternura ingenua.

Os verdadeiros continuadores, porém, de Perrault foram os irmãos Grimm, que fundaram a dialectologia germanica.

Na Inglaterra, Walter Scott acompanha, egualmente, Perrault, fundindo, ao sabor da phantasia popular, algumas lendas e costumes locaes.

Na Grecia, foi Pausanias um dos grandes precursores do "folk-lore". A sua "Descripção da Grecia" é uma obra especifica no assumpto e sobreleva, evidentemente, ás paginas congeneres de Herodoto.

Ha, no "folk-lore", uma finalidade sociologica, que lhe dá um conspecto muito mais illustre do que parece, a principio. Verifica-se nelle uma relação de immanencia entre o individuo e o povo. D'ahi, facil é concluir a sua relevante importancia em todos os dominios das instituições humanas.

OSORIO DUQUE-ESTRADA

RESPOSTA A LUIS CARLOS

A Academia Franceza.

Quem quer que tenha lido a historia da Academia Franceza, tomada para modelo da nossa, não ignora que, quatro ou cinco annos antes da sua installação official, já ella existia de facto, em modesto embryão, que germinou, ramificou, floresceu e fructificou, pouco tempo depois.

Em 1629 (contam Pellison e D'Olivet), alguns particulares, residentes em diversos recantos de Paris, achando que nada lhes poderia ser mais

desagradavel do que irem frequentemente em procura uns dos outros, sem se encontrarem, resolveram reunir-se uma vez por semana em casa de um d'elles. Eram apenas nove (que bella Academia !), todos literatos de pôlpa e homens de espirito muito acima do vulgar.

Effectuavam-se as sessões na residencia de Conrart, que, de todos, era o melhor installado. Nellas ventilavam-se as questões de politica, de negocios, de sciencia e de literatura, manifestando-se os membros da Companhia acerca do merecimento das obras que qualquer d'elles pretendesse publicar. As reuniões eram seguidas de passeios ou de jantares.

Foi essa a primeira edade da Academia — "verdadeira edade de ouro durante a qual com toda a singelleza e toda a liberdade dos primeiros seculos, sem ruido, sem pompa e sem outras leis mais que as da amizade, saboreavam em conjunto tudo quanto a communhão dos espiritos e a vida do raciocinio possuem de mais doce e mais encantador".

Boisrobert, recebido um dia no pequeno cenaculo, affeiçoou-se a elle e recommendou-o ás bôas graças do cardeal de Richelieu. Pouco tempo depois, em 1634, surgiu officialmente a Academia Franceza, nascida d'aquelle pequeno rudimento, mais modesto, sem duvida, mas no qual havia seguramente mais ordem, mais labor, mais solicitude, mais disciplina e mais sinceridade.

OLEGARIO MARIANNO (*)

SUCCESSOR DE MARIO DE ALENCAR

(20 de Abril de 1927)

Uma evocação: José Marianno.

O homem nem sempre é, como sôe asseverar-se, um producto do meio em que se fórma, no sentido moral e physico. Se por uma face a natureza tropical me emocionou desde o berço, na minha provincia, sonorisada de violas e cantadores, de outra encontrei-me adstricto a uma cidadella revolucionaria, riscada de tumultos e oratorias clangorosas, muito mais avassallante. O ruido das agitações d'aquelle tempo memoravel tomou-me na lembrança o logar da toada e do desafio dos violeiros do norte, embora estes, de preferencia, me acariciassem a alma em formação. Isso porque, quando abri os olhos sôfregos para a vida, empolava-se em redor de mim com o estrépito abolicionista, a preamar republicana que desde 1817 parece não soffrera nenhuma solução de continuidade. Contemporaneo do advento da Abolição, senti que me derramaram no sangue ancias de independencia e de humanidade. Meu Pae, figura biblica no scenario politico da época na minha terra, senão no Brasil imperial que agonisava, com a cartilha que me poz deante dos olhos, ensinou-me a grande arte de seduzir pelo coração. Foi com elle, nas suas attitudes de homem e de batalhador intimorato, nos seus gestos de supremo liberalismo em face do calvario malsinado da escravatura, que apprendi a

(*) N. em 1889. Poeta e jornalista.

lidima significação da poesia humana, porque, Srs. Academicos, foi meu Pae o primeiro poeta com que privei e que me sensibilisou, poeta da Abolição atravez do exaltado visionario, abrindo as portas de sua velha casa e o seu immenso coração ao infortunio da raça proscripta sem olhar para traz como aquelle Brissot da revolução franceza, para ver se o seguiam e o applaudiam. Em volta d'essa casa que era o baluarte inexpugnavel dos homens de acção naquella hora historica de que nos devemos sempre orgulhar, relampejava, á maneira da divina columna que vanguardeou as gentes de Moysés, o espirito generoso da liberdade dos homens esmagados pela mácula ethnica. Authenticos torneios d'Agora accordavam em cada pelejador da bôa peleja instinctos de leões indomaveis que arremettiam, magnificos, contra interesses e preconceitos do capitalismo e da politica mal orientada. A salvaguarda dos seus principios que eram, no fim de contas, os direitos á vida d'aquelles martyres negros, determinava, como era de suppôr, episodios de raro denodo que ainda se hão de gravar na historia da nossa grande Patria.

Afflorando d'essa cheia revolucionaria, era, pois, natural que houvesse em mim a galhardia heroica e o desempeno quasi descommedido d'aquelles girondinos do norte, estrepitando no vozerio demagogico. Mas, assim não foi. Uma indole diversa modelava-me o temperamento e torcia-me o rumo do destino. É que ao contacto de homens que se batiam, de refrega em refrega, e pregavam as suas idéas em comicios na praça publica, electrizando, allucinando e arrastando os auditorios, apparecia com o seu diadema de estrellas á fronte, pura entre as puras, sorrindo um sorriso que era mais do céo que da terra, a imagem de minha Mãe a quem Na-

buco chamou na "Minha Formação" — "um puro Carlo Dolce". A ella devo, mais talvez que a meu Pae, o condão de ser poeta e de, muito cêdo, afeiçoar-me religiosamente a esse plectro que me impoz á vossa sympathia, plectro que quando firo, como que ouço a musica inicial do seu beijo accordando aleluias na minha saudade.

A nacionalização da Poesia.

Nesta hora, dia a dia mais em extase deante da minha terra e da minha gente, tão bella e tão bôa, vôlvo para ambas a sensibilidade e as exalto e as abençôo com uma devoção enternecida. É o exemplo do nosso amado Bilac cada vez mais vivo na admiração brasileira, preferindo, muitas vezes, a qualquer motivo, o que bemdissésse d'esta nossa Patria unida e forte. Sem pretender incidir no regionalismo de horizontes limitados, parece-me que é o momento de explorarmos as nossas reservas folkloricas tão ricas como as que mais o forem neste plethorico Novo Mundo, cantando ao mesmo passo a terra morena e moça que assombra o extrangeiro pela sua exuberancia prodigiosa a desabrochar em vergeis incomparaveis, exaltando o homem que a povôa e a opulenta. Eu por mim, comprometto-me a collaborar nessa obra que ha de ser eminentemente nacional, uma vez que nella se moverão os nossos heróes em typos reaes ou lendarios, esplenderão os nossos aspectos panoramicos, gorgolejarão as nossas cachoeiras, correrão os nossos rios, avultarão as nossas montanhas, florirão os nossos jardins e fulgurarão as nossas noites em incendios maravilhosos nas clareiras das mattas, sob a benção estrellada do Cruzeiro.

Mario de Alencar.

Deante d'esta poltrona que Mario de Alencar illuminou com o brilho da sua intelligencia e a bondade consciente da sua alma, não sei o que mais me preoccupa, se o dever de apurar a minha capacidade para não a deslustrar ou a obrigação de purificar-me num banho lustral de harmonias para lograr ser bom como elle foi. Pertenceu Mario ao numero d'essas figuras que o tempo, na sua corrida vertiginosa, não consegue apagar do recondito da nossa saudade, antes, como os bronzes patinados pelos seculos, avultam cada vez mais, crescem no scenario humano, dando a impressão de que continuam a agitar-se entre nós como personagens redivivas do drama eterno que se desenvolveu nas paginas de seus livros. Atravez do prisma artificial das artes que se renovam, essas figuras quasi lendarias enchem os nossos olhos de um clarão de alvoradas. Para nós, no momento desordenado que atravessamos e que quer ter a vaidade de ser pragmatico, ellas representam a época de ouro, o outro tempo dentro do qual se formou a nossa intelligencia e se consolidou, a golpes de estudo, a nossa cultura. Expressão de um longo periodo literario, esse herdeiro heraldico dos nossos maiores lyricos, atravessou não poucas gerações, conservando, em todas ellas, o necessario equilibrio mental, a justa medida, o sentido da proporção, e a serenidade que, afinal, lhe particularizaram a obra. Mario, realizador que buscava ser das sentenças do discipulo amado de Socrates, tinha, sobretudo, o culto da belleza moral. Para elle a bondade era uma especie de religião. Nervoso, rachitico, pequenino, timido e desambicioso, tudo nesse homem representava anciedade por dominar o feixe de ner-

vos que lhe punha constantemente a vida em perigo. Mas vencia sempre no dominio de si mesmo, por obra da energia interior que jámais lhe escasseou. É que não esquecia as palavras de Horacio nas "Odes": — "Lembra-te de conservares uma alma sempre egual". Privando da sua intimidade, pude penetrar-lhe os arcanos do coração — lago quieto, ás vezes, outras vezes agitado, de onde qualquer mergulhador voltava com as mãos cheias de perolas. É d'essa figura impressionante e até singular na historia da literatura brasileira que venho occupar-me, ainda aturdido dentro da clareira aberta pela sua morte nesta casa espiritual de Machado de Assis.

GUSTAVO BARROSO

RESPOSTA A OLEGARIO MARIANNO

Os poetas e os barbaros.

Vêde os conquistadores barbaros escutando, acalmados, as gestas, os rimances, as lôas, os lais e as trovas dos menestreis. O califa Harun-al-Raschid entretinha-se alegremente com Abú-Nurras e Tahir, general do califa Mamun, pagava a Abú-Tamman, por uma quadra, quarenta mil dirrhens de ouro. Vêde na rude existencia medieval a poesia florescer entre combates e rapinas como uma flôr entre espinheiros.

Todo o idealismo dos troveiros que andavam de longada se resume nessa maravilhosa historia, eternizada por Edmond Rostand, de Joffroy Rudel, que vae ao Oriente em busca da Princeza de Alem, da qual a fama da belleza chegára até elle, no seu

solar da Aquitania, e a quem já tinham chegado os versos em que elle essa mesma belleza celebrava.

Vêde, na vida negra de traições machiavelicas e ensanguentada de crimes borgiacos dos principes italianos do Renascimento, os poetas passarem como cysnes alvos sobre aguas turvas, tal qual disse Merejkowski de Leonardo da Vinci com Ludovico o Mouro. Então, os versos de Boccacio viajavam com as suas credenciaes de diplomata e Dante Alighieri era embaixador do Duque de Ravenna junto á Serenissima Republica de Veneza.

Poesia brasileira.

Louvo a brasilidade das concepções d'este jaez! Louvo todo pendôr artistico para as nossas cousas. Mas o meu louvor é sem exaggeros, embora seja eu um regionalista. Sinto-me, pois, á vontade dentro d'este assumpto. Já li algures que é preferivel tratar das nossas cousas em cassange a falar da Grecia ou da França em lingua de bom quilate. Insurjo-me contra essa opinião. Um artista brasileiro, pode escrever, pintar e esculpir motivos extranhos á nossa terra e á nossa gente sem deixar de ser brasileiro. O cunho do seu nacionalismo está na sua interpretação. As maravilhas esplendentes sahidas das manoplas informes do Aleijadinho são da arte barrôca do sul da Europa; comtudo nada mais profundamente brasileiro. E Bilac, cantando Phrynéa ou Cleopatra, não as cantou com o dáctylo ou o espondeu achaio, nem com os rithmos dôces do Egypto hellenizado; porem sim com versos refulgentes como o nosso sol, perfumados como as nossas mattas e impregnados de languôr como a nossa saudade.

O cabôclismo.

Fóra d'essa concepção larga, considero o que se tem pretendido impôr como cánon de arte, na prosa e no verso sobretudo, um "cabôclismo" exaggerado e uma limitação da liberdade do artista.

Na nossa psyché, não continuam sómente a se entrechocarem tres elementos raciaes basicos: negro, indio e luso. Pelas contingencias da evolução, somos hoje mais universalizados: luso-brasileiros, amerindios brasileiros, africo-brasileiros, anglo-brasileiros, franco-brasileiros, teutos, tcheques, iberos, syrios, italos ou polonêses-brasileiros, conforme as regiões, todos, entretanto, brasileiros a se fundirem neste immenso cadinho de oito milhões de kilometros quadrados, que ha de ser um dia o orgulho do continente !

D. AQUINO CORRÊA (*)

SUCCESSOR DE LAURO MULLER

(30 de Novembro de 1927)

O "Hortensius", de Cicero: A Missão do homem de letras.

Uma das obras mais gloriosas da antiguidade pagã, afigurou-se-me para logo o "Hortensius" de Cicero, dês que me foi dado ler o capitulo admiravel em que S. Agostinho lhe inflammára o espirito moço no verdadeiro amor da sabedoria.

O ardego mancebo, que até alli andava esfo-

(*) N. em 1885. Poeta e pregador sacro. Arcebispo de Cuyabá.

lhando em vôo rasteiro, por entre os rosaes malditos do vicio, as paginas de fabulas e rhetoricas elofôfas, sente desde logo ao influxo da nova eloquencia, despertaram-se-lhe aquellas como azas de aguia que em remigios tontos a principio, firmaram-se-lhe em seguida e para sempre, na mais estupenda ascensão para o sol a pino da verdade.

Era a literatura do paganismo preparando providencialmente a intelligencia do futuro doutor da Egreja, até que uma voz mysteriosa, como sabeis, lhe deparasse os versiculos predestinados da sagrada escriptura, em que, por fim, se revelou a sabedoria, em todo o esplendor da verdade e em toda a energia da virtude.

Bemdito e mil vezes bemdito o livro pagão, que assim salvou para a humanidade o genio transviado de um Aurelio Agostinho !

Peroração: palavras de fé.

Tal como o peregrino do paiz bretão, aspero de rochedos e ventos, tambem eu venho de longe, mas dos sertões cheios de sol e de flôres, onde o christianismo aclimou os seus ideaes de celeste poesia, tão bem como naquelles mares sombrios do norte, ou sob os céos claros e risonhos da Hellade.

Mas não venho maldizer como elle, senão antes abençoar num hymno de gratidão e amor, esses "sacerdotes de extranho culto, provindo dos syrios da Palestina", que educaram a minha juventude, e, ha duzentos annos, lá vão traçando nas solidões bravias da minha terra algumas das mais fulgidas estrophes da nossa epopéa bandeirante.

Os templos que lá elles ergueram, não são "phantasias de barbaros, que se esboroam ao cabo de quinhentos ou seiscentos annos"; mas são d'es-

ses monumentos impereciveis no seu symbolismo eterno, cujas harmonias fundiram em lagrimas o coração do grande Agostinho de Hippona, e cuja eloquencia sobrehumana tem arrebatado a alma artistica dos Huysmans, no surto maravilhoso das suas Ogivas e dos seus symbolos para o azul do infinito.

Não venho como elle, apostatar d'esse culto, cujo encanto nem elle proprio soube negar, o doce culto á Virgem Maria, Ella a "Estrella da manhã" no céo da minha infancia, a "torre de marfim" dos sonhos mais puros da minha adolescencia, a "rosa mystica" dos meus cantares de moço, a "casa de ouro", das minhas esperanças; Ella, cuja formosura esplende nos seculos, atravez das télas incomparaveis de Raphael; Ella, a musa do Tasso, a que não corôa a fronte com os louros caducos do Helicão, mas com as estrellas immortaes do céo; Ella, a suprema inspiração do Dante, no extase luminoso do Paraiso.

Não venho, em summa, abjurar nas aras de uma arte paganizante os canones sublimes do christianismo, os quaes, longe de contrariarem a verdadeira arte, a espiritualizam e elevam, convencido como estou, de que a mesma expressão grega da belleza, como a romana do direito, mais não foram do que o natural aperfeiçoamento da humanidade, para o baptismo resplandecente do evangelho; da mesma fórma que a argilla bruta do eden, amoldara-se nas feições do primeiro homem para receber na fronte o sopro divino da vida.

Venho, sim, denunciar perante vós, essa literatura do scepticismo e da duvida, literatura que, por parecer original e profunda, blasphema de tudo que é sagrado e puro, de tudo que ignora ou não quer entender; literatura inconsciente, que forja

phrases como esta: "Ó abysmo, tu és o unico deus!" como se tambem o nada não fôra um abysmo.

Mas creio na literatura da razão e da fé, da esperança e do amor, da religião e do patriotismo; creio na literatura, que é uma alavanca de ouro elevando os corações para o ideal e para a virtude; creio na literatura, que, á semelhança da olympica Hebe, propina aos espiritos, em vasos de filigrana, os manjares da immortalidade; creio, emfim, na literatura, que á imitação dos canticos de Moysés no deserto, acompanha, orienta e suaviza as marchas gloriosas da civilização, para a Chanaan dos seus eternos destinos.

ATAULPHO DE PAIVA

RESPOSTA A D. AQUINO CORRÊA

A Poesia sacra no Brasil.

Muito ha que, em nosso paiz, jaz adormecido o estro sacerdotal, sem que se possa facilmente atinar si os eternos themas de indole religiosa, moral ou civica não mais apaixonam as naturezas sonhadoras, sequiosas de perfeição, nem si os problemas sociaes, cada vez mais complexos, em permanente desafio ás almas de eleição, são vistos já eivados de prosaismo, nem mesmo si os espiritos mais cultos se deixam ainda absorver em profundas cogitações.

José Verissimo, de saudosa memoria, mostrava-se quasi sempre injusto em extremo ao referir-se ás cousas e aos homens da nossa Egreja; mas, um dia, o respeitado devoto da historia da li-

teratura nacional (com que dôr no coração o lembro !) não deixou de ter certa razão ao arguir que nenhum feito notavel dos que a Historia Patria regista, engalanada, mereceu do nosso clero as honras de uma epopéa, de uma ode, de um hymno... E elle então lembrava a Independencia, as luctas pela liberdade, os episodios de guerra, a abolição dos escravos, e outros.

Dir-se-ia que o clero nacional guardou a sua sabedoria, além das suas acrisoladas e reconhecidas virtudes, para o labor silencioso do claustro ou do templo, para o ministerio do pulpito, para a catechese, como, em tempos idos, para os martyrios politicos, nas revoluções em prol da Independencia e de outras causas nacionaes. Com isso, esqueceu as Musas.

Quem quer, todavia, que, cioso das nossas cousas e da nossa gente, perlustre, de animo desprevenido, os fastos, já consideraveis e magnificentes, da nossa historia de povo independente, ha de encontrar em abundantes paginas, a derramar sobre ellas, no serviço da religião, da sciencia, das letras e da politica, o candor do seu zelo e da sua caridade, os estos da sua intelligencia e da sua sabedoria, as scintillações do seu engenho e da sua eloquencia, os ardores do seu patriotismo e até do seu martyrio, um sem numero de representantes do clero catholico, secular e regular, desde os mais graduados aos mais humildes, vencidos uns, vencedores outros, porém, recobertos sempre de honra e lustre.

Onde, porém, entre os innumeros servidores notabilizados da religião, os Poetas ?

FIM

OCCUPANTES DAS QUARENTA CADEIRAS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS 1897-1928

I

(Adelino Fontoura)

1897 — Luis Murat.

II

(Alvares de Azevedo)

1897 — Coelho Netto.

III

(Arthur de Oliveira)

1897 — Filinto de Almeida.

IV

(Basilio da Gama)

1897 — Aluisio Azevedo.
1914 — Alcides Maya.

V

(Bernardo Guimarães)

1897 — Raymundo Corrêa.
1913 — Oswaldo Cruz.
1919 — Aloysio de Castro.

VI

(Casimiro de Abreu)

1897 — Teixeira de Mello.
1907 — Almirante Jaceguay.
1916 — Goulart de Andrade.

VII

(Castro Alves)

1897 — Valentim Magalhães.
1906 — Euclydes da Cunha.
1911 — Afranio Peixoto.

VIII

(Claudio Manuel da Costa)

1897 — Alberto de Oliveira.

IX

(Domingos de Magalhães)

1897 — Magalhães de Azeredo.

X

(Evaristo da Veiga)

1897 — Ruy Barbosa.
1924 — Laudelino Freire.

XI

(Fagundes Varella)

1897 — Lucio de Mendonça.
1910 — Pedro Lessa.
1922 — Eduardo Ramos.
1923 — João Luis Alves.
1926 — Adelmar Tavares.

XII

(França Junior)

1897 — Urbano Duarte.
1907 — Augusto de Lima.

XIII

(Francisco Octaviano)

1897 — Visconde de Taunay.
1900 — Francisco de Castro.
1901 — Martins Junior.
1905 — Souza Bandeira.
1919 — Helio Lobo.

XIV

(Franklin Tavora)

1897 — Clovis Bevilacqua.

XV

(Gonçalves Dias)

1897 — Olavo Bilac.
1919 — Amadeu Amaral.

XVI

(Gregorio de Mattos)

1897 — Araripe Junior.
1913 — Felix Pacheco.

XVII

(Hypolito da Costa)

1897 — Sylvio Romero.
1916 — Osorio Duque Estrada
1928 — Roquette Pinto.

XVIII

(João Francisco Lisbôa)

1897 — José Verissimo.
1918 — Barão Homem de Mello.
1919 — Alberto Faria.
1926 — Luis Carlos.

XIX

(Joaquim Caetano)

1897 — Alcindo Guanabara.
1920 — Silverio Gomes Pimenta.
1923 — Gustavo Barroso.

XX

(Joaquim Manuel de Macedo)

1897 — Salvador de Mendonça.
1914 — Emilio de Menezes.
1920 — Humberto de Campos.

XXI

(Joaquim Serra)

1897 — José do Patrocinio.
1905 — Mario de Alencar.
1927 — Olegario Marianno.

XXII

(José Bonifacio, o moço)

1897 — Medeiros e Albuquerque.

XXIII

(José de Alencar)

1897 — Machado de Assis.
1909 — Lafayette R. Pereira.
1919 — Alfredo Pujol.

XXIV

(Julio Ribeiro)

1897 — Garcia Redondo.
1917 — Luis Guimarães Filho

XXV

(Junqueira Freire)

1897 — Barão de Loreto.
1907 — Arthur Orlando
1918 — Ataulpho de Paiva.

XXVI

(Laurindo Rabello)

1897 — Guimarães Passos.
1910 — Paulo Barreto.
1922 — Constancio Alves.

XXVII

(Maciel Monteiro)

1897 — Joaquim Nabuco.
1911 — Dantas Barreto.

XXVIII

(Manuel de Almeida)

1897 — Inglez de Souza.
1920 — Xavier Marques.

XXIX

(Martins Penna)

1897 — Arthur Azevedo.
1909 — Vicente de Carvalho.
1924 — Claudio de Souza.

XXX

(Pardal Mallet)

1897 — Pedro Rabello.
1905 — Heraclito Graça.
1914 — Antonio Austregésilo.

XXXI

(Pedro Luis)

1897 — Luis Guimarães Junior.
1898 — João Ribeiro.

XXXII

(Porto-Alegre)

1897 — Carlos de Laet.
1928 — Ramiz Galvão.

XXXIII

(Raul Pompéa)

1897 — Domicio da Gama.
1926 — Fernando Magalhães.

XXXIV

(Souza Caldas)

1897 — Pereira da Silva.
1898 — Barão do Rio Branco.
1917 — Lauro Müller.
1927 — Aquino Corrêa.

XXXV

(Tavares Bastos)

1897 — Rodrigo Octavio.

XXXVI

(Theophilo Dias)

1897 — Affonso Celso.

XXXVII

(Thomaz Antonio Gonzaga)

1897 — Silva Ramos.

XXXVIII

(Tobias Barreto)

1897 — Graça Aranha.

XXXIX

(Varnhagen)

1897 — Oliveira Lima.
1928 — Alberto de Faria.

XL

(Visconde do do Branco)

1897 — Eduardo Prado.
1903 — Affonso Arinos.
1919 — Miguel Couto.

INDICE

TYP. DO ANNUARIO DO BRASIL
RIO DE JANEIRO

